

BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA

JOSÉ SIMEÃO LEAL: escritos de uma trajetória

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Doutora.

Área de Concentração: Linguagem e Ensino

Orientadora Prof^a Dr^a Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

João Pessoa
2009

FICHA CATALOGRÁFICA

048j OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de.
JOSÉ SIMEÃO LEAL: escritos de uma trajetória. /
Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira - João Pessoa,
2009.

2 v.

Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em
Letras) – Universidade Federal da Paraíba, 2009.

Orientadora: Prof^a Dr^a Socorro de Fátima Pacífico
Barbosa

1. Autobiografia. 2. Arquivos Literários. I. Título.
II. Autor. III. Orientadora

CDU: 929:807.2

BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA

JOSÉ SIMEÃO LEAL: escritos de uma trajetória

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras
e Artes da Universidade Federal da Paraíba como
requisito parcial para obtenção do título de
Doutora.

Aprovada em: 08 de maio de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora (UFPB)
Prof^a Dr^a Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

Prof^a Dr^a Silvania Núbia Chagas
Examinador (UPE)

Prof^a Dr^a Maria Nilza Barbosa Rosa
Examinador (UNIPE)

Prof^o Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto
Examinador (UFPB)

Prof^a Dr^a Rosa Maria Godoy da Silveira
Examinador (UFPB)

A Nívea, que reacendeu a esperança de achar que seria possível, e a José Carlos Campos, in memoriam, amigo, cuja lembrança incentivou a conclusão deste estudo
Dedico!

AGRADECIMENTOS

Acredito no trabalho conjunto. Acredito no dar as mãos. Por isso, acredito que nenhum trabalho é produzido no isolamento, mas no convívio com o outro, no diálogo com o outro. Eis o momento de agradecer aos muitos outros que, com seus gestos, aparentemente pequenos, constituíram-se em gigantes de minha trajetória profissional. A quantos recorri, pedi seus auxílios e quantos me atenderam, me estenderam suas mãos, como se estende a uma criança em desamparo. Assim, recordo o poeta João Cabral de Melo Neto, em “Tecendo o amanhã”:

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

Foi assim que construí este texto, produto de minha investigação científica, de mãos dadas com muitas pessoas. Por isso agradeço, se é que possível, através de palavras. Apenas sei que não poderia deixar de fazê-lo, porque seria omitir a ajuda e o apoio recebidos de tantas pessoas que se alegraram e torceram, ao verem o início e o fim desta história. História que nem eu mesma sei se, de fato, terminou ou se é apenas um novo começo, para o que, todavia, me deixam alentada as palavras de Javier Heraud:

*O final da história
o dirão meus companheiros,
acima, abaixo e sobre a história, e contarão a meus filhos
histórias verdadeiras
e para sempre viverá a esperança.*

Mesmo sob o risco do pecado da omissão, devo manifestar o meu profundo agradecimento a todos quantos, direta ou indiretamente, tornaram-se merecedores desse reconhecimento, de modo muito especial, àqueles que, efetivamente, emprestaram o apoio, a colaboração e a ajuda indispensáveis à realização deste trabalho:

A Franchico (João Francisco), companheiro e incentivador maior de todas as horas, pelas (in)tolerâncias e companheirismo, desde os primeiros instantes em que nos conhecemos e, notadamente, durante o decorrer dos trabalhos desta pesquisa;

À Prof^a. Dr^a Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, mais do que orientadora, psicanalista. Capaz de colocar nossa insegurança no divã, e mostrar que é possível continuar. Ainda que em alguns momentos, sem concordar com o que estava posto, permitiu a existência deste texto. A sua família (Ronaldo, Maria Luiza e Júlia), pela compreensão, quando das muitas invasões de privacidade, e pelos momentos em que usufruí de seus espaços. Guardarei para sempre na memória, mesmo que um dia esta me falte, agradeço;

À minha mãe, que, mesmo não “querendo alcançar” a razão das minhas ausências, reclamando insistentemente, vibrou com os resultados. A Eva que, mesmo sem se aperceber, cumpriu o pacto de cuidar de nossa mãe, para que eu ficasse mais livre para estudar, minha terna gratidão;

Aos sobrinhos, em especial, a David, Miguel e Priscila e, muito recentemente, a Beatriz e Eufinho, cuja graça e sorrisos me enchem de esperança;

À Coordenação do Programa de Pós-graduação em Letras, pelo apoio e sempre motivada receptividade. E, muito especialmente, a Rosilene Marafon, por sua delicadeza e atendimento;

Aos colegas do Departamento de Ciência da Informação da UFPB, pelo apoio e, muito especialmente, a minha amiga Joana Coeli Ribeiro Garcia, paleógrafa de plantão, que, sem titubear, auxiliou-me na decifração dos hieróglifos de Simeão Leal, e mais por sua sempre e efetiva presença, a Mirian Aquino e a Izabel França, pelos momentos de prazeres e sabores;

Ao GEINCOS, pela torcida e, sobretudo, pela calorosa convivência, em especial, a Henry Pôncio Cruz de Oliveira e Sérgio Rodrigues de Santana, por terem me auxiliado na elaboração do CD ROM;

Aos professores Helder Pinheiro, Wilma Mendonça, Ana Marinho, Ester Vieira e Evangelina Faria pela aprendizagem não apenas acadêmica, mas, sobretudo, humana e ética;

À professora Maria Ignez Ayala pelas sugestões na Banca de qualificação e pelo empréstimo de alguns exemplares dos Cadernos de Cultura;

Ao Professor Dr. Hildeberto Barbosa Filho, por sua generosa acolhida, possibilitando que pesquisasse em sua biblioteca e cedendo-me, tão gentilmente, seus exemplares dos Cadernos de Cultura, aqui registro seu espírito coletivo de pesquisador;

Aos membros da Banca, pelo aceite e leitura do texto, principalmente por suas colaborações e cujas leituras abrirão outras possibilidades para enxergar o que não fui capaz.

A dona Zeza e ao senhor Cordeiro, amigos e testemunhos da minha luta;

Aos que fazem o Arquivo Afonso Pereira, em especial a professora Clemilde Torres Pereira da Silva, por possibilitar o acesso público ao seu arquivo privado;

A Silmara dos Santos Lima e André Honor Cabral, pelo levantamento e listagem das obras da biblioteca privada de José Simeão Leal e pela força acadêmica.

Muito, muito especial, às amigas Laudereida Eliana Marques Morais e Maria da Vitória Barbosa Lima, companheiras que me auxiliaram em todos os momentos, provando que “um galo sozinho não tece uma manhã”, é preciso ter outros que cantem seu canto, que ouçam sua voz e ecoem juntos. Vocês são símbolos daquilo que se entende por amizade, por isso, minha eterna gratidão. A Laudereida, outro agradecimento, por gerar a filha que não tive, mas que me cedeu, com sua graça, Giulliana, minha filha de outros mundos, de um mundo, muitas vezes, incompreensível a olhos carnaís, minha terna e eterna gratidão, pelos muitos socorros, companheirismo e compreensão e, ainda, por sua indispensável amizade;

A Kelly Cristiane de Queiroz Barros, minha arquivista de plantão. Obrigada por aceitar o desafio de vencer comigo a montanha de papel chamada José Simeão Leal;

A Regina Mota; por compreender a dimensão do fazer memória, e pelo companheirismo;

A Rosane Coutinho Pereira Lacet, pela prestimosa colaboração no desenho do Diagrama egocêntrico;

A Luis Carlos Kehrle, um agradecimento especial, grande como um bonde. Sua disponibilidade, profissionalismo e competência deram o resultado final gráfico deste produto chamado tese;

A D. Ieda Linhares, sobrinha de José Simeão Leal, pela receptividade calorosa e sempre afeita a esclarecimentos, meu muito obrigada;

Ao professor Chico Pereira, por ter possibilitado o acesso; ainda em 2000; ao acervo José Simeão Leal;

Aos colegas do IPHAEP, meus agradecimentos pelas entradas e saídas todas as vezes em que lá estive;

Ao prof. José Otávio de Arruda Melo, por possibilitar a pesquisa em sua biblioteca particular e ceder, por empréstimo, o material de que necessitei;

Ao prof. Fred Brigton, pela tradução do Resumo em Francês e por me preparar, em tempo hábil, para o processo seletivo em 2005;

A Myrta Simões, pela tradução do Abstract;

E, por fim, aos leitores, gratidão, essa palavra-tudo.

“O que aqui ofereço ao leitor é, em parte, uma invenção minha, mas uma invenção construída pela atenta escuta das vozes do passado”.

(DAVIES, 1987)

RESUMO

Esta pesquisa tem relação com a temporalidade e singularidade do objeto de estudo, que se sustenta em dados históricos revelados através de relíquias e testemunhos, constituindo as fontes de uma história extraída do arquivo privado pessoal de José Simeão Leal, visto em toda a sua dimensão. Dentre as inúmeras fontes primárias que compõem o arquivo, encontram-se duas mil e sete cartas trocadas entre José Simeão Leal e seus correspondentes em especial os literatos de sua época (1929 a 1996); as dedicatórias manuscritas, contidas nos livros de seu gabinete; os *Cadernos de Cultura*, exemplos de sua produção editorial; A pesquisa dá ênfase à produção editorial, correspondência entre literatos, amigos e familiares, à produção plástica, acompanhada das críticas produzidas na imprensa jornalística, e outros documentos que descrevem a arte do seu fazer. Constrói-se a trajetória de José Simeão Leal, sua história e contribuição à cultura brasileira, tomando como arcabouço teórico-metodológico os fundamentos das “práticas de si”, de legitimação, de documentação, de permanência, de acessibilidade, de irrupções momentâneas, cristalizadas num gesto de leitura e escrita. Busca-se revelar a “escrita de si”, estabelecendo uma rede de significados, de descobertas, e construção de sua autobiografia fundamentada em seu arquivo privado pessoal. O exame de todo esse acervo permite afirmar que José Simeão Leal desenvolveu um trabalho decisivo para a história e à cultura brasileira, e neste ato imprimiu sua autoimagem de intelectual, reescrita neste estudo na forma de um ensaio biográfico.

Palavras-chave: José Simeão Leal. Escrita de Si. Trajetória autobiográfica. Arquivos pessoais. Arquivos literários.

ABSTRACT

This research is related to temporality and singularity of the studied object which is based on historical data unveiled by means of remains and evidence, constituting the sources of a history from José Simeão Leal's private personal archive considered in its whole dimension. Among the several primary sources which make up the archive, there are two thousand and seven letters exchanged between José Simeão Leal and his correspondents, especially the men of letters from his time (1929 to 1996); the handwritten dedication, contained in his office's books; the *Cultural Notebooks*, examples of his editorial production. The research emphasizes the editorial production, correspondence among men of letters, friends and members of the household as well as the plastic production, followed by criticism made in the journalistic press, and other documents which describe his production's art. Thus, José Simeão Leal's route is built as well as his history and contribution to Brazilian culture having as theoretical-methodological framework the "self-practices", legitimation, documentation, permanence, accessibility and immediate irruptions fundamentals crystallized in a reading and writing gesture. The "self-writing" is meant to be revealed, establishing a net of meanings, discoveries and construction of his autobiography based on his private personal archive. The examination of this whole archive enables to assure that José Simeão Leal developed a conclusive work for the Brazilian history and culture and for doing so, he molded his intellectual self-image, which is rewritten in this study as a biographic essay.

Keywords: José Simeão Leal. Self-writing. Autobiographical Route. Personal Archives. Literary Archives.

RÉSUMÉ

Ce travail de recherche est lié à la temporalité et à la singularité de l'objet d'étude qui s'appuie sur des données historiques révélées à travers des reliques et des témoignages, constituant les sources d'une histoire extraite des archives privées personnelles de José Simeão Leal, considéré dans toute son entièreté. Parmi les innombrables sources primaires qui composent les archives, nous trouvons deux mille sept lettres échangées entre José Simeão Leal et ses correspondants, plus spécialement les littéraires de son époque (de 1929 à 1996) ; les dédicaces manuscrites contenues dans les livres de son cabinet ; les *Cadernos de Cultura*, exemples de sa production éditoriale. La recherche met en relief la production éditoriale, la correspondance entre les littéraires, les amis et les familiers, la production plastique accompagnée des critiques produites dans la presse, et d'autres documents qui décrivent l'art de son savoir faire. Nous construisons la trajectoire de José Simeão Leal, son histoire et sa contribution à la culture brésilienne en prenant comme structure de support théorico-méthodologique les fondements des « pratiques de soi », de légitimation, de documentation, de permanence, d'accessibilité, d'irruptions momentanées, cristallisées dans un geste de lecture et d'écriture. Nous recherchons à révéler « l'écriture de soi », en établissant un réseau de significations, de découvertes et la construction de son autobiographie fondée sur ses archives privées personnelles. L'examen de tout ce matériel permet d'affirmer que José Simeão Leal a développé un travail décisif pour l'histoire et la culture brésilienne, et que par cet acte, il a imprimé sa propre image d'intellectuelle, réécrite dans cette étude sous forme d'un essai biographique.

Mots-clés : José Simeão Leal. Ecriture de soi. Trajectoire autobiographique, Archives personnelles. Archives littéraires.

LISTA DE FAC-SÍMILES

Fac-símile 1 - carta do Prof. Yony de Sá B. Sampaio, Pró-Reitor para Assuntos de Pesquisa e Pós-graduação	72
Fac-símile 2 - carta do Professor Luiz Kehrle do Departamento de Economia/UFPE.....	73
Fac-símile 3 - Carta de Luiz Simões Lopes.....	75
Fac-símile 4 - Carta de Tomás Santa Rosa	81
Fac-símile 4a - Carta de Tomás Santa Rosa	82
Fac-símile 5 - Carta poema de Carlos Drummond de Andrade.....	107
Fac-símile 6 - Cartão de boas festas 1959/1960, contendo a folha de rosto da Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja. Exemplar da Biblioteca Nacional	110
Fac-símile 7 - Cartão de boas festas 1960/1961, contendo a imagem em cerâmica de Oxê de Schangê, peça da coleção Perseverança do Instituto Histórico de Maceió/AL	111
Fac-símile 8 - Capa do cartão de boas festas enviado por Murilo Mendes a Simeão Leal	112
Fac-símile 8a - Parte interna do cartão de boas festas enviado por Murilo Mendes a Simeão Leal, tendo no centro a fotografia do casal Mendes	112
Fac-símile 9 - Cartão de boas festas 1961/1962, enviado por Bruno Giorgi	113
Fac-símile 10 - Carta de Murilo Mendes datada de 02 de maio de 1951	114
Fac-símile 11 - Carta de Clarice Lispector	144
Fac-símile 12 - Carta da sobrinha Iêda, filha de Nevy	176
Fac-símile 13 - Carta do primo Américo	242
Fac-símile 14 - Carta de Tomás Santa Rosa	243
Fac-símile 14a - Carta de Tomás Santa Rosa	244
Fac-símile 15 - Carta de Orlando Mota	245
Fac-símile 16 - Carta de Roger Bastide	246
Fac-símile 17 - Carta de Elpídio de Almeida	247

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Fachada frontal da Casa Comercial de Alfredo Simeão Leal, à época na cidade de Areia/PB.	58
Fotografia 2: Fachada frontal da Casa Comercial de Alfredo Simeão Leal na cidade de Areia /PB em 2008	58
Fotografia 3: José Simeão Leal e Maria das Neves Leal (irmã).....	51
Fotografia 4: Residência dos pais de José Simeão Leal.....	51
Fotografia 5: José Simeão Leal.....	63
Fotografia 6: Residentes do Hospital São Francisco.....	65
Fotografia 7: Eloah Drummond.....	67
Fotografia 8: José Simeão e Eloah Drummond.....	69
Fotografia 9: Imóvel n° 490 da Rua das Trincheiras, residência do casal Simeão e Eloáh	70
Fotografia 10: José Simeão Leal em coleta de dados sobre cultura popular na Paraíba.....	121
Fotografia 11: Terreiro do Catimbó.....	122
Fotografia 12: Registro de Dança.....	122
Fotografia 13: Simeão entre amigos.....	124
Fotografia 14: Simeão entre amigos.....	125
Fotografia 15: Móviles de Calder.....	167
Fotografia 16: Esculturas de Simeão Leal.....	170
Fotografia 17: Colagens de Simeão Leal.....	171
Fotografia 18: Telas de Simeão Leal.....	171
Fotografia 19: Turma concluinte de Jornalismo/UFRJ, 1952.....	178
Fotografia 20: Recordação de Areia/PB.....	182
Fotografia 21 - José Simeão lendo.....	248
Fotografia 22 - José Simeão em seu gabinete.....	248
Fotografia 23 - José Simeão em sua mesa de trabalho.....	249
Fotografia 24 - José Simeão em seu gabinete de leitura.....	249

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Cartão de visita de José Simeão Leal no exercício da medicina	66
Ilustração 2 - Timbre do papel de carta de Tomás Santa Rosa	80
Ilustração 3 - Diagrama egocêntrico	105
Ilustração 4 - Assinatura ilustrativa de Carybé	117
Ilustração 5 - Caricatura de Moura	161
Ilustração 6 - Charge de Nassara [1950?]	161
Ilustração 7 - Capa do livro de Oswaldino autografado	258
Ilustração 8 - Livro de Francisco Assis Barbosa	260
Ilustração 9 - Capa da Obra de G.R.	261
Ilustração 10 - Capa do livro A Insurreição Praieira	262
Ilustração 11 - Projeto editorial da obra Bahia	264

LISTA DE SIGLAS

ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Artes

ABGRAF – Associação Brasileira da Indústria Gráfica

AICA – Associação Internacional de Críticos de Artes

AJSL – Acervo José Simeão Leal

CAHAC – Coordenadoria de Assuntos Históricos, Artísticos e Culturais

CBL – Câmara Brasileira do Livro

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público

EEAN – Escola de Enfermagem Anna Nery

ESDI – Escola de Desenho Industrial

ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial

FESP – Fundação Escola de Serviço Público

FIC – Fundo de Incentivo à Cultura

FNF – Revista da Faculdade Nacional de Filosofia

FUNARTE – Fundação Nacional de Artes

GEIL – Grupo Executivo da Indústria do Livro

IBEU – Instituto Brasil –Estados Unidos

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

INL – Instituto Nacional do Livro

IPHAEP – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

MAM – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

MASP – Museu de Arte Moderna de São Paulo

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MES – Ministério da Educação e Saúde

NBR – Normas Brasileiras

NDIHR – Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional/UFPB

PRP – Partido Republicano da Paraíba

RB – Revista Branca

SD – Serviço de Documentação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TECO – Teatro de Comédia do Estado da Guanabara

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNE – União Nacional dos Estudantes

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

NORMAS ADOTADAS

- a) Optei por manter a ortografia original de época, que compõe as fontes primárias citadas, a exemplo das cartas, relatórios, discursos etc;
- b) Adotei o uso de colchetes [] para datas aproximadas ou prováveis, acréscimos de informação ou supressão de textos;
- c) Utilizei o traço _____ para representar, na transcrição das fontes primárias, palavras ou expressões ilegíveis nos textos, ou aquelas que o tempo encarregou-se de eliminar, norma também adotada em transcrições paleográficas;
- d) Todos os documentos aqui citados encontram-se sob a custódia de três instituições: as correspondências ativas e passivas, os relatórios, os documentos e objetos pessoais, as fotografias, e parte de sua produção plástica encontram-se no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR/UFPB). A biblioteca pessoal de Simeão Leal e parte das obras colocadas em madeira encontram-se no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). As esculturas encontram-se sob a custódia da Galeria Archidy Picado na Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego. As Instituições mencionadas localizam-se na cidade de João Pessoa - Paraíba;
- e) Na citação de cartas e outras fontes primárias, na íntegra ou em partes, adotei a fonte do tipo “Perpetua”. Para o texto, a fonte Bodoni MT;
- f) O rosto impresso na folha intercalar, em acetato, é parte da caricatura feita por Álvaro e extraída da obra História da Caricatura no Brasil de Herman Lima.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
1.1 Memória e arquivos literários	30
1.1.1 Escrita de Si: registro intimista	38
1.2 Arquivo privado pessoal como fonte autobiográfica	44
2 TRAJETÓRIAS EM MUITOS DESLOCAMENTOS	50
2.1 A família Santos Leal	52
2.2 Inícios de vida	61
2.3 Um sonho na corda bamba	66
2.4 Tomás Santa Rosa Júnior: um correspondente da vida inteira	78
2.5 Ecos de amizade	104
3 FAZERES E VIVERES	129
3.1 Simeão Leal: um editor do Ministério da Educação e Saúde	129
3.1.1 O editor público e seus desafios	140
3.2 O Rebelde das Cores... ..	165
3.3 Um homem múltiplo	177
3.4 Simeão Leal e Eloah: filigranas de um romance	187
4 JOSÉ SIMEÃO LEAL: o homem dos cadernos	199
4.1 Os Cadernos de Cultura: estrutura e história	200
4.2 Os Cadernos de Cultura: o olhar da crítica jornalística	232
4.3 Distribuição e circulação dos Cadernos de Cultura	235

4.3.1 As formas de circulação de Os Cadernos de Cultura	236
5 SANTUÁRIO DE GENTE: a biblioteca pessoal de José Simeão Leal	243
5.1 Dedicatórias como ato autobiográfico	257
5.1.1 Materialidade do livro: espaço para as dedicatórias	258
5.1.2 As dedicatórias enquanto marcas	270
6 Encerrando a narrativa, antes de deixar o arquivo	275
REFERÊNCIAS	281
APÊNDICES	321
ANEXOS	349

Volume 2

CATÁLOGOS

Artes visuais

Correspondências ativas e passivas

Produção editorial

Biblioteca privada



1 INTRODUÇÃO

“[...] toda verdadeira vida é experimentação, ninguém escapa”.

(LISPECTOR, 2005, p. 97)

Pelo fato de ter produzido obras escritas por dezenas de autores, tornando-as um polo de qualidade para a literatura no Brasil, José Simeão Leal tem sua história, longa e produtiva. Destacar sua participação, como produtor e protetor da cultura, significa dar o justo reconhecimento a um homem que acumulou, ao longo de sua existência, um espólio intelectual substancial, lamentavelmente, tão pouco (re)conhecido. Este trabalho é, portanto, a recuperação de sua história e contribuição para a cultura brasileira.

Como frequentemente acontece, as escolhas de pesquisa e sua opção temática ocorrem quase que involuntariamente, e esta não fugiu à regra, razão por que se faz necessário conduzir uma explicação que é, também, uma forma de justificar minha pretensão e, conseqüentemente, o encadeamento deste estudo.

No ano de 2000, fui convidada por Patrício Araújo Duarte para examinar o estado de conservação de um conjunto de documentos pertencentes ao acervo de José Simeão Leal: livros, correspondência e papéis diversos, reunidos e conservados durante sua vida de leitor assíduo e produtor cultural. O acervo de José Simeão Leal passou das mãos de sua esposa, D. Eloah, ao estado da Paraíba, após o falecimento de seu marido, em 02 de julho de 1996. A documentação examinada seria utilizada por Duarte na elaboração de sua dissertação de Mestrado, intitulada *Revista Cultura: modernidade gráfica e informacional no Brasil*¹. O primeiro contato com algumas cartas aguçou minha curiosidade em relação ao acervo, o que acabou frutificando uma relação de cuidados. Interferi no processo de sua restauração, preservação e organização de parte das correspondências, todavia alimentei o desejo de conhecer, mais profundamente, todo o acervo e, a cada novo contato, um novo encantamento.

¹ Defendida no Mestrado em Ciência da Informação/UFPB, no ano de 2002, tendo como orientador Dr. César Castro, da UFMA.

Surgiu desta forma o propósito deste trabalho.

Assim, procurei compreender a lógica do acervo composto, basicamente, de quatro gêneros² documentais: *impressos* (livros que constituem sua biblioteca privada, textos variados, incluindo os próprios e de outros autores, recortes de jornais, cartas datilografadas); *manuscritos* (correspondências ativas e passivas de diversos intelectuais e escritores, e coletâneas de levantamentos sobre cultura); *iconográficos* (fotografias, cartões, medalhas) e *fonográficos* (fitas de rolo). Um volume considerável de documentos, ainda intocados.

Ao ler parte dessa documentação, optei por identificar outras produções que discorressem sobre José Simeão Leal e seus feitos, momento em que me deparei com um total silenciamento em torno da personagem e sua obra. Na Paraíba, quase ninguém ouviu falar nele, exceto alguns poucos intelectuais de sua época. Em Areia, sua cidade natal, confundiram-no com o seu tio-avô, Antônio Simeão Leal.

Em busca de mais subsídios, dirigi-me ao Rio de Janeiro, cidade onde Simeão Leal viveu por longos anos. Foi surpreendente. Muitos escritores o conheceram e mencionaram seu trabalho de produtor e intelectual. De volta a João Pessoa, a curiosidade aumentava. Continuei a levantar seus correspondentes, dentre eles, Affonso Romano de Sant'Anna que, na ocasião, estava em João Pessoa para participar de uma Feira de Livros, realizada no Espaço Cultural José Lins do Rego.

Não tendo recebido autorização da Comissão Organizadora do Evento para me aproximar de Affonso Romano de Sant'Anna, fiquei no corredor por onde ele passaria. No momento exato de sua passagem, gritei em alto e bom som: José Simeão Leal! O escritor, que caminhava ladeado pela Comissão Organizadora, parou e disse: “alguém mencionou o nome de Simeão Leal”. Levantei a mão, e ele permitiu que eu me aproximasse. Juntos, caminhamos por uma rampa que nos levaria direto ao local dos autógrafos. Narrei rapidamente minhas pretensões, externando o meu incômodo pelo silenciamento que circundava José Simeão Leal; expliquei-lhe que o procurei por ter encontrado, no acervo, documentos que revelavam uma possível ligação entre ele e José Simeão Leal.

Affonso Romano de Sant'Anna ouviu-me atentamente, depois disse que eu estaria pagando um débito que o país tem para com esse homem. “Procure-me e farei seu contato

² Segundo o Dicionário de Terminologia Arquivística (1996), o gênero documental refere-se à configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizados na comunicação de seu conteúdo.

com alguns escritores no Rio de Janeiro, que conviveram com José Simeão Leal e certamente poderão partilhar com você desse momento”. Percebi, naquele instante, a importância de se estudar a vida e os feitos de José Simeão Leal.

Segui seus conselhos. Entrei em contato com o escritor por e-mail e, em seguida, retornei ao Rio de Janeiro. Lá, ele já havia providenciado alguns contatos com outros escritores, os quais conheceram José Simeão Leal e com ele conviveram. Affonso Romano apresentou-me o Professor Paulo Pereira, genro de Celso Cunha, com quem José Simeão Leal teve uma estreita relação de amizade, que se estendeu também ao genro. Outros contatos, a exemplo do editor Waldir Ribeiro do Val, também foram feitos.

Percebi, naquele instante, que José Simeão Leal continuava presente na memória de alguns intelectuais cariocas e, em outros, apenas como uma cortina de fumaça que tendia a desaparecer. Diante do fato, uma certeza me veio: é preciso dar a conhecer a vida e os feitos de José Simeão Leal, revelando a dimensão desse patrimônio para a pesquisa histórico-cultural. Foi então que iniciei o trabalho de tese, fundamentando-o na perspectiva teórica da “escrita de si”, a partir do rico acervo privado de José Simeão Leal, o qual continua aguardando tratamento técnico de inventariação e catalogação.

O conjunto documental emergia como um bosque frutífero em que seria possível fazer a colheita para a realização da tese. Era possível tornar aqueles “documentos pensáveis”, como pontua Certeau (2002). O mapa estava traçado, era preciso escolher os caminhos. Era preciso manter um vínculo direto com a produção cultural de José Simeão Leal, o qual engloba fotografias, correspondências, livros, periódicos, recortes de jornais, dedicatórias manuscritas, manuscritos de pesquisas, pinturas, esculturas e objetos pessoais. Toda essa gama de materiais exigiu a elaboração de catálogos da produção inédita de pinturas, esculturas, correspondências ativas e passivas e dos inventários da biblioteca privada pessoal e da produção editorial, no período entre 1947 a 1965, com vistas a trazer a lume essa documentação, até então intocada, e que pode ser conferida no volume 2 desta tese.

Os contatos subsequentes e as intervenções preservacionistas levadas a cabo favoreceram o campo de domínio sobre José Simeão Leal, seu acervo e suas possibilidades investigativas. Tal envolvimento me agraciou, em 17 de dezembro de 2002 (Anexo A), com o decreto governamental nº 23.753, que incluiu o meu nome na comissão de Avaliação e Acompanhamento do Estado de Conservação e Segurança dos documentos pertencentes ao fundo arquivístico José Simeão Leal.

Essa “honraria” me trouxe, também, sérias preocupações com o acervo e sua consequente preservação, obrigando-me a manter uma relação de negociações com Órgãos do Governo, em busca de financiamentos que pudessem contribuir para a conservação preventiva e interventiva de muitos outros documentos do acervo, já referidos. Portanto, apresentei, em 2004, o projeto *Preservação do Patrimônio Bibliográfico e Documental: intervenções conservacionistas no acervo José Simeão Leal*, através do Núcleo de Documentação e Informação Histórico Regional (NDIHR/UFPB), com vistas à aquisição de financiamento público, por intermédio da Lei n.º 7.516, de 24 de dezembro de 2003, que dispõe sobre a criação do Fundo de Incentivo à Cultura (FIC), Lei Augusto dos Anjos, e dá outras providências.

O pleito foi atendido favoravelmente, embora tenhamos perdido os recursos em virtude da Greve dos Servidores³ da Universidade Federal da Paraíba, ficando a correspondência oficial, oriunda da Comissão de Avaliação do FIC, retida no Protocolo Central da UFPB, entregue apenas quando do retorno da greve. Foi, portanto, perdido o financiamento por decurso de prazo, inviabilizando o encaminhamento da documentação e, conseqüentemente, o recebimento dos recursos que contribuiriam para efetivar a restauração e o acondicionamento das cartas e outros documentos inéditos que, até o presente, estão no arquivo do NDIHR, sob custódia.

É oportuno, também, lembrar que, para participar da concorrência pública da Lei de Incentivo à Cultura, foram exigidos alguns critérios, o que, obrigatoriamente, levou ao tombamento do arquivo privado pessoal de José Simeão Leal junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), através do decreto 25.155, datado de 06 de julho de 2004, publicado em 07 de julho do mesmo ano, no Diário Oficial do Estado (Anexo B).

A doação oficial do acervo ao Estado (Anexo C) e seu consequente tombamento cumprem, de certo modo, o papel de documento/monumento que só a dimensão pública pode oferecer. Ao ser entregue ao Estado, a documentação foi subdividida e abrigada em vários locais. Inicialmente, parte foi conduzida à Fundação Casa de José Américo⁴. Em seguida, retirada e encaminhada ao Hotel Globo, no Centro Histórico da Cidade, momento em que se contatou uma bibliotecária para iniciar um levantamento e a conferência das

³ Ocorrida no período de maio a 27 de julho de 2004, com a duração de 93 dias consecutivos.

⁴ Localizada à Avenida Cabo Branco, João Pessoa, Paraíba.

obras, devendo, em paralelo, proceder à catalogação dos livros, o que foi efetivado, sendo todo o trabalho acompanhado pelo Subsecretário de Cultura da época, Francisco Pereira Júnior. O volume de documentos era grande e em suportes diversos. Todavia, ao ser transferido do Hotel Globo para a Biblioteca Pública, as fichas, os registros e o catálogo desapareceram, sem justificativas ou responsáveis.

O acervo permaneceu sem lugar definido, sem o devido tratamento por parte do poder público, que transferiu documentos bibliográficos que compunham a biblioteca privada de José Simeão Leal e suas pinturas para comporem o acervo da Biblioteca Pública do Estado da Paraíba, localizada na Rua General Osório – Centro – João Pessoa/PB, por ocasião de sua reinauguração no ano de 1998, ferindo, dessa forma, o princípio de proveniência documental, cuja base teórica rege todas as intervenções arquivísticas, segundo o qual cada documento deve ser colocado no fundo donde provém e, nesse fundo, no seu lugar de origem (ROSSEAU; COUTURE, 1998).

As esculturas, num total de cinco, foram encaminhadas à Galeria Archidy Picado, do Museu José Lins do Rego, no Espaço Cultural.

Do Hotel Globo, os demais documentos do acervo de José Simeão Leal foram transferidos, no mesmo período, para o Casarão dos Azulejos que, à época, abrigava a Subsecretaria de Cultura do Estado da Paraíba, localizada na Rua Conselheiro Henriques, 159 – João Pessoa/PB – Centro.

Por causa da transferência, no ano de 1998, do Hotel Globo para o Casarão dos Azulejos, os documentos, a maioria em papel, permaneceram armazenados em caixas de papelão, em contato direto com o piso revestido de mosaico antigo e original.

Minha entrada no acervo, assegurada também legalmente, permitiu que mantivesse acesa a centelha de minha memória pessoal e que eu continuasse a investigá-lo, razão por que, de maneira quase natural, entre uma ida e vinda, mencionava-o, tornando-se esse o discurso fundador do meu cotidiano. O discurso fundador, como observa Orlandi (2001, p. 7), “não se apresenta como já definido, mas antes como uma categoria do analista a ser delimitada pelo próprio exercício dos fatos [...]”. São discursos que funcionam como referências básicas no imaginário. Em síntese, são os sentidos que se produzem no discurso do evidente.

Investigar a produção de José Simeão Leal é provocar olhares para seu reconhecimento e preservação; é permitir sua representação, testemunho vivo de uma vasta atuação, seja ela cultural, artística e/ou literária. Tal produção se estrutura pela presença

marcante do acúmulo de documentos, pela ilusão de completude. Todavia, essa completude deve ser sempre interpretada sob a perspectiva do que está posto e materializado, e nunca, pelo único, completo, mas pela possibilidade de abertura de “práticas de si”, de legitimação, de documentação, de permanência, de acessibilidade, de irrupções momentâneas, cristalizadas num gesto de leitura e escrita, que busca, no interior de seu *corpus*, revelar uma “escrita de si”, estabelecendo uma rede de significados, de descobertas e de memórias.

Aprofundar estudos sobre a produção editorial e a atuação cultural de José Simeão Leal passa, obrigatoriamente, pelos acervos, enquanto fontes documentais, considerando-se que o objeto de estudo se instaura no campo da escrita de si, presentificada na documentação por ele acumulada.

Esta pesquisa tem relação com a temporalidade, historicidade e singularidade do objeto de estudo, que se sustenta em dados históricos revelados através de “vestígios, relíquias e testemunhos” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 480), constituindo as fontes de uma história extraída de um arquivo pessoal, acumuladas, tratadas e compiladas. Nesse sentido, o arquivo pessoal de José Simeão Leal foi visto em toda a sua dimensão, incluindo-se aspectos como: função dos documentos, sua forma, seus destinatários, fragmentos de textos, cartas, cartões, considerando-o como locus privilegiado de testemunho, memória e história. Ao abrir caixas, remexer baús, visitar correspondências, diários, levantei e refinei várias particularidades da vida de José Simeão Leal, constituindo uma identidade através de sua produção cultural, nos limites do gênero memória. De certo modo, o que recolhi de José Simeão Leal abarca fonte privilegiada, tornada, ela mesma, objeto deste estudo.

Dentre as inúmeras fontes primárias que compõem o arquivo, encontram-se as cartas trocadas entre José Simeão Leal e seus correspondentes, o gabinete de leitura, as dedicatórias manuscritas, contidas nos livros de seu gabinete, os *Cadernos de Cultura*, como exemplos da produção inscrita no catálogo das publicações do Serviço de Documentação, com ênfase na produção literária, documentos manuscritos e, ainda, a produção plástica, acompanhada das críticas produzidas na imprensa escrita, e outros documentos que descrevem a arte do seu fazer.

A compreensão dessa dinâmica requer que o pesquisador eleja as fontes que ele privilegia como fundamentais para o estudo, capazes de conferir-lhe um arranjo e um sentido, ratificado pelas palavras de Lima (1986), ao dizer que a significação do documento decorre da interpretação que se empresta, pois competirá ao pesquisador recolher os indícios, estabelecer uma ordem e buscar a significação, sem desconsiderar que “essas sugestões encontram [encontrem]

um lugar na memória do produtor, filtro que opera a passagem da experiência vivida para a linguagem verbal, e esta o lugar de expressão e de identificação das fontes”.

Essas fontes primárias foram obtidas de duas maneiras: através do agrupamento das fontes que se encontravam dispersas, em um único espaço físico, e da catalogação de todo o acervo, para proceder a sua organização. A busca e a exploração da documentação do arquivo consistiram em um trabalho exaustivo e na compilação adequada das informações. Na organização da informação, criei uma tipologia, abrangendo fichários de conteúdo, base de dados, compilações de citações, que resultaram nos catálogos constantes no segundo volume deste estudo.

Dentre os vários critérios⁵ de escolha de fontes primárias apontados por Aróstegui (2006), optei pelo “critério intencional”, considerando o seguinte critério de classificação e depuração dos dados: fiabilidade (veracidade, autenticidade) das fontes e a adequação dessas fontes aos propósitos da pesquisa, tendo em vista que classificar arquivos pessoais é, sem dúvida, uma arte, pois consiste, primeiramente, em se remontar ou reunir documentos de forma que esse arranjo permita uma releitura da vida cotidiana, dos gostos, dos prazeres e fazeres. As relações de amizade ou de trabalho, as dificuldades e os limites da vida de seu titular e outras tantas de sociabilidades cultivadas em sua travessia.

Tal característica faz surgir a primeira das muitas dificuldades do processo classificatório, organizacional e analítico desses documentos, pois uma mesma carta poderá trazer indícios de sua atuação privada, como pessoa física, como também sua influência de homem público, de intelectual, estabelecendo pontes entre o público e o privado. Logo, as funções se misturam, exigindo do pesquisador um olhar mais atento, arguto sobre o documento, enquanto fonte indispensável à construção de uma trajetória. Isso só é possível quando os documentos que compõem o arquivo pessoal permitem ressaltar a identidade própria de seu titular, possibilitando estabelecer a estrutura organizacional através de suas atividades e/ou funções.

⁵ Aróstegui (2006, p. 492-494), na obra, *A pesquisa histórica: teoria e método*, especificamente em seu capítulo 8, trabalha com critérios de classificação de fontes. Para ele, o processo metodológico e a documentação histórica discorrem sobre o uso de fontes e sua interpretação, adotando o que o autor denomina de “Uma Nova Taxonomia das Fontes Históricas”, em cuja classificação podem ser aplicados vários critérios, quais sejam: critério posicional, intencional, qualitativo e o formal-quantitativo. Em face de todas essas classificações, o autor diz que tudo dependerá da natureza interna das fontes, tornando-se opcional o uso de qualquer um desses critérios, pois eles se revelam como um orientador que facilita a busca das fontes adequadas ao estudo de determinadas situações históricas, levando-se sempre em conta que o ideal de uma grande pesquisa é o uso das variadas fontes e a confrontação sistemática entre elas.

Com efeito, os documentos apresentam-se como produtos que, gerados a partir de articulações e construções lógicas, ganham formas nem sempre lineares, porém capazes, em si mesmas, de traduzir, de contar e de (re)construir sua identidade sob a forma de uma organização, possibilitando uma releitura escritural de uma intimidade posta. Desse modo, pode-se dizer que há uma estreita ligação entre as fontes documentais e a construção de uma “escrita de si”, no sentido foucaultiano, principalmente quando se trata de arquivos pessoais, de maneira que essa junção poderá suscitar elementos novos que oportunizem ampliar o entendimento no campo da história cultural⁶.

A análise das fontes de informação induziu-me a buscar o conceito de análise documental, que é “conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado processo histórico” (ARÓSTEGUI, 2006, p. 508).

Trata-se, em síntese, de olhar não só o texto enquanto produto da obra, mas analisá-lo em um processo dinâmico, ou seja, a escritura, a textualização, sua produção e, até mesmo, sua distribuição, circulação e recepção. Daí a importância do uso de fontes primárias como alargamento dessa compreensão dos estudos voltados para a história e a memória da produção cultural, literária e de leitura. Além das fontes documentais, primárias e secundárias, privilegiadas para análise neste estudo, realizei algumas entrevistas com membros da família Leal, pessoas que a ele tiveram acesso, incluindo-se as relações pessoais e profissionais. As entrevistas aplicadas seguiram duas modalidades: a semi-estruturada, em que se utiliza um roteiro previamente elaborado, e a entrevista livre. Todavia, em ambas, não se perdia de vista o fio condutor centrado em aspectos da vida pessoal, profissional, cultural e seus consequentes relacionamentos. Apesar das entrevistas realizadas, raramente utilizei, na íntegra, o teor das falas, exceto quando foi preciso preencher lacunas deixadas pela documentação. Todas as entrevistas foram gravadas e, em seguida, transcritas.

Enfim, o que esta tese quer mostrar é que José Simeão Leal desenvolveu um trabalho decisivo para a história e para a cultura brasileiras e, nesse ato, imprimiu sua autoimagem de

⁶ De acordo com Pesavento (2003), pode-se inferir que a história cultural traz, como proposta, decifrar a realidade por meio das representações, tentando chegar a formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e ao mundo. Para maiores esclarecimentos, consultar as obras de BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000a; HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001; CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

intelectual, impondo uma angulação de temáticas que, mesmo no campo da estética, poderá ser percebida.

Assim, os bastidores da criação, presentes no arquivo pessoal de José Simeão Leal, são um verdadeiro convite ao leitor. Um trabalho, como diria Bordini (2003, p.132), que não apenas conserva em ordem e cataloga para consulta documentos literários, mas promove a obra e a imagem do produtor, “tanto quanto acolhe mais do que normalmente os arquivos ou espólios literários costumam conter”.

1.1 Memória e arquivos literários

Rachel de Queiroz (1996), em sua crônica intitulada José Simeão Leal, apresenta-o através de suas memórias-lembranças, aproximando-nos dos fazeres desse paraibano. Cabe ressaltar que empreguei os termos memória e lembrança com significados distintos, mas não opostos, pois são utilizados como pontos balizadores para este estudo. Segundo Diehl (2002, p.115-116) as lembranças são “vivências fragmentadas, como rastros e restos de experiências perdidas no tempo, como pegadas do passado”, e que devemos ter em mente que, quando as lembranças são atualizadas, “correm o risco de ser idealização de vivência, podendo até mesmo ser pontos de referência para romantizar o passado”. Para esse mesmo autor, a memória significa “experiências consistentes ancoradas no tempo passado facilmente localizável”, possível de ser historicamente atualizada, tridimensionalidade que se caracteriza pela relação do presente-passado-presente.

A memória, por suas características, comporta aproximações e esgarçamentos (BOSI, 2003), traz consigo uma dimensão individual de cada pessoa. A identidade de José Simeão Leal lhe será conferida a partir da reunião dos fragmentos, das experiências e trajetórias que revelam suas interações sociais, conferindo-lhe o sentido de pertencimento, aspectos restaurados pela imagem que ele permite construir de si mesmo, com base nos documentos que acumulou e deixou. Revela-se enquanto síntese do movimento que Foucault (1992) denominou de escrita de si, construído numa relação pessoal com o outro e com o entorno. Nesse sentido, Bourdieu (1989) assegura que a trajetória individual é pautada por diferentes interesses, implicando em disputas e conflitos que demonstram aspectos peculiares da identidade.

Foi com essa ideia que busquei, no arquivo de José Simeão Leal, as memórias documentadas, para apresentá-lo e sua trajetória: o meio físico, a terra em que nasceu, o convívio familiar, as atividades culturais, os fazeres cotidianos, os relacionamentos, enfim, tudo aquilo que contribuiu para edificar sua autoimagem de intelectual.

Essa busca, realizada em seu arquivo privado pessoal, deu-se porque tomo o espaço arquivístico como um espaço de confissão, considerando que toda a documentação, nele acumulada, tem uma espécie de assinatura prévia de seu acumulador, convergindo para aquilo que Lejeune (2008) denomina de autobiografia, como veremos no item 2.2 deste capítulo.

Os documentos não surgem aqui ou ali. Sua presença ou ausência em tais arquivos deriva de causas humanas que não escapam, de modo algum, à análise. Os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam, eles mesmos, no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações (BLOCH, 2001).

Da seleção, intencional ou não, por que passam os arquivos privados pessoais restam indícios que merecem atenção por parte dos pesquisadores. Nesse sentido, salienta Artières (1998, p. 11): “arquivar a própria vida é pôr-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”.

O arquivo está longe de ser um depósito amorfo e sem vida, como documento do passado, pois, como observa Foucault (1997, p.149), ele está

[...] longe de ser o que unifica tudo o que foi dito no grande murmúrio confuso de um discurso, longe de ser o que nos assegura existir no meio do discurso mantido, é o que diferencia os discursos em sua existência múltipla e os especifica em sua duração própria.

Esse entendimento pareceu motivar Carlos Drummond de Andrade, em 1972, após ser procurado por D. Lili Brant para autografar o seu álbum. O pedido daquela senhora chamou a atenção do escritor que, sempre fundamentado em suas preocupações com o cotidiano, deitou no papel seu sonho, publicando, no *Jornal do Brasil*, do dia 11 de julho do mesmo ano, a crônica intitulada *Museu Fantasia?* (Anexo D)

Por efeito do raciocínio drummondiano, a concepção de documentos extrapola para além daqueles que dizem respeito à produção específica do autor. Nesse sentido,

Drummond (1972) considera documentos tudo o que está relacionado ao sujeito como ser social: seus objetos, sua produção, enfim, todo um conjunto que manifesta uma escrita de si. Tal concepção pareceu influenciar a instalação do Arquivo-Museu de Literatura, na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, uma verdadeira corrida para salvaguardar a memória da produção editorial e literária brasileira.

Essa corrida já havia se instaurado na Europa, mais especificamente na França, provavelmente influenciada pela vertente da História Cultural, priorizando as fontes primárias como um caminho para compreender mais profundamente a dinâmica da produção textual e literária. No Brasil, como destaca Bordini (2004), a pesquisa em acervos literários, para a compreensão da literatura, especialmente de sua historicidade, inicia-se a partir da década de 1980, adquirindo impulso e estatuto científico, embora moldada pelos princípios biblioteconômicos.

No estabelecimento geral dessa perspectiva, reflete-se a “concepção de literatura como um grande arquivo, constituído das mais diversas fontes documentais” (SOUZA; MIRANDA, 2003, p. 11). Essa matéria foi apreendida por pesquisadores brasileiros que iniciaram projetos específicos, valorizando as fontes primárias⁷ como construto reinterpretativo da produção literária, visando (re)construir a história da Literatura, da leitura, dos livros e das bibliotecas, cujos pressupostos teóricos e metodológicos se ancoraram na História Cultural, na genealogia, na genética textual, especificamente na crítica genética⁸ e nos fundamentos da arquivística moderna. Esses campos de estudo, por sua vez, operam analiticamente com as fontes primárias.

Referindo-se à utilização das fontes primárias nos campos dos estudos histórico-literários, Cury (1995) ressalta a importância da utilização de manuscritos e rascunhos,

⁷ Nessa perspectiva, no Brasil, algumas iniciativas foram desenvolvidas com sucesso, a exemplo da Fundação Casa de Rui Barbosa; o Projeto Integrado Fontes da Literatura Brasileira, aprovado em 1991, pelo CNPQ e coordenado pela Professora Regina Zilberman, desenvolvido na PUC/RS; o Acervo dos escritores mineiros, vinculado ao Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, coordenado por Eneida Maria de Souza e Wander Mello de Miranda; a Fundação Casa de Jorge Amado, na Bahia, cujo Núcleo de Estudos e Pesquisas tem como eixo central o acervo literário; o Projeto Memória de Leitura, desenvolvido no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, sob a Coordenação das Professoras Márcia Abreu e Marisa Lajolo; o projeto História da Leitura na Paraíba: práticas e representações na UFPB, coordenado pelas Professoras Socorro Barbosa e Ester Vieira, entre muitas outras iniciativas.

⁸ Segundo Salles (1992, p. 102), a crítica genética se caracteriza pela multiplicidade de abordagens. O resultado desses estudos surge sob a forma plural. Diferentes olhares para o manuscrito de uma maneira geral – até para o mesmo manuscrito – acarretam resultados individualizados. A legitimidade da crítica genética está exatamente no caráter plural de seu resultado.

correspondências, anotações, marginais, notas de leitura, cartas, fotos, discursos, entre muitos outros que, conjugados, possibilitam a escrita de si, a representação do eu, singularidade de cada sujeito que acumulou essas fontes ao longo de sua vida.

Aderindo à concepção da autora, e transferindo a questão mais diretamente para os arquivos privados pessoais, na categoria de arquivos literários, percebe-se que esses arquivos, independentemente da nomenclatura que recebam, agregam documentos que, por sua vez, materializam informações. Tais documentos são frutos, não apenas, da produção literária dos escritores, que vai influenciar os estudos voltados para a genética textual, mas, também, da documentação gerada e recebida por outros agentes do processo de produção literária, a exemplo dos editores, dos críticos, dos leitores, dos distribuidores, dos livreiros, entre outros.

De modo que uma documentação, mesmo que já tenha sido investigada, não pode ser concebida apenas como produto interpretado em sua integridade, mas também como um elemento de memória espacializada, “cujos contornos são frutos, não de um sentido pleno ou de uma versão definitiva, mas de um jogo de intensidades, marcado pela força de significação que cada elemento vai adquirindo no conjunto significativo que é o texto concluído e, a rigor, nunca terminado” (MIRANDA, 2003, p. 36).

Essa concepção é ratificada pelas palavras do autor, ao evidenciar a importância de se perceber, em algum momento, a tessitura da obra literária. Para ele, essa percepção possibilita “[...] restituir ao texto sua gestualidade perdida de escritura, sua dinâmica de transformações, acréscimos, subtrações e apropriações. É como se, numa ampla rede discursiva, cada variante fosse um ponto de inúmeras conexões, um rizoma cuja visibilidade o texto final não deixa entrever [...]” (MIRANDA, 2003, p. 35). Convém enfatizar que a “memória ata dois tempos, mas se efetiva porque a linguagem é capaz de trazer de volta o passado e apresentá-lo a algum tipo de audiência” (ZILBERMAN, 2004, p. 18).

Com efeito, o texto se apresenta como um produto que se gera por meio de articulações e construções lógicas, que vão ganhando formas com base em uma temporalidade não linear, porém capaz, em si mesma, de traduzir, de contar e de (re)construir, desde que sob a forma de uma organização arquivística.

Voltar os estudos para o campo da documentação histórico-literária, através da busca e utilização dos arquivos, segundo Miranda (2003, p. 39):

[...] é deparar-se com um universo de lembranças exteriorizadas, resíduo de um saber escritural em ritmo acelerado de apagamento; [...] é fazer do resíduo a ponte para a fixação, sob a óptica comparatista de um corpus que possa oferecer respostas mais convincentes à indagação do que é escrever entre nós.

Nessa concepção, a prática arquivística vai se delineando pelo valor que congrega, ao mesmo tempo em que permite a subsistência de enunciados e sua regular transformação (MIRANDA, 2003). Daí vão se concebendo os arquivos e as coleções que permitem construir e retirar máscaras de um tempo presente. Como assegura Moreira (2004, p. 120),

[...] é necessário entender que a história da literatura apresenta sua própria história, isto é, como fenômeno, ela também é historizável: enquanto discurso, a história da literatura recupera a história de seus produtos (as obras) e de seus processos, mas ela mesma submete-se ao processo histórico, revelando suas modificações com o passar do tempo. Como narrativa histórica, a História da Literatura constitui um tipo de discurso que encontra obrigatoriamente em seu caminho um componente – o tempo”.

Fazendo referência à necessária relação dos estudos histórico-literários, Cury (1995) considera fundamental investigar os arquivos e as fontes primárias, pois essa perspectiva “histórica da descrição arqueológica” revela uma nova postura frente aos textos, tomando-os não apenas como “documento”, que deve ser interpretado, vislumbrando a “reconstituição” do passado, mas como um “monumento”, preservando sua autonomia e complexidade (LE GOFF, 1996).

Santiago (2003) indica que estamos subvertendo dois campos importantes: o da arquivística individualizada e o da memória cultural de uma nação. Para o autor, anotações de leitura, rascunho, páginas abandonadas, versões negligenciadas nos colocam, de imediato, no terreno pedregoso em que se misturam lembranças, esquecimentos e amnésias. Por outro lado, Miranda (2003, p. 35) assegura que proceder a uma análise nesses fragmentos é “restituir ao texto sua gestualidade perdida de escritura, sua dinâmica de transformações, acréscimos, subtrações e apropriações”.

Acerca dessa discussão de arquivos privados de homens que exerceram atividades públicas, Barrán (2005, p. 173), ao analisar a palestra de Alfredo Caldeira, “Preservar e Divulgar a Memória”, durante o Seminário Documentos Privados de Interesse Público, organizada pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso, comenta que, nos arquivos privados de homens públicos, predominam, em geral, documentos que se referem à sua atuação

pessoal e as suas ideias sobre a esfera pública, “ocorrendo o paradoxo destes homens públicos sentirem e viverem com tanta paixão sua atuação pública, a ponto de ela ter-se tornado a base de sua vida pessoal”. Desse modo, essa documentação pertence tanto à esfera do público quanto do privado, revelando como ambas as esferas, necessariamente, superpõem-se e como o homem é, além de indivíduo, um ser social.

O tema da escrita de si, como preconiza Foucault (1992), é centrado não somente para revelar os movimentos interiores de um indivíduo que constituiu uma prova ao trazer à luz os movimentos do pensar, mas, também, para estabelecer uma relação entre o indivíduo e seus documentos. Contudo, o valor semântico, aqui, pode variar, principalmente quando se trata do desejo de unir escritura com escrita de si mesmo.

Essa prática da escrita de si⁹, como observa Foucault (1992), está no fato de escrever para si e para outrem. A escrita aparece, assim, associada ao exercício da reflexão do próprio autor, o pensar sobre si mesmo. Ela se revela como um exercício pessoal, uma estratégia de luta no combate a si mesmo. A esse respeito, o autor exemplifica, utilizando-se das hypomnêmatas, os livros de apontamentos, cadernos de anotações pessoais, que serviriam como uma espécie de memória auxiliar, memória material das coisas lidas, vistas, ouvidas, pensadas e refletidas, uma espécie de tesouro acumulado para releitura e meditações posteriores. No mesmo patamar, ele coloca as correspondências, textos, a princípio produzidos para o outros, mas que abrem espaços também de reflexão e de meditações posteriores, provocando, do mesmo modo, um movimento interior de quem escreve, recebe, guarda e acumula.

A compreensão dessa prática também foi ratificada por Gomes (2004), ao concebê-la como uma ampla ação que vai além daquela ligada somente à escrita propriamente dita, e à constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento “despretensioso” de objetos materiais, a exemplo das fotografias, dos cartões-postais, dentre outros objetos do cotidiano que, armazenados e acumulados, transformam os espaços físicos em um “teatro da memória de si mesmo”, ou seja, o indivíduo torna-se um personagem de si mesmo, com suas ambiguidades e tensões.

⁹ O exercício da escrita de si é exemplificado por Foucault nos textos da cultura greco-romana dos dois primeiros séculos do Império, mencionando Plutarco e Sêneca. A esse respeito, consultar FOUCAULT, Michel. Escrita de si. In: _____. *O que é um autor*. 2. ed. [S.l]: Passagens, 1992. p. 130.

Investigar a escrita de si, por meio do Arquivo Pessoal de José Simeão Leal, significa compreender as escolhas e classificações documentais impostas pelo próprio colecionador. Nesse sentido, aconselha Bourdieu (1996, p. 234), é preciso compreender criticamente o “estatuto social de cada documento”, interrogando cada um deles sempre, para que e para quem foi feito e porque foi arquivado, ou seja, atentar para as suas mediações e práticas, seus usos e destinos, pois a maneira como se acumulam, organizam-se e se armazenam os documentos nos arquivos parece querer defrontar o pesquisador com um itinerário próprio, uma espécie de texto já codificado, com vistas a orientar sua própria leitura e interpretação.

A lacuna de escritor, no sentido de escrita literária, gera em José Simeão Leal um estado de lucidez absoluta. Um exemplo desse foi quando ao ser interrogado sobre a possibilidade de publicar seus livros no Serviço de Documentação, alegava que não era pago para se autoeditar. Se não deixou obras publicadas, por outro lado, Simeão Leal suscitou movimentos literários, dirigiu revistas¹⁰, criou livros no formato “de bolso”, como os *Cadernos de Cultura*; recebeu homenagens; reiterou significados em variadas situações, salvaguardando a memória do produtor e momentos de sua história pessoal, ou seja, tudo o que lembre o autor e que não tenha sido produzido por ele. Nessas duas classes, o eu e o outro se defrontam, pois cada experiência presentificaria outra vez a escrita de si.

José Simeão Leal, ao desempenhar suas atribuições de editor público e de produtor cultural, estava consciente de sua atuação, pois acreditava que o Estado deveria ser responsável por disponibilizar ao país e ao mundo uma produção editorial de qualidade, descobrindo e expondo talentos que fossem capazes de refletir sobre a cultura nacional, sem se aterem às demandas de mercado, como ele mesmo declarou em entrevista à emissora norte-americana, *A Voz da América*¹¹, ao se referir ao Setor de Documentação do Ministério da Educação e Saúde:

[...] o setor de publicações considero a base principal, se desenvolve cada vez mais, à medida que os recursos orçamentais vão aumentando em face da grande receptividade do público e colaboração dos nossos intelectuais.

¹⁰ Para conhecer todas as coleções e edições publicadas sob o comando de José Simeão Leal, consultar a listagem integrante do volume 2 desta tese.

¹¹ O programa era irradiado no Brasil, através da Rádio Mauá/RJ, que o transmitia diariamente, às 21h e 30m, pelas frequências de 1521, 1179 e 965 kiloclos. A entrevista foi ao ar em 02 de setembro de [1950?].

Uma investigação dessa ordem não pode ser discriminatória, hierárquica ou periodológica. Deve, no entanto, valer-se de um determinado lugar, do interesse do pesquisador, que se associa às circunstâncias de produção/recepção - sociais, econômicas, históricas, culturais, manifestas ou não -, com a tradição literária e com os intertextos com que dialoga. As conexões possíveis são controladas pela intencionalidade do pesquisador e pelos documentos-fonte relacionados ao objeto de estudo, no caso, o acervo privado pessoal de Simeão Leal.

Mais uma vez, reiteramos que, apesar de José Simeão Leal não ter materializado, ou melhor, oficializado um documento com sua autobiografia, ele se esforçou por construir uma imagem de si, ao colecionar, arquivar, guardar e, de certo modo, preservar os documentos, principalmente se eles fazem referência, a sua vida pessoal e profissional, possibilitando a reconstrução de uma imagem de si mesmo, sua autoimagem de intelectual.

Comungando com esse pensamento e estabelecendo uma conexão com este trabalho, optei, então, por trazer à tona o registro descritivo de parte do acervo, privilegiando, sobretudo, o conjunto de correspondências ativas e passivas, aliado a outros documentos, quando necessário, que subsidiarão a construção do discurso que se refere, em sua enunciação, a uma escrita de si mesmo, como parte da história da produção literária em um determinado período, a partir da perspectiva de José Simeão Leal como produtor/incentivador e personagem dessa mesma história.

Para Guimarães (2003), manuscritos e bibliotecas, ao longo do tempo, têm exercido um enorme fascínio sobre pesquisadores, principalmente em detrimento da grande importância ficcional e histórica. Nesse raciocínio, Remédios (2004, p. 301) assinala que o documento de arquivo, enquanto fonte documental, “serve para justificar a escrita de suas memórias e, ao mesmo tempo, definir que o tecido textual envolve não apenas o tempo como também o lugar de encontro de coisas diferentes como ensaios, viagens, história, histórias, galerias de tipos”. A autora acrescenta que os documentos procuram revelar, explicitamente, que existe um “corpo vivo” por trás daquela escrita que, aparentemente, jaz no papel ou suporte, ao referir-se ao acervo de Érico Veríssimo.

Entre a liberdade de ler e a história, é prudente registrar os suportes que compõem o acervo de José Simeão Leal, para instigar as múltiplas possibilidades de leitura representadas nos materiais acumulados. Assim, assinala Bordini (2003, p. 131), “um pensamento reticular entre variedade de espécies documentais seria facultado, podendo iluminar com maior abrangência os fenômenos literários” de uma escrita de si.

Essa escrita, quando construída a partir dos arquivos literários, contribui para “a recuperação do cotidiano do indivíduo e seus embates com a cultura e com seu grupo social” (CURY, 1995, p. 18), possibilitando construir narrativas sobre a vida e a obra, nesse caso especial, de José Simeão Leal, sujeito histórico e culturalmente localizado. No entanto, isso só será possível através do mergulho nos arquivos privados pessoais, que falam do titular, do seu tempo e de sua intelectualidade, assim como suas relações, seus fazeres e viveres, discursos ventilados em seus textos e objetos, que denotam o discurso do eu, revelado nas diferentes situações que se vão construindo na trajetória do sujeito (FOUCAULT, 1997).

Investigar os arquivos privados pessoais é perceber, inteligivelmente, os nexos causais até então despercebidos, possibilitando rastrear lances privilegiados que constituem o trânsito entre vivência e percepções do investigado; é destrinçar traços fisionômicos da vida e da obra da personagem.

Nesse sentido, trabalhei com os registros sobre a vida e a obra de José Simeão Leal, materializados em periódicos, recortes, manuscritos, cartas e outras fontes ditas secundárias, livros, documentos pessoais, entre tantos outros que me auxiliaram a trazer à tona registros e informações para compreender José Simeão Leal, em seu *ethos*, em sua trajetória, podendo, assim, construir, por meio desses fragmentos, seu registro autobiográfico, uma escrita de si próprio.

1.1.1 Escrita de Si: registro intimista

José Simeão Leal ocupou parte de sua vida exercendo funções não apenas públicas, o que implica certa dificuldade de classificar, em definitivo, o fundo documental, principalmente quando se leva em consideração que, na teoria arquivística, os arquivos são classificados de acordo com a origem de seus documentos, sem prescindir do processo de acumulação de seu titular. Nesse caso, em especial, apesar de haver classificado o arquivo de José Simeão Leal como fundo privado pessoal, não posso desconsiderar a sua atuação pública, atividade que ocupou a maior parte de sua vida. Essa questão fez com que eu encontrasse, por entre os documentos estritamente pessoais, outros de caráter público, pertencentes a instituições em que exerceu suas atividades, a exemplo do conjunto de atas que retrata a criação da primeira *Escola de Design Industrial no Brasil*, localizada no estado do Rio de Janeiro.

Perscrutar todo o acervo requereu uma investigação minuciosa, intensa, por entre ilhas de papel velho e embolorado, com o objetivo primeiro de identificar as fontes que chegaram à cidade de João Pessoa/PB, compondo o fundo arquivístico José Simeão Leal. No sentido de recuperar o elenco de fontes acumuladas e preservadas ao longo da existência do titular, e para ter a certeza de que nada havia se espalhado da documentação oriunda do Rio de Janeiro, em fins de 1996, iniciei, com auxílio de historiadores, arquivistas e bibliotecários¹², uma busca nas instituições-memória da cidade. Esse contato foi desafiante para compreender as características de um dado momento histórico ou de diversos momentos na história econômica, social e cultural do País, nos quais busquei alargar, com novos dados, o pensamento de uma época.

Pensando, como Guimarães Rosa, que o real não está na saída nem na chegada, mas se dissipa para nós no meio da travessia, elaborei esta indagação: Qual a contribuição do acervo José Simeão Leal, acumulado ao longo de uma vida, e com que densidade se insere na literatura e cultura brasileiras? Para ir ao ponto, foi preciso ampliar o domínio da observação, da crítica, da história e da memória sobre esse acervo e, com isso, apurar o quanto ele é emblemático da escrita tomada em seu sentido mais geral - uma escrita que comporta abstinência, memorizações, meditações, silêncio e escuta de outro, enfim, uma escrita de si, como diria Foucault (1992).

Como já afirmei, José Simeão Leal foi um dos principais articuladores do processo editorial público, no campo da literatura e da cultura nacional no Brasil e no exterior, de forma intensa, e suas referências têm origem na experiência familiar e na convivência com grandes intelectuais de seu tempo, conforme veremos em momento mais adequado, por meio de depoimentos dos principais expoentes da literatura e das artes em geral. Também exerceu a profissão de médico, professor, adido cultural, editor, artista plástico e escultor.

Com efeito, o arquivo pessoal José Simeão Leal testemunha uma existência profícua de seu passado, uma imagem que ele havia construído de si mesmo através do acúmulo, da organização e da conservação de seus documentos, livros e pinturas, principalmente do seu

¹² Laudereida Eliana Marques Morais, Maria da Vitória Barbosa Lima, Kelly Cristiane de Queiroz Barros, Regina Mota, Giuliana Marques Morais, Alberto Sabino, Rosane Coutinho Pereira Lacet, Silmara dos Santos Lima, Maria Rodrigues da Silva e Francisco Pereira Júnior.

desejo tácito de mantê-los e, posteriormente, doá-los à Paraíba, recriando, talvez, o “templo de sua própria memória”, para usar a expressão de Abreu (1996, p. 67), e solidificar sua autoimagem de intelectual.

Assim, José Simeão Leal induziu, em termos, a elaboração de sua posteridade, ao preservar seus documentos pessoais e ordenar acontecimentos que balizaram sua vida, estabelecendo seu lugar social no campo das letras e da cultura. Construiu, ainda, continuidades, linearidades e rupturas em sua trajetória. Em suma, a força, mesmo que despretensiosa, de acumular seus documentos, coerentemente, pareceu almejar seu lugar, marcar relações, permitindo conhecer seus pares, delimitando uma espécie de esboço autobiográfico de seu próprio fazer. Um fazer marcado por tensões e incoerências, silenciado por uma escrita fragmentária que revela seu caráter de homem público, de médico, por via do diploma superior, de propulsor da arte e da literatura. Foi materializando os registros de seu fazer cotidiano que José Simeão Leal se permitiu, depois de morto, reconstituir, nas sombras das lembranças e do esquecimento, “o dizível e o indizível, o memorável e o imemorável”, como disse Venâncio (2003, p.17).

Para trilhar os caminhos percorridos por José Simeão Leal, precisei recorrer ao levantamento bibliográfico para verificar o que já haviam produzido sobre ele e seus feitos, caminho que me permitiu fazer interrogações e, a partir daí, inferir novas questões sobre o objeto em estudo, possibilitando atribuir novos sentidos, novas ressignificações.

A investigação inicial revelou que nada havia de extensivo, substancial e concreto sobre a personagem, exceto algumas poucas publicações impressas e outras acadêmicas. A primeira indicação foi a obra de Herman Lima, *História da caricatura no Brasil*, editada em 1963, pela editora José Olympio, no Rio de Janeiro, que retrata um *portrait-charge* de José Simeão Leal, desenhada pelo caricaturista Alvarus (Álvaro Cotrim). Apesar de a obra trazer a ilustração, a menção está voltada muito mais para o caricaturista do que para o caricaturado.

Ainda em relação a José Simeão Leal, uma rápida referência foi encontrada no *Dicionário Literário da Paraíba*, organizado por Idelette Muzart Fonseca dos Santos (1994), que alude ao seu nome na galeria dos folcloristas, ladeados por Coriolano de Medeiros, Altimar Pimentel, Ademar Vidal, entre outros.

Em nível acadêmico, encontrei a Dissertação de Patrício Araújo Duarte, aqui já referida, em que, apesar de registrar traços da vida de José Simeão Leal, o pesquisador não

deu conta de sua efetiva trajetória, principalmente por limitar sua atuação na *Revista Cultura*, mais especificamente, quando pensado sob a perspectiva do indivíduo e da sociedade na qual estava inserido. Encontramos mais outras menções ao seu nome na dissertação de Regina Álvares Correia Dias, intitulada *O Ensino do design: a interdisciplinaridade na disciplina de projeto em design*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2004, que o menciona como um dos membros da comissão de elaboração da nova estrutura curricular da Escola de Desenho Industrial no Brasil (ESDI), juntamente com os professores Flávio Aquino, Carl Heinz Bergmiller, Alexandre Wolnner, entre outros.

Outras rápidas menções a José Simeão Leal ocorreram nos trabalhos de conclusão de curso de graduação em Biblioteconomia, também já referidos. O primeiro, da autoria de Josefa Lopes de Souza (2001), voltou-se para a elaboração do diagnóstico físicoambiental, com vistas a identificar o nível de temperatura e de umidade a que estava submetido o acervo, além de traçar um mapeamento das condições de conservação física dos documentos.

O segundo, da autoria de Cecília Rima Dutra, apresentado em 2004, analisou, como *corpus* da pesquisa, 21(vinte e uma) cartas passivas, extraídas do arquivo pessoal de José Simeão Leal, concebendo-as na condição de registro documentário, veículo informacional e cultural. Assim, objetivando compreender suas relações sociais e culturais, procedeu a um levantamento biográfico dos correspondentes para avaliar o contexto em que se inseriam suas relações culturais. Em face dessa articulação, a autora percebeu a atuação dinâmica de José Simeão Leal no contexto cultural brasileiro e fora dele, bem como sua relação com os intelectuais identificados. Seu pensamento sobre a cultura e a arte fora ressaltado nesse trabalho.

O terceiro, datado de 2005, de autoria de Perpétua Emília Lacerda Pereira, consistiu em reconstruir seu perfil de leitor, através da História Oral, para mostrar a relação entre José Simeão Leal e um amigo íntimo. As declarações revelaram pontos interessantes de sua convivência com o leitor José Simeão Leal, assim como possibilitaram traçar, em linhas gerais, suas práticas de leitura.

Outros trabalhos, em formato de artigos científicos, foram publicados na Revista Eletrônica *Biblionline*, como resultado dos TCCs já mencionados. Ressalte-se, todavia, que a revista prioriza colaborações inéditas, originadas de Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCC) de Graduação em Administração, Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da

Informação, Gestão da Informação e Museologia, sendo vinculada ao Departamento de Ciência da Informação/UFPB¹³.

Outras referências foram encontradas, na obra *O livro no Brasil*, de Laurence Hallewell, que se refere a Tomás Santa Roza como o maior produtor gráfico de livros no Brasil e, sobretudo, como revolucionário, devido ao aspecto físico de obras editadas pelo Governo Federal, referindo-se ao Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, principalmente a partir de 1947, com a colaboração de José Simeão Leal¹⁴.

A outra se verifica na obra de Brito Broca, intitulada *Vida literária no Brasil* (2004, p. 17), prefaciada por Francisco de Assis Barbosa, escritor e crítico literário, que testemunha o esforço de José Simeão Leal em prol da produção literária nacional, ao assinalar que, “não fosse a insistência de José Simeão Leal, diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, jamais teria sido publicado o livro que lhe daria notoriedade” [referindo-se a Brito Broca] e, por essa razão, chamou Simeão Leal de pai do livro, na primeira edição, e de tio, na segunda, publicada por José Olympio. Essas referências permanecem até a quarta e última edição, publicada em 2004.

Há, também, a *Revista Poesia para todos*, publicada pelas edições Galo Branco, com a finalidade de divulgar a obra de poetas brasileiros, sob a responsabilidade editorial de Waldir Ribeiro do Val, que, na seção homenagem do ano V, volume 6, lista os 140 títulos dos *Cadernos de Cultura* criados e editados por José Simeão Leal. Para Waldir Ribeiro do Val (2004, p. 69), “todos os que viveram no Rio [de Janeiro], nas décadas de 50 e 60 do último século, desejaram ou colecionaram algumas dessas valiosas pequenas publicações”.

¹³ Disponível no Endereço eletrônico: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio>. ISBN: 1809-4775. Nesse periódico, foram veiculados dois artigos de interesse: o primeiro, publicado com o mesmo título do TCC, apresentado ao Curso de Biblioteconomia, já mencionado anteriormente, *José Simeão Leal: na tessitura da história cultural brasileira*, de autoria de Cecília Rima Dutra e Bernardina Maria Juvenal Freire, editado no v.1, n.1 de 2005. O artigo toma como *corpus* analítico parte das correspondências recebidas por José Simeão Leal, no período que compreende os anos de 1944 a 1991. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem descritiva, por vezes comparativa, associada às contribuições da Análise de Conteúdo, na perspectiva bardaniana. Os resultados revelaram que José Simeão Leal extrapolou as relações, em nível nacional, sobretudo se considerarmos o desempenho desse intelectual no campo das artes, da cultura e da informação. O segundo artigo, *Memórias de leitura: prática leitora em José Simeão Leal*, escrito por Perpétua Emília Lacerda Pereira e Bernardina Maria Juvenal Freire, publicado no v. 2, n. 2, 2006, revelou traços, gestos e costumes de um modo peculiar de ler, individualizado e, ao mesmo tempo, extensivo. Os resultados conferem certa legibilidade possível em suas práticas leitoras.

¹⁴ Nas duas edições da obra, *O Livro no Brasil*, de autoria de HALLEWELL, Laurence, o nome de José Simeão Leal aparece, erroneamente, grafado como José Simões Leal. Para conferir, consultar a página 378 da 1ª edição, datada de 1985, e a página 463, da 2. ed. revista e ampliada, datada de 2005.

Os *Cadernos de Cultura* eram pequenos livros de bolso de assuntos variados, indo da literatura às artes plásticas, passando por folclore, teatro, sociologia, antropologia. Nesses pequenos Cadernos de Cultura, destinou alguns volumes para publicar a poesia brasileira, intitulando-os *50 Poemas escolhidos pelo autor*, iniciando a Série com o poeta Manuel Bandeira, em 1955.

Em meados de 2007, o crítico e ensaísta José Roberto Teixeira Leite publicou a obra *Di Cavalcanti e outros perfis*, editada pela Edifício, em que o autor revela, através de flagrantes instantâneos, momentos de convivência com personalidades da cultura brasileira, dentre as quais, destaca José Simeão Leal. O livro memorialístico do autor, escrito em pequenas crônicas, consegue fundir um retrato diário a uma linguagem literária. Todavia, por se tratar apenas do recurso da memória pessoal, o autor confunde-se em relação a algumas datas referentes a José Simeão Leal, como, por exemplo, a de sua morte, que ocorreu em 1996, e não, em 1999, como registra.

A obra contradiz, ainda, a relação pessoal entre José Simeão Leal e Celso Cunha. Havia entre ambos uma proximidade amigável, inclusive, residiam no mesmo edifício. A quantidade de cartas e de cartões trocados entre eles revela uma convivência amigável, respeitosa e divertida, em que a boa provocação perfilava a relação. Os comentários, encontrados na crônica do crítico Roberto Teixeira Leite, de que havia certa animosidade entre José Simeão Leal e Celso Cunha, são passíveis de correção, pois se trata de lembranças puramente pessoais.

As lacunas registradas na obra de Teixeira Leite podem ser frutos de duas questões básicas: a primeira, pelo modo silencioso com que José Simeão Leal encarava a vida, fugindo de repórteres, e a ausência de escritos próprios. A outra remete, provavelmente, à falta de contato dos pesquisadores com o seu arquivo pessoal que, apesar de doado em 1996 ao Estado da Paraíba, ainda não foi aberto ao público por falta de tratamento técnico e espaço físico adequado. Apenas as cartas, as pinturas e os inéditos estão disponíveis ao público, por estarem sob custódia no NDIHR/UFPB e terem sido organizados por ocasião da elaboração desta tese.

Operacionalmente, tomei o Arquivo pessoal de José Simeão Leal como fonte autobiográfica de pesquisa e, por consequência, uma fonte histórica e literária, em que se incluem documentos pessoais, objetos de uso pessoal, medalhas, moedas, objetos de registros pessoais, esculturas, produção artística, fotografias, fitas de rolo, partituras, documentos manuscritos e impressos, dos quais, 180 (cento e oitenta) pastas suspensas com documentos diversos, contendo: correspondências manuscritas e datilografadas - tanto ativas quanto

passivas - totalizando 2007 (duas mil e sete) unidades, cartões e telegramas; 34 (trinta e quatro) caixas de polionda; 2.667 (dois mil, seiscentos e sessenta e sete) volumes bibliográficos, dos quais, 308 (trezentos e oito) contêm dedicatórias de outrem para José Simeão Leal; 333 (trezentos e trinta e três) quadros de sua própria produção, quase todos desenvolvidos com técnica mista; 05 (cinco) esculturas em ferro, além de um conjunto de fotografias ainda em processo de contagem e organização.

1.2 Arquivo privado pessoal como fonte autobiográfica

Pensar no termo autobiografia leva, em um primeiro momento, a restringir o olhar para um gênero literário específico, quando penso a autobiografia sob a perspectiva arquivística, já em sua definição: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular, a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14). Nesse sentido, se tomo por análise as categorias: retrospectiva, pessoa real, história individual, personalidade, posso promover um confronto dos princípios que norteiam a formação dos arquivos privados pessoais com a escrita autobiográfica.

Nos arquivos privados pessoais, podem-se reconhecer tais categorias quando se pensa que cada arquivo pessoal tem, em sua acumulação, um sentido de “imortalizar” a história de um indivíduo em todas as suas nuances, personificando o sujeito em suas relações. É óbvio que não se pode deixar de considerar que o documento, ali acumulado, foi selecionado como registro intencional do querer ser conhecido, do caminho que deverá ser revelado, mesmo quando se leva em consideração o “estatuto social” (BOURDIEU, 1996) desse mesmo documento.

Considera-se, ainda, que os documentos existentes no arquivo privado pessoal funcionam como fontes também confessionais, assinadas e/ou autorizadas por seu acumulador, ao permitir sua consulta e interpretação, esta totalmente dependente dos modos de escolha e de leitura desse real, que se pauta também no campo jurídico, daquilo que, documentalmente existindo, não pode, por razões várias, ser consultado.

Ora, nesse sentido, considero o acumulador de seus papéis uma espécie de autor de si mesmo, pois, ao acumular documentos, também elimina outros, deixando um itinerário

pelo qual gostaria de ser reconhecido ou visto. Isso pode levar ao que Bourdieu (2005) denomina de prática “ilusória”, pois, nem sempre, no que se materializa documentalmente, revela-se em essência o *ethos* de quem o acumulou. De modo que levo em conta que todo homem “traz em si uma espécie de rascunho, perpetuamente remanejado, da narrativa de sua vida [...]. Ao redor de nós, bem mais numerosas que pensamos, há pessoas que passam esse rascunho da vida a limpo [...]”. (LEJEUNE, 2008, p. 67). Esse passar a limpo pode ser também o ato empregado no momento de selecionar os documentos que o perpetuarão, ou o trarão a público, auxiliando a construção de sua trama na história, que o coloca no campo do pessoal, familiar, profissional, seu próprio trajeto de vida, pois o “homem é inteiramente feito de todos os homens e que vale tanto quanto os outros e a quem qualquer um pode se equivaler”.

Reconstituir uma autobiografia, em um arquivo privado pessoal, é, muitas vezes, tornar visível o invisível, constituir como objeto de conhecimento uma espécie do outro absoluto, um trabalho cujo mérito consiste em neutralizar a própria intervenção dos lapsos temporais, observando as pretensões dos ditos construindo a escrita de si, inicialmente através do olhar etnológico, aqui entendido como um olhar que busca reconstruir as memórias daquilo que ainda não foi expresso pela escrita, mas que jaz materializado em seus mais variados suportes, nostalgicamente à espera do interpretante.

Apesar de aguardar muitas vezes em silêncio, o seu interpretante, o conjunto documental propõe ao sujeito manter-se como o organizador de sua própria vida, autor da escrita de si mesmo. Dessa forma, sua interpretação é simultaneamente, um ato de violação, uma violação permitida, sobretudo quando esses arquivos são entregues por familiares ou pelos próprios titulares a órgãos públicos sem a prescrição de nenhum tipo de limitação de acesso, possibilitando a construção da memória histórica, da instituição do diálogo entre o narrador e seu personagem, rompendo certa lógica de que a autobiografia é um texto produzido exclusivamente pelo próprio autor.

A autobiografia também pode se revelar como a interpretação do narrador na busca do vivido de outrem, uma forma de entrar intimamente na vida do outro, situando-a no tempo e no espaço, dando-lhe seu lugar na história, informação que provém de diferenciadas fontes. Nesse sentido, afirma Lejeune (2008, p. 184): “a evocação do vivido produz um efeito de emoção e de presença que enriquece nossa experiência imaginária, mas não forçosamente nossa compreensão real do mundo, do outro e de nós mesmos”.

Ora, os arquivos privados pessoais reúnem documentos produzidos ou não por seu titular - escritos, manuscritos, imagéticos e outros - todos acumulados intencionalmente, em especial, o Arquivo privado de José Simeão Leal que, em vida, selecionou, ordenou, adquiriu, eliminou e, em cartório, *post mortem*, deixou para a posteridade materiais que possibilitam a construção da memória de si, isto é, a autobiografia.

Em sentido amplo, os arquivos são conjuntos de documentos recebidos e expedidos que relatam as experiências de um sujeito individual, mesmo que este esteja inserido no campo do coletivo. Um espaço que possibilita explorar subjetivamente, os lugares de lembranças familiares, de infância, da juventude, da maturidade, dos amores conquistados e perdidos, do profissionalismo, enfim, de sua trajetória de vida. Apesar da amplitude do termo “arquivo”, o sujeito que acumula liga-se a uma única propriedade em particular, à possibilidade de fundir, em um único significante, o “eu enunciador e o enunciado” (LEJEUNE, 2008, p. 226).

O entusiasmo dessa compreensão de arquivos privados pessoais, como espaços narrativos de vida, faz-me alargar a compreensão do termo para direcioná-lo como um espaço autobiográfico, de uma escrita de si, pois, de acordo com Lejeune (2008, p. 224), “qualquer coisa pode ser autobiográfica, e a palavra tem mais a ver com a atitude de leitura da pessoa que a emprega do que com a natureza do objeto designado”.

Os arquivos privados pessoais revelam-se, portanto, como a própria consistência do sujeito, o lugar onde guarda aquilo que lhe é de foro íntimo, tendo nele um sentido pessoal, próprio. Local em que José Simeão Leal procurava manter-se para existir. A verdade do sujeito muda de forma, pois tira de dentro de si suas relações e as materializa através de seus documentos, constituindo uma espécie de autobiografia de seu fazer. Os pesquisadores que se utilizam desse tipo de arquivo tendem a constituir uma imagem do titular, mantendo-o vivo pelo olhar do outro. Sua verdade, ao ser analisada sob o olhar do historiador ou etnólogo, vai mudar, transformando-se em um escrito autobiográfico. Esse estudo, realizado a partir dos escritos de si, é “modalidade pela qual, naquele momento e lugar, o sujeito consegue se dar um pouco de consistência” (CALLIGARIS, 1998, p. 18).

Segundo Lejeune (2008), a palavra autobiografia foi importada da Alemanha pelos idos do Século XIX, servindo para designar, distintamente, duas coisas diferentes: a primeira e mais restrita, como sendo escrita da vida de um sujeito por ele próprio, enquanto que a segunda, contrariamente, declara a autobiografia como todo texto e qualquer texto independente de sua forma, cujo teor tenha a intenção secreta ou confessa de contar sua própria trajetória de vida.

O segundo sentido, embora amplo, não se trata, forçosamente, de uma narrativa, mas, sobretudo, do compromisso do autor para com o leitor. É ele que vai dar a palavra final, significando uma mudança dos modos de leitura. Nessa contraposição, também se colocam os arquivos privados pessoais, cujo sentido de interpretação caberá ao pesquisador-leitor, que traçará, a partir do estatuto de cada documento, sua própria leitura.

Seria um trunfo ou uma desvantagem perceber o arquivo privado pessoal como um espaço autobiográfico? A propósito, os arquivos privados pessoais não se apresentam como uma narrativa posta, de simples intervenção e interpretação. É preciso, pois, tomar os caminhos sob uma visão etnológica das escolhas dos ditos e não ditos, os explícitos e implícitos. Da mesma maneira se comportam os estudos autobiográficos, pois não podem ser apenas “uma agradável narrativa de lembranças contadas com talento: “ela deve manifestar um sentido, obedecendo às exigências frequentemente contraditórias de fidelidade e coerência” (LEJEUNE, 2008, p. 71).

Damião (2006) afirma que, no contexto atual, a autobiografia não se refere à ideia de purificação do eu, surgindo como ideia de desenvolvimento, isto é, alguém se torna o que é. O ato de escrever passa a ser a fonte reveladora das condições históricas que possibilitaram a existência do indivíduo narrado.

Na elaboração deste trabalho, procurei suprimir, na medida do possível, o esquematismo funcionalista que permeia a prática acadêmica. Tentei desvelar aquilo a que me propus, organizando o entendimento através de descrições e reflexões, que permitiram palmilhar aspectos da trajetória de José Simeão Leal, personagem epicêntrica deste estudo, assim estruturado:

No capítulo segundo, denominado **TRAJETÓRIAS EM MUITOS DESLOCAMENTOS**, procurei imprimir os percursos feitos por José Simeão Leal e os espaços que ele ocupou ao longo de sua vida, compreendendo os vários estados sucessivos no qual se desenrolaram suas estadas, partidas e retornos, sem se ater a regras ou conservadorismos de sua formação inicial em Medicina, porquanto era um sujeito capaz de driblar as frestas do poder e suas relações missivistas. Personagem singular que, dada a narrativa de sua vida, construída através de seu acervo pessoal, conseguiu significar-se como único, mas plural.

Narrada, no capítulo segundo, a trajetória pessoal, que se inicia com seu nascimento em 1908, até 1946, quando de seu retorno em definitivo para a Capital Federal, frutificou o terceiro capítulo, intitulado **FAZERES E VIVERES**, As atividades do cotidiano de José

Simeão Leal, sobretudo, as profissionais, que lhe tomavam todo o tempo, inclusive nas rodas de conversas entre os amigos, é o que persigo neste capítulo, fundamentado nos documentos constantes, exclusivamente, de seu arquivo privado pessoal, espaço considerado autobiográfico, armazenador de depoimentos escritos de quem o acompanhou, recortes de jornais, entrevistas concedidas por ele mesmo, cartas, e, fundamentalmente, na qualidade, quantidade e diversidade da produção editorial que administrou e desenvolveu sob os seus auspícios. Assim, entendendo que o fazer estava para Simeão na mesma relação e proporção do viver, tentei desvendar o Simeão editor, artista plástico, protetor e editor público, adido cultural, professor, diretor de centro universitário, um homem múltiplo, amante, um Simeão constitutivo de seu papel social e cultural.

JOSÉ SIMEÃO LEAL: O HOMEM DOS CADERNOS é o título do quarto capítulo, que retrata sua prática editorial, sobretudo referente aos Cadernos de Cultura, publicação tomada neste estudo como reflexo do trabalho de editor público, capaz de valorizar talentos e unir, numa mesma publicação, nomes já consagrados e outros ainda em descobertas ou totalmente desconhecidos. Assim, reconheço aqui o seu esforço em prol da circulação desses escritos, possibilitando o acesso ao livro como política pública.

No quinto capítulo, **SANTUÁRIO DE GENTE**: a biblioteca pessoal de José Simeão Leal, caminhei pela sua biblioteca pessoal, com o objetivo de descortiná-la, invadi-la e, sobretudo, compreender sua formação, sem desconsiderar que, para ele, a biblioteca funcionava como um lugar de gente, representado pelas múltiplas vozes dos autores e seus personagens, além de evidenciar as dedicatórias enquanto notas marginais que traduzem sua relação com intelectuais e literatos de seu tempo.

Por fim, nas considerações finais, sob o título **ENCERRANDO A NARRATIVA, ANTES DE DEIXAR O ARQUIVO**, foi possível extrair da diversidade de seus objetos e documentos o que Foucault (1992) chama de escrita de si, ou seja, a representação do *ethos*. Esse material se constituiu como fonte autobiográfica por terem sido acumulados por ele, e como tais, intencionalmente revelam sua trajetória no meio editorial, artístico, político, literário e cultural, tanto em nível nacional quanto internacional. Quando passei a ver a produção de José Simeão Leal, segui na direção de seu legado, tomando-o como grande articulador e disseminador da cultura brasileira. É correto afirmar que Simeão construiu e edificou sua autoimagem de intelectual e ocupou o lugar que lhe coube na *República das Letras*. Assim, ele vive no presente pelas reminiscências do passado, fundamentando, desse modo, sua autobiografia.



2 TRAJETÓRIAS EM MUITOS DESLOCAMENTOS

2 TRAJETÓRIAS EM MUITOS DESLOCAMENTOS

[...] não podemos compreender uma trajetória [...], a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou.

(BOURDIEU, 2005b, p. 82)

A vida de José Simeão Leal se presentificou por sucessivos deslocamentos, ora sob a perspectiva familiar, pessoal, ora profissional e social, em que o passado se interligou por linhas sutis com o presente. Os diversos espaços ocupados por ele não só se entrelaçaram com seu passado pessoal, como também alocaram reminiscências de um passado familiar e, de certo modo, calcado em aspectos políticos e culturais. O poder político familiar poderá ter pesado a seu favor, pelo menos nos primeiros anos de vida, em que buscou firmar-se como profissional, fugindo às regras de sua formação em Medicina, ou seja, um sujeito que, dada a narrativa de sua vida, construída a partir de seu acervo pessoal, não consegue significar-se como único, mas plural.

Nesse sentido, o espaço profissional e social ocupado por José Simeão Leal firmou-se nas relações com o seu passado. Evidentemente, como menciona Kofes (2001, p. 24), “se falamos de trajetória, ou de itinerário, estaremos privilegiando o caminho, o percurso”. E falar em itinerário, como aponta Augé (1994), é falar de partida, de estada e de retorno, mesmo que se deva entender que há várias partidas, que a estada é também viagem e que o retorno não é jamais definitivo.

Corria o ano de 1996, quando o Jornal *O Estado de São Paulo* noticiava para o Brasil a crônica de Rachel de Queiroz, intitulada *José Simeão Leal*, em que a autora registrava: “Morreu esta semana, precisamente, a 2 de julho, alguém cuja perda vem afetar profundamente a cultura nacional: José Simeão Leal, nascido em Areia, Paraíba”, terra predestinada a frutificar homens de letras e cultura. Em sua crônica, a escritora lembrou as origens familiares de José Simeão Leal, fazendo menção a seu tio, José Américo de Almeida, na qualidade de “grande e inesquecível” escritor, para, em seguida, retratar as razões pelas quais ela julgava ser uma perda a morte anunciada para o campo cultural

brasileiro, embora reconheça que o próprio Simeão não se julgava um efetivo colaborador, mas, apenas, um “produtor e protetor da cultura”. Porém, foi como Diretor de Documentação do Ministério da Educação e Saúde que ele alterou o papel institucional, deixando para trás as funções meramente burocráticas, “um nicho acumulado de relatórios, num verdadeiro centro cultural, efervescente, vivo, frequentado pelo melhor da inteligência do País”.

O local, a que se referia Rachel de Queiroz, situava-se no nono andar do Prédio em que se localizava o Ministério, uma sala de tamanho mediano, em que era possível abrigar as múltiplas vozes, “um comício de falares regionais”, como observou Drummond de Andrade (1965), *Jornal Folha da Tarde*. Para ambos os escritores, naquela sala, era possível discutir literatura, história, música e pintura. Para eles, o “Salão Literário de Simeão” era um espaço possível para tratar da vida brasileira em todos os seus aspectos.

Simeão viveu 87 anos de múltiplos fazeres e viveres. Como bem disse Rachel de Queiroz, “uma espécie de usina cultural”. Ninguém sabe porque se formara em medicina, mas deve tê-lo feito cumprindo aquela obrigação a que todo “moço de boa família”, na província¹⁵, é praticamente forçado: possuir o diploma de doutor. “Que eu saiba nunca o vi ou ouvi falando em assuntos médicos. E na verdade foi ele quem mudou o nome do Ministério da Educação e Saúde para Ministério de Educação e Cultura”.

Sempre interessado em artes plásticas, foi diretor e consultor cultural do MAM; nos últimos anos de vida, já meio combalido por aquele exigente e exigido coração, o paraibano dedicou-se mais à pintura e ao desenho. Tenho aqui, diante dos olhos, o último presente que ele me mandou (o nosso intermediário era o porteiro dele, que fora antes nosso porteiro aqui no Leblon). É uma folha quase branca, com um grande círculo amarelo-avermelhado, solitário, no meio do branco, dando uma impressão solar de luminosidade, solidão, beleza (QUEIROZ, 1996, f. D20).

Com todas essas virtudes literárias, plásticas e culturais, Simeão cultivava a arte particular de se fazer querido. Encontrá-lo na rua, na casa dos outros, nas editoras, era sempre uma festa de risadas, de informações curiosas, irônicas, engraçadas, oportunidade única para Rachel de Queiroz (1996, f. D20) testemunhar em crônica a conversa interessantíssima entre ambos:

¹⁵ Estou usando o termo “província” não como uma unidade administrativa, posto que, para a época, o correto fosse estado, mas estou utilizando-o com o significado de uma região com ideias provincianas e arraigadas nos moldes tradicionais.

A última vez em que o encontrei, na rua, depois de conversarmos um pouco, Simeão se despediu às pressas, porque Eloah já o esperava não sei onde e eu disse: “Adeus, minha flor”. E ele, que fizera a meia-volta para ir embora, virou-se para mim e deu aquele sorriso aberto: “Adorei ser sua flor!”. Foi a última vez em que nos vimos. Falávamos ao telefone. Eloah às vezes se queixava das estripulias que ele cometia contra a saúde; mas principalmente falávamos de quem escreveu isto e aquilo, de quem andava pintando uma barbaridade; ah, Simeão, os artistas brasileiros perderam um grande animador e mestre.

Nos últimos tempos, Simeão andava mais esquisito, queixava-se Rachel de Queiroz: “Já doente, quase não telefona: ‘A gente fica velho, fica ingrato’, disse-me ele certo dia. E não se se referia só a ele, mas principalmente a mim, velha também. Foi quando lhe agradei entusiasmadamente o quadro do sol vermelho”. Prossegue a autora em crônica/homenagem a José Simeão Leal, uma espécie de despedida, pois a morte triunfara:

Ah, vida, vida. Longa demais, curta demais. Os melhores estão indo embora, tantos, tantos, que até assusta a gente, que talvez por medo da solidão, pensa em ir embora também. Será que por aí está crescendo nova geração de boas cabeças, de belos talentos, para tomar o lugar dos que se vão? Simeão diria que sim, ele acreditava nos moços, principalmente nos moços (QUEIROZ, 1996, f. D20).

Assim, Rachel de Queiroz emenda as pontas do fio e arremata sua homenagem póstuma ao grande amigo, com a convicção sempre oportuna de que José Simeão Leal cumpriu a vida de forma plena.

2.1 A família Santos Leal

Areia desenvolveu e abrigou inúmeras famílias, “gente opulenta” e de “boa linhagem”¹⁶, entre as quais, a família Santos Leal, que cresceu como proprietária de terras, políticos e comerciantes. Os primeiros registros que se tem sobre a família Santos Leal

¹⁶ A esse respeito, consultar a tese de autoria de MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. *Gente Opulenta de Boa Linhagem*: família, política e relações de poder. 2005. 284f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

datam do início do Século XIX e surgem com José Antônio dos Santos Leal¹⁷ e Maria dos Santos Leal, pais de doze filhos, dos quais se destaca Joaquim dos Santos Leal, chefe da irmandade, senhor de terras em Areia, comandante da Guarda Nacional e líder da facção Liberal e revolucionário da insurreição Praieira¹⁸.

Não se pode dizer que Areia seja o berço dos Santos Leal, contudo se pode afirmar que essa cidade foi, por muitos anos, o lugar privilegiado da família. O Brejo de Areia, como era conhecido nos Séculos XVIII e XIX, era habitado pelos índios Bruxaxá, da nação Cariri. Ao que tudo indica, a povoação de Areia, fundada por portugueses, surgiu nos idos do Século XVIII, embora os primeiros registros de sua história, a que tive acesso, datem do começo do Século XIX. Expulso de sua terra, o homem nativo cede lugar ao colonizador português. Essa cidade, foi firmada na categoria de Freguesia¹⁹, desde 1814, através do Alvará de 22 de junho do mesmo ano, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição (ROHAN²⁰, [1870?], f. 151). O

¹⁷ Oriundo, provavelmente, da cidade do Recife/PE, exerceu as atividades de mascate. Ao estabelecer-se na cidade de Areia, no início do Séc. XIX, tornou-se comerciante e dono de terras. Veio a falecer em 1834, tendo sido membro da câmara municipal e revolucionário de 1824, na Confederação do Equador.

¹⁸ Apesar de autores como Marson (1980); Machado (1983); Mariz (1946); Barros (1973); Quintas (1967) e Fiúza (2002) denominarem o evento de movimento, revolta ou rebelião, para fins deste estudo, adotei a expressão insurreição, compreendendo-a como uma contraposição à ordem vigente estabelecida pelo poder dominante (BRAVO, 2000). Segundo Marson (1980), a insurreição foi motivada pelas restrições impostas pela Inglaterra no que diz respeito ao tráfico intercontinental de escravos, resultando, assim, em uma prática de contrabando por parte dos senhores de engenhos. Agregue-se, ainda, a esse fato a questão do monopólio de terras, comercial, industrial e artesanal, desencadeando a insatisfação popular e de parte da elite proprietária de menores posses, da região norte de Pernambuco, contra os latifundiários da Zona da Mata e os comerciantes portugueses, além da permanente disputa entre conservadores e liberais, com a participação de paraibanos, como Joaquim José dos Santos Leal (Major Quincas), que era tio-bisavô de José Simeão Leal. A esse respeito, consultar as obras de Mariz (1946); Marson (1980) e Fiúza (2002). Joaquim José dos Santos Leal envolveu-se politicamente com o partido liberal, porém sua trajetória pessoal foi marcada, também, por seu trágico envolvimento com Carlota Lúcia de Brito, levando-o à prisão. O casal foi julgado e condenado pelo assassinato de Trajano Alípio de Holanda Chacon, liderança conservadora em Areia. Transferido logo após o veredicto para Fernando de Noronha, Joaquim José dos Santos Leal cumpriu pena até a morte. Cego, envergonhado, traumatizado e triste, sofria as consequências de suas ideias liberais e de sua insólita aventura amorosa (ALMEIDA, 1980). A partir de então, a família Santos Leal sofreu com os vestígios desse acontecimento. Alguns membros deixaram a cidade de Areia, espalhando-se pelo estado. O caso Carlota inspirou, em 1982, o primeiro longa metragem, em cores, produzido na Paraíba por Machado Bittencourt, baseado nas representações construídas por ALMEIDA, Horácio de. *Brejo de Areia: memórias de um município*. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 1980. A esse respeito, consultar a página 40 do Laudo Técnico do Acervo Machado Bittencourt, realizado no ano de 2006 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (IPHAEP), através da Coordenadoria de Assuntos Históricos, Artísticos e Culturais (CAHAC), sob a Coordenação das historiadoras e arquivistas, Laudereida Eliana Marques Moraes e Maria da Vitória Barbosa Lima.

¹⁹ Ver documento da CONSULTA da Mesa de Consciência e Ordem, Rio de Janeiro 29 de janeiro de 1813, pertencente ao Arquivo Nacional.

²⁰ Henrique Beaurepaire Rohan, presidente da Província da Parahyba do Norte, entre os anos de 1856 a 1858, escreveu o manuscrito intitulado *Chorografia da Parahyba do Norte*, provavelmente, na década de 1870. Os originais encontram-se na Biblioteca Nacional com a localização seguinte: 4, 3, 23.

processo de sua criação se inicia em 1811, quando da solicitação, através de um requerimento ao ajudante Antônio José de Barros, administrador do Patrimônio da Capela de Nossa da Conceição, da sua divisão da freguesia da Igreja Matriz de São Pedro e São Paulo de Mamanguape, e a criação de uma nova freguesia na dita capela para atender às almas dos fregueses lá existentes.

A povoação foi instalada em 30 de agosto de 1818, sob o comando solene do Ouvidor Geral, André Pereira Cirne, ecoado pelos aplausos da população que assistia ao ato e, em seguida à escolha, em assembleia, dos vereadores que, a partir daquele momento, conduziram os destinos da nova Vila (ALMEIDA, 1980). E, muito depressa, havia Areia de passar à frente de todas as outras vilas já existentes, favorecida por circunstâncias climáticas e de solo fértil, tornando-se fornecedora de rapadura, cereais, legumes, farinha de mandioca, polvilho, aguardente, algodão, gado vacum, café em menor escala, entre outras especiarias, transformando-se no “celeiro dos sertões” (ROHAN, [1860?], f. 54); (FIUZA et al., 1998, p. 18), e centro de comércio, um verdadeiro “oásis da redenção”, na visão ufanística de Almeida (1980, p. 36). A Vila se desenvolveu e foi elevada à condição de cidade pela lei provincial nº 2, de 18 de maio de 1846.

Na Terra dos Bruxaxá, frutificaram as letras e os ideais libertários de seus filhos. Essa ‘pequena grande’ territorialidade provinciana teve, ainda no Século XIX, um cotidiano pontuado por florescimentos políticos, intelectuais, culturais e educacionais que diferenciaram seu lugar na estrutura vigente de uma sociedade marcada por atrasos herdados do período colonial. De outro modo, essa cidade lança-se sob um ativismo cultural, educacional e político, rompendo, em alguns momentos, as imposições do regime imperial. Nesse lócus, têm-se os primeiros registros da família Santos Leal.

Cidade bucólica de arquitetura colonial, Areia encontra-se na zona intermediária entre o Agreste e o Sertão. Mostra-se exuberante em sua vegetação que, extensa, cobre a terra feroz. É no final do Século XIX que entra no cenário político o paraibano Antônio Simeão dos Santos Leal, tio paterno de José Simeão Leal. Nasceu na cidade de Areia, em meio às reminiscências ainda conflituosas da família Santos Leal, em 11 de maio de 1874. De refinada educação, Antônio Simeão dos Santos Leal exerceu atividades de mascate no interior da província, mas se firmou como comerciante em sua cidade natal, em sociedade com seu pai. Todavia, não descuidou de sua formação básica, buscando dar-lhe continuidade. Ingressou no Lyceu Paraibano por volta de 1893, através do curso preparatório que o levaria à Faculdade de Direito na cidade de Recife e se tornou bacharel em 1896, aos 22 anos de idade. Pouco antes mesmo de sua formatura, ele retornou à cidade de Areia para exercer,

por nomeação, o cargo de Promotor Público, depois ocupou o cargo de Juiz de Direito da Borborema (atualmente cidade de Cuité). Foi nomeado, ainda, Presidente da Comissão Judiciária, encarregada de instaurar inquérito, na cidade de Princesa Isabel, em um crime de homicídio praticado contra um médico local.

De atuação jurídica passageira, Antônio Simeão Leal logo seguiu a tradição de seu tio-avô, Joaquim José dos Santos Leal, envolvendo-se na política em 1895, levado pelo primo, Monsenhor Walfredo Soares dos Santos Leal. Com apenas 21 anos, tornou-se, na República, um líder respeitado do Partido Republicano da Paraíba. Sua forte e corajosa atuação traz à cena a família Santos Leal, fazendo-a ressurgir das cinzas. Assim, ressaltou, ainda mais, o passado esquecido, um poder sucumbido, pois, ligado por laços de parentesco, aliou-se ao alvarismo, na luta contra os Cunha Lima, em Areia, do Partido Autonomista²¹. Projetou-se para fora dos limites municipais, assumindo a chefia de polícia local e, posteriormente, do estado, cargo que, na Primeira República, tinha grande prestígio. Figurava entre as posições públicas mais influentes do governo²², na administração do Desembargador José Peregrino de Araújo (1900-1904), tornando-se o homem de confiança e predileção sucessorial.

A esse respeito, relata Trigueiro (1982, p. 27-28): “Peregrino [José Peregrino de Araújo] tomou-se de encantos por seu Chefe de Polícia e quis fazer dele o seu sucessor na Presidência do Estado. Para isso, foi ao extremo de reformar a Constituição. [...]”. Essa ideia foi considerada como inoportuna por Álvaro Machado, que via na atitude do Presidente uma ameaça ao seu prestígio e contestação da sua autoridade. Em face dessa interpretação, Álvaro Machado retorna do Rio de Janeiro para o estado e se candidata ao cargo, deixando Antônio Simeão Leal com a vice-presidência. A manobra política adotada por Álvaro Machado “visou menos à eleição do que ao impedimento de Antônio Simeão Leal ao Cargo” (TRIGUEIRO, 1982, p. 24), considerando a falta de confiança que lhe depositava. Eleito, Álvaro Machado, engenhosamente, faz outra manobra política, pois se destituiu do cargo e passou às mãos de Walfredo Soares dos Santos Leal, que, por sua vez, deixa sua vaga na Câmara dos Deputados, e é substituído por Antônio Simeão Leal, cuja atuação naquela Casa legislativa só teve fim

²¹ Segundo Gurjão (1994), na Paraíba, entre os anos de 1892 e 1908, havia dois partidos políticos: o Partido Republicano da Paraíba, sob a liderança de Álvaro Machado, cujos partidários eram conhecidos como alvaristas. Era a coligação dominante; e o Partido Autonomista, que fazia oposição, liderado por Venâncio Neiva, cujos partidários eram denominados de venancistas.

²² A esse respeito, consultar Trigueiro (1982, p. 27).

com sua morte, em 13 de novembro de 1921, aos 47 anos, deixando viúva Amélia Regis, única herdeira, com quem contraíra matrimônio em 1901.

De abnegada qualidade política, Antônio Simeão Leal conquistava as pessoas, todavia “transigiu Simeão e esse é um ponto de fraqueza na sua carreira, amoldando-se aos estilos da política do tempo, ou – quem sabe – de todos os tempos” (PEREIRA, 1974, p. 19). A partir de então, passou a caminhar sozinho. Ele fazia seu próprio percurso político e se reelegeu sempre pela oposição²³, situação galgada por suas posições e sua maneira polida de conduzir os assuntos políticos. Ainda segundo Pereira (1974), o deputado era um excepcional servidor do povo paraibano. Servia a todos, indistintamente, independentemente de ser seu adversário ou não. Essa maneira amistosa de servir foi, aos poucos, permitindo seu livre trânsito entre todos os correligionários e futuros correligionários, como comumente tratava seus opositores. Referindo-se ao Deputado Antônio Simeão Leal, Almeida (1980, p. 177) assinalou que, dos políticos da Paraíba, ele foi o mais popular, “sem preocupar-se jamais em cultivar personalidade encantadora. Com esse dom de espírito, nascido da bondade natural, prendia amigos e desarmava inimigos”. Tinha como princípio não alegar favores nem cobrar recompensa, pois “nada fazia com objetivos políticos”.

Sobre o assunto, acrescenta Mariz (1945, p. 12):

Este Simeão, Antonio Simeão dos Santos Leal, era também outra bela expressão d’alma da família areiense. Quando eu era estudante, começava a garatujar bobagens na imprensa e adotava como próprios os pontos de vista e combates de Artur Aquiles, fui inimigo de Simeão. Tinha horror ao que me parecera sua responsabilidade nas perseguições contra os Cunha Lima e no empastelamento de jornais da Capital. Ataqueei-o muito, ataques a que em minha jactância juvenil eu atribuía muita importância e dos quais ele talvez nunca

²³ Entre os anos de 1908 e 1912, os partidos políticos paraibanos eram denominados de Partido Republicano Conservador da Paraíba, sob a liderança dos alvaristas e venancistas, e de Partido Democrático, constituído por dissidentes e velhos liberais inconformados com o conservadorismo do Partido Republicano. Os anos de 1912 a 1915 ficaram conhecidos, na historiografia política paraibana, como o período de transição do domínio alvarista para o epitacista. Em 1912, morre Álvaro Machado e surge, como a grande liderança local, Epitácio Pessoa. Em 1915, Epitácio Pessoa torna-se a liderança máxima do partido e do estado, sob a insígnia do Partido Conservador Paraibano, uma das facções do Partido Republicano Conservador, na Paraíba. A família Santos Leal e outras, como a dos Machado e dos Milanez, permanecem no Partido Republicano Conservador da Paraíba, agora como oposição aos epitacistas. A esse respeito, consultar Gurjão (1994) e Lewin (1993).

deu fé ou nunca haja sentido a dor de nenhum. Mas se deu e sentiu, desdenhou, revelou, por cálculo, por experiência, por bondade, como fazia com os de todo mundo. Por isso todo mundo acabava rendido ao seu coração, digamos mesmo, ao seu encantamento.

Esse encantamento parece fluir como característica familiar dos Santos Leal, a exemplo de Joaquim José dos Santos Leal, Antônio Simeão Leal e, na geração seguinte, José Simeão Leal. Todos com boa retórica e capacidade de envolver as pessoas pela afetividade. Em relação a Antonio Simeão Leal, Mariz (1945, p. 164) expressa:

Mas Simeão era a simpatia em pessoa. Tratar com ele era arriscar-se à fascinação que se desprendia de qualquer força envolvente da sua personalidade. Foi assim que o vi anos depois de minha ogerisa e oposição, tão contente em me conhecer, tão admirado, tão disposto a me servir, se eu tivesse precisado dele. Que Simeão tinha mania de servir, de ser útil aos paraibanos que o procuravam aqui ou no Rio [de Janeiro], onde alcançou muitas relações e muito prestígio nos ministérios e nas altas rodas políticas. Gostava de agradar, de enleiar os contrerrôneos. [...] Simeão não era destes, servia mesmo, trabalhava devotadamente, acompanhava o amigo nas repartições, arranjava o emprego, comprava a passagem do contrerrâneo pobre, lembrando-se de qualquer voto ou obséquio, esquecendo, perdoando, desprezando qualquer passado de divergência e de amargura²⁴.

Para além de político e jurista, Antônio Simeão Leal dedicou-se, em 1899, à carreira editorial, fundando o Jornal *Cidade de Areia*, de teor político, que teve pouca duração²⁵. No jornal, exerceu, provavelmente, atividades de editor (ALMEIDA, 1980), atividade que, em 1947, seria seguida por seu sobrinho José Simeão Leal, com uma significativa diferença, considerando que a carreira de editor do sobrinho foi assumida por ocasião da ocupação do cargo de Diretor de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, na cidade do Rio de Janeiro.

²⁴ A descrição feita por Mariz (1945, p. 164) parece ter sido ratificada pelo poder público, que o homenageia com o nome de rua, nas cidades de Campina Grande e Santa Rita, e com uma Praça Pública, na cidade de João Pessoa/PB. Essa ressalva se torna importante pela persistente confusão que faz, ao dizer que as homenagens correspondem a José, quando, na verdade, correspondem a Antônio Simeão Leal, seu tio, a exemplo da notícia veiculada no Jornal A União, datado de 11 de novembro de 2008, por ocasião das comemorações alusivas ao seu centenário de nascimento.

²⁵ Apesar das buscas nos arquivos da Paraíba e de outros Estados, não foi localizado nenhum exemplar desse jornal.

Enquanto Antônio Simeão Leal abraçou a carreira política, seu irmão, Alfredo Simeão dos Santos Leal seguiu outra tradição familiar, tornando-se comerciante em Areia, dono de seu próprio estabelecimento. Registra Almeida (1980, p. 176) um episódio ocorrido nas dependências do comércio de Alfredo Simeão dos Santos Leal:

Poucos meses depois de haver [Antônio] Simeão Leal assumido a Chefatura de Polícia [...]. Era comandante do destacamento local o tenente Garcez, oficial que tinha fama de truculento, sobretudo quando se achava embriagado. Em tais condições procedia com a irresponsabilidade de louco. Em janeiro de 1901, ao cair da tarde de um sábado, já bastante bêbado, entrou no estabelecimento [comercial] de Alfredo Simeão, fez compras e foi saindo sem falar em pagamento. Advertido pelo comerciante, sentiu-se ofendido e, tomado de súbita cólera, sacou de uma faca, não se dando de que investia furiosamente contra o irmão do Chefe de polícia [do Estado]. Acontece que na loja estava também Pedro Simeão [terceiro filho de Laurinda], rapaz resoluto, que trabalhava de caixeiro para o irmão. De um salto, atracou-se com o Garcez, tomou-lhe a faca e ainda aplicou-lhe fortes cachações.

Depois do episódio, o tenente foi ao quartel, encheu-se de armas e soldados e foi, furioso, em busca da família Simeão Leal. Bateu à porta do sobrado, ameaçando lavrá-lo a bala e espada. A portas fechadas, sem reação alguma, encontravam-se Francisco Simeão Soares da Costa, seus filhos, Alfredo Simeão dos Santos Leal e Pedro Simeão dos Santos Leal, e D. Sinhá, de resguardo de uma filha. O fato desastroso comoveu alguns moradores, que foram tentar demover o tenente da ideia, mas ele os recebeu com a mesma ira: “o alucinado oficial correu com todos a golpes de espada e ameaças de fuzilamento” (ALMEIDA, 1980, p. 176), efetivando a promessa, lançando sobre a casa rajadas de bala. Movido por uma momentânea insanidade, o Sr. Pedro Domiciano Marinho, caixeiro-viajante de outro comerciante da cidade, por nome de Belízio Zumba, abriu a porta do estabelecimento, situado em frente ao sobrado dos Santos Leal, em que ficou recolhido para observar melhor o sangrento espetáculo, conforme sugere a narrativa:

Teve a imprudência de deixar acesa a luz do estabelecimento, [...]. O reflexo da luz interna chamou a atenção de Garcez que, num movimento rápido, pegou o infeliz moço e mandou açoitá-lo com tanta estupidez até vê-lo estendido na calçada, como morto (ALMEIDA, 1980, p. 177).

A distração despretensiosamente provocada pelo caixeiro-viajante pode ter sido a causa da salvação da família encurralada no sobrado. No dia seguinte, o tenente veio escoltado e preso para a Capital.

Na sua forma de ser, Alfredo Simeão dos Santos Leal dedicava-se ao comércio, no qual se vendia todo tipo de mercadorias, centralizando os negócios no casarão da águia ou das onze portas, como era denominado, localizado no centro da cidade de Areia, como mostra registro imagético, comércio para a época considerado de grande porte.



Fotografia 1: Fachada frontal da Casa Comercial de Alfredo Simeão Leal, à época na cidade de Areia/PB.

Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Walfredo Silva (Sr. Vavá – Areia/PB)

Foto: Freire, Bernardina



Fotografia 2: Fachada frontal da Casa Comercial de Alfredo Simeão Leal na cidade de Areia /PB em 2008.

Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Walfredo Silva (Sr. Vavá – Areia/PB)

Foto: Freire, Bernardina

Na capital, Parahyba, continuou sua vida de comerciante ao lado do primo e farmacêutico Augusto de Almeida, atuando no ramo de medicamentos, em sociedade igualitária²⁶ com ele. Além de sócio, Augusto de Almeida recebia um pró-labore pelas funções de farmacêutico. Assim, inaugurou, em 31 de julho de 1924, o estabelecimento comercial denominado de Pharmacia Pasteur e Drogaria Pasteur, situada à Rua Maciel Pinheiro, 225, tendo como capital inicial o valor de 150:000\$000 (cento e cinquenta contos de réis), obrigando-se cada um dos sócios a quantia de 75:000\$000 (setenta e cinco contos de réis). Teria a sociedade a duração de cinco anos, podendo se desfazer dela qualquer um dos sócios, desde que pagas e cumpridas todas as cláusulas contratuais²⁷.

²⁶ Sociedade igualitária, com a razão social Almeida & Simeão, registrado na Junta Comercial, em 14 de agosto de 1924.

²⁷ Consultar o Contrato de Abertura de firma, datado de 1924, documento pertencente ao AJSL.

A Sociedade não durou muito. Foi desfeita em 01 de abril de 1932²⁸, por interesse de Augusto de Almeida, passando para o sócio plena e geral quitação sobre o motivo da sociedade em distrato. Cada um passou a tocar o próprio negócio. Alfredo Simeão continuou com a drogaria²⁹, agora situada à Rua Maciel Pinheiro, número 218. Ao que tudo indica, ele necessitou contrair empréstimo ao Banco do Povo, obrigando-se a pagar uma quantia mensal no valor de 1:080\$000 (hum conto e oitenta mil réis), aumentando ainda mais as despesas. Todavia, demonstrava ser um homem de atitudes comedidas, e a sua esposa, Maroquinhas, mulher de forte determinação.

Mãe dedicada, amante dos livros e das letras, D. Maroquinhas dividia seu tempo entre os afazeres do lar, o cuidado com os filhos e a busca pelo conhecimento, mantendo em sua residência uma bela e sortida coleção de livros. Alguns deles, provavelmente, presentes do irmão, o escritor José Américo de Almeida, por quem nutria grande admiração e, também, de outro irmão, Padre Inácio de Almeida, que morava em Roma e alimentava a prática leitora de sua irmã, enviando-lhe, com regularidade, livros e revistas que acreditava serem de seu interesse pessoal e intelectual: “a minha avó era uma amante da leitura, com uma vela acesa, lia escondido de seu pai, já que o mesmo não permitia sob a justificativa de que mulher não era feita para ler”, afirma Iêda Linhares³⁰.

Zácara (2001, apud DUARTE, 2001, p. 139), referindo-se a D. Maroquinhas, com quem convivera na adolescência, ao residirem na mesma avenida no bairro de Jaguaribe, por quem foi influenciada em seu gosto pela leitura, relata: “ela tinha uma coisa que me fascinava, livros então era uma mina de ouro [...] ela tinha o prazer do educador em me ensinar, me emprestava livros”. Nessa trajetória, por vezes arduamente palmilhada, os livros são marcas nos fazeres e viveres de José Simeão Leal.

²⁸ Consultar o Distrato de Sociedade, realizado em 28 de março de 1932, pertencente ao AJSL.

²⁹ Consultar a Declaração para Registro de firma individual, cadastrada na Junta Comercial do Estado, em 20 de abril de 1932. Documento pertencente ao AJSL.

³⁰ Iêda Linhares, em entrevista concedida em fevereiro de 2008, na cidade de João Pessoa/PB.

2.2 Inícios de vida

Ia Alfredo Simeão dos Santos Leal vivendo em sua cidade natal até contrair matrimônio, na primeira década do Século XX, com a areiense, Maria de Almeida Leal, irmã de José Américo de Almeida, filha de Josefa dos Santos Leal e de Inácio Augusto de Almeida e cujos avós maternos eram D. Maria Emília dos Santos Leal e Matias Soares, pais também do Monsenhor Walfredo Soares dos Santos Leal. Do relacionamento matrimonial entre Alfredo Simeão dos Santos Leal e Maria de Almeida - D. Maroquinhas, como era conhecida – nasce o primeiro filho, José Simeão Leal, na cidade de Areia, em 13 de novembro de 1908. Foi batizado na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, no dia sete de Janeiro de 1909, sendo seus padrinhos o tio, político e escritor, José Américo de Almeida, e Nossa Senhora, conforme cópia do batistério, pertencente ao AJSL.

Parochia de N. S. da Conceição de (Areia) (1937)

*Certifico que a flª 29 do livro nº 33 de assentos de Baptizados do Archivo desta Parochia sob o nº 20 se encontra o teor seguinte, Aos sete de janeiro de 1909 na Matriz, Baptizei solenimente O...(José) nascido a 13 de novembro do ano findo. Filho legítimo de Alfredo Simião dos Santos Leal e Maria de Almeida dos Santos Leal, sendo seus padrinhos Dr. Jose Américo de Almeida e N. S. do que para constar mandei fazer este assento que assigno,
Vigo Cª odilon benvindo;
E nada mais continha o dito assento que fielmente fiz copiar do Original a que mi Reporto;*

*Eu fide parochi
Areia, 2-VII-937
Pr. Antônio Costa, Vigário.*

O ano de 1908 projetou significativas mudanças para o estado da Paraíba, principalmente por marcar uma nova cisão no domínio alvarista. A primeira ocorrera em 1904, quando José Peregrino, então Presidente do estado, pretendeu indicar Antônio Simeão dos Santos Leal, chefe de polícia do seu governo, para sucedê-lo, à revelia de Álvaro Machado, líder maior situacionista. Essa nova cisão surgia com a indicação de João Machado, irmão de Álvaro Machado, pois este não queria passar pelo mesmo desgaste que sofrera em 1904, ao indicar alguém fora do seu círculo familiar. Apesar dos enfretamentos ao nome de João Machado, ele é eleito para o governo da Paraíba, para o exercício de 1908 a 1912.

Os anos de 1912 a 1915 são conhecidos como o período de transição da oligarquia alvarista para a epitacista, pois, nessa época, os dois grupos viviam sob a mesma bandeira

do Partido Republicano Conservador da Paraíba (PRCP)³¹. Mas, em 1915, com as eleições federais para a Câmara dos Deputados e o Senado, houve um rompimento definitivo, saindo vitorioso, nas eleições e no estado, Epitácio Pessoa, pois Castro Pinto renunciou, e assumiu o governo o irmão de Epitácio, Antônio Pessoa.

A oligarquia epitacista iria dominar a política paraibana até 1930, quando se dá seu encerramento com os acontecimentos provocados pela morte de seu sobrinho, João Pessoa, e pelo Movimento de 1930. Entre esses processos políticos e sociais narrados, nasce Maria das Neves Leal, única irmã de José Simeão Leal, apelidada de Nevy, que, adulta, casou-se com Pedro Cordeiro, nascendo-lhe três filhos: Ieda Leal Cordeiro, Lúcia Leal Cordeiro e Antônio Alfredo Leal Cordeiro.



Fotografia 3: José Simeão Leal e Maria das Neves Leal (irmã)
Foto: AJSL

A família Santos Leal mudou-se, em 1919, para a capital, estando José Simeão

Leal com 11 anos de idade. Como muitas outras famílias, Alfredo e Maroquinhas deixaram suas raízes e foram para a capital em busca de uma nova estrutura social, econômica, política e cultural, passando a residir na Rua Capitão José Pessoa, inicialmente na casa de nº 98, em Jaguaribe e, em seguida, na casa de nº 177, como mostra o registro imagético número 4, da casa onde residiram até a morte.



Fotografia 4: Residência dos pais de José Simeão Leal
Foto: Kehrle, Luis Carlos

A trajetória de José Simeão Leal vai construindo-se permeada por três atividades básicas: a de comerciante, de seu pai Alfredo, a de político, de seu tio e padrinho, José Américo de Almeida, e a cultural, abraçada no passado, tanto pelo seu tio, Antônio Simeão Leal, irmão de seu pai, quanto por parte de seu tio, José Américo, irmão de sua mãe. Ambos,

³¹ Partido criado em 1910, por Álvaro Machado, para que o antigo Partido Republicano da Paraíba (PRP) fosse incorporado ao Partido Republicano Conservador Nacional, criado também em 1910, para apoiar a candidatura de Hermes da Fonseca para a Presidência da República.

com vocação literária e política, atuantes no campo das letras e da cultura. O primeiro atuando no campo político, comercial e das letras e funda o Jornal *Cidade de Areia*, em sua terra natal. E o segundo, eminentemente, no campo político e literário.

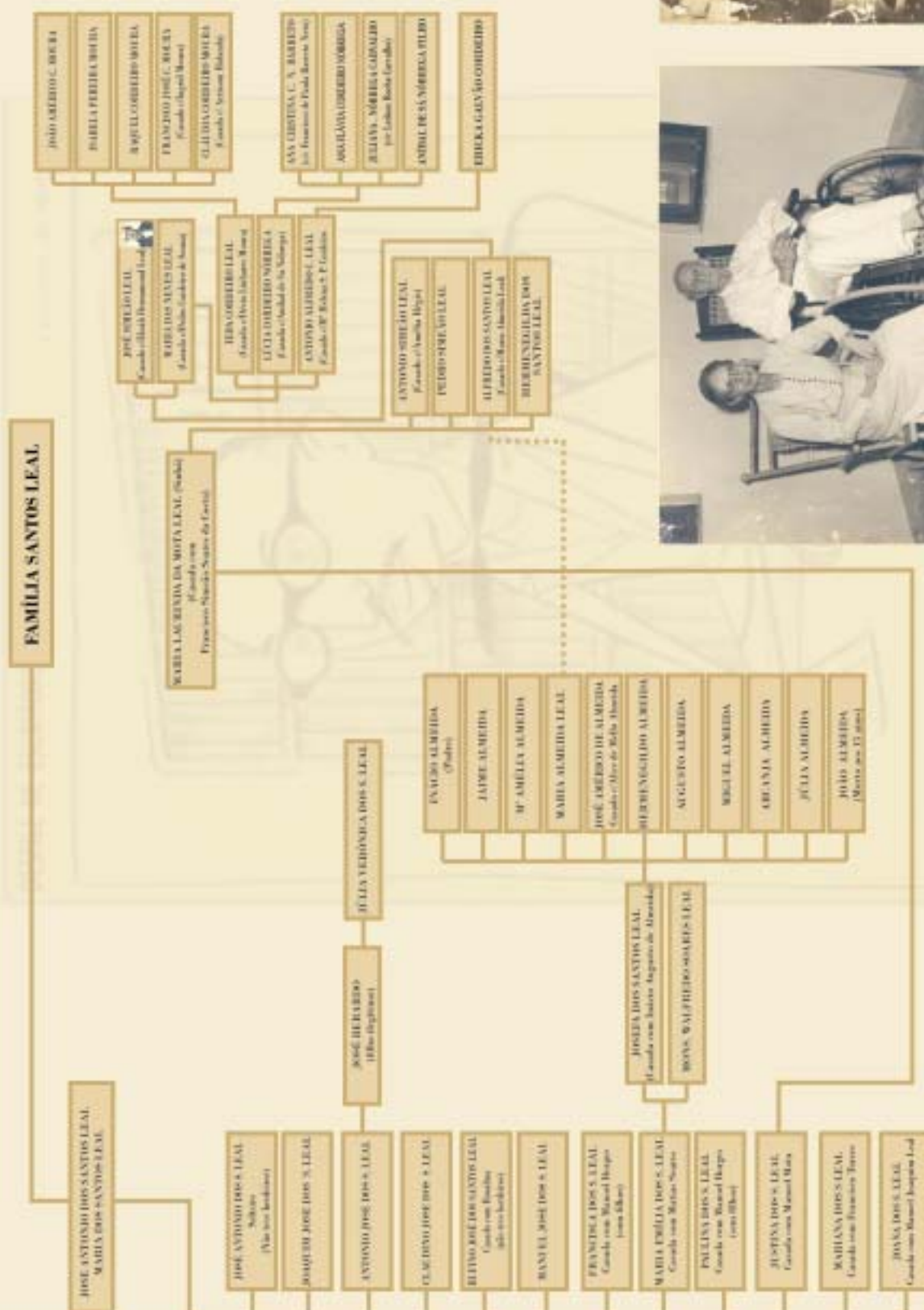
Como seus pais e tios, José Simeão Leal cursou as primeiras letras na cidade de Areia. De família letrada, sua mãe também sabia ler e escrever, dote que a auxiliava no acompanhamento obstinado da educação dos filhos, iniciando os estudos de José Simeão Leal, ainda dentro de casa e, em seguida, nos grupos escolares da cidade natal. A educação formal era reforçada, ainda, pelas longas e indefinidas horas de leitura conjunta, o que contribuiu para a formação de José Simeão Leal como leitor perspicaz e arguto. Todavia, Alfredo e Maroquinhas sempre estiveram preocupados com a formação e a educação dos filhos, levando-os à capital, por ocasião da conclusão do ensino básico do primogênito.

Produto de uma educação tradicional, pautada na estrutura política das velhas oligarquias, alvarista, epitacista e depois americista, José Simeão Leal foi educado nos melhores colégios que a Paraíba tinha na época. Saiu da pequena cidade de engenhos com destino à capital paraibana e, por influência do pai, ingressou, em 1925, aos dezessete anos de idade, no Colégio Lyceu Paraibano, onde cursou o preparatório, obtendo grau sete³². Na ocasião, descobriu o grande amigo de uma vida inteira, Tomás Santa Rosa Júnior. A amizade, alimentada por razões pessoais e intelectuais, levou-os a partilharem experiências em diversas correspondências, até a separação definitiva, causada pela morte de Tomás Santa Rosa, em 1956. Além deste, José Simeão Leal também manteve amizade próxima com Ademar Vidal, Celso Furtado, Mário Pedrosa, entre outros.

Aprovado em Medicina na Universidade do Recife, após cursar o primeiro ano, transferiu-se, em 1927, para o Rio de Janeiro, para a Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro³³, acompanhado dos primos Aderbal e Ney Almeida. Possivelmente, foram

³² Conforme Livro de Atas de 1920 a 1928, página 01, miolo do livro, pertencente ao Arquivo do Colégio Lyceu Paraibano – João Pessoa/PB.

³³ A Faculdade de Medicina foi criada pelo príncipe regente D. João, por Carta Régia, assinada em 5 de novembro de 1808, com o nome de Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia, cuja funcionalidade se restringia ao campo estritamente profissionalizante. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi criada no dia sete de setembro de 1920, com o nome de Universidade do Rio de Janeiro, reorganizada em 1937, quando passou a se chamar Universidade do Brasil. Em 1965, passou à denominação de Universidade Federal do Rio de Janeiro, prevalecendo até o momento atual. Vários estudos foram desenvolvidos sobre a história da UFRJ. Reportamos aqui, especialmente, às obras de: FÁVERO, Maria de Lourdes de A. *Universidade do Brasil: das origens à construção*. Rio de Janeiro: UFRJ: INEP, 2000.; CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade Temporã: o ensino superior da colônia à Era Vargas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.; SCHMIDT, Benício Viero, OLIVEIRA, Renato de, ARAGON, Virgilio Alvarez (Orgs.). *Entre escombros e alternativas: ensino superior na América Latina*. Brasília: UNB, 2000.



Alfredo e Marquinhos
Fonte: ASL



Simulacri e Navy
Fonte: ASIL

Árvore genealógica da família Santos Leal

Almeida, José Américo de. *Antes que me esqueça. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo/ICPq, 1996.*
Documentos cartoriais.

em busca de melhores condições de estudo e de apoio familiar, considerando que morava naquela cidade seu tio e padrinho, José Américo de Almeida. Outro motivo poderá ter sido a efervescência cultural que se instalara na capital do país, tanto que José Simeão Leal começa a se envolver com o meio cultural local.

Ainda estudante de Medicina, em 1932, foi convocado para combater os paulistas, na denominada *Revolução Constitucionalista*, pela Paraíba, para formar o batalhão de estudantes das áreas de Medicina, Engenharia e Direito. Na ocasião, disse José Simeão



Fotografia 5: José Simeão Leal
Foto: AJSJL

Leal: “mamãe não quer que eu vá”, no entanto, contrariando a vontade materna, embarcou, às 4 horas da manhã do dia 26 de agosto, no vapor “Campos”, saindo do Rio de Janeiro com destino ao campo de batalha em São Paulo, Setor Sul, onde serviu nas colunas dos generais Waldomiro de Castilho Lima e Cordeiro de Farias.

O movimento de 1932, ou a Revolução Constitucionalista, como a denominam os paulistas e historiadores, representava a oposição de uma facção da classe dominante que foi desalojada do poder e que lamentava a perda de espaço político, ocorrido em Outubro de 1930³⁴ (CARONE, 1990?).

A participação de José Simeão Leal no movimento armado de 1932, após 32 dias de combate, foi descrita pelo Major Guilherme Falconi, na obra *Soldados da Paraíba*, editada em 1933. Em sua narrativa, assegura o autor: “quero narrar-vos como aconteceram os fatos, sem desejo preconcebido de rasgar a tela em que se vai desenhando um outro quadro para o futuro” (FALCONI, 1934, p.2). E continua:

³⁴ O movimento de 1930 constituiu-se um divisor de épocas. Ele não serviu apenas para marcar um período, o término da República Velha ou Primeira República (1889-1930), mas apresentou uma realidade que revela a falência do sistema político e econômico, até então, vigente no Brasil. A esse respeito, consultar Boris Fausto (1987, p. 112). Frações dissidentes da classe dominante, descontentes com os rumos da política federal, investem no pretense ideário de reorganizar o país, ao modo de seus representantes políticos, nas pessoas de Getúlio Dornelas Vargas (Rio Grande do Sul), Antonio Carlos (Minas Gerais) e com posterior adesão de João Pessoa (Paraíba). O episódio, que provoca o embate político e a união de lideranças de diferentes regiões contra o governo federal, é iniciado com a indicação de Júlio Prestes (São Paulo), feita por Washington Luis, para encabeçar a chapa governista, como candidato a Presidente da República nas eleições de março de 1930. Assim, a indicação de São Paulo destruiu o acordo da política “café com leite”, o que possibilitou o surgimento da coalizão oposicionista, a Aliança Liberal, que lança como candidatos Getúlio Dornelas Vargas, para Presidente, e João Pessoa, como seu vice.

Quatro civis serviram no 1º provisório. Todos inesquecíveis, no tocante a sua profissão. Como ele, o acadêmico de medicina José Simeão Leal, caracterizado por um desassombro tal que me inquietava. Anexou por insistência sua, um posto de socorro, à linha de resistência. Nas horas vagas, víamos-lo sobre as árvores observando o inimigo e, quando por sobre as florestas, as granadas passavam farfalhando, invectiva de chata a artilharia inimiga” (FALCONI, 1934, p.87).

Findada a revolta dos constitucionalistas paulistas, José Simeão Leal retorna, em fins de 1932, ao Rio de Janeiro, para dar continuidade aos seus estudos. Nesse mesmo ano, Augusto de Almeida e Alfredo Leal enviaram para os respectivos filhos, Ney e Simeão, um telegrama datado de 09/08/1932, falando de que fora cogitada a possibilidade de conseguirem para os dois uma colocação na função de Tenente-médico da Polícia no estado da Paraíba. Apesar da possibilidade, e sem maiores explicações, os pais, no mesmo telegrama, aconselharam a não aceitarem essa possibilidade, caso ela fosse ventilada.

2.3 Um sonho na corda bamba

Em busca de sua formação médica, na Universidade do Rio de Janeiro, José Simeão Leal chega à capital brasileira acompanhado de seus primos, Aderbal Almeida e Ney de Almeida, com a mesma finalidade. Na capital federal, dividiam moradia, residindo em vários locais no bairro do Catete, cujas características, nessa época, eram mais para pensão do que hotel. José Simeão Leal e seus primos conviveram também, no mesmo espaço, com Rubem Braga, que relata, em crônica/homenagem ao cinquentenário de José Simeão Leal:

[...] nossa estima já é maior de idade; foi há coisa de 21 anos que resultou vivermos no mesmo hotelzinho do Catete, não me lembro do nome, se Imperial ou Cidade; mas me lembro do hotel. Simeão era igualzinho ao de hoje (BRAGA, 1958).

A ida de Simeão Leal ao Rio de Janeiro e a sua permanência lá foram custeadas por seus pais, que enviavam, quase que mensalmente, verbas para sua manutenção, como se percebe nas cartas de seu pai em que ele informa: “*Vai um cheque de 1:000\$000 junto a esta.*” E acrescenta que “[...] *as couzas por aqui vão muito ruins, o commercio completamente parado, não sei para onde*

vamos, sem se ganhar nada.”³⁵ Compreende-se que o Senhor Alfredo estava preocupado em não poder mais auxiliar o filho. Por outro lado, José Simeão Leal não ficava apenas à espera da ajuda financeira de seus pais, pois se tornou plantonista médico, dividindo suas horas com o estudo universitário.

Sem outras perspectivas, em 1933, José Simeão Leal tornou-se residente no Hospital Escola São Francisco de Assis³⁶ da Universidade do Rio de Janeiro, pelo período de vinte e dois meses, nas áreas de ginecologia e clínica geral, até a conclusão de sua formação médica, em 1934, aos vinte e cinco anos de idade. Em 1935, ele ofereceu seus serviços de médico iniciante, encaminhando, para o Sindicato dos Funcionários do Instituto de Aposentadoria



Fotografia 6: Residentes do Hospital São Francisco
Foto: AJSL

³⁵ Carta manuscrita de Alfredo Simeão Leal, sem data, AJSL.

³⁶ A História da Saúde no Brasil permeia a História do Hospital Escola São Francisco de Assis/ HESFA. Sua criação remonta ao ano de 1876, quando, na presença da Princesa Isabel, foi colocada a pedra fundamental para a construção da hospedaria de mendigos, objetivo para o qual foi criado. Em 1896, a hospedaria de mendigos foi renomeada Asilo São Francisco de Assis. Em 1922, o Asilo recebeu o nome de Hospital Escola São Francisco de Assis, através de um decreto que também criou a Escola de Enfermagem Anna Nery/ EEAN, contando com o apoio da Fundação Rockefeller/ EUA. Já em 1937, o Hospital Escola São Francisco de Assis foi incorporado ao patrimônio da União e transferido à Universidade do Rio de Janeiro. Para outras informações, acessar o site http://www.hesfa.ufrj.br/breve_historico/historico.html.

e Pensões Marítimo, uma proposta de prestação de serviços que, segundo Victorio Gomes de Amaral Alves, Secretário do Sindicato, responde à oferta, em carta datada de 16/05/1935, apesar da boa proposta, não seria possível contratá-lo, sob a seguinte justificativa: “*em virtude de estarmos dependendo da solução de um recurso enviado ao presidente do Instituto, em favor dos associados*”.

Com a péssima condição financeira que parecia querer dominar a situação, José Simeão Leal faz outra tentativa, logrando êxito como plantonista do Serviço Médico da União Trabalhista³⁷. Apesar das dificuldades de médico iniciante, Simeão, muitas vezes, não cobrava pelos serviços prestados, como testemunha a carta datada de 02 de julho de 1936, assinada por D. Luiza Cesar:

Dr. Simeão

Meus cumprimentos

Já que o senhor não quer cobrar os seus serviços profissionais, então peço que aceite esta pequena e insignificante lembrança e os meus sinceros agradecimentos pela dedicação com que me tratou. Eternamente grata. Sua Cliente

Luiza Cesar

Rio 02 de julho de 1936.

A vida de médico iniciante de José Simeão Leal não foi facilitada pela influência de seu tio e padrinho, José Américo de Almeida, na capital federal. Ele precisou, por méritos próprios, buscar sua sobrevivência. Diplomado, ocupou o cargo de médico-adjunto no Hospital Escola São Francisco de Assis da Universidade do Brasil, especializando-se em urologia, em 1937, após quatro anos de residência na casa. Nesse mesmo ano, ainda solteiro e residindo no Hotel Imperial, José Simeão Leal optou, inicialmente, por investir em sua carreira profissional, abrindo seu próprio consultório médico, como ratifica a ilustração 1.

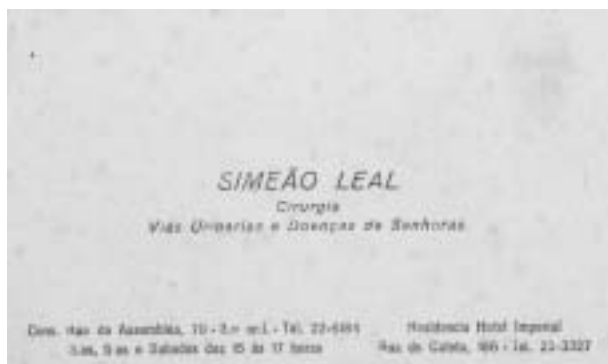


Ilustração 1: Cartão de visita de José Simeão Leal no exercício da medicina

Fonte: AJSL.

³⁷ Carta datilografada em 05 de junho de 1935, assinada por Elyezer Magalhães – Chefe do Serviço de Assistência Médica da União Trabalhista, pertencente ao AJSL.

José Simeão Leal continua a residir como hóspede, no convívio agradável com os amigos que amecallhara ao longo de sua formação médica e outros que, aos poucos, foi conquistando, pelo lado já apuradamente cultural e intelectual, entre os quais se destacam Rubem Braga, Octavio Thyrsó, Valdemar Cavalcanti, José Sañz, Graciliano Ramos, Luiza Barreto Leite e Cândido Portinari. A amizade era tamanha que chegavam a frequentar, quase sempre, os mesmos lugares, como os cafés do Largo do Machado e as tertúlias estudantis e literárias da época.

Simeão, nome pelo qual ficou conhecido em seu meio, adotou um jeito próprio de ser, como descreve Leite (2007, p. 106):

[...] alto, medindo 1,78 de altura, magro, totalmente calvo, olhos amendoados por trás dos óculos redondos, bigode ralo tombado aos cantos [...] suas marcas registradas eram a indefectível gravata borboleta, um inseparável cachimbo e bem no cocuruto, uma protuberância responsável segundo os amigos pela sua viva inteligência, mas que na verdade era a causa como depois ficou comprovado, da dor de cabeça que o atormentou durante anos.

Pode-se acrescentar a essas características um olhar sereno, meigo, contraditoriamente temperamental, curioso e de uma simpatia inigualável, como descrevem Leite (2007) e Drummond de Andrade (1965, p. 4), o qual afirmou: “homem bem humorado e informal [...] sem o menor burocratismo”.

Possivelmente, essas características tenham contribuído para que Simeão conquistasse, logo no primeiro contato, o coração da jovem Eloah Drummond. Gaúcha da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, chegou ao Rio de Janeiro, em viagem acompanhada de seus pais, Sr. Altino e D. Iracema Drummond, no mês de maio de 1937. Simeão logo se encantou por ela, colocando-a no perfil por ele elegido e relatado em carta a Tomás Santa Rosa Júnior:



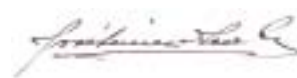
Fotografia 7: Eloah Drummond
Foto: AJSL

[...] eu admiro a mulher nas suas diversas modalidades quer ela fosse muito luxuosa, limusine envolvida em uma riquíssima peleira ou que simples e modestamente vestida _____alto película interminável dos seios. Comparo-nas a um quadro com um ciclo móvel que colocado no salão principal atrai logo _____ era preciso que procurá-la _____ do bem querer que a envolve ocultando dos altares como as epopéias estes seres, como estou transformado! Fogo³⁸ muito em saber da tua metamorfose. [...] Noto no teu estilo uma mudança quase radical não sei se nas tuas frases aquela menção sentimental que envolve a luz brilhante de uma vida alegre e despreocupada e de quem se sente feliz ao lado de sua amada. [...] Para mim a mulher é uma das mais belas criações de Deus e que serve para transformar a nossa vida e alegria e nunca em tristeza. Depois escrever-te-ei com mais vagar dando umas impressões.³⁹



Essa forma amorosa de ver o mundo e suas relações se faz presente e é ratificada nas cartas enviadas ao amigo Tomás Santa Rosa, que lhe disse, em relação ao estado do homem que ama: “tu amas porque és a projeção do eu da mulher amada⁴⁰”, repetindo a frase de um filósofo alemão, de cujo nome ele não se lembrava, mas ratificava que “a monotoneidade da vida só ocorre quando dela não se busca a inteligência e amar é uma delas”. Simeão deixa entrever para o amigo seu fascínio pela imagem da mulher. Em suas cartas, é possível observar sua admiração, descrevendo traços que denotam as características marcantes do corpo feminino. Ele se aproveita dos momentos e de qualquer assunto para trazer à tona essa imagem que tanto marcara seus desejos, como registra em carta datada de, aproximadamente, anos 20:

Não há nada mais agradável do que as tardes do Rio, e esta de hoje é uma das mais lindas que já vi. As tardes do Rio são o melhor presente que tenho da natureza de Deus. Do meu quarto vejo o pitoresco morro da Glória, e o indefectível par de ancas, que é a maior perseguição, ao nosso bom gosto com a insipidez de sua silhueta negra – relevo acima certo que fiz formosura.



Nesse ir e vir da prática epistolar, Simeão ia deixando transparecer o homem, romântico e apaixonado. Eloah se fez presente na vida de Simeão pelo companheirismo, pela força, pela coragem, pelo apoio incondicional e, principalmente, pela beleza e pela

³⁸ Pela liberdade existente entre Santa Rosa e Simeão Leal, este pode ter utilizado como analogia para escrever ao amigo. “Fogo” poderia ser no sentido de “quentura” ou mesmo de folgar

³⁹ Carta manuscrita, sem data, pertencente ao AJSL.

⁴⁰ Carta manuscrita, uma página, pertencente ao AJSL.

juventude. O encontro entre Simeão e Eloah, ela mesma relata em depoimento⁴¹: “conheci Simeão numa viagem que fizemos ao Rio de Janeiro e fomos para o hotel onde ele morava [referindo-se ao hotel Imperial] e, por coincidência nos apaixonamos e casamos em oito meses”, **em uma** cerimônia realizada no dia 10 de janeiro de 1938. Nesse sentido, Simeão declara ao Amigo Santa Rosa: “Escrevi-te uma carta, que lamento não tenhas recebido, pois era um documento interessante, últimos resquícios de uma época que não repetirá. Hoje sou um outro homem”.

Eloah tornou-se, assim, o quadro emoldurado por José Simeão Leal na descrição que fez ao amigo Santa Rosa. Certamente, não foram apenas os atributos físicos de Eloah que conquistaram Simeão, levando-o ao casamento cinco dias depois da data que havia comunicado aos seus familiares. Como questiona D. Maroquinhas, sua mãe, em carta datada de 12 de janeiro de 1938, “[...] Você se casou no dia 5, como mandara dizer na sua última carta?”.

No mesmo documento, a mãe, desolada, desabafou ao filho a dor que sentia e o estado de depressão que a atingia pela perda de sua mãe Josefa dos Santos Leal, em fins de 1936, constituindo-se num impedimento para escrever-lhe com a mesma frequência de antes. Apesar do desabafo e da tristeza que a toma, comunica o casamento de sua filha Nevy com Pedro Cordeiro, previsto para fevereiro de 1938.

Não há indícios da causa do adiamento da primeira data comunicada a seus pais. O certo é que Simeão e Eloah se casaram cinco dias depois da data prevista e firmaram residência no Rio de Janeiro, por aproximadamente trinta dias, no mesmo hotel em que Simeão residia antes de se casar.



Fotografia 8: José Simeão e Eloah Drummond
Foto: AJSJL

⁴¹ Depoimento gravado e concedido ao Professor Francisco Pereira Júnior, em 02 de novembro de 1996, em sua residência no Rio de Janeiro, sob o abalo emocional da recente perda do marido. Fita transcrita por Yêda Lima do Valle, em 30 de outubro de 2008, e entregue cópia da transcrição por e-mail, em 01 de novembro de 2008.

Ao receber a carta de sua mãe, José Simeão Leal resolveu, em comum acordo com Eloah, mudar-se, imediatamente, para a cidade de João Pessoa/PB e nela fixar residência, passando a morar na Rua das Trincheiras, nº 490, com os pais. Após algum tempo, os pais de Simeão se mudam para a Rua Capitão José Pessoa, onde residiram até a morte. O pai, Alfredo, faleceu em 1963, e sua mãe, Dona Maroquinhas, em 1974. Ambos os acontecimentos não foram de imediato presenciados pelo filho, que residia novamente no Rio de Janeiro.

A casa das Trincheiras, inicialmente alugada, foi adquirida por José Simeão Leal



Fotografia 9: Imóvel nº 490 da Rua das Trincheiras, residência do casal Simeão e Eloah
Foto: Kehrle, Luis Carlos

como bem familiar. Nos sete anos vividos na Paraíba, Eloah dedicou-se aos afazeres domésticos e aos cuidados com os sogros, chamando-os de “*meus queridos velhinhos*”. Em retribuição, eles se dirigiam a ela como “*minha querida filha*”. Apesar da boa e salutar convivência com os Santos Leal, Eloah ia alimentando, aos poucos, o desejo de retornar para junto de seus pais, no Rio de Janeiro. Como o casal não gerou filhos, a ausência do esposo, imposta pela atuação

profissional intensa, desencadeou em Eloah uma espécie de solidão, razões que os instigavam a voltar para o Rio de Janeiro.

Ao retornar a João Pessoa, Simeão traz consigo uma “aparente vantagem”: ser sobrinho e afilhado de José Américo de Almeida, que, à época, já se consagrava no mundo político, literário e cultural, sob os efeitos dos princípios ditatoriais impostos pelo Governo Vargas, mantendo-se no Tribunal de Contas da União. Ao que tudo indica, Simeão logrou vaga no mercado de trabalho por méritos próprios, inicialmente vinculado à carreira médica, tornando-se médico-assistente da sessão de cirurgia e ginecologia do Hospital Santa Isabel, da Santa Casa de Misericórdia de João Pessoa e, em paralelo, tornou-se chefe da clínica de urologia veneralógica do Hospital da Força Policial do Estado da Paraíba.

O atendimento médico que devotava Simeão aos seus pacientes tornava-os reconhecidamente gratos. Eles procuravam, de alguma maneira, agradá-lo e enaltecê-lo como profissional. Nemésio - à época Servidor da Comissão de Serviços Complementares de Inspectoria Federal de Obras Contra as Secas - era um desses pacientes que receberam pelos correios os remédios de que precisava e, em contrapartida, divulgaria a competência de Simeão como médico

no Jornal local da cidade de Cajazeiras.⁴² Sua atividade médica parecia intensificar-se, tanto que, em 1938, efetivou-se, por eleição, membro⁴³ da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba.

Além dessas atividades, José Simeão Leal conseguiu ser nomeado professor interino de história natural da Escola Secundária do Instituto de Educação da Paraíba, em 25/02/1938. Ora, ele havia se preparado para o ofício da Medicina, porém o exercício da docência deu-lhe oportunidade, mas, ao que parece, ele não se adaptou de imediato à função, tanto que foi alertado pelo Secretário do Instituto para não se esquecer de aplicar o teste de química, sob pena de ser linchado pelos alunos. Nesse sentido, confessa o secretário: “*nem é bom pensar*”⁴⁴.

Em 1939, foi nomeado presidente das bancas examinadoras de História Natural do Lyceu Paraibano, professor interino de Higiene, em curso complementar da mesma escola e professor de Biologia no Curso Pré-jurídico, aumentando sua vivência pedagógica e ampliando suas possibilidades de manter-se na área de Educação.

Entre os anos de 40 a 43, Simeão Leal foi posto à disposição da Delegacia Regional de Recenseamento, para ocupar o cargo de Secretário. Em 1941, ocupou a função de Diretor do Departamento Administrativo de Serviço Público do Estado da Paraíba (DASP) no governo de Rui Carneiro⁴⁵, em João Pessoa, e foi nomeado em Comissão para o cargo de Diretor da Divisão de Organização e Orçamento do Departamento do Serviço Público, entre outras atividades. No exercício desse cargo, iniciou levantamentos acerca da cultura popular na Paraíba, ação que vai se solidificar em 1949, e, ainda, os hábitos alimentares das famílias locais, cujo trabalho resultou em inúmeras fichas que descreviam a situação alimentar do paraibano e, conseqüentemente, seus hábitos culturais. Essa pesquisa resultou em um amplo acervo que, em 1990, foi cedido à Universidade Federal de Pernambuco, para fins de utilização acadêmica, como fica evidenciado na carta endereçada a Simeão, no mesmo ano, como revela o seu fac-símile:

⁴² Carta manuscrita de Nemésio, datada de 27/09/1938.

⁴³ Certificado datado de 08/03/1938, pertencente ao AJSL.

⁴⁴ Carta manuscrita datada de 27/09/1938, pertencente ao AJSL.

⁴⁵ Rui Carneiro foi nomeado, em 1940. Para o cargo de Interventor Federal do Estado da Paraíba, pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, que correspondia às atribuições de Governador do Estado, permanecendo até 1945. A esse respeito consultar as obras ARNAUD, Antônio Carneiro. *Ruy Carneiro: Paraíba, nomes do século. A UNIÃO: João Pessoa*, 2000 (Serie Histórica n° 35); CARNEIRO, Ruy. *Depoimento* prestado ao Centro de Pesquisa e Documentação de Historia Contemporânea do Brasil, da Fundação Getulio Vargas, em março de 1977 (mimeografado); CARNEIRO, Joaquim Osterne. *Os Carneiros do Sertão da Paraíba e de outras terras: aspectos históricos, políticos, genealógicos*. João Pessoa: Mercado, 2004.



Fac-símile 1 - carta do Prof. Yony de Sá B. Sampaio, Pró-Reitor para Assuntos de Pesquisa e Pós-graduação.

Fonte: AJSL

Recife, 26 de outubro de 1990.

Ilmo Sr.

Dr. Simeão Leal

Temos a satisfação de informar que o precioso material doado por V. Sa. à UFPE ara análise, dado o seu volume ainda não foi devidamente processado. Após digitação completa dos dados será desenvolvida análise múltipla sobre (a) a renda e sua distribuição; (b) o padrão de consumo da época, comparando Capital e Interior; (c) a evolução do padrão de consumo e consumo dos principais alimentos, na qual serão comparado os dados de início dos quarenta com os do final dos sessenta, setenta e oitenta, já processados.

Por fim, gostaríamos, mais uma vez de agradecer a confiança depositada na UFPE e reafirmar que em qualquer documento de análise desse rico material será devidamente ressaltado o enorme trabalho de V. Sa. como pesquisador — autor dos questionários e coletor das informações — e criador desse inestimável acervo.

Atenciosamente,

Prof. Yony de Sá B. Sampaio

Pró-Reitor para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação

Recife, 15 de fevereiro de 1991

Caro Dr. Simião

Estou lhe enviando, em anexo, uma declaração do Dr. YONY SAMPAIO, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco, onde a instituição declara o interesse em ter a guarda dos dados de sua importante pesquisa e garante que em todo e qualquer uso que lhes venha a ser dado necessariamente constará o seu nome como responsável pela idealização, planejamento e coordenação da pesquisa.

Ao entrar em contato com o seu trabalho, através do nosso amigo comum Chico Pereira, considerei ser de grande importância preservá-lo, sabendo, como pesquisador, do esforço desmesurado que este trabalho exige daqueles que ousam levá-lo à efeito, mas acima de tudo por considerá-lo um excelente registro das condições sócio-econômicas da época.

O Dr. YONY SAMPAIO compartilhou da minha opinião e assim através de nosso contato telefônico e de minha ida à sua residência no Rio de Janeiro o material da pesquisa acabou por ser transferido para o Departamento de Economia da Universidade Federal de Pernambuco, onde agora se encontra.

Longo após a chegada do material ao Recife, enviei documento corroboratório de sua saída ao seu endereço à Rua Digenes Sacramento Muelilo, o julguis cumprido as formalidades acordadas.

Nestas últimas dois anos estive em São Paulo, na FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, concluindo o meu doutoramento em Economia. Ao voltar, soube através de Chico Pereira de sua completa desinformação acerca do destino do material após a saída do Rio de Janeiro. Lamentei os transtornos ocorridos e acima de tudo a irreversível desconforto a que ficou submetido o nosso amigo Chico Pereira.

Creio que a sua pesquisa está muito bem preservada na UFPE mas sei que o trabalho lhe pertence e agora a você cabe decidir seu destino. No caso em que decida por retomar sua posse física, esta lhe será entregue em sua residência, tal como foi buscado. De todo modo, torço para que o material continue na posse de uma instituição Nordeste e acredito que o Departamento de Economia da UFPE credenciar-se como depositário.

Aguardando sua decisão, despedir-me com votos de estima e atenção.

Luiz Kehrle

Fac-símile 2 - Carta do Professor Luiz Kehrle do Departamento de Economia/UFPE.

Fonte: AJSL

Recife, 15 de fevereiro de 1991.

Caro Dr. Simião

Estou lhe enviando, em anexo, uma declaração do Dr. YONY SAMPAIO, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco, onde a instituição declara o interesse em ter a guarda dos dados de sua importante pesquisa e garante que em todo e qualquer uso que lhes venha a ser dado necessariamente constará o seu nome como responsável pela idealização, planejamento e coordenação da pesquisa.

Ao entrar em contato com o seu trabalho, através do nosso amigo comum Chico Pereira, considerei ser de grande importância preservá-lo, sabendo, como pesquisador, do esforço desmesurado que este trabalho exige daqueles que ousam levá-lo à efeito, mas acima de tudo por considerá-lo um excelente registro das condições sócio-econômicas da época.

O Dr. YONY SAMPAIO compartilhou da minha opinião e assim através de nosso contato telefônico e de minha ida à sua residência no Rio de Janeiro o material da pesquisa acabou por ser transferido para o Departamento de Economia da Universidade Federal de Pernambuco, onde agora se encontra.

Logo após a chegada do material ao Recife enviei documento comprobatório de sua posse ao seu endereço à Rua Diógenes Sampaio, 18 Humaitá e julguei cumpridas as formalidades acordadas.

Nestes últimos dois anos estive em São Paulo, na FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, concluindo o meu doutoramento em Economia. Ao voltar, soube através de Chico Pereira de sua completa desinformação acerca do destino do material, após a saída do Rio de Janeiro. Lamento os transtornos ocorridos e acima de tudo o imerecido desconforto que ficou submetido o nosso amigo Chico Pereira.

Creio que a sua pesquisa esta muito bem preservada na UFPE mas sei que o trabalho lhe pertence e somente a você cabe decidir seu destino. No caso em que decida por retornar sua posse física, este lhe será entregue em sua residência, tal como foi buscado. De todo modo, torço para que o material continue na posse de uma Instituição Nordestina e acredito que o Departamento de Economia da UFPE credencia-se como depositário.

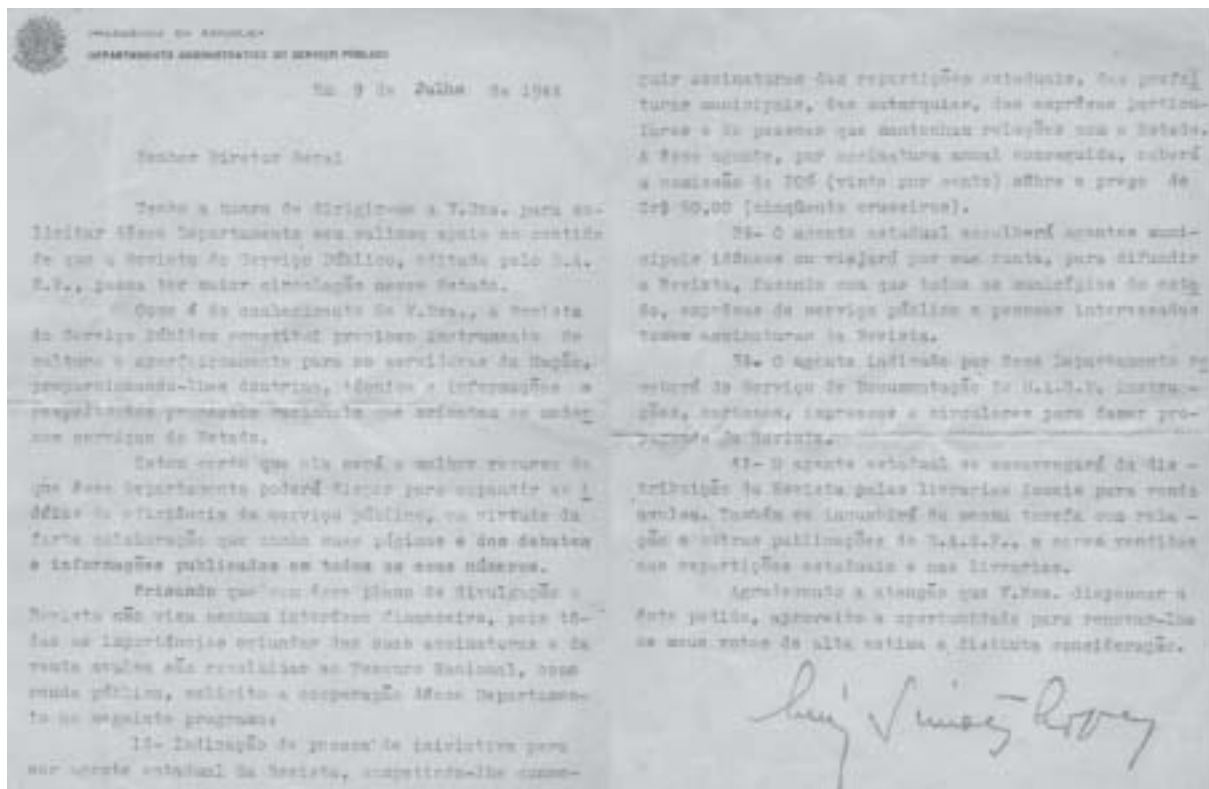
Aguardando sua decisão, despeço-me com votos de estima e admiração.

Luiz Kehrle

Também fora envolvido em outras atividades, conforme cronologia (Apêndice A), as quais lentamente o afastavam das atividades médicas. Foi exonerado, em 1943, do cargo de Diretor do DASP e, em seguida, nomeado membro da Comissão Executiva para concurso de segunda entrância do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários.

Após ocupar várias atividades e funções administrativas no estado, José Simeão Leal foi designado para voltar ao DASP, na qualidade de estagiário. Essa função lhe trouxe sérias perdas financeiras. Apesar de a documentação disposta não revelar as causas desse desígnio, o contexto político da época pode ter concorrido, através da Designação, datada de 27 de dezembro de 1944, de nosso produtor cultural ao DASP, para ocupar o cargo de estagiário. Ao mesmo tempo em que desenvolvia suas atividades de estagiário, por força das circunstâncias, era também designado para membro da comissão executiva para realização dos concursos de escriturário, datilógrafo, coletor, almoxarife e escrivão da Coletoria do Estado, reforçando, mais uma vez, sua capacidade intelectual e profissional para o exercício de outros cargos, bem como os embargos políticos que o afetaram.

Note-se aí a pluralidade de atividades desenvolvidas por José Simeão Leal ao mesmo tempo, com uma capacidade peculiar de adaptação a várias funções, inclusive com mudanças radicais de posição, a exemplo de secretário de recenseamento para exercer as atividades de estagiário no DASP, órgão em que já havia exercido funções de chefia, como mostra a carta datada de 9 de julho de 1944, na qual o chefe Luiz Simões Lopes, do Departamento Administrativo do Serviço Público, solicita seu incondicional apoio.



Fac-símile 3 - Carta de Luiz Simões Lopes

Fonte: AJSJL

Em 9 de julho de 1944

Senhor Diretor Geral

Tenho a honra de dirigir-me a V. Exa. Para solicitar desse Departamento seu valioso apoio no sentido de que a Revista de Serviço Público, editada pelo D.A.S.P., possa ter maior circulação nesse Estado.

Como é do conhecimento de V. Exa., a Revista do Serviço Público constitui precioso instrumento de cultura e aperfeiçoamento para o servidores da Nação, proporcionando-lhes doutrina, técnica e informações a respeito dos processos racionais que orientam os modernos serviços do Estado.

Estou certo que ela será o melhor recurso de que esse Departamento poderá dispor para expandir as ideias de eficiência do serviço público, em virtude da farta colaboração que enche suas páginas e dos debates e informações publicados em todos os seus números.

Frisando que com esse plano de divulgação a Revista não visa nenhum interesse financeiro, pois todas as importâncias oriundas das suas assinaturas e da venda avulsa são recolhidas ao Tesouro Nacional, como renda pública, solicito a cooperação desse Departamento no seguinte programa:

1º - Indicação de pessoa de iniciativa para ser agente estadual da Revista, competindo-lhe conseguir assinatura das repartições estaduais, das prefeituras municipais, das autarquias, das empresas particulares e de pessoas que mantenham relações com o Estado. A esse agente, por assinatura anual conseguida, caberá a comissão de 20% (vinte por cento) sobre o preço de Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros).

2º - O agente estadual escolherá agentes municipais idôneos ou viajará por sua conta, para difundir a revista, fazendo com que todos os municípios do estado, empresas de serviço público e pessoas interessadas tomem assinatura da Revista.

3º - O agente indicado por esse Departamento receberá do Serviço de Documentação do D.A.S.P. instruções, cartazes, impressos e circulares para fazer propaganda da Revista.

4º - O agente estadual se encarregará da distribuição da Revista pelas livrarias locais para venda avulsa. Também se incumbirá da mesma tarefa com relação a outras publicações do D.A.S.P., a serem vendidas nas repartições estaduais e nas livrarias.

Agradecendo a atenção de V. Exa. Dispensar a este pedido, aproveito a oportunidade para renovar-lhe os meus votos de alta estima e distinta consideração.

Luiz Simões Lopes

Ressalte-se, ainda, que a maior parte das funções de chefia foi ocupada durante a vigência do Estado Novo, que emergiu com a Constituição de 1937, substituindo a de 1934. Nas palavras de Vicentino e Dorigo (2001, p. 533), foi “redigida às pressas por Francisco Campos, [...] parcialmente inspirada nas constituições fascistas da Itália e da Polônia”, consolidando ainda mais a centralização do poder estatal, atitude evidenciada no Governo Vargas.

Voltando aos anos vividos por José Simeão Leal, em João Pessoa, pode-se dizer que ele intensificou as relações familiares, a ponto de oferecer a casa em que morava à sua irmã Nevy, trocando-a por outra, alegando que a sobrinha Ieda necessitava de mais espaço físico para brincar. Assim sendo, Simeão Leal optou por morar em uma casa menor, abdicando de seu espaço em detrimento da menina, xodó da família, à época, primeira e única sobrinha. Até os oito anos de idade, Ieda cresceu cercada pelo carinho e pelo dengo dos tios Simeão e Eloah.

Mais uma vez, o sonho de estabelecer-se como médico na Paraíba estava na corda bamba. A falta de oportunidade profissional à altura de sua capacidade intelectual, aliada à saudade que Eloah sentia da capital carioca e também de seus pais, fez o casal mudar-se, em definitivo, para o Rio de Janeiro, deixando Alfredo e Maroquinhas na companhia cuidadosa e generosa de sua irmã, Nevy, e de Pedro Cordeiro, seu cunhado. Assim, o casal, após sete anos de vivência na Paraíba, retornou, em fins de 1946, ao Rio de Janeiro, deixando para trás a casa e boa parte de seus pertences, como o imóvel da Rua das Trincheiras, como esclarece Iêda, em entrevista a mim concedida em fevereiro de 2008, na cidade de João Pessoa/PB.

2.4 Tomás Santa Rosa Júnior: um correspondente da vida inteira

Ao se distanciar da cidade da Parahyba, posteriormente cidade de João Pessoa, pelo período de dez longos anos, em sua fase de estudante, ainda jovem, Simeão Leal desencadeou uma estratégia de sociabilidade, mantendo contatos, em sua terra natal, ora

através de seus pais, ora através de parentes e amigos, minimizando, provavelmente, as agruras de uma vida distante do aconchego de seus familiares e de suas origens. É nessa época que passa a desenvolver sua prática epistolar, principalmente pela falta de disponibilidade de outros meios de comunicação.

Para Dauphin e Pouban (2002, p. 76, 83), as cartas se constituem como um “momento de longa duração [...] um elo de uma cadeia sem começo e nem fim”. Portanto, “ler uma carta é entrar em uma história sem conhecer a primeira palavra, sem saber o que aconteceu antes nem o que chegará depois, o que disse antes, nem o que se dirá depois”. Pode-se compreender essa prática como uma fração combinada de espaço e momento: espaço de construção identitária, de sentimentos, de trocas. Nesse sentido, Gontijo (2004) assegura que a troca de cartas é uma escrita em “trânsito”, pois sua existência é contingencial e flutuante. Portanto, as cartas, assim como outras fontes, são objetos construídos temporal e espacialmente (DAUPHIN; POUBLAN, 2002).

A prática epistolar entre Simeão Leal e Santa Rosa se configura como um espaço informativo sobre os acontecimentos de sua terra, firmando ainda mais sua relação de amizade. Amigo que Simeão deixou na Paraíba e com o qual manteve contato a vida inteira, embora essa relação não seja apontada na obra de Bassante (1982)⁴⁶. O autor vai esboçando, ou melhor, deixando Santa Rosa desenhar seu próprio perfil biográfico, através de pesquisas documentais e entrevistas realizadas entre os anos de 1981 e 1984, quando organizou a exposição *25 anos sem Santa Rosa*. Tomás Santa Rosa, natural de João Pessoa, nasceu em 20 de setembro de 1909, e sua biografia o torna relevante nesta pesquisa pela amizade com José Simeão Leal. A partir da correspondência, colho fragmentos que aproximam essas vidas e delinheio aqui o perfil dessa relação de amizade. Santa Rosa atuava como emissário, remetendo a Simeão notícias sobre a Paraíba e seu comportamento cultural. A correspondência pessoal, trocada entre eles, constitui uma espécie de diálogo intelectual sobre as cidades, os costumes e sobre suas vidas, escritas de e sobre si mesmos, testemunho vivo de suas relações, passagens e cumplicidades.

A prática epistolar aqui analisada se constrói fundamentada em 62 (sessenta e duas) cartas, que compreendem o período de 1929 a 1946, sendo 60 (sessenta) delas

⁴⁶ Apesar do nível de relacionamento mantido entre os amigos, nada é revelado na obra de Cássio Bassante, intitulada “Santa Rosa em cena (1982)”. Apenas o agradecimento do autor ao nome de José Simeão Leal em suas páginas introdutórias, além da reprodução de duas fotografias em que aparecem os dois amigos, constantes das páginas 28 e 29 da mesma obra.

manuscritas e apenas duas datilografadas. A quantidade parece ser pequena, porém vale registrar que Simeão Leal, apesar de viver distante, visitava, com certa frequência, a terra natal e seus pais⁴⁷, o que os tornava ainda mais próximos, mesmo quando, por razões várias, um desses encontros fosse interrompido. Como “*não sei porque não mais te encontrei antes de partires... Apesar de minhas múltiplas atribulações sahi varias vezes a tua procura, não conseguindo realizar o meu intento*”⁴⁸. Considere-se, ainda, que, a partir de 1947, ambos residiam no Rio de Janeiro, dispensando, desse modo, a troca epistolar, pois passaram a desenvolver atividades e viagens conjuntas, até a separação definitiva com a morte de Santa Rosa, no Hospital Willingdon, em Nova Delhi, no ano de 1956, “vítima de enfarte ou, provavelmente, de uma embolia séptica” (BASSANTE, 1982, p.29), acompanhando José Simeão Leal em missão cultural representando o Brasil na IX Conferência da UNESCO naquela cidade. Simeão, em carta a Eloah, datada de 07 de novembro de 1956, reporta-se ao fatídico dia da morte do fiel amigo como: “*uma atmosfera de pesadelo [...] e que não quero reviver*”.

Fora a correspondência com Santa Rosa, Simeão Leal arquivou, durante toda a sua existência, um total de 2007 cartas. É bem verdade que, raramente, ele arquivava cópias de suas correspondências expedidas, entretanto, as aqui analisadas foram adquiridas após a morte de Santa Rosa, passando a fazer parte do Arquivo Privado Pessoal de José Simeão Leal.

Nesta pesquisa, o objetivo, é penetrar no mundo dos dois missivistas como forma de compreender a extensividade dessa relação. A leitura das cartas possibilitou perceber o funcionamento do pequeno mundo que os circundava e como se deve entender a própria noção dessa relação de amizade que perdurou toda uma vida, revelada, inicialmente, pelo tratamento vocativo das cartas passivas e ativas, que sempre traziam expressões como: *caro, meu caro, presado amigo, meu presadissimo, meu amigo, amigo, meu muito amigo, meu preguiçossimo amigo, meu bom amigo e meu velho amigo*. Esta última expressão poderá evocar a ideia do tempo de amizade como também o tempo da maturidade, além de revelar intimidade entre ambos.

Santa Rosa, então com 20 anos, revela seus pontos de necessidades profissionais, quando deixa entrever a Simeão sua vontade de buscar um centro mais desenvolvido que a

⁴⁷ Entrevista concedida por Ieda Linhares à pesquisadora, em fevereiro de 2008, na cidade de João Pessoa/PB.

⁴⁸ Carta manuscrita de Tomás Santa Rosa datada de 31 de agosto de [1931?].

cidade onde reside. Para tanto o faz através de concurso público para o Banco do Brasil, em 1931. Mesmo tendo sido bem sucedido, narra ao amigo:

[...] bem sei que este concurso, como todas as cousas actuaes, não se processa, naturalmente, na razão directa dos valores demonstrados, mas sob os auspícios dos pistolões e de todas as recommendações assignados pelos fazedores da política e já que é preciso ser assim; já que somos forçados a fazer assim: - sejamos e façamos com a situação nos obriga [...]. E é sobre isto que venho pedir de sua amizade, um grandíssimo favor [...]. É possível que ahí entre toda essa novidade do seu convívio haja alguém que no momento actual te possa servir como um intermediário para o meu interesse de ser nomeado...

Alguém cuja família represente no momento, algo de realmente prestigiado que seja um factor, no scenario ambiente, de relevo e de força irradiante.

Santa Rosa, J.

Afirma, entretanto, que sua preferência está em assumir uma vaga em agências do Sul, forma mais propícia para deixar a Parahyba, mantendo a mesma insistência em outras cartas. Não há indícios da interferência direta de Simeão, todavia sabe-se que Santa Rosa acabou sendo “nomeado para uma agência na Bahia” (BASSANTE, 1982, p. 9). Em seguida, transferiu-se para Recife, depois, para Maceió, demitindo-se do Banco em 1932. A seguir, vai para o Rio de Janeiro em busca de seu sonho.

Há, nas correspondências, períodos de espaçamentos difíceis de serem averiguados, pois raras são as cartas que trazem datas completas contendo dia, mês e ano. Por outro lado, foram as descrições constantes sobre os espaços urbanos, nomes das cidades, ou mesmo ocorrências, que tornaram possível a localização dos missivistas no tempo e espaço, como consta da carta de Tomás Santa Rosa a José Simeão Leal, que traz: “Rua da Passagem, 449”, referindo-se a rua em que morava na cidade da Parahyba. Ou então: “*Que exílio meu, amigo, aquelle ambiente rythmado á pancadas de machina de escrever, atulhado de pilhas de documentos com volumosos livros de documentos*”, como testemunho de seu trabalho como bancário. Já Simeão se utilizava de desabafos para falar de sua estada ainda solitária na Cidade do Rio de Janeiro, ao registrar: “*alheio a tudo o que se passa aí*”, referindo-se à cidade da Parahyba, complementando: “*não tenho a menor ideia do que real fala nesta terra*”. Em outra carta, registra: “*reportei-me a minha terra e senti como naquelas noites em que o vento gemia pelas frestas e se espalhava doido pelas ruas desertas*”.

Segundo Dauphin (1995), as condições de produção de uma carta podem ser analisadas se considerarmos sua materialidade, ou seja, a letra, o tipo de tinta utilizado, a qualidade do suporte ou papel, a formatação, as gravuras, as imagens e outros indicativos

porventura ali presentes. Santa Rosa utilizava papel comum para as cartas, todas manuscritas. Ao ingressar no Serviço público, algumas foram escritas em papel rascunho, com o timbre institucional, porém com perfeitas marcas de uma carta escrita às pressas, com caligrafia rápida, canetas de todas as cores, diferentemente das que ele passou a escrever quando já se encontrava estabilizado no Rio de Janeiro, com a profissão de desenhista em fase de consagração, utilizando seu próprio papel timbrado, como se vê na ilustração 2: uma caligrafia desenhada, e sua assinatura, uma obra de arte. Outro elemento que me auxiliou a situar as cartas no espaço foram os endereços constantes nelas, mesmo que incompletos. Por exemplo, algumas cartas traziam o nome da rua e o número da casa em que residiam os missivistas.



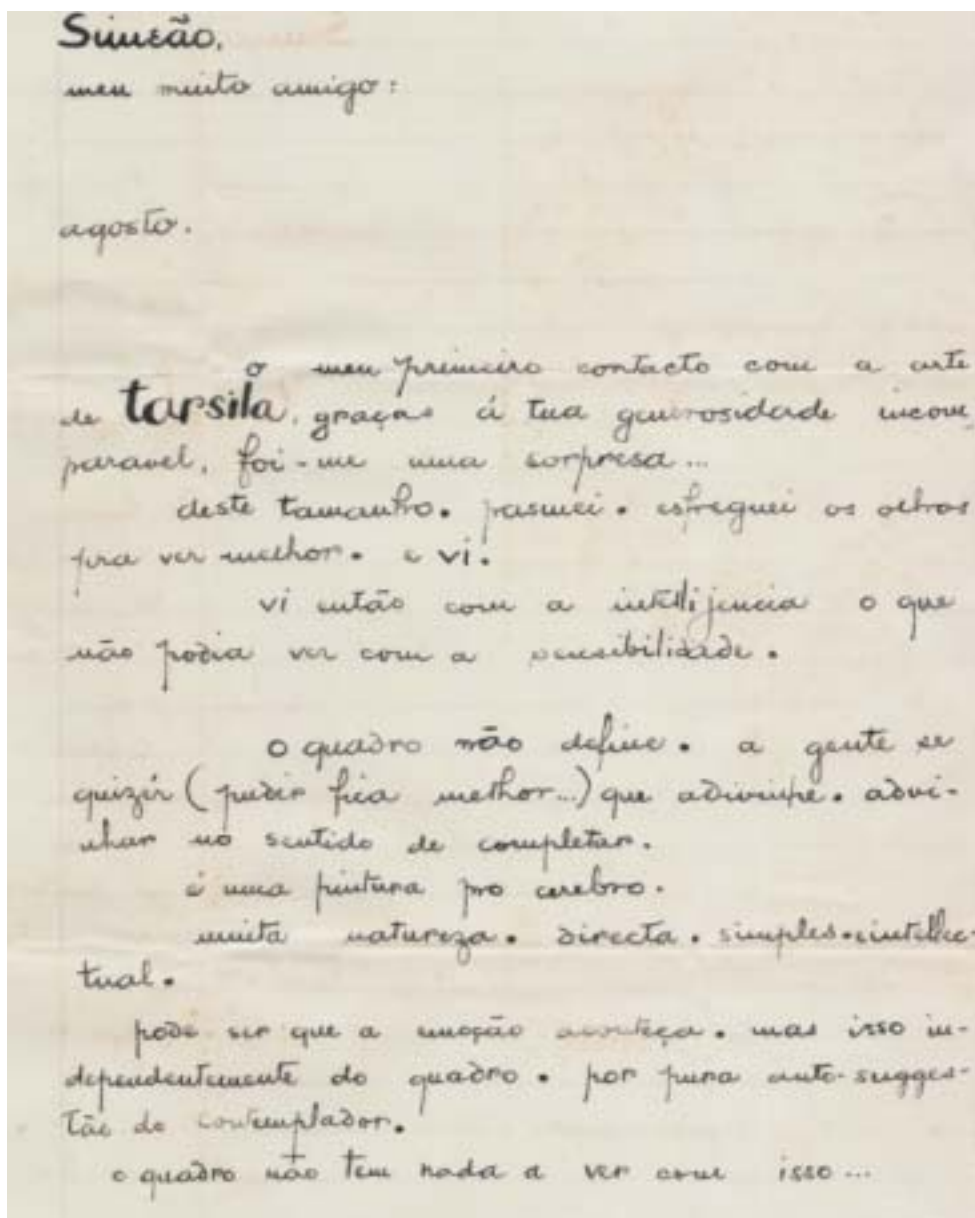
Ilustração 2: Timbre do papel de carta de Tomás Santa Rosa

Já Simeão Leal, em suas cartas, sempre utilizou qualquer tipo de papel, com uma característica que lhe era peculiar: sua caligrafia, muito mais uma escrita processada do que uma escrita cursiva moderna. Sua assinatura vinha, quase sempre, com o seu nome completo e, em raros casos, Simeão Leal. Em relação à letra do amigo, enfatiza Santa Rosa em carta, provavelmente, datada de 1932, na cidade de Maceió: *“Escreve-me sempre. As tuas cartas me são sobremodo caras. E muito mais ainda se as regras da caligrafia te tocassem, e nos revelasse sem hieróglifos o teu alto pensamento”*.

A troca de correspondência parece ter se tornado mais intensa à medida que se iam perfilando temas de interesses comuns, como registra José Simeão Leal, em 21/07/1929, e descreve sua solidão quebrada pela companhia de uma obra em brochura, em cuja capa, como uma nota original, trazia o retrato de Tarsila do Amaral. Apesar de sua beleza, desvia o pensamento e volta-se para a obra, cuja exposição acabara de ver pela segunda vez, e diz: *“Fiquei pensando o que seria arte de uma manifestação espontânea de nosso subconsciente tendo o exterior somente como sugestão ou a reprodução dos motivos com uma precisão matemática em que a convenção vence os impulsos naturais...”*. Nesse sentido, Simeão não apenas partilha com o amigo sua compreensão acerca do fazer artístico de Tarsila e complementa: *“Com esta vai uma coleção de artigos publicados sobre Tarsila e sua arte revolta. Eles dirão bem o que representa esta desassombrada arrasadora de preconceitos e academismos [...] Admiro a Tarsila como a todos os grandes renovadores, e ela será quem marcará com as tintas fortes de sua paleta, uma fase que será o início da libertação da pintura nacional”*¹. E promete ao amigo deixá-lo informado sobre outros campos culturais como: teatro, cinema, exposições da Escola de

Belas Artes e, principalmente, sobre “alguns modernistas, com especialidade deste movimento antropofágico de São Paulo tendo Tarsila como porta bandeira”, reportando-se a sua obra *Abaporu*⁴⁹, criada em 1928, um dos marcos do modernismo brasileiro.

Em resposta à indicação artística e crítica do amigo, responde agradecido Santa Rosa, em 1929, ratificando ter sido esse o seu primeiro contato com a obra de Tarsila, registrando:



Simão,
meu muito amigo:

agosto.

o meu primeiro contacto com a arte
de **tarsila**, graças á tua generosidade incom-
paravel, foi-me uma surpresa...
deste tambem. passei. esfreguei os olhos
para ver melhor. e vi.
vi então com a intelligencia o que
não podia ver com a possibilidade.

o quadro não define. a gente se
quizer (querer fica melhor...) que adivinhe. advi-
nhar no sentido de completar.
é uma pintura pro cerebro.
muita natureza. directa. simples. intuitiva.
tural.
pode ser que a emoção avante. mas isso in-
dependentemente do quadro. por pura auto-sugges-
tão do contemplador.
o quadro não tem nada a ver com isso...

Fac-símile 4 – Carta de Tomás Santa Rosa
Fonte: AJSL

⁴⁹ Óleo sobre tela medindo 85 x 73 cm, assinada em 11/01/1928, por ocasião do aniversário de Oswald de Andrade. Maiores informações, consultar o site: http://www.tarsiladoamaral.com.br/index_frame.htm

mas ella tirou o espirito. convergiu todas as
coisas suas pra dentro do espirito e fez dos
outros um Kaleidoscopio ...

othou. estava outra. novinha em folha.
e viu tudo assim, perfilado como uma con-
tinencia militar pra ella que dominou a
intelligencia e quis ser moderna ...

(Se a cor não der a vida fixa, tro-
pical, voluptuosa ás/eruações^{elias}, serão invadidas
da monotonia do geometrico...)

quero que você me defina a colabora-
ção curiosa do sr pierre legrain.

mas, aqui eu deixo Tapsila de
cambalhota com cendrars. etc e abro uma
clareira. uma clareira de alegria. no
meu espirito.

me volte todinho pra dentro e vote de
acordo com todos os meus centros affectivos
uma noção de agradecimento. pelo interesse.
pela amizade que você sustenta mesmo no
meio desse barulhão de belleza ao seu amigo
exilado como um seringueiro ...

.....

~ aqui sempre o muito seu

Santa Rosa jr

Ao mesmo tempo em que também analisa a obra de Tarsila, Santa Rosa continua a indagar o amigo em relação à colaboração de Pierre Legrain⁵⁰ e de Cendrars⁵¹, que nomeiam Tarsila como a mais bela paulista do mundo, deixando entrever não apenas sua beleza artística, mas, sobretudo, sua beleza física. Porém, a discussão entre Santa Rosa e Simeão Leal os conduz a uma percepção plástica da obra da artista que, para Simeão, revelava práticas antiacadêmicas, pois, na sua concepção, arte é independente de Escolas, justificando-se ao mencionar o entendimento de Mário de Andrade por quem não nutria admiração alguma. Assim ele escreve: “Não quero fazer críticas não somente porque o detesto. [...] Enfim se a obra d’arte é como Mario de Andrade diz uma máquina de produzir conotações, todos estão certos, contanto que seja arte, o mais é uma questão de escolas⁵²”.

No trabalho de escritura, os missivistas são confrontados com um conjunto de referências textuais e de modelos como: palavras, imagens entre outros elementos, sem se desvincular de seu contexto de produção, espaço versus tempo. Nesse caso em especial, a lógica de escrita que ocupa a materialidade das cartas entre Santa Rosa e Simeão Leal parece induzir a uma forma específica de estruturação textual, semelhante às utilizadas nos manifestos vanguardistas, a exemplo do *Manifesto técnico da literatura futurista*, publicado em Milão, em 11 de agosto de 1912, por Marinete e seus companheiros; *A antitradução futurista*, denominado de *Manifesto-síntese*, datado de 29 de junho de 1913, lançado em Paris, além do *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, publicado em 01 de maio de 1928, em São Paulo, e o *Nhengaçu Verde-Amarelo*, assinado por Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo, publicado em 17 de maio de 1929, entre outros⁵³.

⁵⁰ Pierre Legrain, consagrado artesão e encadernador *art déco*, a quem Tarsila do Amaral recorreu para emoldurar seus quadros para sua primeira exposição em Paris. Essa solicitação a Legrain contribuiu para enfatizar o caráter exótico de sua pintura. O artista utilizou-se de pele de lagarto, cartão ondulado, madeiras aparadas de maneira facetada, espelhos angulosamente recortados etc. A esse respeito, consultar: http://www.coresprimarias.com.br/ed_4/aracy_amaral_2_p.php. Para aprofundar a questão, consultar também o artigo de Amaral, Aracy. A sabedoria do compromisso com o lugar. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 9, n. 23, p. 19 – 32, jan./abr. 1995.

⁵¹ Pseudônimo do escritor francês de origem suíça, Frédéric Sauser (1887-1961). Eterno viajante, foi autor de uma obra que reflete a sua atração pela aventura, na qual sobressaem textos como *La Prose du Transsibérien et de la petite Jehanne de France* (1913), *L’Or* (1925), *Moravagine* (1926), e as narrativas autobiográficas *La Main coupée* (1946) e *Bourlinguer* (1948). Em 1920 Blaise Cendrars escreve “a *Antologia Negra*” que chega ao Brasil. Vincula-se a poetas brasileiros, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, os pintores Cícero Dias, e, sobretudo Tarsila do Amaral.

⁵² Carta manuscrita datada de 21 de julho de 1929, pertencente ao AJSL.

⁵³ Para saber mais, consultar a obra TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

Nesses manifestos, assim como em parte das cartas trocadas entre os missivistas, aparecem determinados traços marcantes da formação do pensamento de época, o que me leva a dizer que os correspondentes tinham consciência de sua própria formação intelectual. Essas pistas se revelam pela forma adotada na disposição do texto assim como nos manifestos, presença de traços horizontais para separação de parágrafos, ou mesmo outros símbolos como: grafismo, negrito, parágrafos iniciando com letras minúsculas, destaques de palavras em meio a frases, como exemplificado, na ilustração fac-similar 4. Os signatários, ao se utilizarem desses artifícios, revelam suas relações e representações com o mundo que os cercam. Tudo em nome de uma espontaneidade literária, uma prática que caminhava na contramão da literatura acadêmica da época, um à-vontade gramatical na medida em que abandona a formalidade tradicional para adotar o critério da funcionalidade.

Para além das questões de interesse literário, artístico e cultural que uniram Simeão e Santa Rosa, outra questão aproxima os dois amigos - os laços de amizade. Assim expressa Santa Rosa, em carta datada de agosto de 1929: *“uma noção de agradecimento. Pelo interesse, pela amizade que você sustenta mesmo no meio desse barulhão de beleza ao seu amigo exilado como um seringueiro...”*. E responde Simeão Leal: *Puxa! Que já é um obvio quando agente pode falar com um amigo assim como te faço [...]*, e em outra carta [1930?], continua: *Às vezes dá-me uma piega saudade destes lugares e [...] de tua agradável conversa que tanto era um esforço para reagir contra o marasmo que ia ____ do único amigo com quem me correspondo para minha satisfação espiritual e que faço questão em conservá-lo. Pois, “muito embora tenha aqui diversos conhecidos não tenho em nenhum a confiança que tinha contigo nas nossas conversas sobre literatura, arte, ciência e amores”*.

A relação de amizade que aproxima os dois missivistas envolvia também os familiares, como fica comprovado nas cartas enviadas por Santa Rosa, ao dizer: *O teu pae, hontem, indagou-me se não recebera eu carta tua; pois lhe mandaste perguntar. Com effeito, nenhuma me veio de ti, desde que te partiste para os descansos no interior. Ia sabendo de ti por seu intermédio.*⁵⁴

A amizade remonta passagens da infância e da adolescência, quando ambos dividiam circunstâncias semelhantes. Essas circunstâncias do coração, como assegura Santa Rosa, ao dizer que, novamente de posse do endereço do amigo, agora pode restabelecer a corrente já existente entre eles, – *“filhos da mesma pátria e antigamente irmãos e confidentes de um mesmo caso cardíaco”* – sugerem uma paixão dos dois pela mesma pessoa, e explica-se dizendo que

⁵⁴ Carta manuscrita sem ata, provavelmente, escrita nos anos [30?].

naquele momento ele havia passado a outro estado emocional, partilhado agora com outra paixão. Estado esse que ele explica metaforicamente, dizendo: “[...] passei a outro estado, talvez de um dos que cita a física, como por ex. um fenómeno eléctrico de atracção. O facto é que hoje gozo as delicias objectivas do que foi meu sonho. E isto, na vida, já é uma grande vantagem; grande, vasta e cômoda [...]”⁵⁵. E responde Simeão: *Qual a nova Beatriz te transportou aos paraísos divinais da fantasia louca dos teus sonhos? [...]. Suponho que tenha tomado outro rumo a tua inspiração pois o objectivo que tinhas era de um sentimento imaterial, personalidade etheria de sonho inatingível.*

Sempre encarregado de atualizar o amigo sobre os acontecimentos da cidade natal, Santa Rosa realiza uma espécie de chamamento ao lugar de origem, às realizações populares nordestinas, fazendo Simeão reviver em detalhes sua terra. E registra em carta:⁵⁶

Lá fora há um estúpido de bombas... As ruas estão coloridas de fogos e artifícios... Balões passam rápidos e longínquos, pequeninos como estrelas que vagabundeiam na noite cheia de luar... Eu vi fogueiras rubras e alegres e meninas rubras pelo clarão das fogueiras, se alegrarem ao contacto macio dos namorados... E o milho verde, fica amarelo-laranja, e preto, se oferecendo para as bocas gulosas... E mijões riscando o ar de curvas fagulhantes e _____ verdes empallidecendo os meninos e pistolas vomitando bolas multicolores...

E comi canjica... Uma canjica batuta, com um gostinho nacional.

E depois ouvi as “sortes” ingênuas, e o refrão infinito na boca das solteironas, perguntando sempre, perguntando sempre: Casarei?

E tudo isso em louvor, em memória o decapitado immortal...

Santa Rosa

Aqui, ele se refere ao mítico personagem bíblico, São João Batista, que fora decapitado e traído por Salomé⁵⁷, “que lhe deu uma vida eterna”, personagem extraordinariamente dual cuja beleza Santa Rosa lia na obra de Oscar Wilde. Em sua forma narrativa do cotidiano, os missivistas, mesmo distantes, mantinham-se próximos, partilhando dos sabores locais. Tal cumplicidade se dava, sobretudo, pelo fato de ambos, à época, jovens, partilharem ideais semelhantes em relação ao amor, à arte e à cultura:

⁵⁵ Carta manuscrita sem data, provavelmente, escrita em início dos anos 30.

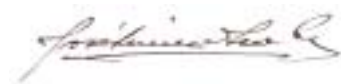
⁵⁶ Carta manuscrita sem data, provavelmente, escrita em junho de 29.

⁵⁷ A primeira aparição de Salomé no mundo literário foi no Evangelho de Mateus. Mateus conta que Herodes pediu que a filha de Herodias dançasse para ele no seu aniversário. Ao sentir-se satisfeito, o rei ofereceu à dançarina qualquer recompensa que desejasse. Herodias incitou sua filha a pedir a cabeça de João Batista numa bandeja. A cabeça foi trazida num prato e dada à jovem, que a entregou a sua mãe.

[...] falas me com entusiasmo do empreendimento de Gazzi, a que me junto a tua satisfação visto o quanto de esforço é necessário para a tamanha iniciativa. Só espíritos que vivem voltados intensamente para a arte podem dominar a estreiteza de sentimentos que os cercam ostilizando.

E o que mais conforta são amigos com tú, que se entregam para a defesa mútua de ideais.

Dantes considerava Gazzi⁵⁸ como um rapaz de certo talento, hoje o admiro, pois vejo nele um dos colaboradores no desenvolver artístico de nossa linda Parahyba.⁵⁹



Ao mencionar Gazzi de Sá, provavelmente, Simeão se referia à iniciativa do professor e musicista em empreender uma escola de música no estado, em especial, na primeira audição pública de seus alunos em “canto coral”, que aconteceria em 31 de agosto de 1931. Como registra Silva (2006), essa era uma forma de expressão ainda desconhecida em território paraibano. Apesar dos elogios ao conhecido Gazzi, José Simeão Leal aproveita a mesma correspondência e desabafa com o amigo acerca da realidade que estava vivendo, partilhando seus sentimentos em relação ao Rio de Janeiro e à solidão que o tomara:

Meu muito amigo

Escrevo-te sob uma temperatura de trinta e nove graus a sombra como muito bem podes avaliar ficasse atacado de uma enorme estupidéz em que só nos sobra agradavelmente dormir.

O nosso espírito fica paralizado e o único prazer que se encontra é embarcar-se suinamente nas praias ou deitar-se na areia úmida e ver os corpos magníficos na sua nudez plástica passarem ante nossos olhos fascinados.

Nada mais pitoresco do que uma praia vista a uma certa distância com a suavidade de encantadoras cores como se fosse uma linda policromia animada.

E depois se tivesse voltado no tempo delicioso daquela interessante lua, onde não havia preocupação incômoda das roupas, as mulheres se apresentam nos seus hipotéticos e maravilhosos malhotes e sungas.



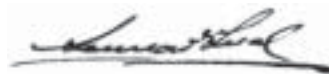
⁵⁸ A respeito da vida e da obra de Gazzi de Sá, consultar a Tese de autoria de SILVA, Luceni Caetano, intitulada: *Gazzi de Sá compondo o prelúdio da educação musical da Paraíba: uma história musical da Paraíba nas décadas de 30 a 50*, defendida no Programa de Pós-graduação em Letras, UFPB, em 2006.

⁵⁹ Apesar de algumas cartas manuscritas expedidas por JSL e outros, não datadas explicitamente, o conteúdo nelas registrado é passível de ser datável quando se consideram os escritos que constituem o texto, possibilitando, desse modo, apreender o contexto. Segundo a NBR 6023:2002- Referências - Documentação, quando há essa possibilidade, é possível datar o documento, utilizando-se de artifícios que indiquem datas limites ou aproximadas. Orientação adotada nesta tese.

Outro tema recorrente na relação epistolar dos amigos diz respeito à cidade do Rio de Janeiro que, nas palavras de Simeão Leal, parecia “*derramar-se dos morros até a praia encobertos por uma cortina de névoa cinzenta que lhe cobria às sinuosidades da beleza do oriente*”. Simeão escrevia ao amigo numa intimidade própria de quem lhe é confiável, dizendo: “*preguiça de pensar! Não sei... Talvez alguma impressão que, violando tudo penetrasse com a força de uma verdade nova*”. Apesar de considerar o Rio de Janeiro o seu lugar preferido, dramatizava, dizendo sobre a cidade: *é um Saara escaldante, por isto meu amigo Copacabana, Leblon e o Balneário da Urca são verdadeiros neste Saara escaldante que em vez da areia solta temos o asfalto derretido para o nosso corpo exausto e o espírito embotado [...]*⁶⁰.

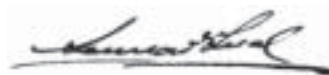
Observar a cidade e seu cotidiano fazia parte da vida de Simeão. Para ele, compreender o campo no qual estava inserido era observar seus movimentos mais simples, suas ruas, seus costumes. Em relação à cidade de Santos, Estado de São Paulo, Simeão expressa sua mais íntima, distante, afetuosa e calorosa representação:

*Um diadema magnífico acompanhava os semi-círculos da Costa. [...] Olhava encantado essa cidade fantasia em que se vive mais pelo espírito e cousa interessante parecia que era toda desconhecida. De então até chegarmos não mais sai da Proa vendo aproximar-se o lugar onde eu tinha vivido tanto em minha imaginação ardente de nortista. E foi com uma grande emoção que saltei no cais.*⁶¹



Acrescenta ao amigo que, apesar de ser completamente cercada de morros, Santos é cheia de avenidas largas e retas e ruas que convidam ao passeio a pé. Seduzido, saiu andando pela cidade, completamente despreocupado, com interesse vivo, acrescentando:

Mas agente deve estar sempre prevenido como o que pode acontecer quando olhei para uma placa de uma rua que acabara de entrar lá estava o nome de J.P [referindo-se possivelmente, a João Pessoa ex- governador da Paraíba]. Antes nunca tivesse olhado para não acontecer encontrar. Não mais ousei ler placas.



⁶⁰ Carta manuscrita enviada para Tomás Santa Rosa, datada de outubro de [1933?], pertencente ao AJSL.

⁶¹ Carta manuscrita enviada para Tomás Santa Rosa, datada de outubro de 1933, pertencente ao AJSL.

O tempo de construção dessa amizade é longo, tem início com a ida de Simeão para o Rio de Janeiro, ainda estudante de Medicina, e se prolonga até a morte de Santa Rosa. É esse o período em que os dois intensificam a aproximação intelectual e afetiva que desliza para uma relação fraternal. O exame das cartas permite acompanhar a evolução dessa relação de amizade e de orientação intelectual. Gusdorf (1975) destaca que elas marcam e reiteram significados e situações, constituindo uma experiência em termos de estrutura narrativa, que culmina, muitas vezes, com o texto autobiográfico; uma segunda leitura da experiência, como destaca, pois se soma à experiência a consciência dela, ou seja, a autoconsciência de uma trajetória.

Em uma das correspondências de José Simeão Leal, para Tomás Santa Rosa, ele se sujeita às belezas da natureza, às sinuosidades e à experiência que se encontra no registro visual. Nessa (re)vivência, que a sensibilidade captou e que bem soube descrever em carta, indica condições de vida que são comuns aos dois amigos, ou seja, a responsabilidade da narração, visto que o sentido metalinguístico não se completa sem referência aos acontecimentos da cidade, sobretudo, os culturais.

Santa Rosa,

O meu espírito vagueia indeciso pelas últimas emoções artísticas que senti ultimamente sem saber se devia fixar em cada uma ou passar rápido por todas. [...]. Velho de barbas grandes é tão suave como pequeno. Antônio Carneiro⁶² é a figura doce do poeta místico que vive dos sombrios corredores de convento a alegria pálida da natureza desbotada. [...]. Há quadros de um efeito maravilhoso principalmente os de interior, em que ele devota um verdadeiro culto a luz. Uma resta e mistério para que sua palheta faça poemas na tonalidade linda de teores sombrios. Num ambiente de penumbra que nos dispunha a uma concentração religiosa vi a obra de Antônio Carneiro. Não sei, mas senti que ali estava o exclusivo da obra de Tarsila [do Amaral].⁶³



⁶² Antônio Carneiro nasceu em 1872, em Portugal, firma-se nas artes plásticas protagonizando, como valores, a saudade, a raça, a energia intelectual. Sua coleção consta de 27 pinturas e 26 desenhos. Para aprofundar esse assunto, consultar a Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão em Lisboa/Portugal.

⁶³ Carta manuscrita sem data, endereçada a Tomás Santa Rosa, pertencente ao AJSL

Vê-se a postura atenta de um crítico que, reconhecendo as qualidades da obra, não deixa de observar e extravasar as suas percepções, dividindo-as com o amigo, também amante das artes, acrescentando que Antônio Carneiro trabalha na busca da claridade em suas pinceladas, enquanto que a obra de Tarsila passa alegre e fugitiva, cheia de luz. Simeão era assim: não escondia sua paixão pelas pessoas, pela literatura, pelas artes plásticas, pela natureza. Sabia reconhecer valores artísticos, tanto que descreve [Heitor] Villa-Lobos como *“o mágico da nossa música e que a fez reconhecida na Europa, estupefato de saber que neste selvagem Brasil existiam um artista e uma música tão formidáveis”*. Complementa Simeão: *“todos os críticos de arte da entendida Europa o elogiaram, ele não é conhecido no Brasil. Os seus admiráveis concertos foram recebidos [no Brasil] com uma indiferença irritante”*.⁶⁴

Ainda levando em conta a genialidade musical de Villa-Lobos, Simeão esboça a sua significação musical como sendo *“própria e independente”*, pois conseguiu traduzir, em suas composições, toda a história triste dos nossos antepassados na tragédia dolorosa de sua formação. E reflete sobre a *languidez dos sibemós* que se mostram nostálgicos *“expatriado saudoso e o sofrimento intenso dos sentimentos coagidos numa perspectiva incerta”*. A obra de Villa-Lobos rompe com a tradição musical. Nas palavras de Simeão, sua composição é um misto de todas as modalidades da música brasileira. Para ele, o compositor não é um *“estilizador de temas folclóricos”*, ele é, por natureza, um criador, e o cerne de sua obra expressa melhor do que qualquer outro os *“coloridos da alma brasileira [...] mas ele tem na entendida Europa uma apoteose magnífica onde só vence os maiores gênios geradores da música moderna. [...] Não quero aqui descrever toda sua obra pois seria desinteressante e monótono.”* Mas o interessante é que, apesar da indiferença de seu povo, ele foi reconhecidamente aplaudido e classificado como o maior gênio da música moderna. Suas composições foram incluídas nos programas de todos os grandes interpretes e orquestras; *“ele venceu Paris que é a consagração final de todas as artes [...] ele foi o americano que teve mais honras na culta Alemanha”*⁶⁵, onde os que têm verdadeiro valor artístico desejam ser reconhecidos.

Em busca de uma compreensão musical mais apurada, Simeão vai à cidade de São Paulo para assistir à apresentação da ópera que encenaria a obra-prima do Príncipe Igor de Borodin. Ele registra assim suas impressões:

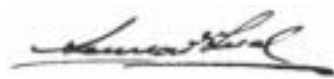
Fue duas vezes a opera uma em que levaram no Municipal as grandes composições moscovitas. O príncipe Igor de Barodin e Isac Saltair de Kassapolk.

Nove horas aguardava o innicio do espetáculo com não pouca emoção pois somente era a primeira vez que via uma opera encenada por uma companhia do valor desta sobre a direção do grande soprano [...]. Uma música estranha de uma suavidade deliciosa começou a encher a

⁶⁴ Carta manuscrita sem data, endereçada a Tomás Santa Rosa, pertencente ao AJSL

⁶⁵ Carta manuscrita enviada a Tomás Santa Rosa no período entre 1927 a 1932, pertencente ao AJSL.

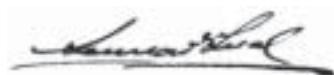
*toda a sala com a sua harmonia quase irrealis. As luzes tinha se apagado e [...] aqui começou a tocar o prólogo do Príncipe Igor. Tudo era atenção os nossos sentiam solicitados por aquela música sentiu a realidade de um mundo diferente e desconhecido [...] emoções e surpresas [...]*⁶⁶.



A música, como comenta Simeão, provoca dentro de nós prazeres tão sutis que antes não seríamos capazes de imaginar. Por isso, aconselha ao amigo que procure conhecer mais as clássicas obras de Verdi, Beethoven, Wagner, Mendel, porquanto apreciá-las passa pela espiritualidade das sensações que podem desfrutar a nossa mente.

É interessante observar que, para Santa Rosa, a prática epistolar de Simeão constitui, por vezes, um convite a um programa cultural, cuja entonação parte da sua admiração pela sua parceria – digamos – obstinada pelas artes. A vinculação imagética aponta para as possibilidades geradas pelo campo artístico, como evidencia este depoimento dado Santa Rosa, em que se refere a uma ocorrência local em relação ao teatro, o que revela uma personalidade atenta ao movimento cultural brasileiro:

*Está chovendo. Seis horas da tarde e faz um frio que chama a gente para ir a um teatro. Mas a mediocridade do teatro é decepcionante. [...] Renato Viana⁶⁷ quis fazer teatro de escola com arte e tudo, mas o povo não gostou, não era pra menos. [...] Ele fez um artigo pros jornais chamando todo mundo de burro. [...] Ninguém acredita no teatro, por isso Álvaro Moreira⁶⁸ faz dele um brinquedo triste para gente grande alegre, enfim é uma cousa vulgar na serena sensibilidade deste sublimíssimo Álvaro. [...] Drama intenso de sua gente comum, numa comum casa de cômodos. Não havia romantismo. [...] Só se faria vaia. Que cousa impressionante!*⁶⁹



⁶⁶ Carta manuscrita enviada a Tomás Santa Rosa no período entre 1927 a 1932, pertencente ao AJSL.

⁶⁷ Renato Viana nasceu no Rio de Janeiro, em 1894, e faleceu em 1953, aos 59 anos. Foi ator, teatrólogo e autor da peça *A Última Encarnação de Fausto*, em 1922. Sem alcançar sucesso, Renato difunde suas ideias por meio de projetos pedagógicos e de circulação de espetáculos, as quais resumem os princípios do teatro moderno, influenciando o trabalho de grupos amadores, como o *Teatro do Estudante do Brasil - TEB* e *Os Comediantes*.

⁶⁸ Álvaro Moreira nasceu em Porto Alegre, RS, em 23 de novembro de 1888. Cedo, destacou-se como poeta. Integrou o movimento simbolista gaúcho; fixou residência no Rio de Janeiro, foi jornalista renomado, dirigiu publicações de sucesso, como as revistas “Para Todos” e “Dom Casmurro”. Participou, com sua esposa, Eugênia, da *Semana de Arte Moderna*, de 1922. Estreou no teatro como autor da revista *Noé e os Outros* (1926). Propondo a renovação cênica criou o Teatro de Brinquedo, que abriu temporada em 1927, com sua comédia *Adão, Eva e Outros Membros da Família*. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 13 de agosto de 1959, para a Cadeira n. 21, na sucessão de Olegário Mariano, foi recebido, em 23 de novembro de 1959, pelo acadêmico Múcio Leão. Fundou no Rio, em 1927, o “Teatro de Brinquedo”, o primeiro movimento racionalmente estruturado no país para a renovação do teatro. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de setembro de 1964. Para saber mais, consultar a Academia Brasileira de Letras.

⁶⁹ Carta manuscrita endereçada a Tomás Santa Rosa, pertencente ao AJSL.

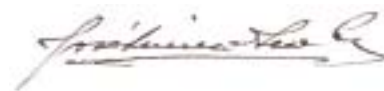
Ao se reportar ao teatro, Simeão critica a ausência de Procópio Ferreira nos palcos e a atuação de Itália Fausta, a quem ele acusa de gritar estrondosamente, tornando-se aborrecida. Ainda considera inaceitável a atitude adotada por Jayme Costa: “eu acho que isso é uma vingança dos Jayme, pois ele é inteligente”. Contrariamente agiu Álvaro Moreira, com seu Teatro de Brinquedo, utilizando-se de uma personagem, com o objetivo de provocar uma sensibilidade no público: “*palhaço que fez uma oração a nossa senhora dos desgraçados para que ela ensinasse uma coisa engraçada para ele dizer. Mas quando ela vai falar caiu morto. Ficou tudo com saudade da alegria que ele levou*”.

A amizade entre Tomás Santa Rosa e José Simeão Leal também alçava uma análise da situação política pela qual passava a Paraíba depois da morte de João Pessoa, em 1930, e da participação de José Simeão Leal na Revolução de 1932. Pode-se ver, em carta endereçada a Santa Rosa, que José Simeão lamenta o papel desempenhado pela imprensa paraibana, que se coloca “*mediocritamente*” frente ao contexto histórico-social da época, que era de grandes transformações e de austera atuação político-administrativa de seus governantes. As manifestações de protesto e de revolta em face do crime que vitimou João Pessoa, no dia 26 de julho de 1930, na cidade do Recife, foram enormes. Para a imprensa, sobretudo, a paraibana, a morte explodiu gloriosa, derrubando a chamada “República Velha” e imprimindo uma “nova fase”. Assim, um novo mito se instaura na História do Brasil. João Pessoa foi considerado o catalisador da revolução que, pouco mais de dois meses depois de seu desenlace, elevou-o à posteridade, como um modelo para os governantes e referência na recomposição do processo histórico no país. A imagem de João Pessoa sai desse cenário reconhecida pela consciência de que foi um “herói” na luta e, consequentemente, redivivo na morte⁷⁰.

Todavia essa mediocridade, como aponta Simeão Leal, em carta ao amigo, vai por ela mesma sendo revelada aos olhos dos mais argutos. Assim registra em carta datada de 1933: *A política deve também certamente senso a todos. Em face ruim olho para tudo isto e acho muito interessante o entusiasmo ingênuo que domina a todos. Mas eu julgo que tudo isso é só na aparência e que o povo vai, mas por uma questão de pura animosidade contraditória.* Na mesma carta, Simeão lamenta e reforça o papel vergonhosamente desempenhado pela imprensa paraibana:

⁷⁰ A esse respeito, consultar a obra de AIRES, José Luciano de Queiroz. *Inventando tradições, construindo memória: a Revolução de 1930 na Paraíba*. 2006. 150f. (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

Se a imprensa no mesmo descabro do país fosse reflexo do pensamento do povo podia-se ainda crer que infelizmente para a revolução pouco faltaria. Mas para nosso bem esta imprensa é tão desmoralizada que não há mais ninguém capaz de lhe dar crédito, pois só ela mesmo que se encarrega de si revelar reciprocamente as suas misérias normais. Isto sem absolutamente fazer esforço”.



Simeão comenta com o amigo o comportamento da população em relação aos aspectos políticos, provavelmente influenciados pela mesma imprensa que ele denomina de medíocre, porém, capaz de influenciar a vontade popular, talvez por pura falta de opção de outros veículos de comunicação mais esclarecedores e menos partidaristas. Em relação à manifestação popular, reitera: “tive a ocasião de assistir as duas formidáveis demonstração de entusiasmo popular⁷¹”. Uma foi a chegada de Getúlio [Dornelas Vargas] a João Pessoa, nesta capital, e a outra foi a apresentação da plataforma do futuro presidente, referindo-se à candidatura de João Pessoa à vice presidência da República.

A amizade entre José Simeão Leal e Santa Rosa independe da região geográfica, pois continuou mesmo depois que Santa Rosa se mudou para a Cidade do Recife para trabalhar como contador no Banco do Brasil. Residindo naquela cidade, Santa Rosa continua ligado ao amigo e responde às suas cartas. É um dos poucos com quem José Simeão mantinha certa regularidade na correspondência, fato que não lhe era comum, pois, apesar do número de correspondentes, havia sempre uma reclamação da maioria de que ele não costumava dar respostas, exceto quando elas eram pedidos de favores. Simeão atendia à solicitação, porém, raramente o fazia com cartas.

Nesse sentido, Vicent-Buffault (1996, p. 26) observa que “a relação epistolar é marcada pela ausência e pela espera de se rever ou de receber respostas. No caso de Simeão, essa frequência é alimentada pelos constantes reclames de Santa Rosa que, insistentemente, registra, ainda na Parahyba: “Aproveito o ensejo da viagem deste meu amigo e teu colega para ahi, enviando-te este bilhete que reclama as tuas palavras amigas⁷².” Estando em Maceió ou em Recife, não deixa de cobrar ao amigo a frequência dos contatos: “Você me escreva. Largue essa preguiça. E não esqueça o seu amigo Santa Rosa. V está fora do serio. Não se lembra dos amigos não escreve, não vem vê-los... [...]. Ande homem, pegue

⁷¹ Carta manuscrita datada de [1933?].

⁷² Carta manuscrita datada, provavelmente, entre os anos de 20 e 30.

na pena escreva num papel, e nos conte esse mez de vida que v. tem levado sem nos dar noticia. [...] Mande dizer qualquer couza. O que lhe acontece é sempre motivo de interesse para o seu muito amigo”.

Em 01 de agosto de 1931, Santa Rosa continua o apelo para que o amigo não deixe de responder às cartas, acrescentando a elas a do poeta Zé Auto [José Auto da Cruz Oliveira], amigo particular, que se casara, em 1932, com Rachel de Queiroz: “Mas, se V. permanece assim, calado, que desprazer pra seus amigos distantes, os que esperam as suas impressões das couzas!!”.

As cartas entre Simeão e Santa Rosa tratam dos mais diferentes assuntos, entre eles, o trabalho de Santa Rosa como carnavalesco na decoração do Cassino de Olinda, que ele definiu como um trabalho “cheio de modernidade” que o tornara engraçado. “Umas figuras movimentadas dentro de muita cor”. Ao descrever sua arte em carta, demonstra um modo de pensar e fazer entre movimentos e cores, princípios que permearão sua obra como cenógrafo e artista plástico, levando-o ao reconhecimento nacional.

Apesar do prazer em realizar sua arte, Santa Rosa expressa o árduo trabalho – que é passar longas horas noturnas na decoração – embora sua relação de amor e de desejo pela arte não limite seu enfado na condição de servidor público, muito pelo contrário, trabalhar com a arte faz parte do que ele denominou de “*integração absoluta de seus princípios e faculdades*”. Por outro lado, tem em José Simeão Leal o companheiro de desabafo, falando ao amigo sobre a “*ostensiva hostilização*” que sofre de seus companheiros de trabalho, justificando assim tal atitude: “*somente porque admiro as linhas de um quadro, o movimento de uma escultura, o espírito de uma música...* E complementa: “*triste panorama de uma comunidade que vê o avião, o cinema, o radio, e que se apega selvagemmente á um medievalismo irremediável [...]*”. Sem alternativas, Santa Rosa muda-se para a cidade de Maceió, porém, sem prescindir do desejo de ir em definitivo para o Rio de Janeiro insistindo para que Simeão o ajudasse na transferência para aquela cidade, prontificando-se a assumir qualquer função.

Aos apelos do amigo, Simeão responde:

Fostes nomeado desenhista da Comissão de Estradas vais ganhar 600 reis trabalhando perto do Ministério da aviação. O Dr. Melo teu futuro companheiro de trabalho achas que deves vir o mais rápido possível ele deseja preparar um desenho contigo para o congresso de Estradas. [...] Quanto a tua vinda ____ não te sugiro nada pois saberás o que melhor te convém. Simeão.⁷³

⁷³ Carta enviada a Tomás Santa Rosa, em [1932?], pertencente ao AJSL.

Nesse ínterim, Santa Rosa participa da Exposição Modernista em Maceió, quando resolve, em definitivo, mudar-se para o Rio de Janeiro, abandonando sua carreira de contador bancário. Sua estada na cidade de Maceió fez com que ele se aproximasse de figuras como Théó Brandão e, ainda mais, de Zé Auto, que fazia parte do círculo de correspondentes entre ele e Simeão.

À época de sua chegada à Cidade Maravilhosa, Simeão ocupava as funções de 2º Tenente Auxiliar Médico⁷⁴ do 1º Batalhão provisório, anexo ao Regimento Policial Militar, no período de 10/08/1932 a 27/10/1932, resquícios de seu tempo como reservista do Batalhão Acadêmico durante o movimento constitucionalista de 1932. Santa Rosa passa a morar numa pensão da Rua do Catete, dividindo o quarto de mobiliário simples com José Lins do Rêgo (BASSANTE, 1982). Desde então, começa a frequentar os mesmos lugares que Simeão Leal e a desfrutar de amigos em comum, ambos com uma vida difícil, sem muitos recursos, apenas o talento e a disposição para o trabalho.

Em 1938, José Simeão retorna à cidade de João Pessoa, agora casado com Eloah Drummond, para ali fixar residência e desenvolver suas atividades médicas, além da carência de seus pais, já que ele era arrimo de família. O retorno de Simeão faz com que Santa Rosa exerça uma ação inversa de emissário das atividades culturais cariocas para o exilado médico, na Paraíba. Quase dez anos se passaram, e Simeão Leal retorna, em definitivo, para o Rio de Janeiro, cidade em que passa a desenvolver atividades conjuntas com o velho amigo, as quais eram de caráter profissional, artístico, cultural e particular.

Na época da VI Conferência da UNESCO, os dois amigos embarcam juntos, rumo a Nova Delhi, na Índia, em viagem oficial. No percurso, o destino reservou a Simeão Leal uma surpresa: perderia seu melhor amigo, vítima de ataque fulminante, em 1956.

A amizade entre Simeão e Santa Rosa é testemunhada em carta de Rubem Braga, para Clarice Lispector, ventilando a possibilidade de José Simeão conduzir o corpo de Santa Rosa ao Rio de Janeiro. Nesse sentido, relata: *“Estou com palpite que ele voltará com o corpo do Santa Rosa (eram muito amigos) e desistirá de viagem maior que os dois mais o Roberto Assumpção tinham planejado [...]”*⁷⁵. A conjectura de Rubem Braga não se confirma, pois Simeão Leal, juntamente com outros colegas, opta por homenagear o amigo, concluindo o plano de viagem anteriormente traçado.

⁷⁴ Folha de resumo de tempo de serviço, pertencente ao AJSL.

⁷⁵ Carta, pertencente ao acervo de Rubem Braga, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro/RJ.

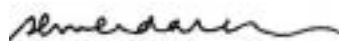
Sobre parte da viagem a Nova Delhi, comenta Almeida Salles, um dos integrantes dessa jornada, em carta para Simeão Leal, datada de 2 de dezembro de 1957, da cidade de São Paulo:

Depois de 8 meses de alfândega do Rio, eis que me surgem inesperadamente, dois caixotes de Hong Kong. Lembrei-me da tarde, no Glouster Hotel, que passamos juntos, quasi nus por imposição da “chaufage”, rasgando papeis e tentando fazer caber na minha pesada mala armário, os resíduos da nossa peregrinação da Índia à China.

Confesso a você que a personagem que viveu aquele papel de turista ávido, mas melancólico, depois de abandonar o corpo do amigo na velha Delhi, entre macacos e moças estudantes, e andar pelos canais do Mekong no Sião e pelas ruínas do mundo Kimer no Cambodja e cruzar a catinat como um “americano falsamente tranquilo”, já está, de há muito soterrada em mim. Esse chegar de malas, retardatárias, rasga camadas afogadas no cotidiano do Brasil. Ontem foi a minha mala da Índia, fechada no 233 e trazida pelo Oscar Pedroso d’Horta. Levei dias para abri-la, intacta como fechei. Esperei dia claro, sol à pino e, assim mesmo, subiu desse catre calçado, um odor de suor e sândalo, que ainda me perturba. Agora é a irrupção de Hong Kong, numa hora inesperada, inserindo-se entre compromissos jornalheiros, trazendo a visão de Kowlon, das travessias de barco, do nosso natal chinês, aflito, com pernachios e gorros de papel crepon, enquanto a alma ambulante insistia no desafio do exílio.

Lamento não ter podido abrir esses engendrados da aventura ao seu lado. Fiz questão, porem, de ir tirando as coisas e relacionando-as, como se você tivesse perto. Mando a relação de tudo o que nela continha, e os seus dois pacotes, com o seu nome, e mais o Summer, os dois vasos da Índia, as aplicações de Jaipur, um pijama e uma camiseta velhos. Pela relação você dirá se está tudo certo.

Em breve irei ao Rio. Com lembranças a Eloá, abraço-o o amigo



No retorno ao Brasil, Simeão Leal passa a ser o guardião de parte das correspondências de Santa Rosa, principalmente das que estão relacionadas aos dois. Tais correspondências foram incorporadas pelo titular ao seu acervo pessoal, permanecendo até o presente.

Em relação à correspondência entre Simeão e Santa Rosa, é possível não apenas declarar amizades como também partilhar leituras em comum. Na concepção de Bourdieu (1996), a leitura não é apenas uma atividade cognitiva, mas, sobretudo, uma atividade social, ou melhor, uma “prática cultural”, característica que se distingue conforme os diferentes grupos ou relações sociais. Nesse aspecto, a leitura só ganha seu valor real quando se materializa no discurso para o outro.

Nas palavras de Chartier (1996), as leituras são sempre plurais; são elas que constroem, de maneira diferente, o sentido dos textos, mesmo se esses textos inscrevem, no interior de si mesmos, o sentido de que desejariam ver-se atribuídos. Seguindo essa linha

de raciocínio, observei que, entre os missivistas Simeão e Santa Rosa, a leitura se dava como uma “operação de caça”, em que ambos os leitores buscam encontrar-se em “terras alheias” (CERTEAU, 1994). Para enfrentar o desafio das distâncias geográficas, pode-se se dizer que Simeão e Santa Rosa adotaram uma estratégia de “caça”, indicando ambos, entre si, boas leituras. Essas, algumas vezes, indicadas por interesses de área, e em outras, por recomendações, quase sempre daquele que vivia no centro da cultura nacional, exercendo o papel de conselheiro intelectual, referenciando leituras realizadas, no caso de Simeão, bem como outras essenciais para a formação do amigo que se julgava “*exilado*”. Esse movimento acontece na mesma proporção, em papéis inversos, quando Santa Rosa fixa residência no Rio de Janeiro, e Simeão volta a residir em João Pessoa, então capital do Estado, no período de 1938 a 1946. O movimento parece ter suas raízes motivadas pelo fato de ambos estarem em momentos distintos, residindo ora na capital cultural, ora na Paraíba.

As indicações de leitura trocadas entre Simeão e Santa Rosa passavam pelo campo das artes, da filosofia, da crítica artística, literária e da cultura de modo geral. Eram orientações pontuais, com referenciais de uma leitura interiorizada, sugerida após a apreciação antecipada de cada um sobre a obra lida. Por outro lado, a despeito das indicações das interpretações, cada um revela sua forma de ler. É fato que as leituras e as sugestões de ambos vão exercendo fortes influências em suas formações, tanto que José Simeão Leal assume papel de conselheiro intelectual, indicando a Santa Rosa referências de obras sobre arte e vida pessoal, que o artista aceitava com tranquilidade: “*qualquer orientação que o seu interesse estiver dando as minhas aspirações me comunique*⁷⁶”.

As cartas deixam entrever essa relação no campo pessoal, perpassando, sobretudo, o campo intelectual, considerando que José Simeão Leal se encontrava no centro da cultura brasileira. Uma forma de esses dois amigos se educarem na arte moderna pode ser vista no fragmento da carta de Santa Rosa, escrita em junho de 1929, para Simeão Leal: *a tua evolução mental palpita em frases de um estylo claro e moderno, que bem mostra a influencia dos livros maravilhosos da Arte Nova*.

Tomás Santa Rosa, por sua vez, agradecia ao amigo por tudo, por mantê-lo conectado ao mundo intelectual e artístico, através do envio de impressos, conforme assinala: “*Acabo de receber o número da [Revista] “Illustration” com magnífica reportagem sobre o “Atlantique”*⁷⁷”. Assim, Santa Rosa,

⁷⁶ Carta de Tomás Santa Rosa, enviada a SL, quando residia na cidade de Maceió, pertencente ao AJSL.

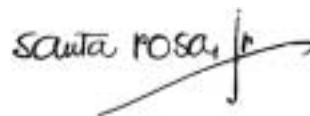
⁷⁷ Carta manuscrita, duas páginas, datada de 1931? enviada por Santa Rosa para Simeão Leal, pertencente ao AJSL.

que se enunciava como cenógrafo e ilustrador, não apenas recebe a revista como também a lê e discute com Simeão sobre as suas ilustrações, declarando-as “*lindíssimas, estilo decorativo e maravilhoso, pessoal, novo. A simplicidade dos detalhes aparenta um luxo de composição*”. Ele assegura a Simeão a importância de receber os impressos e tudo o que for de novidades que o auxilie no crescimento intelectual, fazendo, de certo modo, uma deferência à tragicomédia “Hedda Gabler”, escrita em 1890, uma das obras mais conhecidas de Henrik Ibsen (1828-1906), no Brasil.

Goso de privilégios inauditos na ordem pura das emoções passionais. Delicias que nunca li. (Sempre nos livros é que vem aquilo que depois a gente deseja... vigiar... ver... Tocar...). Tenho meus livros minha amada, cérebro e imaginação, tendência para a arte, indiferença à vida: pronto para que mais? E indaga: Mas o que tens feito? O que tens lido?

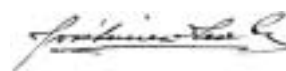
Aqui venho pedir-te um favor. Procura por ahi nas livrarias uma peça theatral de Ibsen, intitulada “Hedda Gabler”.

*Se a encontrares indaga o preço e manda-me dizer. Já ouvi bellas referencias a esta obra e despertou-me a curiosidade de conhecê-la. O seu caráter trágico dá-lhe, segundo li um brilho intenso, realçando-se nella o intimismo da personagem central do drama que é Hedda Gabler.*⁷⁸



A obra discute o papel da mulher na sociedade, levando o espectador a refletir sobre a própria existência. A peça a que se referiu Santa Rosa foi encenada, pela primeira vez, em Munique, em fins do Século XIX. Seu personagem central vai de encontro a valores morais estabelecidos pela sociedade patriarcal da época, todavia o faz por meio de um discurso contraditório e de uma sofisticada ironia. Mas Simeão, mesmo sozinho no Rio de Janeiro, não se distanciava das boas obras. Ele narra para o amigo as circunstâncias em que deixou a companhia de Antônio Ferro⁷⁹, quando lia “A Idade do Jazz-Band”, editada em 1923:

Seis horas. Terminei de ler o livro de Antonio Ferro: A Idade do Jazz-Band (1923). Não sei porque... Mas o rádio que tocava perto do meu quarto também parou. E eu fiquei com saudade do livro e daquela música tão rica em contraste, como se quisesse atingir o ideal do ritmo. Falar de Ferro _____ leviana teoria da indiferença, _____ gritam melhor do que qualquer critica deliciosamente irritante definindo aquela estranha personalidade de esteta [apreciador da beleza e da arte], agora vi um piano estilizado pelas harmonias emotivas que um aluno terá com sua arte impressionante.



⁷⁸ Carta manuscrita de Santa Rosa, escrita nos anos [30?].

⁷⁹ Antônio Ferro marcou a cultura da primeira metade do Século XX. Intelectual, ligado ao mundo artístico, ficou fascinado pelas promessas do Estado Novo e sua ligação ao nacionalismo.

Comenta, ainda, Simeão sobre a obra do escritor inglês Hall Caine (1853-1951), provavelmente a Obra “*A mulher que Deus me deu*”, escrita em 1929:

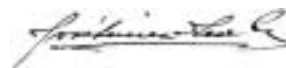
[...] *um homem se sente muito mais isolado nomeio de uma multidão que o desconhece do que no deserto. Mas como é interessante observar estes tipos tão variados e que, alguns, a quem sabe possuem uma psicologia tão complexa. Acho que é lindas meninas que passam vigorosas e elegantemente vestidas esbeltas e graciosas que nos fitam com olhos profundos demonstrando seu temperamento ardente. Tudo isso faz-nos desenvolver o gosto estético admirando a arte na sua mais perfeita asseção. Porque procurar a reprodução se temos o original?*

Os missivistas tinham consciência de que a troca de cartas também servia como processo educativo e cultural, visando ao aprimoramento intelectual de ambos, tanto que não cansam de perguntar um ao outro, como registrou Santa Rosa em carta manuscrita datada, provavelmente, de 1930: *O que tens lido? Tens lido muita literatura? Aproveito agora o nosso Ademar, [referindo-se ao Ademar Vidal, à época residindo em João Pessoa] para enviar-te esses livros. E enfatiza, em carta escrita entre 1938 e 1940: recebi os livros que me enviaste. Jorge de Lima é saborosissimo... nêga fulô é um poema magnífico forjado com elementos da raça...*

Santa Rosa menciona o antológico poema escrito em 1928, cujo título é “Essa Nêga Fulô”, no qual Jorge de Lima mescla lembranças dos antigos engenhos de Alagoas, sua terra natal, com alguns elementos da “raça” negra como pontos positivos, a exemplo da inteligência e sensualidade, possivelmente para “comemorar” os quarenta anos da abolição da escravidão no Brasil, através de uma retórica poética. Assim, Negra Fulô, principal personagem do poema, foi apresentada como a escrava que tinha esses atributos e os utilizava em benefício próprio, como estratégia de resistência e de sobrevivência à própria escravidão. A inteligência é revelada na capacidade de inventar e de contar histórias, e a sobrevivência, quando a sinhá ordena: *Vem me contar uma história / que eu estou com sono / Fulô!* E a Negra Fulô iniciava suas histórias com versos: “*Era um dia uma princesa / que vivia num castelo / que possuía um vestido/ com os peixinhos do mar. Entrou na perna dum pato / saiu na perna dum pinto / o Rei-Sinhô me mandou / que vos contasse mais cinco. Percebe-se aí a sensualidade da escrava, que era denunciada com ódio por sua senhora. Completa-se o poema: “Ó Fulô! Ó Fulô! Cadê, / cadê teu Sinhô / que Nosso Senhor me mandou? / Ah! Foi você que roubou, / foi você, Negra Fulô?”.*

Além da referência ao doce sabor da poética de Jorge de Lima, Santa Rosa cita também Augusto Meyer, ressaltando uma sensibilidade “muito curiosa” que existe nos poemas do autor, como afirmou em carta datada de 1931. Em resposta as confissões literárias do amigo, Simeão Leal acusa o recebimento de sua carta anterior e cumpre uma solicitação há muito feita por Santa Rosa, a respeito da compra de uma obra de Platão no original. Simeão, depois de uma longa busca nas maiores livrarias cariocas da época, como a livraria José Olympio e a livraria São José, envia-lhe um livro de Platão, que ele escolhera, principalmente pelo fato de Santa Rosa não haver indicado o título desejado, explicando que a falta de um portador o fez encaminhá-la pelos Correios além de justificar sua impossibilidade financeira de adquirir outras obras do mesmo autor. Assim escreve, em carta datada de 1931:

*Há muito esta espera um portador para te levar o livro que me encomendastes, mas já que não o encontro vai pelo correio. Não sendo possível adquirir todos e não tendo como comprá-los escolhi este, não sei se te agradará, em todo caso, vale a boa vontade. Sendo em mim este receioso respeito por tudo quanto é clássico, grego e romano (e é com vergonha que digo isto) resolvi para amenizar um pouco o teu espírito enviar-te dois dos melhores autores modernos da literatura francesa: François Mauriac⁸⁰ com a obra *Le Noeud de vipères*, escrita em 1932 e o outra de Albert Camus,*



Ao se reportar ao livro *Le Noeud de vipères*, Simeão assegura-lhe de ele era considerado uma das obras de maior sucesso na literatura francesa, porém, não tece comentários sobre a obra indicada de Albert Camus, cujo título ele não citou. Mas alerta ao amigo: “nas capas destes livros tem uma lista de autores marcados com as respectivas obras pelo meu amigo Emílio de Mayer”.

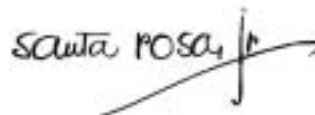
Ainda no diálogo epistolar que os envolvia, Santa Rosa escreve para Simeão em carta datada [1931?], dizendo: “Por ora leio Chanaan. [obra de Graça Aranha] Os teus louvores para ella, são justíssimos. Tinha passado sem determe e não lhe descobri todas as maravilhas. As grandes obras têm este prestigio. Toda vez que se as lêm, novas bellezas se apparecem. Estou encantado. Novamente. Mas de um encanto maior. Como se fora um corpo morto, querendo, que resuscitasse... E continua, em carta escrita, provavelmente, na década de 30, a mencionar outras leituras:

⁸⁰ Mauriac, François (1885 - 1970) romancista, ensaísta, poeta, dramaturgo, jornalista e prêmio Nobel de literatura em 1952.

*Já leste Maclair⁸¹ estrela prodigiosa, o mago das emoções de arte?
 Se não o lestes ainda, ó meu amigo, treme, e considera que sacrilégio hás cometido, que negligencia
 imponderável de tão vultuosa, somente igual, aquella do estupendo e estúpido Raposo!!!
 Mas, a arte não se perturbará se lhe mostrares uma camisa de maneira, dizendo haver pertencido
 á Santa Maria Magdalena...
 Ella é muito diffrente da rabujenta titi.
 apenas, exige que seja bella e rendasfinissimas...
 a procedência pouco importa...*

*Pois bem. Commetteste e hás comettido uma grave negligencia.
 Corre e reclama Manclaur: camille Manclair, de França, "Cathedral da art"
 Encontral-o-ás nas páginas maravilhosas de
 La religion de la musique
 Lês héros de lórchestre
 L'art em silence
 La beauté des formes
 Robert Schuman
 Cleusis*

*La religion de la musique que o maestro Gazzí de Sá cedeu-me ha dias, tem-me trazido a
 descoberta de certos refinamentos da grande arte transcendental de Von Beethoven.
 Livro de pesquisa, á partir do íntimo do crítico formidável, se estende á biographias de cultores
 da arte divina: Schuman, Schubert, Wagner, Ravel, Cesar Franck. [...]
 Escrevo-te á pressas, entre dois officios, somente para fazer-te participar desse prazer magnífico
 que encontrarás se procurares a leitura de Maclair.*



No trecho da carta, Santa Rosa revela seus contatos com outros leitores, a exemplo de Gazzí de Sá, que o coloca frente a frente com a *La religion de La musique*, sugerindo ao amigo que não apenas lesse a obra, mas procurasse conhecer a produção de Manclair, pseudônimo do poeta e ensaísta francês Séverin Faust. Isso como possibilidade de ampliar os horizontes da leitura, projetando-se também como leitores de propostas universalistas. Da sutil estratégia de ambos, Santa Rosa não se interessa apenas em buscar o sentido literário das obras, mas também conhecer o sentido da psicanálise, fundamentando-se nos estudos de Freud. Para isso, tece críticas à obra de Porto Carrero, em carta escrita em 1929, dizendo: “Vi os ensaios de Porto Carrero. Gostei. Mas ainda não me satisfaz. Pena não ser mais longo. Não entrar mais fundo no estudo dos symbolos da Théoria dos sonhos... que de melhor divulga os complexos de suas Théorias formidáveis.... Freud ainda me interessa”. O diálogo mantido entre os missivistas nos remete às palavras

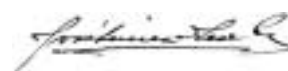
⁸¹ Camille Maclair, pseudônimo de Séverin Faust, nasceu em Paris, França, 1872, e morreu em 1945. Foi poeta, romancista e crítico francês.

de Chartier (1998), ao dizer que cada leitor é singular em suas circunstâncias de leitura, ou seja, cada um terá suas próprias experiências, que são meramente individualizadas, interiorizadas, considerando o sujeito em seu tempo e espaço.

No teor cambiante das leituras e indicações, os missivistas parecem aproveitar-se para gerar seus próprios textos, como se levassem para o repouso as vozes e os movimentos de todos os atores, numa mista e complexa revoada de palavras. Assim, deixam de ser leitores para se tornarem “produtores de textos”, atividade entremeada por suas temporadas incansáveis de caça. Simeão lê textos de autores já consagrados, mas lê também outros textos, inclusive os produzidos por seu amigo, e os comenta da mesma forma com que faz com os clássicos. Nesse sentido, registra Simeão Leal em carta datada de 1929:

[...] os teus dois poemas vieram confirmar minha solidão de que breve farias uma que merecesse a condescendência dos amigos, mas o elogio justo de estranhos que neles viram a manifestação poética do teu espírito cultivado. Destaco “o caminho do meio do mato” [...] obra de puro sentimento brasileiro, onde palpita a credence covarde do nosso caboclo supersticioso dando um quadro real de psicologia e ambiente natural. Junto a isto um ritmo suave em versos de uma espontaneidade encantadora.

Quanto ao acalanto quase um livro encontro muita influência de Oswald, que deves divorciar-te o mais possível. É preciso escrever com verdadeira sinceridade principalmente o poeta quando os seus versos não são verdadeiramente sentido perdem o grande valor da espontaneidade. Escreva mais e com segurança que haverá de vencer esta falta de estímulo deste apático ambiente.



Essa atividade de produzir textos não ficou restrita a Santa Rosa. Como a prática comum entre os dois era a de ler o texto um do outro, Simeão também enviava para o amigo os seus escritos, tanto que Santa Rosa confirma, em carta manuscrita de 1931: “O teu cadernos de contos está em minha companhia; do seu destino ordenarás...”. Afora esses indícios, não se têm notícias de obras publicadas, com exceção de poucos artigos editados em periódicos. Entretanto, em relação a livros, ainda não foi possível identificá-los, o que poderá ocorrer quando da organização arquivística dos inéditos constantes em seu acervo pessoal.

A leitura evocada e praticada por Simeão enchia-se de gestos e práticas, que ele mesmo as descreve para Santa Rosa, em carta enviada entre 1929 e 1931, dizendo: aquele era um momento de “calma deliciosa em tudo até no meu espírito sinto uma espécie de bem estar como uma vaga sensação estranha e boa”. Essa sensação é acompanhada de um profundo silêncio, que fora cortado pelo apito prolongado do guarda, que é respondido por outro, distante, que também apita.

“Duas horas da manhã, estudava, e coisa rara além do sono me ter fugido, lia com muito interesse. Só me perturbava o ruído metálico dos bondes que passavam raramente, mas como se fosse no mundo diferente e eu era todo atenção. [...] E o livro caía das mãos enfraquecidas pelo sono”.

2.5 Ecos de amizade

A correspondência ocupa um lugar importante na literatura e no pensamento social brasileiro, pois guarda complexas relações entre memória e história. Nesse sentido preciso, ela cumpre sua função de tentar conter a vida pessoal ou profissional de cada emissor, revelando os mistérios de um tempo já distante, e fornece informações sobre as formas de ver o mundo por meio dos fatos comuns da experiência humana. Distante dos olhares dos pesquisadores, o acervo de José Simeão Leal permaneceu intocado durante anos, até, praticamente, 2002. Abri-lo e perscrutá-lo significou certa invasão a um território íntimo. Ler a correspondência representou, ainda mais, uma invasão de privacidade, porém amenizada pela distância decorrida entre o momento da escrita da carta e o da leitura efetuada.

Uma carta é, por excelência, um meio de comunicação que se exprime pela palavra escrita. As cartas pessoais são uma escrita privada e de compreensão difícil. Contudo, essa particularidade não significa que as demais variações sejam de fácil recuperação. De maneira geral, cartas são escritas para serem lidas por certa pessoa, cerrando um “pacto epistolar”. Porém, ao serem guardadas pelo destinatário, como um objeto de memória, elas poderão se tornar públicas, assegurando a cadeia de um processo comunicativo, uma rede de sociabilidade, como diria Gomes (2005) que aponta o trabalho com correspondência como um lugar de sociabilidade, revelador da dinâmica do campo cultural de um dado período. Assim, o conceito de lugar de sociabilidade pode ser entendido.

Tanto como espaço de constituição de uma rede organizacional (que pode ser mais ou menos formal/institucional), quanto como um microcosmo de relações afetivas (de aproximação e/ou de rejeição), tem-se afirmado como de particular utilidade para tais análises (GOMES, 2005, p. 13).

Isso se deve ao fato de a maioria dos intelectuais, entre fins do Século XIX e início do Século XX, ter exercido a atividade epistolar com afincamento e prazer, disseminando-a como parte de sua obra. Desse modo, a correspondência assegura uma aproximação das formas de estruturação do campo intelectual, em um dado momento e lugar, permitindo que se

investigue de que maneira funciona esse campo e como se deve entender a própria noção de intelectual (GOMES, 2005).

Correspondências são, geralmente, fontes dispersas, fragmentadas e de difícil leitura, principalmente quando manuscritas, como é o caso do universo de cartas e cartões que compõem o acervo de José Simeão Leal. Foi preciso me ater a cuidados especiais, como a observação do papel, a letra, passando pelos códigos que definem o gênero epistolar (as saudações, as despedidas, a assinatura) até as observações sobre suas formas de circulação e guarda e, ainda, as relações organizacional e afetiva presentes na correspondência. O conjunto selecionado para esta tese reúne cartas de correspondentes diversos, abarcando o período que vai de 1929 a 1965.

Um dos recursos analíticos mais usados para se abordar uma troca de correspondência é observar a posição que os correspondentes ocupam em um dado momento, no campo intelectual, político, cultural e literário. José Simeão Leal era, então, um editor, função que exerceu de 1947 a 1965, envolvendo, inicialmente, por força do cargo, um vasto grupo de conhecidos, sobretudo escritores e intelectuais que a convivência transformou em amigos. Tais relações conduziram à formação de “redes sociais”, interação nas quais se identificam sua força e razão de ser, compostas por indivíduos e grupos cuja dinâmica tem por objetivo a perpetuação, a consolidação e a progressão das atividades dos seus membros em uma ou mais esferas. Em face dessa compreensão e tomando como princípio analítico alguns aspectos da abordagem teórica de análise de redes⁸², optei por adotar, neste item, alguns pressupostos da “rede egocêntrica” que, de acordo com Marteleto e Tomaél (2005), é uma rede pessoal, em que as relações de sociabilidade são observáveis sob o ponto de vista de um personagem central, representada, nesta tese, por José Simeão Leal. Os outros membros da rede são considerados base nas relações que mantêm com esse mesmo personagem.

Para tanto, utilizei como fundamento de análise, o conjunto de cartas e cartões remetidos pelos literatos, artistas, folcloristas intelectuais brasileiros, que se comunicavam, rotineiramente, com José Simeão Leal. Entre eles destacam-se: Ademar Vidal, Aderbal

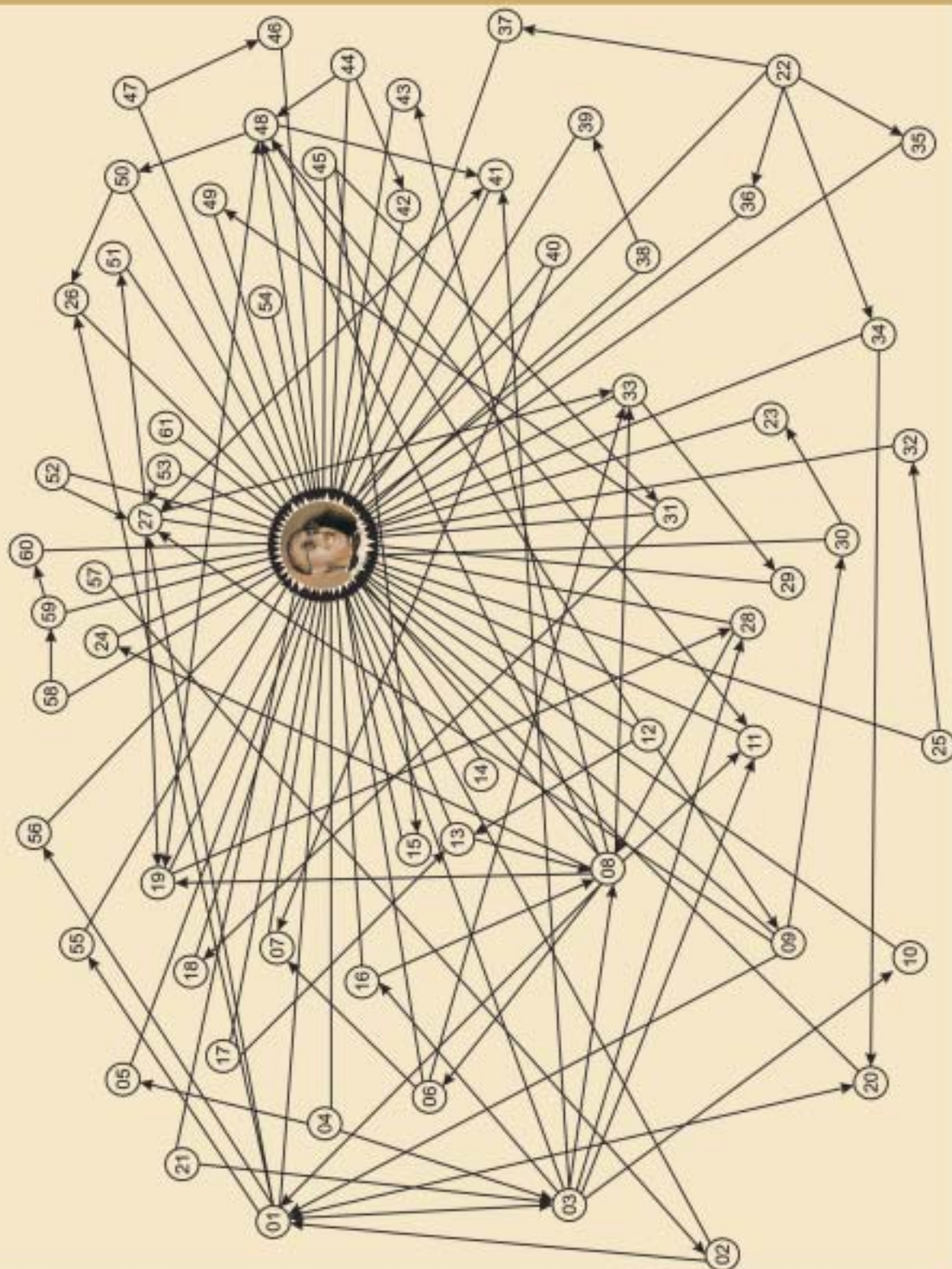
⁸² A análise de redes sociais segundo Cross; Prusak; Park (2002), fundamenta-se na Sociologia, na Psicologia, Antropologia e na Epidemiologia. Para eles, a rede obedece a uma lógica associativa e se desdobra na horizontalidade das relações sociais que fundamenta as especificidades de seu funcionamento. Essa é, por sua vez, composta por um conjunto de ligações.

Jurema, Alceu Maynard de Araújo, Arthur Ramos, Arturo Profilli, Ascendino Leite, Carybé, Carlos Drummond de Andrade, Cassiano Ricardo, Celso Cunha, Otto Maria Carpeaux, Cícero Dias, Demócrito de Castro e Silva, Edson Nery da Fonseca, Fernando Sabino, Fernando Tude de Souza, Gazzi de Sá, Guilherme de Almeida, Gustavo Capanema, João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima, José Américo de Almeida, José Auto da Cruz Oliveira (Zé Auto), José Lins do Rego, Juarez da Gama Batista, Lopes de Andrade, Luís da Câmara Cascudo, Manuel Bandeira, Manuel Diegues Júnior, Muniz Sodré, Murilo Mendes, Renato Almeida, Roger Bastide, Rubem Braga, Théo Brandão, Vasco Mariz, Zila Mamede, outros, de nacionalidade estrangeira, como: Bruno Giorgi, Francisco Curt Lange e Manuel Kantor. Estes, por sua vez, mencionavam para Simeão outros correspondentes, ora lhe dando notícias, ora lhe solicitando algum tipo de ajuda. Tais relações, ilustrativamente, vão originar o diagrama (ilustração 3) contido na página seguinte.

Essa observação só foi possível quando considerados os nomes mencionados nas correspondências e feito o cruzamento deles com as correspondências passivas de José Simeão Leal. Nas cartas de Tomás Santa Rosa para Simeão, foram mencionados os seguintes nomes: Gazzi de Sá, Alfredo (pai de Simeão), Moziul Moreira Lima, Zé Auto, Théo Brandão, Ruy Carneiro, Cícero Dias, Murilo Mendes, Ademar Vidal, Rachel de Queiroz, Roberto Assumpção, João Cabral de Mello Neto, Fernando Tude de Sousa e Eloah, sempre citada nas correspondências entre os dois amigos. Tomemos, como outro exemplo ilustrativo, as correspondências de Théo Brandão, em que ele menciona Zé Auto, Santa Rosa, Cícero Dias, Eloah, José Lins do Rêgo e Arthur Ramos.

Nas análises desse conjunto de correspondência passiva, observei os fundamentos de sustentação que os escritos deixam emergir, sobretudo pelas características que distinguem a amizade de outros tipos de relacionamento. É fato que algumas das relações aqui citadas foram fecundadas nos anos vinte, quando Simeão ainda era estudante de Medicina, como por exemplo, o relacionamento com Théo Brandão, Ademar etc. Outras, no decorrer de sua ocupação em cargos públicos. Entretanto, todas conservadas numa articulação que permite “associar amizade, sociabilidade e humanidade, para utilizar as palavras de Vincent-Buffant (1996, p. 60), sem perder de vista o homem intelectual que era.

DIAGRAMA EGOCÊNTRICO, RELAÇÕES MISSIVISTAS ENTRE SEMEÃO E INTELLECTUAIS



LEGENDA:

- 01-Fernando Yude de Souza
- 02-Cassiano Ricardo
- 03-Bolterio Assunção
- 04-Morilo Mendes
- 05-Dante Costa
- 06-Ademar Vidal
- 07-Cândido Portinari
- 08-Tomás Santa Rosa
- 09-José Américo de Almeida
- 10-Francisco Marçalles
- 11-Cleora Dias
- 12-Renato Almeida
- 13-Diogenes
- 14-Sérgio Buarque de Holanda
- 15-Abdonir
- 16-Dino Maria Carpesa
- 17-Garibaldi de Medeiros
- 18-Oscar Castro
- 19-Zé Avelo
- 20-Cyrol dos Anjos
- 21-Manila Sadé
- 22-Luiz Lopes Coelho
- 23-Bruno Grepi
- 24-Ray Caraciro
- 25-Antônio Dias
- 26-Archair Ramos
- 27-Celso Cunha
- 28-Moacir Moreira Lima
- 29-Heitor Villa Lobos
- 30-Juarez da Costa Batista
- 31-Masao Mota
- 32-Haroldo de Campos
- 33-Gerson de Sá
- 34-Batista Braga
- 35-Manuel Bandeira
- 36-Arnaldo Pedroso Harta
- 37-Alvarus
- 38-Ernis Silveira
- 39-Milner Fernandes
- 40-Kantor
- 41-José Luis da Rêgo
- 42-Nelson Dinert
- 43-José Cabral de Melo Neto
- 44-Gustão Grêlo
- 45-Odiloni Mata
- 46-Virgínia da Gama e Melo
- 47-Albino Pinantel
- 48-Théo Brandão
- 49-Ednardo Portela
- 50-Jorge de Lima
- 51-Augusto Meyer
- 52-Herem Almaraz
- 53-Aurelino Leite
- 54-José Olympio Filho
- 55-Vitor Nunes Leal
- 56-Rito Rosa
- 57-Ledo Ivo
- 58-Garibé
- 59-Carlos Drummond de Andrade
- 60-Thiago de Mello
- 61-Fernando Sabino

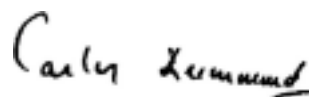
Todavia, foi exatamente no período vivido como Editor, no Serviço de Documentação, em que se efetivou uma aproximação maior entre Simeão e vários literatos, artistas e intelectuais brasileiros, alguns dos quais já velhos conhecidos na época em que moravam em pensões no bairro do Catete, como José Lins do Rêgo, Rubem Braga e outros contemporâneos do Curso de Medicina, como Théo Brandão. Um pequeno trecho da carta de Drummond de Andrade dá a dimensão dessa importância intelectual:

Meu caro Simeão Leal:

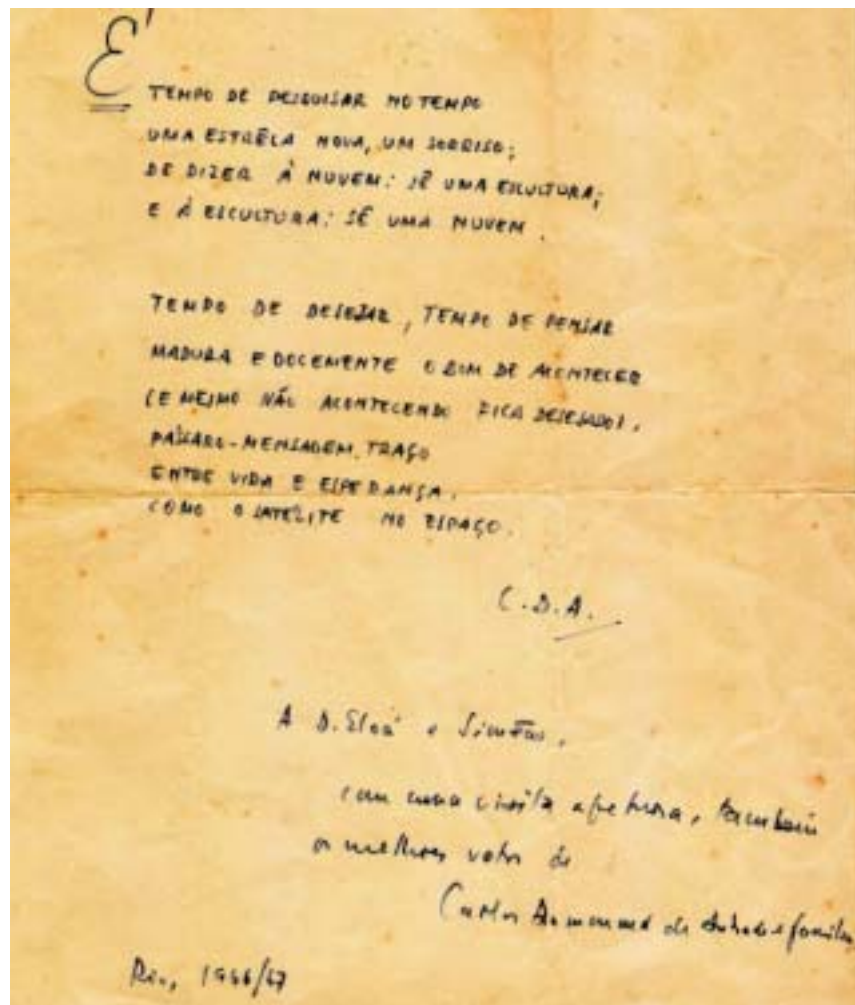
Venho solicitar a sua simpatia especial para a pretensão do meu amigo A. Thiago de Mello: um lugar ao sol.

É um moço de real merecimento com capacidade intelectual já provada, e que chegaria ser aproveitado em alguma atividade do serviço de Documentação. Se puder arranjar-lhe alguma coisa, terá adquirido um colaborador útil. Fico-lhe muito grato pela atenção que dispensar ao caso e mando-lhe o meu abraço cordial.

Seu



O imprevisto pautava-se nas relações culturais que o tempo se encarregou de levar para o campo pessoal, como se pode ver nesta carta-poema, fruto de uma visita familiar, que o poeta denominou de afetuosa, por se tratar de uma visita de passagem do ano, no caso, de 1966 para 1967. No texto, o poeta não desperdiça a oportunidade de desejar ao amigo um novo ano, novas esperanças que, mesmo não acontecendo, ficam do íntimo desejada, pois toda passagem de ano merece reflexões e desperta desejos:



Fac-símile 5 - Carta poema de Carlos Drummond de Andrade

Fonte: AJSL

É tempo de pesquisar no tempo
 Uma estrela nova, um sorriso;
 De dizer à nuvem: sê uma escultura;
 E à escultura: sê uma nuvem.

Tempo de desejar, tempo de pensar
 Madura e docemente o bom de acontecer
 (E mesmo não acontecendo fica desejado),
 Pássaro-mensagem. Traço
 Entre vida e esperança
 Como o satélite no espaço.

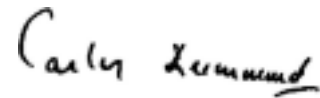
O ritmo de correspondência entre Drummond de Andrade e Simeão Leal permite certa periodização do trabalho de construção da amizade intelectual que vai se solidificando, conforme se pode notar nesta carta:

Rio, 6 janeiro 1951.

Meu caro Simeão:

Desta cidade inundada, desmoronada, favelada e ressecada, mas sempre invicta como a Petronilha da Consuelo Leandro, agradeço de coração os votos amigos que você e sua senhora nos mandaram. E de coração os retribuo, por mim e pelo meu pequeno clã, unido sob a falta d'água e o imposto de renda. Espero que o Chile seja ameno para o casal, e que você aí possa fazer grandes coisas, como é de seu costume e tradição.

O abraço amigo do seu velho

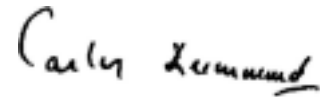


ou nas mensagens seguintes, as quais demonstram intimidade entre as famílias Drummond de Andrade e Santos Leal:

A D. Eloá e Simeão,

Com uma visita afetuosa, também os melhores votos de Carlos Drummond de Andrade e família

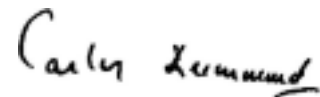
Rio 1966/67



A D. Eloá e Simeão

Gratos aos votos amigos, também desejamos horas de paz e alegria no ano que vai começar.

Dolores e Carlos Drummond (27.12.69)



Nesse conjunto de correspondências, como se pode constatar pela leitura das cartas, há um excelente material para o exame da vida cotidiana de Simeão e de várias personalidades, tão próximas a ele pela amizade e, por que não, por interesses que vão construindo. As datas e os locais das cartas são instrumentos valiosos que permitem delimitar um ritmo próprio à correspondência e revelar aspectos do “cuidado e da escrita de si” mesmo. É o que revela a carta de Celso Cunha, datada de 14 de agosto de 1975, ao alertar

o amigo sobre a construção do terreno por trás do prédio em que residiam no bairro de Humaitá. Um prédio simples, de apenas três andares, com um único apartamento por andar. No primeiro, residia seu primo e médico, Ney de Almeida; no segundo, ele próprio, e, no último andar, Celso Cunha.

Para o missivista, vizinho e amigo, a construção acabaria por afetar a moradia, sobretudo nos dois primeiros andares, provocando problemas de umidade, além do “*levantamento de colunas sem prévio estudo da pedra sobre a qual eles assentarão. Ora essa pedra tem formação muito diversa, o que obrigou, em nossa construção, o reforço de um dos pilares. Se a obra ruir, nos achatará a todos*”. Mas a amizade entre Simeão e o mineiro Celso Cunha já era coisa das antigas. Em 1947, Celso Cunha encontrava-se em Paris e escreveu⁸³ para Simeão, indagando-o sobre a situação política do governador da Paraíba recentemente empossado, referindo-se a Oswaldo Trigueiro de A. Melo (1947-1950), perguntando-lhe: “*E o secretariado do Trigueiro? Onde êle esconderá os Ribeiro no seu plano de trabalho? E a dívida que o Ruy [Carneiro] contraiu às últimas horas em nome do Estado? (Ouvi tudo pelo rádio)*”. Apesar das perguntas, o missivista reconhece no amigo o humor irônico: *Você, como Voltaire, destrói as coisas mais solenes com duas gargalhadas. Mesmo destruídas, essas coisas rendem uma boa conversa. Mande-me, portanto, suas impressões.*

Os escritos de Celso Cunha enfatizam a política internacional, envolvendo a França como ponto de agrupamento de movimento revolucionário e contra-revolucionário de toda a Europa, comentando as atitudes políticas de Charles De Gaulle como sendo o assunto do momento, porém sem muitas definições. Como proposta, Cunha relata que o Presidente parece querer ignorar a esquerda e a direita, reportando-se em nome de um suposto “interesse nacional”, sendo, portanto, melhor aguardar os acontecimentos. A discussão apresentada pelo missivista ao amigo Simeão mostra a perspicácia em observar os acontecimentos ao seu redor. Apesar de trazer a lume questões políticas, retoma questões intelectuais, referindo-se à obra de Oliveira Viana, embora não tenha pronunciado o título que, provavelmente, seja *Direito do trabalho e democracia social e Problemas de organização e/ou Problemas de direção: o povo e o governo*, ambas as obras editadas em 1948.

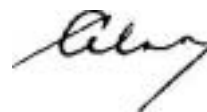
Celso Cunha não registra apenas uma discussão política e intelectual, indaga sobre os amigos em comum, Gazzi de Sá, José Américo de Almeida e, sobretudo, a respeito do que eles andam fazendo. Essa relação de amizade existente entre os dois missivistas permite,

⁸³ Carta manuscrita datada de 15 de abril de 1947.

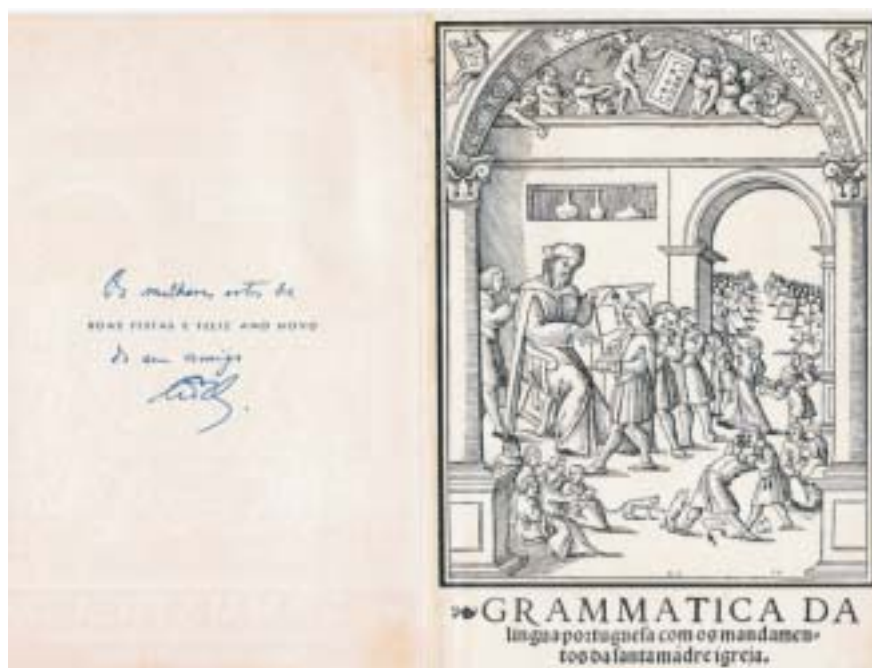
também, os desabafos do cotidiano, uma escrita íntima, uma troca de confidências. Mais uma vez, na cidade de Paris, Celso Cunha, em 1953, desabafa:

Aqui nesta cidade que não existe, como a girafa do português, estou há mais de 30 dias e parece que cheguei ontem. Principalmente no inverno, o tempo aqui corre de uma maneira incrível. Depois é uma cidade diferente que não para, onde há sempre uma coisa nova e melhor para se ir ou ver.

Até começar o curso, o que custou um pouco - pois cheguei nas férias de 'Noel - levei uma vida um tanto boêmia: Nouvelle Eve, Carol's, Moulin Rouge, Jockey, longos papos em S. Germain-de-Près, no Le Royal, no Flore, na Matiniquaise... Vida de um vagabundo estrangeiro em Paris, que traz alguns francos no bolso.⁸⁴



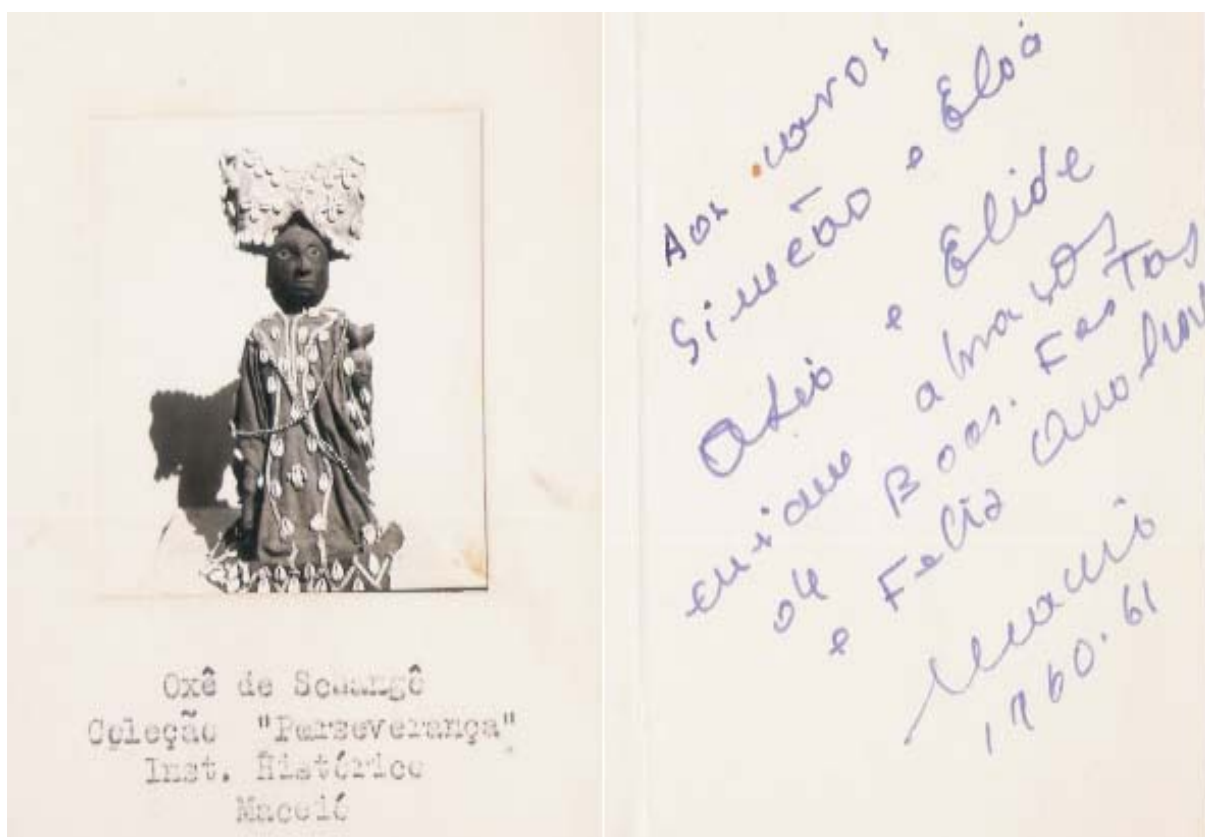
Imediatamente, ele se corrige e diz: “*agora tudo mudou. Botei moralidade na casa e iniciei o Curso na Sorbone*”, deixando transparecer a emoção e a ansiedade por participar da aula inaugural, embora reconheça, sem modéstia, o trabalho que fez: “*A aula inaugural teve boa concorrência e, embora um pouco abafado, a palavra me veio fácil na hora apta*”. A amizade entre os dois missivistas aumenta tanto que Simeão passa a ser uma espécie de “cuidador” do imóvel do amigo no Rio de Janeiro, e recebe de Celso Cunha recomendações quanto aos cuidados para com D. Cinira, sua esposa que, em breve, iria encontrá-lo em Paris. A amizade entre Simeão e Celso Cunha extrapola espaço e tempo, como testemunha o cartão de Celso, enviado para Simeão, em fins de 1959, o qual é um prenúncio da atividade do missivista:



Fac-símile 6 - Cartão de boas festas 1959/1960, contendo a folha de rosto da Grammatica da língua portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja. Exemplar da Biblioteca Nacional
Fonte: AJSL

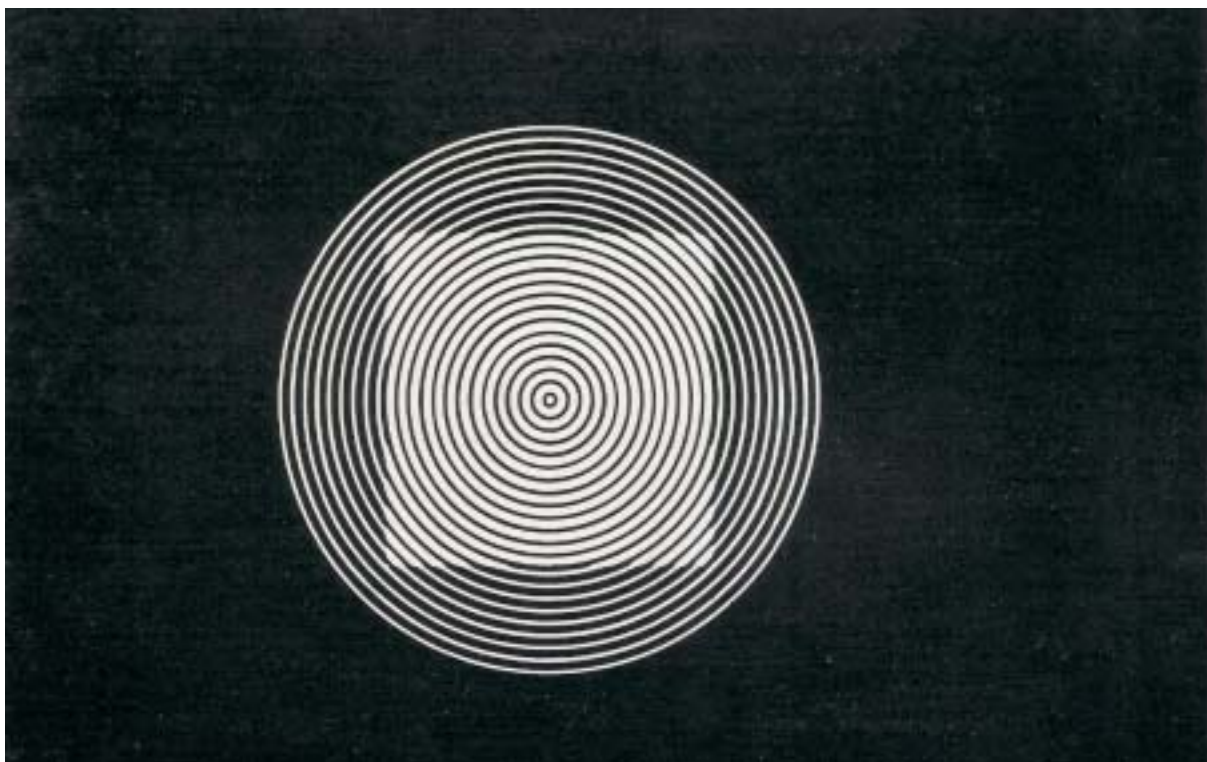
⁸⁴ Carta manuscrita, datada de 20 de janeiro de 1953.

Ao atingir o seu destino postal, a viagem recomeça. “Mas, agora, o viajante é aquele que recebeu o cartão [...] o realismo das imagens estampadas nos cartões também cria uma disposição que transfere o sentido do “eu li para o eu vi” (SHAPONIK, 2006, p. 424). Eis uma perspectiva adotada por muitos missivistas para manterem os laços de amizade, como por exemplo de Théo Brandão, Murilo Mendes, Bruno Giorgi, como mostram fac-símiles dos cartões natalinos enviados a Simeão Leal.



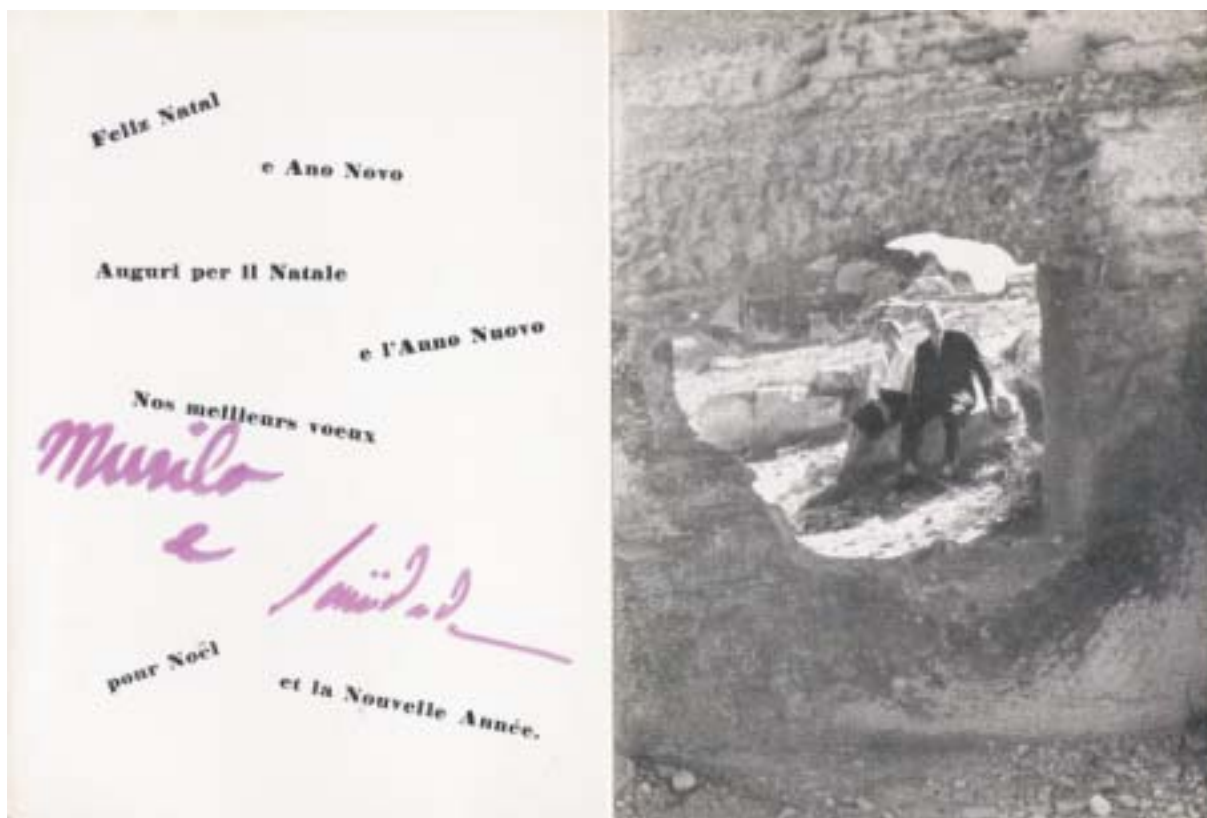
Fac-símile 7 – Cartão de boas festas 1960/1961, contendo a imagem em cerâmica de Oxê de Schangê, peça da coleção Perseverança do Instituto Histórico de Maceió/AL

Fonte: AJSL



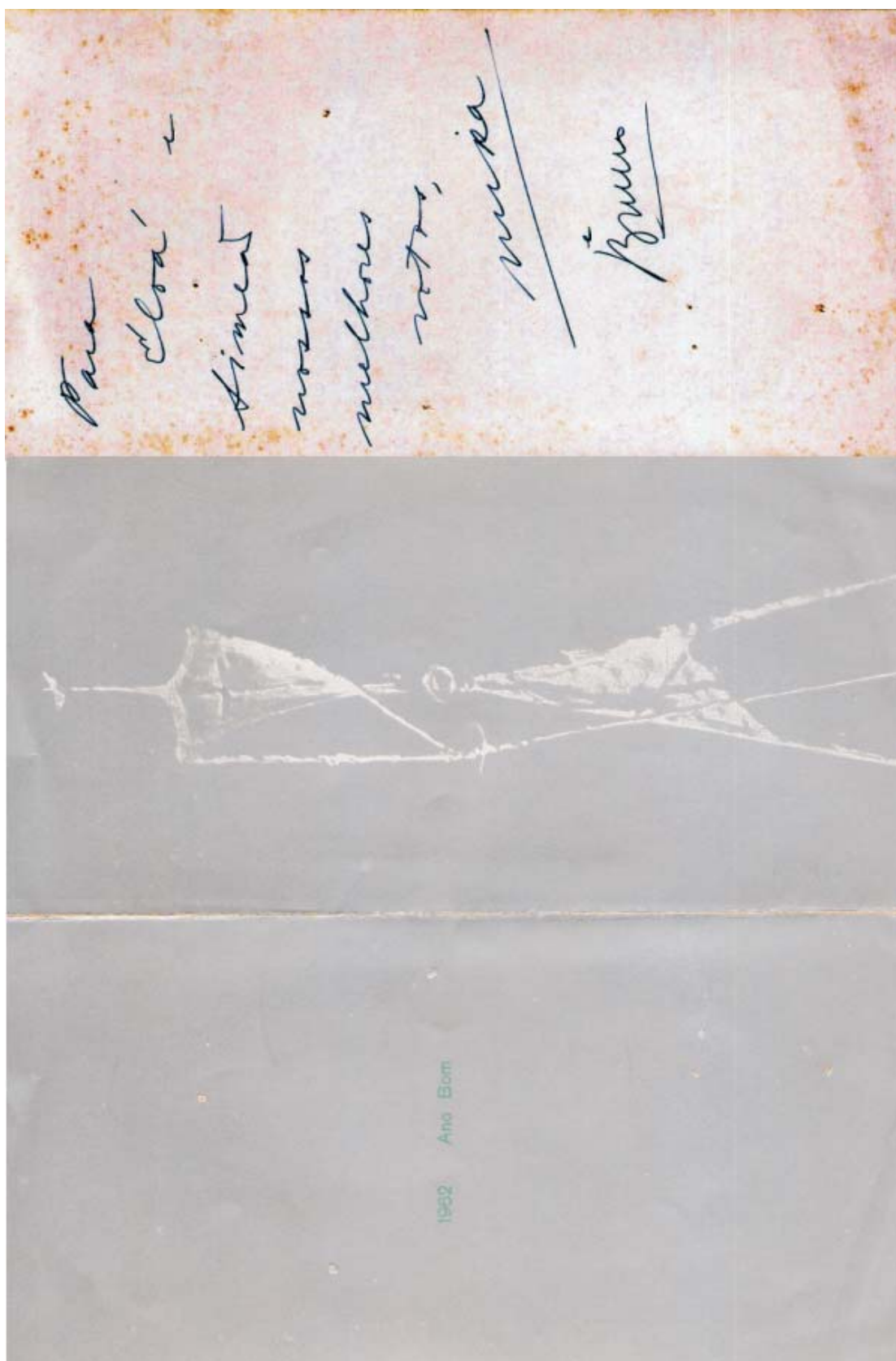
Fac-símile 8 – Capa do cartão de boas festas enviado por Murilo Mendes a Simeão Leal

Fonte: AJSL



Fac-símile 8a – Parte interna do cartão de boas festas enviado por Murilo Mendes a Simeão Leal, tendo n centro a fotografia do casal Mendes

Fonte: AJSL



Fac-símile 9 – Cartão de boas festas 1961/1962, enviado por Bruno Giorgi

Fonte: AJSJL

Ainda retomando o aspecto pessoal entre Celso Cunha e Simeão, este mantém com Murilo Mendes similar relacionamento, atuando também na qualidade de seu procurador, como registra a carta datada de 02 de maio de 1951:

Roma, 2-5-51.

Querido Simeão,

Junto vai uma foto que não ficou muito boa; mas - de acôrdo com a fórmula clássica - servirá de lembrança do seu SOGGIORNO romano, que tanto prazer nos deu.

É pena que Eloah não compareça. Fica para a próxima vez...

Por aqui, nada de novo, ou pelo menos, novíssimo. aguardo sereno a chegada, a 13 próximo dos 60 anos (sic), quando publicarei em plaqueta um longo poema meu traduzido por Margareth mandando-lhe-ei um ex.

Escrevemos ontem a Eloah sobre o caso do nosso apartamento, e temos confiança que ela nos responda.

Aos dois, afetuosos abraços de saudade e em particular do seu velho

Murilo.

Fac-símile 10 – Carta de Murilo Mendes datada de 02 de maio de 1951

Fonte: AJSJL

Roma,

Querido Simeão,

Junto vai uma foto que não ficou muito boa; mas de acôrdo com a fórmula clássica – servirá de lembrança do seu SOGGIORNO romano, que tanto prazer nos deu.

É pena que Eloah não compareça. Fica para a próxima vez...

Por aqui, nada de novo, ou pelo menos novíssimo. Aguardo sereno a chegada, a 13 próximos dos 60 anos (Sic), quando publicarão em plaqueta um longo poema meu traduzido por Margareth mandando-lhe-ei um ex.

Escrevemos ontem a Eloah sobre o caso do nosso apartamento, e temos confiança que ela nos responda.

Aos dois, afetuosos abraços de saudade e em particular do seu velho

Murilo.

Como já dito, Gazzi de Sá foi outro correspondente de Simeão. Entre eles, havia uma amizade fortalecida pelo inseparável amigo Tomás Santa Rosa, também por Celso Cunha, assim como José Américo de Almeida com que, para além de correspondente, outro vínculo os unia: o parentesco familiar. Por outro lado, isso não significou tantas influências na vida de Simeão, pois suas realizações se deram no âmbito da cultura editorial e literária e, nunca, no campo político, atividade exercida por seu tio e padrinho, cujas cartas, no entanto, abordam muito mais o âmbito familiar.

Os sentimentos de amizade e as práticas de sociabilidade, que se refletem nas cartas, formaram, sem dúvida, uma rede de sociabilidade, cujo teor circundante é a capacidade intelectual, cultural e humorada de Simeão em relação aos assuntos, sejam técnicos, sociais, culturais ou literários, como sugere a carta de Thiago de Melo:

Meu querido Simeão,

Paraibano é mesmo gente danada, não nega fogo nunca. A gente escreve para o amigo uma carta de saudade e, de permeio, sugere que o amigo bem que podia colaborar com um trabalho que a gente realiza, longe do país, pela cultura deste mesmo país, que o nosso é bem amado, e o amigo é ali na batata: chama a secretária e manda providenciar a remessa do que há de melhor, em matéria de livro. É verdade que me veio uma tal notícia da Visitação que não é lá essas grandes coisas.

Mas era de lambuja, mas um sinal de amizade.

Deus te pague, Simeão. Os livros foram uma festa, já hoje mesmo, recebidos ontem, foram incorporados à Biblioteca José Lins do Rego, pois assim decidi batizá-la, há 15 dias atrás, quando inaugurei, infelizmente com apenas 650 volumes. A propósito vou te contar uma história antiga, mas sempre lembrada por mamãe, e que agora vem ao caso. Tinha eu 7 anos, quando uma vizinha, bonitona e chamada Gertrudes, entrou em casa, lá no Amazonas, com um prato cheio de sapotilhas do seu quintal. Era presente par Amim. Meti a mão no prato e agarrei, ávido, uma fruta. Minha mãe ralhou comigo, perguntando: Meu filho, como é que se diz? Eu calado. Minha mãe insistiu, forçando-me ao agradecimento — Meu filho, como é que se diz. Eu não titubiei: - Mamãe, diga a ela que traga mais. É o que estou com vontade de te dizer, meu bom Simeão: que mandes mais.

Pelo próximo avião do ACAN, via creio que Itamaraty, te mandarei os exemplares, aliás os originais, do ABC do Amazonas, cujo trabalho já está em fase final. Creio que vais gostar de publicá-lo. A questão de formato, paginação, de possível ilustração fotográfica, tudo isso é contigo, que entendes mais do riscado do que eu, mas do que muita gente que vive fazendo alarde.

Recomenda-me à tua patroa, dá um abraço em Lúcia, e conte sempre, paraibano danado, com a amizade do

Thiago

[de Mello Neto] [10/07/1954]

ou mais pessoais, envolvendo também seus familiares, como seu sogro, Sr. Altino Drummond, que acompanharia o amigo Ademar Vidal até Recife:

Simeão

Até agora, isto é, até as 8 horas o sogro não chegou, de modo que não sei ao certo se poderemos ir hoje ao Recife. Entretanto, mesmo que elle chegue mais tarde, viajaremos após o almoço, lá para duas ou três horas. No caso de viagem você terá aviso prévio. Ouve comício? Waldemar falou? Abraços do seu admirador e amigo,

Ademar Vidal

O ritmo de correspondência recebida por Simeão permite certa periodização do trabalho de construção da amizade intelectual que vai se solidificando. São muitas as cartas desse momento, que está sendo entendido como o de estabelecimento de contatos, e em que fica caracterizado que a correspondência iria cumprir o papel fundamental de lugar de troca intelectual entre Simeão e vários literatos, fortalecendo-se, por vezes, o perfil básico de cada um dos correspondentes: “*Meu caro Simeão Leal: você é mesmo um bicho insociável que só se comunica com os velhos amigos através do já velho e depauperado telegrafo nacional*”⁸⁵. Considerando o grau de amizade entre Simeão e Aderbal Jurema, este faz um apelo ao amigo:

Recife, 24.11.48

Foi com seu telegrama a respeito do caso de uma aluna da Faculdade de Filosofia, no qual v. teve uma atuação tão eficiente que seu nome é, hoje, cantado em verso e prosa de moças-estudantes; que tive uma última notícia. Nunca mais acusou o recebimento de “Nordeste” que continua saindo.

Outra vez, porém, estou apelando para o seu prestígio junto ao _____ Jurandir do _____, no sentido de apoiar e resolver [...]. Aqui, eu e minhas alunas da Faculdade, ficamos certos de que esse paraibano que, segundo o [Ademar] Vidal, “é um homem de sutil malícia”, mas que sei ser intriga da oposição..., não descansa um segundo em mexer-se com todos os cangaceiros da velha Paraíba (pelo menos os espíritos deles) para alcançar uma solução urgente para o memorial que se defende, é porque é pero (abaixo a modéstia de orador!) Em janeiro estarei aí para abraçá-lo, enquanto isso vai mesmo o abraço pelo aéreo, abraço de velho amigo sempre certo.



Se as correspondências estão no campo da intimidade, esta é revelada já nas saudações, nas despedidas e no modo com os missivistas assinam seus textos, algumas

⁸⁵ Carta enviada por Aderbal Jurema para José Simeão, em 1948.

vezes cheios de ícones, talismãs, desenhos, vocativos desmedidos, livres, sem obedecer a formas estruturais. Todos, porém, dedicados como modo de reiterar essa proximidade. Tais manifestações, quando registradas, servem como compartilhamento da autoimagem do missivista em sua relação com o outro. Como observa Foucault (1992, p. 150, grifo nosso),

Escrever é, pois, **mostrar-se**, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele se sente olhado).

Assim, a cumplicidade que a correspondência estabelece não se restringe a conselhos ou ajudas, mas também ao compartilhamento do interior, como ilustram as saudações e as despedidas de alguns missivistas, como Carybé, por exemplo: “*Meu caro e belo Simeão. (Com esta tinta vejo tudo bonito)*”

Refere-se o pintor ao texto escrito em tinta vermelha, com letras garatuçadas e, ironicamente, evoca a beleza de Simeão, atributo que lhe era negado por todos os amigos. *Um abraço bruto*, se despede Carybé. Em outra carta, datada de 11 de dezembro de 1958, sob o auspicioso clima mexicano, cumprimenta-o: *Famigerado Simeão. Meu abraço. Despede-se desejando ao amigo: madrugadas floridas e com cantares de sabid para você [...] teu amigo pé de boi*. E deixa sua marca com a representação de também desejar curtir as belezas do Rio de Janeiro:



Ilustração 4 – Assinatura ilustrativa de Carybé

Fonte: AJSJL

Podem-se elencar outros, como é o caso de Fernando Tude de Souza, que saúda Simeão chamando-o de “*Meu caro cão tentado*”⁸⁶, não com o sentido de ofensa, mas representativa de um sujeito que consegue tudo, mesmo que seja pela persistência. Aliás, essa característica

⁸⁶ Carta datada de 6 de novembro de 1956. Rio de Janeiro.

acompanhou José Simeão durante toda a sua vida, como enfatiza Souza. Os cargos que ocupou nunca mais foram os mesmos, e seus amigos se mantiveram até o fim. Não era só persistente em suas atitudes, mas no amparo aos amigos, acompanhado de uma simpatia que lhe era peculiar. Era também confidente de muitos dos seus missivistas, que lhe desabafavam, como o fez Fernando Tude de Souza, através de um carta de Paris, datada de 03 de novembro de 1949, revelando momentos de angústia pela morte do amigo em comum, Arthur Ramos:

Meu caríssimo Simeão, chefe amigo:

Você bem pode calcular como estou chocado com a morte do nosso Ramos. Foi uma cousa estúpida, repentina, numa madrugada fria como ainda não houvera outra este ano. Um edema agudo do pulmão depois de um dia feliz e tranquilo, quando em companhia de D. Luiza – uma mulher excepcional – fora a museus e ao cinema. Chegara em casa e antegozava os dous dias feriadados que ainda tinha para descanso. Diagnosticou-se e indicou toda a terapêutica que D. Luiza executou com presteza. Até uma sangria que ela fez com maestria de profissional não deu jeito à chegada impiedosa da morte. Apenas tive conhecimento para lá me transferi e não fiz mais outra cousa que prestar a assistência que tenho certeza igual a que Ramos prestaria aos meus em caso inverso. Com Paulo Carneiro, Nazareth e Roberto tomamos todas as providencias. A mim coube a tarefa mais dura: assistir e aguardar o embalsamamento do corpo no próprio quarto do hotel! Fiz os meus primeiros passos na medicina legal com o Ramos e tudo isto me chocou muitíssimo! A última semana reatamos uma velha amizade que a vida do Rio deixara a impressão de estar amortecida. Como conversamos, planejamos e rimos as vezes que estivemos juntos. Ontem fui com D. Luiza arrumar os papeis deles na UNESCO. Que homem extraordinário e como produziu nestes três meses. Sentiu uma felicidade quase infantil com o segundo número de Cultura que trouxe para o Roberto mas antes mostrei a ele! O corpo seguirá para o Brasil no dia 10 pelo Formose que sai de Bordeus. D. Luiza irá de avião. Ela ontem deixou o hotel e está em casa do Luiz Heitor – rua Galilé, 12 – Diga a família dela que temos cercado D. Luiza do possível carinho e conforto. Ela é uma heroína. A grande companheira do nosso Ramos! O Arnaldo Estrela e Marlucia também tem sido formidáveis na assistência a D. Luiza. [...].

Recomendações em casa, do Tude

A carta não revela apenas a dor momentânea pela perda de Artur Ramos, mas também a despedida de mais um partícipe de um grupo de amigos – folcloristas – do qual Simeão fazia parte. Por isso, por diversas vezes, foi solicitado a participar de pesquisas, ceder parte de seus textos para serem incluídos em obras de Théó Brandão e do próprio Arthur Ramos, além de ganhar o merecido reconhecimento por parte de Roger Bastide, ao mencionar, em 1949, a partir de então, a pesquisa sobre folclore paraibano iria se desenvolver, referindo-se ao trabalho de coleta de dados sobre a nau catarineta da Paraíba, com gravações musicais e investigações por meio de observação da nau da cidade de Cabedelo, Areia e

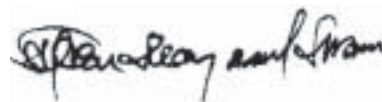
João Pessoa, chegando a gravar fonograficamente suas entrevistas e as expressões que Alceu Maynard testemunhou, ecoando nos fragmentos da carta:

São Paulo, 9 de abril de 1949

Meu caro Simeão,

bom dia.

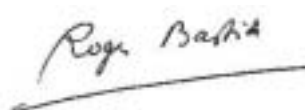
Em fevereiro passei aí no S. de Documentação para abraçá-lo, mas não tive esse prazer porque v. estava no norte. Queria agradecer-lhe de viva voz as fotos da exposição folclórica e os recortes sobre os congos, trabalho de sua lavra. Na tese que fiz para os exames do Curso de Relações Internacionais, citei trechos de seu trabalho, no que diz respeito á embaixada, pois o título que escolhi foi “O Embaixador na História Universal e no Folclore Nacional”[...].



Na mesma proporção, agradece Renato Almeida as fotos sobre o folclore cedidas por Simeão para constarem de uma exposição em 1948. Nesse sentido, ele encerra sua carta com as seguintes palavras: “Vão as provas e, com ela, as curvaturas das minhas homenagens”. E complementa Manoel Diégues, em carta datada de 19 de março de 1949: “aqui vamos com saudades suas mas compensa-nos saber que a colheita folclórica na Paraíba vai tomar impulso agora. Antes assim. Por outro lado, talvez com o doce-amargo dessas saudades, nunca mais o Renato [Almeida] reuniu a Comissão”, referindo-se a Comissão Nacional de Folclore da qual, à época, era presidente.

Já em 3 de julho de 1948, de São Paulo, escreve Roger Bastide,

Há muito tempo já que penso em lhe escrever. Apesar de ainda não o ter feito, creia que não o esqueci e que conservo a melhor recordação dos bons momentos que passamos juntos, de nossas conversações sobre o folclore paraibano e que sou particularmente agradecido ao senhor por tudo quanto fez para facilitar meus estudos em João Pessoa. [...] Como vão os seus trabalhos? Faço votos para que o senhor esteja continuando a por em ordem as suas numerosas e tão sugestivas fichas que tão útil serão aos pesquisadores. [...] Se desejar publicar em de seus estudos de folclore nessa revista, poderei providenciar isso com o maior prazer, certo de estar prestando, também, um grande serviço à ciência brasileira.



A deferência de Roger Bastide ao trabalho desenvolvido por Simeão remonta a 1945. Em carta datada do mesmo ano, Bastide insiste, com seu correspondente, para que

escreva sobre as manifestações culturais populares na Paraíba, a fim de que fossem publicadas em revista paulista: “*Esperando que seja agora possível ao senhor aproveitar suas notas de folklore para escrever algum artigo*”.

Se alargarmos os horizontes de nossas reflexões a respeito da produção de Simeão Leal, observamos que essa produção tem, como pano de fundo, as manifestações culturais populares. Suas coletas seguiam esses procedimentos: levantamento bibliográfico de tudo o que havia sido publicado nos mais diferentes suportes, jornais, revistas, livros; lia todo o material e relacionava o nome das diversas manifestações e suas respectivas designações por região; em seguida, partia para o trabalho de campo, visitando grupos culturais populares e suas variadas manifestações; anotava tudo o que via, gravava, utilizando fios de metal, e fotografava quando permitido.

O trabalho, especialmente voltado para o estudo da nau catarineta, efetivou-se em 1949, depois de Simeão retornar à Paraíba, como costumeiramente fazia. Esse retorno se deu num espaço mais longo de permanência, tornando-se necessário recorrer a Santa Rosa para viabilizar, junto com Fernando Tude de Souza, a compra de material para utilização das capturas fonográficas. Respondendo Santa Rosa, em carta datada de 13 de março de 1949, o pedido não pudera ser atendido de imediato, todavia esforços estavam sendo envidados.

Simeão, por característica própria, é praticante natural de informalidades, procedimento que o acompanhava ainda nas atividades do Ministério. Em seus levantamentos sobre as manifestações culturais populares, a informalidade de seu jeito favoreceu a entrada e a coleta de dados em vastos campos, retornando todas as vezes que se fez necessário, utilizando-se, porém, dos mesmos procedimentos de coleta, observação, anotações, gravações, registros fotográficos, enfim, todo o material que coletou foi por ele arquivado e alguns cedidos para subsidiar trabalhos de outrem que lhes dava total credibilidade, como revelam estes escritos de Théó Brandão:

Maceió, 8 set de 1955

Simeão,

Abraços

Sei que vai ser difícil arrancar de você uma resposta, afinal faço uma tentativa mais confiada em que você passe esta à sua senhora que talvez tenha tempo, lembranças e boa vontade em responder e enviar as informações que estou precisando para um bom trabalho sobre Pastoris. Assim peço a D. Eloá para me mandar o nome dos pastoris que você colheu em João Pessoa, os personagens de cada um deles época e localidade em que os colheu. Caso haja entre eles pastoris

não dramáticos, de jornadas soltas e caso possível a denominação das principais dessas jornadas. E enfim um resumo das informações que você preparou para o seu livro sobre folclore paraibano (e quando sae?). [...].

Um grande abraço para você e as recomendações e os agradecimentos antecipados a D. Eloáh. Elide recomenda-se por sua vez e manda abraços para ela.



Não é minha preocupação, aqui, detalhar os estudos de Simeão Leal a respeito das tradições populares. Remeto os interessados nesta questão ao acervo de José Simeão Leal. Porém, considero necessário evidenciar o modo de Simeão proceder e discorrer sobre vários aspectos relevantes, entre eles, a importância que dava aos modos de anotar em arquivos e os cuidados com o levantamento de dados. Sua maneira de proceder reitera a importância da consideração ao outro. Um exemplo disso é a coleta de dados sobre expressões populares, como mostra a fotografia 10.



Fotografia 10: José Simeão Leal em coleta de dados sobre cultura popular na Paraíba

Fonte: AJSL

Segundo Iêda Linhares⁸⁷, sobrinha de Simeão Leal, esse, provavelmente, foi o momento em que ele conheceu, com maior profundidade, os aspectos da religiosidade afro, sobretudo, a praticada no território do Conde/PB. Simeão frequentava, com assiduidade,

⁸⁷ Entrevista concedida, em fevereiro de 2008, na cidade de João Pessoa/PB.



Fotografia 11: Terreiro do Catimbó

Fonte: AJSL

os terreiros de Candomblés todas as vezes em que estava na cidade de João Pessoa, ganhando, com isso, a confiança dos dirigentes das práticas, principalmente, os de ramificação da Jurema, tema sobre o qual Simeão dedicou mais o seu tempo de coleta e registro, formando, desse modo, seu acervo particular sobre as manifestações culturais populares na Paraíba.

Essa literatura, aparentemente “menor”, da qual José Simeão Leal tanto se ocupou em determinado período de sua vida, revela anotações emblemáticas, inclusive por conterem referências e detalhes importantes para se compreenderem das motivações que o inspiraram a coletar tais manifestações e, também, as estratégias de pesquisa por ele

adotadas. Primeiramente, registrou os vários tipos de manifestações culturais populares, depois as mapeou. Ao registrá-las, José Simeão Leal, de certo modo, enfoca a sociedade e a cultura paraibanas, ressaltando, mesmo que de forma indireta, os grupos sociais subalternos que se contrapõem às concepções dos setores culturalmente dominantes da sociedade. Para ele, “o nordestino é o intelectual, preocupado com a cultura e com uma profunda necessidade de comunicação com as pessoas”⁸⁸.

Dentro dessa perspectiva, Simeão coletou abundante material de pesquisa levantado na Paraíba, porém este não saiu dos cadernos e das fichas de anotações, com exceção



Fotografia 12: Registro de Dança

Fonte: AJSL

⁸⁸ Palestra proferida na Escola de Comunicação e Artes da UFRJ, em 1974.

de algumas crônicas, publicadas em jornais locais, como *Pastoris*, em 1949⁸⁹, narrativa pormenorizadamente descritivo-detalhista.

Simeão não se limita a pesquisar sobre *Pastoris*, ao contrário, registra, em descrição minuciosa, outro espetáculo de tradição popular ocorrido na Paraíba por volta dos anos 40: as *cavalcadas e vaquejadas*. Todavia, explica as origens dessa manifestação, promovida, sobretudo, no Sertão brasileiro. Destaca que, tanto a cavalcada quanto a vaquejada, são sobrevivências de costumes antigos, hoje incorporados à tradição nordestina que apresenta notável valor cultural. Por essa razão, seus estudos e registros sobre a temática merecem atenção.

Enfim, é na confluência de vários temas que Simeão escolheu explorar que vêm se assinalar muitas das correspondências recebidas e muitas das relações de amizade das quais desfrutou ao longo de sua vida. Em toda a correspondência ativa e passiva, há certa subjetividade que procura se transformar pelo percurso dos saberes. A história da amizade, como diria Vincent-Buffault (1996, p. 142), “não é complementar nem simétrica, se desenharmos em grandes traços suas diversas combinações temporais. “Os lugares, as mediações que nela se definem são tomados em redes de poder, de consentimento e de recusa” [...]. Assim, as amizades se entrelaçam nas longas durações das “hierarquias, dos imaginários, das determinações e das sociabilidades”, de modo a distinguir a maneira como elas ganham sentido, tanto para os que escrevem cartas como para os que as recebem. Assim, esses fragmentos singulares de amizade entre Simeão e seus correspondentes, aqui relatados, deixam prevalecer complexidades singulares dessa relação e a discrição que exige, quando dela se fala. Interpretá-la, em seu contexto, permitiu deixar ressoar em os ecos de amizade.

⁸⁹ Recorte de Jornal sobre *Pastoris* e Cavalcadas, pertencente ao AJSL.



Fotografia 13: Simeão entre amigos

Fonte: AJSI



Fonte: AJSL



Amor e Morte

3 FAZERES E VIVERES

Tive que recorrer, queiram me compreender, sempre mais a pequenos prazeres, quase invisíveis, substitutos... vocês não fazem ideia como, com esses detalhes, alguém se torna imenso, é incrível como se cresce.

(GOMBROWICZ, 1971 apud CERTEAU, 1994, p. 53).

As atividades do cotidiano de José Simeão Leal, sobretudo as profissionais, que lhe tomavam todo o tempo, inclusive nas rodas de conversas entre os amigos, é o que persigo neste capítulo, fundamentado nos documentos constantes, exclusivamente, de seu arquivo privado pessoal, espaço considerado autobiográfico e armazenador de depoimentos escritos de quem o acompanhou, recortes de jornais, entrevistas concedidas por ele mesmo, cartas e, fundamentalmente, na qualidade, quantidade e diversidade da produção editorial que administrou e desenvolveu sob os auspícios de seu comando. Assim, o fazer estava, para Simeão, na mesma relação e proporção do viver. Viver, para ele, era estar envolto por atividades culturais e literárias, das quais editorar era o ponto focal, caminho que percorreu no estabelecimento de autoimagem de intelectual.

3.1 Simeão Leal: um editor do Ministério da Educação e Saúde

Notícia má para a cultura: “José Simeão Leal deixou o Serviço de Documentação do Ministério da Educação”, escrevia Carlos Drummond de Andrade, em 1965, no *Jornal Folha da Tarde*, em Porto Alegre/RS. A leitura desse recorte de jornal me levou a alguns questionamentos iniciais: O que fizera esse homem para Carlos Drummond lamentar sua saída desse setor público? Qual teria sido seu desafio?

Observando a trajetória de Simeão, constatei o seu primeiro desafio: retornar, em fins de 1946, à Capital Federal, acompanhado de sua esposa, Eloah Drummond.

Desempregado, Simeão Leal vai morar, a convite, na casa do tio e padrinho José Américo de Almeida, onde encontra guarida até o momento de sua nomeação como Servidor Público do Ministério da Educação e Saúde. Pleito encaminhado, ainda em João Pessoa-Paraíba, e alcançado por influência do interventor do Estado, Ruy Carneiro (1940-1945), em carta datada de 19 de fevereiro de 1945, o qual, utilizando-se de sua influência política, recorre ao Presidente Getúlio Vargas (1930-1945), solicitando uma oportunidade profissional para Simeão Leal, sob a explícita alegação das qualidades profissionais e intelectuais do apresentado:

[...] Tem presentemente o Dr. Simeão Leal necessidade de se transferir para o Rio, por motivos da maior relevância. É uma grande perda para o meu governo, que dificilmente encontrará quem reúna todas as suas invulgares qualidades. Moço pobre, entretanto, com grandes encargos de família, o Dr. José Simeão Leal precisará de uma base para se estabelecer. Será também um prêmio merecido a quem, como tive ocasião de explicar pessoalmente a V.Exc. muito fez para conquistá-lo. (CARNEIRO, 1945, p. 1)

Ruy Carneiro apostou naquele que, mais tarde, seria revelado como o nome de excelência da cultura brasileira, sobretudo no campo da produção editorial, representante do poder público, descobridor de talentos. O pedido surte efeito, e José Simeão Leal é nomeado Diretor do Serviço de Documentação do Ministério de Educação e Saúde, ou o Palácio da Cultura⁹⁰, como ficou popularmente conhecido. Sua contratação foi efetivada através da Portaria publicada no Diário Oficial da União, em 15 de janeiro de 1947, no Governo do Presidente General Eurico Gaspar Dutra (1946 – 1951), como testemunha esta transcrição do documento, que o nomeia para um serviço intermediário:

O Presidente da República

Resolve nomear, de acordo com o art. 14, item II, do Decreto-Lei n. 1.713, de 28 de outubro de 1939, José Simeão Leal para exercer o cargo, em comissão, de Diretor (S.Doc.), padrão O, do Serviço de Documentação do Quadro Permanente do Ministério da Educação e Saúde, vago em virtude da exoneração de Antônio Simões dos Reis.

Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1947, 126º da Independência e 59º da República.

Eurico Gaspar Dutra (Presidente)

⁹⁰ Edifício projetado pelos Arquitetos Oscar Niemeyer, Afonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão, Lúcio Costa e Hernany Vasconcelos, seguindo traços originais de Le Corbusier, construído por determinação do Presidente Getúlio Dornellas Vargas, tendo como Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema. A esse respeito, consultar a obra de MINDLIN, Henrique E. *Modern architecture in Brazil*. Rio de Janeiro: Colibris, 1956. p. 197.

Na carta datada de 25 de janeiro de 1947, dirigida ao ministro em exercício Dr. Clemente Mariani Bittencourt, Simeão Leal assegura a satisfação de sua posse para tal função, ocorrida no dia 17 do aludido mês, entrando, portanto, em exercício a partir daquela data. Aproveita, ainda, para se colocar à inteira disposição do ministro.

Sua estada na casa do tio se dá aproximadamente pelo período de dois meses. Depois, muda-se para um apartamento num edifício de três andares, no Bairro do Humaitá, inicialmente alugado, depois adquirido com recursos próprios, por via de empréstimos bancários. No primeiro andar, morava seu primo, Ney de Almeida, com quem havia cursado Medicina. No mesmo espaço, o encontro feliz com o gramático Celso Cunha, residente no terceiro, ocupando Simeão o apartamento do segundo andar, conforme expressam as cartas trocadas entre ambos e já mencionadas no capítulo segundo desta tese.

O ar simplista do edifício, abençoado pela visão privilegiada do Cristo Redentor, rendeu a José Simeão Leal novas amizades e a construção de seu novo ofício, um fazer agora voltado com exclusividade, para a cultura e a produção literária. Porém essa é uma façanha que ele vai atingir ao longo do desenvolvimento de suas funções no cargo de Diretor do Serviço de Documentação (SD).

O Ministério da Educação e Saúde foi criado no Governo de Getúlio Vargas, em 1930, e o edifício, em 1934, local onde José Simeão Leal trabalhou por 18 anos, sete meses e sete dias, aposentando-se em 1965.

O Serviço de Documentação, órgão subordinado ao referido Ministério, para o qual José Simeão Leal fora designado, foi criado em 29 de fevereiro de 1940⁹¹, no Governo de Getúlio Vargas, sob o comando do Ministro Gustavo Capanema, através do Decreto-lei nº 2.045, cujo teor objetivou alterar as funções do Serviço de Publicidade em Serviço de Documentação, dando-lhe as seguintes competências:

- a) Coligir, ordenar e conservar os textos documentários, bem como dados descritivos e estatísticos e documentação fotográfica referentes a cada um dos órgãos, bem como às diferentes atividades do Ministério da Educação e Saúde;
- b) Ministras ao Departamento de Imprensa e Propaganda todos os elementos de que ele necessitar para o exercício de suas funções, no que disser respeito aos assuntos de que se ocupa o Ministério da Educação e Saúde;

⁹¹ Período que se refere ao Estado Novo, marcado, no campo político, por um governo ditatorial.

c) Organizar e editar os Anais do Ministério da Educação e Saúde.

Ao tomar posse, como Diretor do SD, José Simeão Leal fez um balanço das atividades efetivamente desempenhadas pelo setor, que se limitava a editar documentos oficiais e arquivá-los. Em face da realidade observada, Simeão imprime, na prática, novas atribuições, mesmo ciente de que elas ainda não haviam sido contempladas pelo Decreto que instituíra o Serviço. No afã do desafio, passa a orientar o desempenho de novas atividades, ampliando as funções para as quais fora criado, inicialmente o SD, que vai, em 1956, através do Decreto nº 38.725, de 30 de janeiro, aprovar o novo regimento interno, tornando o SD subordinado diretamente ao Ministro de Estado e o constituindo das seguintes seções: divulgação, pesquisa, foto-documentação, administração e biblioteca, fundamentando sua finalidade e competência em: “reunir, catalogar, classificar todo elemento que interesse direta e indiretamente às questões educacionais e culturais ligadas a esse Ministério, com o objetivo de criar meios coligidos e ordenados que facilitem amplo serviço de informações, estudos, pesquisas e divulgação; promover exposições, conferências sobre temas culturais e artísticos, fazer publicações de interesse cultural, artístico, científico e educacional; estabelecer intercâmbio no país e no estrangeiro [...] documentar a história cultural e educacional do país [...]”.

As finalidades supramencionadas apenas oficializaram o que Simeão já desenvolvia desde os idos de 1947, à frente do SD. Nesse sentido, em relação às novas perspectivas, disse ele a respeito:

[...] o arquivamento do material histórico, relativo ao Ministério, organização de sua legislação, divulgação de suas atividades e publicação de alguns trabalhos. De então para cá, tenho procurado imprimir a esse Serviço, uma orientação, fundamentalmente, de divulgação cultural, isso, sem haver qualquer solução de continuidade nos trabalhos documentários que, por seu Regimento, lhes são atribuídos. Por intermédio do Serviço de Documentação se vêm realizando conferências, cursos, exibições cinematográficas, exposição de arte, debates etc. (JOSÉ SIMEÃO LEAL, [1958]?).

O retorno à capital Federal marca, portanto, dois tempos: o primeiro, as reminiscências de estudante nessa capital e seu encantamento por aquela que lhe revelou o que havia de mais novo em matéria de prazer e de arte, como registrou em uma carta ao amigo Santa Rosa, e, agora, o retorno, em princípio desempregado, e logo como funcionário público federal, marcando o reencontro com a capital que o formara, principalmente, em termos culturais, transformando a antiga gráfica ministerial na editora oficial brasileira da política cultural em andamento.

Essa gráfica deixa para trás a mera função de guardiã de papéis burocráticos, para se transformar em um próspero setor de circulação e distribuição das múltiplas vocações culturais, pois, à época, sem muita expressividade, o SD funcionava muito mais como uma gráfica, com a função de imprimir e arquivar documentos estritamente administrativos. Compreendendo a necessidade de ampliar sua capacidade produtiva, molda sua produção para edições mais elaboradas e representativas da literatura e da cultura nacional, favorecido ainda pela redemocratização do Brasil.

Em meio a esse contexto, dá-se início às ações de José Simeão Leal, em prol da cultura nacional e da ampliação de sua “superfície social”, que consiste, nas palavras de Bourdieu (2005b), na capacidade simultânea de existir como agente, em diferentes campos sociais, entendidos como um espaço estruturado no qual os agentes interagem e competem por uma posição que lhes permita exercer o poder. A noção de campo leva à reflexão sobre as relações objetivas que são constitutivas da estrutura do campo e que orientam as lutas que têm por propósito conservá-la ou transformá-la. O campo é um espaço de conflitos e de competência no interior do qual se desenvolve uma luta para estabelecer um monopólio sobre a espécie específica de capital (material, simbólico e social), premissa que Simeão se utiliza como benefício da construção de sua autoimagem de intelectual. Sobre o assunto, relata em carta seu amigo Santa Cruz (1962, p. 12).

Tais atividades foram iniciadas mais precisamente em janeiro de 1947, com o lançamento do número da revista “Arquivos”, correspondente aos meses de janeiro-fevereiro daquele ano. Substituiu a nova publicação aos antigos “Anais” do MES, simples coletâneas de leis e decretos destacados do “Diário Oficial”, e referentes a problemas de “educação e saúde”.

Sobre a interferência de José Simeão Leal no papel desempenhado no Serviço de Documentação, escreve Carpeaux (1965, p. 1):

Serviço de Documentação é nome modesto: é serviço destinado a publicar os documentos do Ministério. José Simeão Leal não descurou essa parte de sua tarefa. José Simeão Leal registra a publicação de muitos relatórios, pareceres, atos, textos legais e discursos, sobretudo, muitos discursos, o da posse do ministro até o da transmissão do cargo a outro ministro – a quantos titulares sobreviveu José Simeão Leal! É que ele se tornou insubstituível. É porque realizou obra que nenhum outro poderia ter realizado: **transformou o Serviço de Documentação do Ministério da Cultura em serviço de documentação da cultura brasileira.** (grifo meu)

Ainda sobre o assunto, no momento da exoneração de José Simeão do cargo de Diretor, ato consolidado através do Decreto de 22/09/1965, de acordo com Artigo 75, inciso II, alínea a, da Lei 1.711, de 28/10/1952, DO de 23/09/1965, observou o poeta Carlos Drummond de Andrade em crônica publicada no jornal *Mensagem do Rio*, n.2, pertencente ao AJSL: “se outros méritos não tivesse sua passagem por essa Diretoria, um trabalho de mérito você realizou, e é este: pela primeira vez o intelectual brasileiro tomou contacto real com o Ministério da Educação”.

O papel desempenhado por Simeão Leal foi marcante, tanto que sua exoneração ocorre em função de um novo desafio: partir para o exterior, em 17 de outubro de 1965, para tornar-se Adido Cultural no Chile, pelo período de vinte meses, retornando ao país em 10 de junho de 1967. A vacância do Cargo de Diretor do SD foi ocupada por sua colaboradora de onze anos, Maria de Lourdes Costa e Silva de Abreu que, em seu discurso de posse e transmissão do cargo, em 16 de novembro de 1965, expôs:

Substituir José Simeão Leal à frente do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura é para mim a mais difícil tarefa de todas as tarefas com que me defrontei até hoje, em meus 25 anos no Serviço Público.

[...] não poderá deixar a outrem o encargo de explicar, em rápidas palavras, a razão de minha presença na direção do SD, em decorrência da ausência do educador, intelectual e homem de administração que durante 18 anos de intensa atividade, dirigiu os trabalhos de um dos vários órgãos educacionais e culturais do MEC.

José Simeão Leal galgou mais um degrau em sua carreira pública e, ao deixar o SD, o fez para assumir funções de Adido Cultural na República do Chile, por indicação do Itamarati, é pois marca indelével de seu valor, que recebeu justo prêmio, conferido pelos altos escalões governamentais deste período presidencial do Marechal Humberto Castelo Branco.

Ao desligar-se do SD, deixou o professor Simeão Leal um vasto trabalho de divulgação cultural, patrimônio indiscutível da repartição à qual ele deu toda pujança de sua inteligência e de seu calor humano.

Tamanha foi a expressividade de seu envolvimento para com o Ministério e suas atribuições nesse Órgão que o tornou reconhecido também pelos servidores da casa, um ano depois de assumir o cargo, a ponto de ser convidado, formalmente, pelo então Presidente da Associação dos Servidores do Ministério da Educação e Saúde, Sr. Fernando Tude de Souza que, mais tarde, tornar-se-ia seu inseparável amigo, para fazer parte das reuniões da Associação, como descreve em carta datada de 18 de fevereiro de 1949.

Ilmº Sr. Dr. Simeão Leal:

Comunico ao presado consorcio que tive a satisfação de designá-lo para fazer parte do Departamento Cultural da Diretoria da Associação dos Servidores do Ministério da Educação e Saúde.

Responde a equiescência de V.Sª, conto com a sua valiosa colaboração no trabalhos da Diretoria, que se reúne todas as quintas-feiras, às 17,30 horas na sala da A.S.E.S., na Avenida Rio Branco, 217 [...].

Queira V.Sª aceitar os meus protestos de estima e consideração.

Fernando Tude de Souza

Ao que tudo indica, Simeão aceitou, de pronto, o convite e passa a fazer parte da Associação dos Servidores de forma atuante, participando ativamente das propostas e atividades. Essa opção o aproxima ainda mais dos colaboradores do Ministério, tornando-se um sujeito conhecido entre seus colegas. Desse modo, vai ampliando seu contato pessoal com outros grupos, e passa a desenvolver atividades de jornalista, registrando-se profissionalmente no Departamento de Identificação Profissional do Ministério do Trabalho, em 29 de julho de 1948. Sua profissão também foi registrada em sua carteira de trabalho profissional, nº 54.430; tornou-se sócio efetivo do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Guanabara e do Rio de Janeiro, sob a matrícula 2868. Consequentemente, passou a exercer as funções de redator da *Revista Política e Letras*, a partir de 01 de julho de 1948.

As oportunidades vão aparecendo e distanciando José Simeão das atividades de sua formação inicial em Medicina. Por outro lado, os caminhos vão se ampliando, para ele, tornando-o cada vez mais voltado para o campo das letras e da cultura, reunindo em seu gabinete os mais expressivos nomes da cultura brasileira.

Segundo Carpeaux (1965, p. 1), seu gabinete, localizado no 9º andar do prédio do Ministério, transformou-se no espaço propício a reuniões informais:

[...] temos a certeza de encontrar o amigo lá no 9º o homem cuja 'borboleta' se tornou internacionalmente conhecida, o conversador fabuloso, cuja única atitude parece mesmo a conversa alegre, estimulante, espirituosa, embora sempre interrompida pelo vai-e-vem das secretárias, que ele sabe escolher entre as mais bonitas e graciosas, e o que vai sair dessa conversa toda? Saiu dela uma obra fantástica, a editora mais intransigentemente cultural do país, um montão de livros, já alto como uma torre, como um farol, cuja luz é vista do Pará ao Rio Grande do Sul, nos Estados Unidos e Europa.

Essa inferência destaca um período da vida intelectual de José Simeão Leal, quando de seu ingresso no cenário brasileiro como produtor e protetor da cultura. Viviam à sua volta políticos, poetas, literatos e intelectuais. Enfim, todos aqueles capazes de gerar uma reflexão para o leitor ou qualquer formulação original. Os temas, os motivos, as angulações e expressões utilizadas por diferentes autores servirão como fonte de informação em relação à vida brasileira e, principalmente, à literatura tratada à época. Simeão, interiormente, compreendia que a liberdade de criar não podia e nem deveria encontrar restrições, mesmo que estivesse atrelada a um plano de cultura promovido pelo Estado, que passa a ser o “guardião da memória”. Diga-se: guardião do acervo e da expressão cultural do povo e, de igual modo, da coleta, divulgação e do consumo dos valores culturais, inclusive, os regionais, pela dimensão universal neles contida.

Ao que tudo indica, a atividade de produtor cultural, exercida no ofício de diretor do SD, foi o cargo desejado por José Simeão Leal, embora, de início, sem muita representatividade funcional. Por outro lado, ele se aproveitou do procedimento operacional do setor para imprimir seu grande feito: transformar uma simples gráfica de documentos burocráticos numa das mais expressivas editoras da época, com um diferencial: uma editora que agisse com recursos públicos, contribuindo, dessa maneira, para restituir à produção literária nacional sua idoneidade original. Reforça-se aqui a atuação de José Simeão Leal como grande editor de obras literárias e culturais, através da Gráfica Oficial, cujos registros apontam ter ele publicado mais de dois milhões e meio de volumes, como depõe Santa Cruz (1962, p. 12-13):

[...] nesses três anos de sua renovação, o Serviço de Documentação do Mec editou mais de 2 milhões e meio de volumes, distribuídos por todo o Brasil e pelo estrangeiro, sobretudo os de edições bilíngues e trilíngues, levando as letras, as artes e a cultura brasileira aos principais países do Velho, do Novo Mundo e da Ásia.

Foram tempos de muito trabalho. A dedicação de José Simeão Leal extrapolou uma preocupação meramente quantitativa, para embarcar numa incansável produção editorial de qualidade, com o objetivo de divulgar a cultura brasileira, conforme enuncia Altimar Pimentel (apud DUARTE, 2001, p. 154): “[...] para a cultura brasileira foi, sobretudo, a alta qualidade dos livros que ele conseguiu publicar no Ministério da Educação. [...] uma grande quantidade de obras que dão uma visão geral da literatura no Brasil, da cultura brasileira, [...] e da arte”.

Se existe um documento que possa sintetizar a posição de José Simeão Leal no cenário literário, no âmbito do Serviço de Documentação, é realmente a crônica de Rachel de Queiroz, editada no *Jornal Estado de São Paulo*, no Caderno Crônica 2, em 06 de julho de 1996: “Simeão [...] foi, na verdade, uma espécie de usina cultural. Ninguém sabe por que se formara em medicina⁹² [...]. Que eu saiba nunca o vi ou ouvi falando em assuntos médicos”.

A respeito de sua formação médica, José Simeão Leal ratificou as impressões da escritora Rachel de Queiroz, ao responder a indagação sobre o abandono, em definitivo, de sua formação inicial, em palestra proferida na Escola de Comunicação e Artes da UFRJ, em 1974:

[...] nós não tínhamos vocação definida no Nordeste. A preocupação nessa época era se formar. Nós não sabíamos o que era vocação de verdade. Quando me formei, fui à Paraíba ver meus pais. Assumi uma responsabilidade, e daí por diante nunca pude me dedicar à medicina. Na realidade, não era o que eu queria. Nunca me ofereceram um lugar de medicina. Procurei algum, mas ninguém me ofereceu. De forma que eu tive que me subordinar às condições da vida. E gostei das outras coisas que fui fazendo. [...] Na vida, tudo é mais ou menos estruturado em torno de alguma coisa de que você participa pronto. **O nordestino tem uma preocupação cultural, literária, muito grande, porque não podendo se adaptar às condições industriais tem que se afirmar em alguma coisa. Então, a preocupação é literária, é cultural.** (grifo meu).

Como destaca Miceli (2001), o que se pode extrair desse depoimento, além das informações assinaladas, é a ousadia de um homem em abdicar de sua formação inicial e adentrar em outros campos do conhecimento humano, principalmente o de produtor cultural, num período de intenso movimento da vida literária, cultural e artística na cidade do Rio de Janeiro. Estar em contato com a capital federal era manter o vínculo de proximidade com o que de mais valioso oferecia a cidade. Suas palavras traduzem o prazer da vida no Rio de Janeiro, e sua interação cultural, que o Serviço de Documentação lhe proporcionara, com a cidade que o acolhera, uma cidade aberta, autêntica, por causa da concentração de pessoas vindas de vários lugares, *locus* de realização daqueles que se aproximam e admiram a arte. (KELLY, 1955a)

Em suas atribuições no Serviço de Documentação, José Simeão Leal enveredou pelo campo editorial público com a perspicácia de poucos. Não foi um produtor cultural

⁹² A respeito de filhos em busca do título de doutor, consultar a obra de CASTELO BRANCO, Uyguciara Veloso. *A Construção do mito do meu ‘filho doutor’*. João Pessoa: UFPB, 2005. 477p.

passivo diante das ideias que afetavam tão de perto o País, criou possibilidades editoriais, cuja ideia central foi o reconhecimento da capacidade do setor público em prol da cultura nacional. A proposta desenvolvida por José Simeão Leal, e para a qual a afluência de literatos é absolutamente vital, é a de que é preciso deixar o País visível, cultural e literariamente. Nesse sentido, ratifica o poeta Carlos Drummond de Andrade, em crônica publicada no dia 03 de novembro de 1965, no Jornal *Folha da Tarde*, em Porto Alegre/RS, por ocasião da saída do paraibano das suas funções:

[...] José Simeão Leal deixa no Serviço de Documentação: uma obra extraordinária em tamanho, qualidade, significação e eficácia. Dou testemunho dela, pois quantas vezes subi ao 9º andar do Ministério da Educação para um estrangeiro que queria obter documentos sobre o Brasil, a terra, a história, a sociedade, as artes, as ciências, as letras. [...] a dificuldade era transportar essa riqueza, o estrangeiro quedava-se maravilhado: nunca esperava encontrar material tão abundante e selecionado, posto tão facilmente à sua disposição. [...] **a documentação, como a entendia e praticava Simeão Leal não se atinha a relatórios e discursos oficiais, que ele também publicou; penetrava em problemas e aspectos da vida brasileira.** (grifo meu)

Esse desafio profissional foi levado a cabo por José Simeão Leal, sob várias perspectivas, dentre elas, a de driblar as “frestas do poder” e manter-se no cargo, sobrevivendo no posto de Diretor por dez mudanças governamentais e sucessivas alterações de interesses políticos, que vão desde Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) ao General Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967). Essas mudanças, no entanto, não o afetaram, embora ele colocasse, em todas as oportunidades, o cargo à disposição do novo ocupante ministerial, a exemplo da carta enviada, em 07 de agosto de 1950, para o novo ministro da Educação e Saúde, Dr. Pedro Calmon, em que assinala: “*apresentando os meus cumprimentos pela alta investidura de Vossa Excelencia no Cargo de Ministro da Educação e Saúde, peço vênica para, na qualidade de ocupante do cargo em comissão, por à disposição de Vossa Excelência a direção deste serviço.*” Dessa forma, agiu Simeão para com todos os ministros que assumiram, ao longo dos quase dezenove anos, o cargo. É fato que, em nenhuma de suas colocações, foi demovido do Cargo de Diretor, como noticia o jornal *Rio Magazine*, seção Alto Relevo: “os vários Ministros que sucederam, na pasta, ao Prof. Clemente Mariani Bittencourt, têm tido o bom senso de manter o dinâmico e equilibrado intelectual paraibano no exercício do cargo a que tem sabido honrar e ilustrar”.

As notícias sobre o trabalho desenvolvido por Simeão, no Serviço de Documentação, alimentavam, ano a ano, noticiários dos jornais impressos, divulgando positivamente seus

feitos, como versam as páginas do Jornal *FLAM*, em 06 a 13/12/1953, ao mencionar que a atitude de Simeão, para com o Serviço público, é coisa rara, pois, desde que assumiu aquela Direção, o paraibano sorridente dera um impulso extraordinário às publicações especializadas, criando revistas e coleções que logo alcançaram repercussão em todo o país e fora dele. Os Cadernos de Cultura, por exemplo, revelam-se surpreendentes e, como sempre, não param, vivem cogitando novas publicações, com novos lançamentos em breve. Segundo o jornal, a obra foi iniciada na gestão do ministro Clemente Mariani Bittencourt e “teve a boa sorte de ser prestigiada” por todos os Ministros que passaram pelo Palácio da Educação, a começar pelo ilustre político udenista. Depois grandemente valorizada por Simões Filho, e olhada com a atenção que merece pelo jovem titular, Antônio Balbino. A esse respeito se posiciona criticamente Peregrino Júnior, então membro da Academia Brasileira de Letras, em 20 de outubro de 1949: “[...] seu esforço é espantoso! Sua obra há de ficar — creio mesmo que é a única coisa que ficará da morna e cinzenta chateza da administração de Mariani, tão pálida [...]”.

Nesse ínterim, José Simeão Leal é levado por uma motivação inexplicável. Apesar da complexa tarefa de driblar o poder e os governantes estabelecidos em cada período, ele se propõe, num ritmo intenso e num estilo próprio, a unir vigor e qualidade dos produtos editoriais sob sua supervisão, transformando, segundo Drummond de Andrade (1965, p. 4), “[...] uma repartição diferente do comum, com algo de casa editora, de centro de arte, de laboratórios de ideias, de núcleos de convivência intelectual e de aproximação humana como não havia nem apareceu outro no Rio de Janeiro”.

Sob uma perspectiva analítica, José Simeão Leal sobreviveu por entre as mais contraditórias formas de administração pública. Seu pensamento sobre a cultura brasileira é registrado por Braga, em crônica publicada em *Jornal da Bahia* em 26 de novembro de 1958, Cadernos:

[...] assumiu um dia a direção do serviço de documentação do Ministério da Educação, onde haveria de dar uso prático ao seu amor pelos livros, pela literatura, pelas artes. O trabalho excelente que tem feito o tornou uma figura popular e querida entre escritores e artistas do Brasil, e os ministros mudaram e Simeão ficou.

José Simeão Leal assumiu o cargo de Diretor do SD quando o mundo ainda se encontrava agitado pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial, cujos resquícios afetaram diretamente o campo editorial brasileiro, levando livrarias e editoras a liquidarem seus

estoques. Várias delas faliram em consequência dessa retração mercadológica (SOARES, 2006), porém o SD sobreviveu, ergueu-se como um farol, provocando a distribuição de saberes.

3.1.1 O editor público e seus desafios

Com seu jeito interiorano, bem peculiar, Simeão foi considerado símbolo de uma cultura local. Mesmo residindo no Rio de Janeiro, onde passou a maior parte de sua formação cultural, não perdeu seu jeito nordestino de ser.

Fala mansa, quase cantada, calculada e espaçada. Simeão era assim um sujeito diferente, arguto local, nacional e internacional. Mesmo fluindo muito bem a língua francesa, ela soava com um sotaque ‘nordestinez’, um francês com vícios de uma sonoridade nordestina, paraibana. Assim ela não se escondia, aparecia, com jeito próprio. (CORREIO DA MANHÃ, 1958)

Foi sem perder de vista sua identidade local que ele, ao tomar posse na função de Diretor do Serviço de Documentação, intensificou suas relações com muitos intelectuais e literatos da época, descobrindo outros, em início de suas carreiras, como registram as correspondências recebidas por Simeão Leal. Remexendo em seus arquivos, descobri uma grande quantidade de menção de pedidos para publicação e elogios ao trabalho que surge repentinamente nas rodas intelectuais da Capital brasileira, como relata, em crônica, Tarcísio César⁹³ (1986, p. 10), na ocasião em que Simeão recebeu a Comenda Barão do Rio Branco:

Com as suas realizações no âmbito oficial, Simeão tornou-se um estilo gravado em letras permanentes, o primeiro e grande editor de Estado do Brasil. (o primeiro editor de caráter público, preocupado com a divulgação da cultura nacional) Para isso, estava apetrechado de uma vasta sensibilidade, atenta a apascentar as inúmeras sugestões no campo da programação gráfica, editoração, inclusive uma escola de material de autores que possibilitasse reformular o obsoleto campo das artes gráficas no Brasil e principalmente, no tocante a áreas

⁹³ Natural de Patos, Paraíba (1941-1988), atuou na imprensa em Recife, Rio de Janeiro e Brasília. Publicou os livros: *Poemas da terra estranha* (1967); *O espelho em que terminas* (1986) e *Poemas grotescos*.

oficiais. Aqui Simeão revelou-se um verdadeiro corifeu. Com ele o Brasil iniciou o rompimento das fronteiras culturais, importando e cambiando ideias através da UNESCO. Obteve ampla ressonância entre nós os Cadernos de Cultura, as revistas Cultura e Arquivos. Chegou-se ao ponto de dizer, na época, que não havia praticamente ‘um bom escritor brasileiro que o diretor do SD do MEC não tenha editado’.

O depoimento de César (1986) testemunha o resultado do trabalho desempenhado por José Simeão Leal como editor público, ou melhor, como incentivador da cultura brasileira, quando da edição de inúmeras publicações, avançando no mercado editorial, sobretudo no campo da divulgação cultural. Nesse sentido e demonstrando uma pontinha de “inveja”, registra Enio Silveira, nos anos 50, à época, Diretor da Editora Civilização Brasileira⁹⁴:

Meu caro Simeão,

*Enquanto você ri, eu choro...
Choro mas trabalho,
como poderá verificar
pela avalanche de livros que lhe mando.
Espero que lhes agradem a capa,
a apresentação, o papel utilizado para cada um deles.
Desejo-lhe tôdas as felicidades
e espero que você não me esmaque,
com essa poderosa máquina
posta à sua disposição. E, para terminar, a repetição
daquela velha proposta: vamos trocar de lugar?
Você vem para cá, e eu vou pras
folganças da edição estatal...
Abraços cordiais e invejosos,
do Enio [Silveira]. Editora Civilização Brasileira – RJ.*

Simeão não se intimida com as palavras do editor e continua a investir no processo em que acreditava. Contrariamente ao que pensava Enio Silveira, ele enfrentava desafios permanentes no SD. O primeiro, de caráter administrativo-financeiro, sobretudo pelo fato de que essas dificuldades sempre circundaram o setor público, principalmente aqueles voltados às atividades culturais. Por outro lado, com escassez dos recursos orçamentários,

⁹⁴ A respeito da história editorial da Civilização Brasileira, sobretudo na década de 1950, consultar HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil: sua história. 2. ed. São Paulo: USP, 2005.

pois possuía, em 1953, provavelmente na mesma época da provocação de Enio Silveira, verbas de apenas 300 mil cruzeiros destinados à impressão de livros, dinheiro pouco em relação ao que noticia a Câmara Brasileira do Livro de São Paulo, encaminhando ao Banco do Brasil solicitação para fiscalizar o pedido de 74 firmas associadas que tratavam com câmbio de importação de livros no montante de 80 milhões de cruzeiros. Isso representa uma média semestral superior a um milhão de cruzeiros, por firma importadora. Na importação de livros, o câmbio é calculado na base de 26 cruzeiros por dólar. Os importadores recebem livros de 27 países, cujos percentuais de procedência de livros, sem incluir revistas, destinados à praça de São Paulo, são: Estados Unidos, 20%; Japão, 19,5%; França, 13,5%; Portugal, 11,2%; Alemanha, 8,1%; Argentina, 6,6%; Espanha, 5%; Inglaterra, 5%; Itália, 3,1% e México, 2,2%. (SCHNEIDER, 1954).

Em face dessa realidade, o serviço público não poderia concorrer com investimentos dessa natureza, muito menos com o mercado editorial privado. Apesar dos escassos recursos que lhe são concedidos, Simeão Leal executou suas atividades, transformando o SD numa verdadeira empresa editora, razão por que seu nome foi incorporado à vida literária brasileira e, hoje, não se pode referir a esse período da nossa atividade cultural sem assinalar o que por ele foi feito.

Aproximar-se dos textos de diversos autores, como fez Simeão, na condição de editor, produtor, protetor e divulgador da cultura, requer todo um empenho de ler nas entrelinhas um campo de existência singular, como o da literatura, pondo-o em circulação. Isso acaba sempre, de um modo ou de outro, caindo no mercado cultural. Os literatos bem sabem que o mercado do leitor ou consumidor se entrega a quem aparece mais vezes e chega mais rápido. Por isso, Simeão era constante e, por que não, insistentemente, solicitado pela maioria dos escritores no Brasil, com apelos evidenciados nas cartas. Alguns, conhecidíssimos; outros, nem tanto, e outros, ainda totalmente desconhecidos.

Como se trata de um assunto mais nacional gostaria que v. o publicasse aí pelo Ministério, se for possível.

A minha monografia da Paraíba é um assunto muito restrito. Trata-se de uma pesquisa sobre a formação do capitalismo e aplicação da teoria de Max Weber, com as devidas correções, à interpretação econômica da história da Paraíba. Seu título é NOTAS PARA UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DO CAPITALISMO NA PARAÍBA DURANTE O PERÍODO COLONIAL. [...]

Remetente: Slavieiro

[19_]

Meu caro Simeão

De passagem pelo Rio vim ver se a “Cultura” havia afinal saído, com meu artigo sobre o Keseritz. Nada! É o meu artigo que está dando urucubaca na revista. Mas v. tem santo forte e pode anular todas as mandigas feitas contra mim. É um apelo. Eu preciso que o artigo saia, até porque novas descobertas sobre o Keseritz poderão tornar meu pobre artigo anacrônico. Quando sair, peço-lhe umas separatas. V. precisa voltar a porto Alegre. Um grande abraço do F. Carneiro.

Remetente: F. Carneiro [19_]

Meu caro Simeão

Aqui estive para visitá-lo e para “trocar-mos ideias”, tal qual v. sugerio. Como você não estava, vali-me de sua secretária, para outro fim: o de saber das minhas duas publicações. Estão atrasadas: “ainda não chegaram provas”, foi a confirmação que sua secretaria, muito gentilmente forneceu, após consulta telefônica. Deixo-lhe um cordial abraço e a visita.

Dante Costa [19_]

As cobranças e indicações vão se perfilando de todas as formas, tornando-se seu segundo maior desafio: as demandas e solicitações. Umas, mais amistosas, outras, menos contundentes, com indicações de como sair, o que deveriam conter, e em alguns casos, opiniões expressas sobre a estrutura da obra, como bem sugere Coriolano de Medeiros, ao recomendar a composição da primeira edição do *Dicionário Corográfico da Parahyba*, indicando como e onde seriam impressos os dados, na diagramação final do texto, com estes dizeres: *Da Academia Parahibana de Letras, sugestão que o próprio Coriolano considera ousada e registra em carta: Queira desculpar a impertinência do muito reconhecido amigo e admirador. Outro exemplo é a solicitação de Ascendino Leite: Ai vai o artiguete. Peço-te guardar o original, pois só tenho este. Agradeço a copia que a Rinaura fiser. E em outra carta, evoca o editor com termos de intimidade: Velho: Gostaria de ver a matéria se já for datilografada se não, _____que v. me mandasse o original para fazer acréscimo relativo ao ultimo livro da Cecília. E a sociologia do Lynn Smith? Esse tipo de solicitação era uma prática comum, surgia com muita naturalidade, como o faz Pierre Michel: Peço ao prezado amigo providenciar a 2ª prova já no formato do livro em 2 exemplares; distribuímos as fotografias juntos, segundo o lugar e o valor delas. É possível fazer o meu livro no formato mais ou menos do livro “Arthur Ramos”? [...].*

O tipo de insistência praticada por Coriolano e Ascendino Leite era muito comum, principalmente por serem oriundos do mesmo Estado. Isso não significa que os textos não fossem bons para serem publicados. Aqui se trata, em primeiro plano, das insistentes

solicitações em nome do “somos do mesmo lugar, portanto conterrâneos, o que faz merecer atenção especial” e, ainda, o fato de que Simeão tinha uma política editorial própria, algumas vezes encomendando ou convidando ele mesmo o autor ou indicando o tipo de conteúdo para ser publicado e, ainda, pagando os direitos autorais, como mostra a exposição de Zico, embaixador do Brasil em Bruxelas:

Bruxelas, 28 de agosto.

Um abraço: Lídia vindo do Brasil – vou direto ao assunto – disse-me, entre outras coisas, do seu propósito de encomendar-me uma monografia para sua já celebre coleção. Encantado! grito eu. E sugiro: monografia sobre o Cícero Dias, cuja vida me fascina. Mande-me dizer quantas paginas e quantas reproduções são necessárias. Estou em contato com o Gauquin de Boa Viagem e daqui mandaremos o pudim feito. Referente aos monumentos – apesar de todo o mundo saber que meu pai é rico – gostaria de saber o gabarito de meu verbete. Mande-me também algumas publicações, cachorrão! [...]

Ressalte-se, todavia, que algumas solicitações indicavam a possibilidade ou não da aceitação de Simeão e possíveis modificações, mesmo que sutilmente o autor indicasse em que parte do texto essa possibilidade era possível, como insinua Aderbal Jurema: *Envio-lhe por mão própria, meu irmão Aquinaldo Jurema, o trabalho de Moacir de Albuquerque, paraibano que exerce a cátedra de Literatura no Recife, sobre Bento Teixeira para v. incluir nos seus admiráveis “Cadernos de Cultura”. Gilberto já lhe telegrafou a respeito. Trata-se, na verdade de um curioso e bem feito ensaio sobre o autor de “Prosopopéia”. Quanto ao título do trabalho, v. está autorizado a modificá-lo. [...]. E em outra carta, Aderbal indica que fez modificações no texto, provavelmente, por indicação do próprio Simeão e sua proposta editorial: Vai o trabalho, **refundido**, sobre o cincoentenário do mestre Gilberto para v. incluir ainda neste número próximo de “Cultura”. Envio-lhe também uma nota de Luiz Delgado que saiu aqui no “Jornal do Comercio” para a “bibliografia” da sua esplendida revista. [...]. (grifo meu).*

Outros, mais discretamente, apelam para a sensibilidade do Editor, como registra Yvens, em carta, dizendo: *Deixo aqui o trabalho do nosso colega (?) para sua apreciação. V. verificará que se trata de assunto tratado com honestidade e merecedor de publicação. Gostaria de vê-lo publicado nos “Arquivos”. Tem agora a palavra o Diretor do SD do MES... na 1ª oportunidade voltarei para conversar pessoalmente.*

Outro exemplo emerge das palavras de Câmara Cascudo, em carta datada de 24 de agosto de 1957, ao utilizar-se de um tom brincalhão e, ao mesmo tempo, irônico, cobrando a demora na publicação de seu livro Jangada. Interrogando: *“E jangada? Navega ou ainda dorme nos rolos da praia?”. Um abraço deste admirador e amigo”. Em resposta à indagação do amigo, Simeão não responde em carta, simplesmente envia a publicação que fora editada, provavelmente*

poucos dias depois da cobrança, sendo o número da coleção Vida Brasileira, ficando a obra com a seguinte estrutura:

CASCUDO, Luís da Câmara. *Jangada*: uma pesquisa etnográfica. 1957. 182 p. il. Contém: O jangadeiro. O nome jangada. Presença no Brasil. Modificações: a vela, a bolina, o remo de governo. Nomenclatura. Construção. Geografia da jangada. Economia da jangada. Antologia da jangada: nos dicionários e na poesia. Vocabulário da jangada.

Ainda em relação à obra *Jangada*, selecionei uma carta, datada de 27 de junho de 1963, em que Simeão responde à consulta da Editora Letras e Artes, feita por intermédio do próprio Câmara Cascudo, sobre a existência de exemplares da obra: “*confirmo que o seu livro JANDAGA, editado por este Serviço está totalmente esgotado há vários meses, podendo você fazer nova edição, se assim o desejar*”. Tal fato revela, em princípio, a distribuição efetiva da obra e o interesse despertado pelo mercado, ratificando, mais uma vez, que as obras editadas tinham plena aceitação de mercado e qualidade editorial. Daí as exigências de Simeão.

O papel de editor e as exigências praticadas por Simeão nem sempre atendiam à solicitação dos editados, como veremos em relação a Clarice Lispector. A escritora, em 1956, escreveu a Rubem Braga, perguntando sobre uma carta que havia encaminhado para Simeão Leal, solicitando a devolução dos contos que ela havia enviado para publicação. Assim se expressou: “pedindo de novo o direito aos meus contos [...]”⁹⁵. Pelas expressões de Clarice, fica evidente que José Simeão Leal sugerira que os contos deveriam ser publicados, primeiramente, em jornais e revistas, podendo ele mesmo providenciar. Inconformada com a sugestão do editor, Clarice desabafa com o amigo Rubem Braga, que lhe responde, em carta datada de 7 de dezembro de 1956: “[...] Quanto aos contos entregues ao Simeão, esperarei ele voltar da Índia e falarei com ele. Inclusive penso que seria interessante publicar os contos primeiro em suplementos e revistas, depois editar em livro, é mais normal. Logo que ele chegar eu verei isso. [...]”⁹⁶. Sobre o mesmo assunto, esclarece Rubem Braga a Clarice Lispector, em 04 de março de 1957: “[...] apanhei com o Simeão os originais que tinham chegado para a revisão (o livro já está composto) e dei para a minha secretária bater a máquina os contos novos [...]”⁹⁷. Ainda sobre a publicação dos contos, Clarice escreve de Washington, EUA:

⁹⁵ Carta n° 112 do acervo de Clarice Lispector, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁹⁶ Carta pertencente ao acervo de Rubem Braga, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

⁹⁷ Carta pertencente ao acervo de Rubem Braga, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.



Fac-simile 11: Carta de Clarice Lispector
Fonte: AJSL

Caro Simeão,

Por um recorte de jornal que me veio às mãos, descobri que meu velhinho livro de contos está para ser publicado, e em breve. O que me agradou muito. Mas tive a surpresa de ler que o título do livro será "Contos".

Não creio, Simeão, que seja um bom nome. Sobretudo depois de ter um outro chamado "Alguns Contos". Espero que você se lembre de que combinamos um outro título: "Laços de Família", que acho infinitamente mais aceitável. Chamar um livro de contos de "Contos", é como registrar filho nascido com o nome de "Filho". Se tem a vantagem de ser genérico, tem a grande desvantagem de ser genérico demais.

Naturalmente, quando eu disse a você, em 1955, que o título seria "Laços de Família", eu estava me baseando no fato de você ter dito que ia publicar, num só volume, os contos novos e mais os seis já publicados em "Alguns Contos", o que incluiria o conto chamado "Laços de Família". Se, com esta carta, estou lhe pedindo para manter o título escolhido em 1955 é porque continuo a crer que você está reunindo os contos novos aos mais antigos. (Na hipótese contrária, o título "Laços de Família" ficaria sem uma justificativa, e então eu teria que escolher outro. Mas, mesmo que tivesse que escolher outro, não seria "Contos", seria um título tirado de um dos títulos dos contos.)

Vou encerrar esta carta imediatamente, sob o risco de não continuar a ser lida — sei que você é muito ocupado. Pedi a minha irmã para entregá-la a você em mãos — garantia de que você a recebeu.

Muito obrigada por tudo. De sua editada e amiga,

Clarice Lispector.

Os escritos que envolvem Simeão, Rubem Braga e Clarice Lispector revelam-se testemunhos da importância da Carta como fonte autobiográfica, uma escrita de e para si mesmo. Esse registro amplia os aspectos históricos do campo literário e trata dos percalços editoriais pelos quais passam editores, autores e outros envolvidos no processo editorial. Um exemplo disso é a obra *Laços de Família*, um clássico da literatura brasileira. Os contos não foram editados por exigência da autora, que solicitou ao amigo Rubem Braga que retirasse da pauta de editoração do SD seus manuscritos. Isso leva, em 1957, ao rompimento unilateral do contrato editorial entre Clarice Lispector e José Simeão Leal. Todavia, há que se recordar que, apesar do entrevero entre o editor e a autora, ela já havia sido editada por ele em 1952, numa seleta de seis contos (*Mistérios em São Cristóvão, Os Laços de Família, Começos de uma Fortuna, Amor, Uma Galinha, O Jantar*), na Coleção Cadernos de Cultura (GOTLIB, 2008, p. 295).

O conto *Laços de Família*, que já fazia parte dos textos editados por Simeão, não fora evidenciado como sugerira Clarice que, inconformada, levanta uma discussão com o editor. A obra *Laços de Família* foi editada pela primeira vez, em 1960, pela Editora Francisco Alves, o que vai lhe render o prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro. Outros de seus contos vão ser publicados em 1971, pela Editora Sabiá, de propriedade de Fernando Sabino e Rubem Braga, empreendimento criado em 1966, fruto da editora inicialmente surgida, em 1960, com o nome de Editora do Autor, na qual se acrescia aos dois nomes anteriores o de Manuel Bandeira.

O procedimento adotado por Simeão põe em voga o pensamento de Chartier (2002b, p. 71), que preconiza: “O que quer que façam os autores não escrevem os livros”, eles escrevem textos que outros transformam em objetos impressos, como é o caso do editor em pauta. De acordo com Chartier, esse hiato deve ser compreendido, pois é justamente o espaço no qual se constrói o sentido – ou os sentidos, que foram esquecidos por pesquisadores, ou seja, o suporte material e o papel do editor na produção dos dispositivos modalizadores da leitura. Para ele, a “[...] disposição da paginação, os modos de recorte do texto, as convenções tipográficas são investidos de uma ‘função expressiva’ e sustentam a construção da significação” (CHARTIER, 2002b, p. 244), assim como uma imagem, uma ilustração “[...] induz uma leitura fornecendo uma chave que indica através de que figura dever ser entendido o texto” (CHARTIER, 1990a, p. 179).

De acordo com Sirinelli (1996; 1998), o impresso constitui-se um *locus* fundamental na produção de um *lugar de sociabilidade*, que muitos intelectuais utilizam como polo de relações, fenômeno que se explica pela necessidade de aglutinação de forças em torno de um propósito comum. Não raro, esses núcleos acabam por anunciar suas identidades como

forma de objetivar ações concretas. Ainda conforme o autor, essa atitude tem como objetivo criar “microclimas ideológicos” capazes de gestar na sociedade certa resistência, ou mesmo estabelecer uma alteridade coletiva em relação a outros grupos.

O terceiro desafio de Simeão é a ideia fixa de transformar e manter o SD voltado para produção e divulgação da cultura e literatura brasileiras em quantidade e qualidade satisfatória. Essa preocupação decorre tanto dos desafios administrativo-financeiros quanto das solicitações de editados e das relações mercadológicas do contexto histórico em que estava inserido. Ressalta-se que a atuação de Simeão Leal no SD inicia-se em 1947, época de redemocratização e de ajustes econômicos, tanto no Brasil quanto no exterior, com o fim da Segunda Guerra Mundial. O contexto de 1930 a 1945, que se tornara desfavorável ao processo editorial, com o fechamento de várias editoras privadas, não fazia do SD uma crescente e progressiva concorrência com editoras privadas.

Nesse contexto, algumas iniciativas foram sendo edificadas no eixo Rio-São Paulo, a partir da redemocratização do país, com a queda do poder getulista em 1945. Com isso, funda-se, em 20 de setembro de 1946, a Câmara Brasileira do Livro, em plena efervescência cultural paulista, com o objetivo de divulgar e promover o livro no Brasil. Entretanto, essa foi uma iniciativa de caráter privado sem fins lucrativos, cujo primeiro presidente foi Jorge Saraiva, empreendedor da editora Saraiva⁹⁸.

Outras iniciativas foram sendo evidenciadas, como: o pequeno empreendimento de Eva e Kurtz Herz, que vai originar a atual Livraria Cultura; a editora Saraiva, com vendas em domicílio. Em 1951, surge a editora Difel e, em 1953, a Civilização Brasileira, que passa a ser administrada por Enio Silveira. No mesmo ano, surge a Editora Maltese, com o lançamento da primeira Enciclopédia em cores; no Brasil, dá-se início à trajetória da Zahar Editores. Em 1956, nasce a editora Cultrix. Já em 1959, outro desafio: a criação do Grupo Executivo da Indústria do Livro (GEIL) e, em Belo Horizonte, a editora Itatiaia inicia suas atividades. Em 1960, surge a Editora do Autor, uma iniciativa conjunta entre Rubem Braga, Fernando Sabino e Manuel Bandeira, com o propósito inicial de editar suas próprias obras. Em 1961, funda-se a editora Tempo Brasileiro e, em 1965, são fundadas a Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf), a Editora Ática, a Nova Fronteira, a Editora Abril e a Perspectiva.

⁹⁸ A esse respeito, consultar o site oficial da CBL no endereço: <http://www.cbl.org.br>.

Todavia, para Simeão, ao que me parece, o maior desafio era o enfrentamento indireto com as atuações do Instituto Nacional do Livro (INL), criado em 1937, tendo por competência incentivar a criação e o auxílio na manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional. As funções desse Instituto também vão incorporar o incremento às atividades editoriais, como ficam evidenciadas por Araújo (2002, p. 12-13), ao definir as fases de periodização da atuação do referido Instituto, das quais destacaremos apenas duas, neste estudo, considerada segundo a autora, de primeiras fases, por serem estas, períodos em paralelos à atuação do Serviço de Documentação sob o comando de Simeão.

- a) Primeira fase: Criação e consolidação, tendo como gestor o poeta modernista Augusto Meyer, período que vai de 1937 a 1945;
- b) Segunda fase: incremento às atividades editoriais durante a segunda gestão de Augusto Meyer (1946-1967); as gestões de Adonias Filho (1954 a 1955) e José Pereira (1956 a 1960).

Embora a primeira fase tenha como ponto focal o incremento das atividades editoriais, essa produção editorial segue as perspectivas de um estado autoritário, fundamentando-se nos ideais de brasilidade e da renovação nacional, contexto que vai originar, inicialmente, a criação do INL, sob a coordenação do Ministro Gustavo Capanema. Esse propósito é voltado para a elaboração de uma Enciclopédia Brasileira, que permaneceu inacabada depois de quarenta anos de tentativas de sua efetivação (HALLEWELL, 2005). No entanto, a segunda fase está inserida no contexto de redemocratização do país, em que vão atuar, em paralelo, Augusto Meyer, no INL, e José Simeão Leal, no Serviço de Documentação. Contudo, observa-se que, embora Meyer se encontre à frente de um órgão público com função, também, de editar obras, vai recorrer a José Simeão para editar seu texto, como expressa esta carta enviada:

Meu caro Simeão

*Vai afinal, a crônica prometida. Pareceu-me que
ficou grande demais, corte o que quizer. Faço questão de
reproduzir a gravura do Lívio Abramo
cujo original incluso pode ficar com você
Vão também várias fotografias
e o meu melhor abraço.
Em meados de outubro irei ao Rio.
Seu*

Augusto Meyer

Não se podem inferir as causas que o levaram a essa opção, todavia, os jornais apontam a qualidade editorial e o excelente resultado do trabalho do paraibano. *Note-se ainda que essa vasta produção editorial de S. L. traz ainda um bom sêlo: o uma concepção gráfica de primeira qualidade. E isto significa muito, num país de livros feios como no Brasil.* (TRIBUNA DA IMPRENSA, 1956). Outro fator, segundo discorre o próprio Simeão, em entrevista ao Jornal *O Diário*, de Belo Horizonte, quando indagado sobre seu objetivo no SD, sem titubear, Simeão confirmou dar apoio aos novos e aos provincianos, de preferência, quanto à ficção e à poesia, querendo, com isso, trazer nomes novos de valor, sem fazer concorrência às editoras, mas antes favorecendo o trabalho dos desconhecidos, pois eles “são os que na verdade mais necessitam de divulgação e de certa maneira mais a merecem”.

Não havia, por parte de Simeão Leal, o tão comum “espírito da panelinha”. Pelo contrário, escritores, de todos os grupos, tendências e escolas foram chamados a colaborar com o Serviço, que se tornou comum, uma espécie de centro de atividade cultural de todo o País, ponto obrigatório de reunião (FLAM – 6 a 13/12/53). Seu gabinete se tornou um ponto de convergência de intelectuais e artistas, não somente do Rio de Janeiro como de todo o país. Ao escritor ou ao pintor, do Norte ou do Sul, que chegasse ao Rio de Janeiro, tornar-se-ia indispensável aquela visita. Assim, perguntavam: “Já foi ao Simeão?” E quase nenhum literato ou intelectual deixou de passar por lá, ambiente vivo de comunicação e inteligência, recebendo sugestões, estímulos e orientações (A UNIÃO, 1953). Em certos dias da semana, seu escritório se transformava em verdadeiro local de romaria, da qual faziam parte moços e velhos; uns procurando publicar suas obras, outros, apenas a companhia jovial e atenciosa de Simeão Leal que, apesar de ocupado, sempre atendia a todos, indistintamente. Na sua vivacidade, conversava, atendia ao telefone, orientava funcionário, escutava as visitas (1952).

Era o que se pode designar de “farejador poderoso”. Simeão Leal sabia em que porta bater, dela trazendo, sempre, o artigo completo, o trabalho profundo, o comentário justo, o estudo exaustivo, reunindo-os em publicações de prestígio internacional (O NORTE, 1952).

Apesar de o Instituto ter suas raízes fincadas nos anos 30, Simeão, mais uma vez, venceu o enfrentamento, editorando obras, cuja característica fundamental era a qualidade final do processo editorial, pois, segundo Hallewell (2005, p. 43),

O livro existe para dar expressão literária aos valores culturais e ideológicos. Seu aspecto gráfico é o encontro da estética com a

tecnologia disponível. Sua produção requer disponibilidade de certos produtos industriais (que podem ser importados, feitos com matéria-prima importada ou fabricados inteiramente no país). Sua venda constitui um processo comercial condicionado por fatores geográficos, econômicos, educacionais e políticos.

Considerando a exposição teórica de Hallewell (2005) e a prática editorial desenvolvida por Simeão, pode-se inferir que ele compreendia o produto editorial como resultado da relação literatura-sociedade e desenvolvimento cultural.

Apesar de tudo, a falta de recursos orçamentários afligia o setor público, principalmente aquele voltado para a divulgação da cultura que vai provocar retrações diretas no planejamento elaborado por Simeão, a exemplo do que ocorrera em 1963. Isso é visível também nos Cadernos de Cultura, o “Carro-chefe” do SD, pois, nesse ano, não fora editado nenhum número. Mas ele não estava só. Sua atuação ecoava nos quatro cantos do país, chegando à Câmara Federal e ao Senado, através da voz dos representantes legítimos do povo, como registra a reportagem veiculada no Jornal “*A Manhã*”, de circulação carioca, na página sobre Panorama Literário, com o título “Auxílio à Cultura”:

O deputado Jorge Lacerda acaba de apresentar uma emenda orçamentária, aumentando de 320 a 420 mil cruzeiros a renda destinada às iniciativas educativas e culturais do Serviço da Documentação do Ministério da Educação. Justificando a emenda, teve a oportunidade de expor a obra louvável que Jose Simeão Leal vem realizando á frente daquele serviço, promovendo exposições, conferencias, comemorações como as que ultimamente foram feita do 30º aniversario da semana de Arte Moderna, publicação de revistas como “Forma” e Cultura e edição de livros entre os quais se destacam os “Caderno de Cultura”, que já vão para mais de 30 volumes.

Aos conclames e apoios políticos, responde e reconhece Simeão, ao enviar para o Senador Paulo Fender, uma carta datada de 17 de setembro de 1962:

Ilustre senador:

Ao dirigir-me ao eminente Senador, faço-o com a grata satisfação de acusar o recebimento do Diário Oficial contendo o discurso que da tribuna do senado Federal, proferiu a meu respeito e relativamente ao Serviço de Documentação deste Ministério, desde que sua direção foi por mim assumida.

A todas as palavras de defesa e engrandecimento ao SD. — para cujo progresso administrativo venho empregando o melhor de meus esforços —, assim como às minhas honrosas referência a minha pessoa e a minha carreira de diretor, de educador e jornalista, apresento ao proclamar amigo meus melhores e mais efusivos agradecimentos.

Sendo o que se me oferece nesta oportunidade, transmito-lhe, digno Senador, minhas atenciosas saudações.

Mas Simeão era insistente, apelando, algumas vezes, em documento, para a chefia de gabinete do ministro, com a esperança de solucionar problemas de ordem operacional, que interferia no andamento das atividades do setor, como registra o ofício nº 62, datado de 14 de julho de 1961:

Sr. Chefe de Gabinete:

Com referência aos termos de seu ofício nº 383, de 22 de julho passado, sobre o uso de carros oficiais, cabe-nos transmitir a V.S^a. a fim de justificar a necessidade de manutenção do automóvel chapa nº 94.553 a serviço deste SD. os seguintes esclarecimentos:

a) tendo em vista a natureza dos trabalhos executados por este Serviço, para a impressão dos livros que aqui são publicados e distribuídos gratuitamente no país e no estrangeiro, cuja relação somente deste ano, segue anexa, há necessidades da ida constante do Diretor e, algumas vezes, se servidores da repartição à Imprensa Nacional, para verificação e orientação das diversas fases de composição, impressão, etc., das obras já mencionadas;

b) ocorre, outrossim, que para manter contato entre este Serviço e escritores e artistas, bem como com os encarregados dos serviços de revisão e apuração de textos, é também necessário que disponha o SD de transporte diário e rápido;

c) consoante, ainda, as finalidades do serviço de Documentação, há casos de representação do Diretor em exposições artísticas, bem museus, conferências e demais solenidades culturais, para cujo comparecimento se torna indispensável transporte fora do horário normal do expediente burocrático;

d) face as exiguidade das verbas destinadas a este Serviço (Cr\$ 12.000,00 para despesas miúdas de pronto pagamento), não pode o mesmo fazer despêsas com o pagamento de carros de aluguel, geralmente muito elevadas;

e) Não obstante todas as dificuldades, este Serviço só dispõe de Cr\$ 600.000,00 para a edição de livros, importância esta que não teria a menor significação não fosse a presença diária do Diretor deste SD na Imprensa, acompanhando e obtendo facilidades burocráticas e financeiras para o andamento dos trabalhos. Para tal, como é obvio, o transporte permanente e rápido do carro oficial muito contribui.

A vista do exposto, submeto o assunto à consideração de V.S^a., solicitando a permanência do carro do Serviço de Transporte, que serve a esta repartição, para uso da mesma.

Aproveito a oportunidade para renovar a V.S^a meus protestos de estima e consideração.

Outros problemas também se apresentavam em função do cargo, entre eles os frequentes apelos aos Ministros para adiantamento de verbas, com vistas a sanar pagamentos referentes a direitos autorais, serviços de revisão, apuração de textos, matéria-prima necessária à confecção de livros, além dos custos com campanhas educativas, que sempre foram solicitadas e bem vistas aos olhos do Ministério, como registrou o ofício nº 14, datado de 27 de fevereiro de 1963, sobre a edição de publicações como: Cultura, Revista Arquivos, Coleções Cadernos de Cultura, Coleções Artistas Brasileiros, Vida Literária, Letras e Artes, os Novos, Aspectos, Documentos, Teatro e obras avulsas.

Além disso, objetivava exercer sua prática editorial em tempo hábil e com qualidade a editoração das seguintes obras: publicação de trabalhos para as coleções Cadernos de

Cultura, Artistas Brasileiros, Vida Brasileira, Imagens do Brasil, Novos, Aspectos, Letras e Artes, Documentos, Teatro e Quadrantes; prosseguimento das revistas Cultura e Arquivos; lançamento de uma coleção sobre problemas da atualidade; realização de completa reportagem fotográfica referente ao folclore brasileiro; publicações de trabalhos sobre assuntos atinentes à educação e à cultura; reedição atualizada de obras esgotadas do Ministério da Educação e Cultura; edição, em volume único, dos melhores contos de Machado de Assis, sob o título *Antologia de Machado de Assis*; organização e edição de um catálogo sobre a obra de Lúcio Costa; edição de coletâneas sobre sociologia brasileira, publicação de *antologia sobre Joaquim Nabuco*, os *50 poemas escolhidos* de Vinícius de Moraes, edição de uma obra com a história do Ministério da Educação e Cultura, privilegiando as diversas fases e modificações ocorridas desde sua estruturação ministerial e, por fim, uma obra com os trabalhos de Fayga Ostrower.

No campo artístico cultural, projetou exposição de filmes clássicos, documentários e técnicos; exposições de pinturas brasileiras; exposições de coleções particulares; exposições sobre temas culturais e artísticos, incluindo-se a impressão dos catálogos correspondentes e inúmeras palestras e cursos que objetivassem dinamizar os aspectos culturais, e possibilitar o acesso aos bens culturais e literários da época.

Apesar do planejamento e da solicitação ministerial ensejados por Simeão, como o ano de 1963, por exemplo, pouco foi realizado. Sobretudo no campo editorial, obras editadas correspondem a uma pequena parcela de sua intenção, quais sejam: *Poesias* de Paulo Fender, com o prefácio de Barbosa Lima Sobrinho; *A ilha do tempo*, o livro de poesias da autoria de Dirceu Quintanilha; *Estética da crítica*, de Euryalo Cannabrava; *Sílvio Romero de corpo inteiro*, de autoria de Carlos Sussekind de Mendonça; da autoria de Darcy Monteiro, a obra *Palestras médicas, O professor e o chefe como agentes de educação*, de Lahir Short de Azevedo, publicação da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra.

Nesse sentido, é certo dizer que ele foi capaz de resistir aos desafios, pois estava fortalecido pela consciência do valor de suas atribuições e, portanto, de seu próprio valor. Esse autoconhecimento se consolidou durante os anos de árduo trabalho, de viagens, aprendizado e reconhecimento, que lhe chegavam através dos pedidos de aconselhamento, de favores e, sobretudo, na confiança adquirida pelos literatos que, constantemente, procuravam-no, aumentando sua convicção de intelectual, apesar dos reveses sofridos em seu estado de origem em busca de emprego.

A respeito de seu desempenho, noticiava o jornal *Gazeta de Notícias*, com a crônica o *Homem do Dia*, datado de 06 de setembro de 1952, que se refere à transformação praticada por José Simeão à frente do Serviço de Documentação: “uma verdadeira academia ativa, frequentada pelos clássicos, neoclássicos, modernos, contemporâneos. Revolucionário a vanguardistas do mundo das letras e das artes. Pode assim, no tumulto dessa frequência diária, que é a própria cultura em ebulição”, promover o aprimoramento intelectual de maneira decisiva, em face do cenário nacional, salientando que, se de mais recurso dispusesse o paraibano, que já conduzia com inequívoca qualidade os serviços, certamente nenhuma voz poderia levantar-se para negar a valia de seu trabalho pioneiro, que muito honra a administração pública e a cultura brasileiras. E encerra a crônica, registrando:

A obra de Simeão Leal é obra de Mérito, com “m” grande, porque realizada com único interesse: o da cultura, com um único amor, o de bem servir as letras e artes nacionais e a quantos se empenham para alcançar esses mundos, fora do “rush” de todos os dias

“To emulate — but there is
no competition

“There is only the fight to
recover what has lost”.⁹⁹

E ratifica José Alípio Goulart, no texto *Obra de Mérito*: “a obra que vem sendo realizada por José Simeão Leal à frente do Serviço de Documentação e Cultura é, sob todos os aspectos, do mais alto valor: e, por isso, digna de ser salientada para ser seguida; pois não há demérito algum em se seguir o que é bom. Simeão Leal não está trazendo nada de extraordinário, realça: “apenas, despido de vaidade, dono de uma inteligência aguda e senhor absoluto das finalidades do setor que dirige colocou aquele serviço dentro das verdadeiras diretrizes do Ministério a que o mesmo pertence”, porém, o mérito de tudo é a maneira como vem desenvolvendo seu trabalho, obra de justificada excelência.

Nas evocações de Goulart e, ainda insatisfeito pelo uso da expressão “despido de vaidade”, ao referir-se a Simeão, explica: “é porque ao invés de fazer de seu serviço um veículo de suas produções, o que lhe seria fácil, o nobre Simeão recolheu-se nas funções inerentes ao cargo que ocupa, sem a mínima preocupação em salientar seu nome, pelo menos como idealizador e realizador de tão magnífico empreendimento” E complementa:

⁹⁹ Imitar - mas não há competição há apenas a luta para recuperar o que havia sido perdido (tradução minha)

Não o conhecêssemos, seríamos capaz de julgá-lo mais egoísta que modesto: porque, sem duvida, assim fazendo, Simeão está privando a todos, das belas paginas que os eu talento nos poderia proporcionar. Mas, pelo contrário, Simeão preferiu reunir em torno de si a que há de mais brilhante na cultura brasileira, fazendo com que cada um contribua com uma pequena parcela de seu saber, seja qual for a direção do esmo; e dessa forma vem reunindo uma documentação, de tal volume e significação que, a esta altura, já constitui um patrimônio de alto valor nacional.

Seja sociólogo ou psicólogo; historiador ou antropólogo; educador ou literato, encontrará nas publicações do Serviço de documentação do M.E.C., subsídio valiosíssimo para qualquer espécie de estudo ou trabalho que se propunha realizar. [...].

Isto é que é fazer documentação e ao mesmo tempo divulgação. Essa a forma mais qualificada de ação, num setor de tal natureza. Uma das coisas que mais dignificam a obra a que aludimos e que se pode qualificar como uma iniciativa ímpar no Brasil, é o fato de estarem nas publicações um lide, que são enumeras, ao alcance do povo. Isto é sumamente importante pois, a contribuição que tal atitude oferece ao desenvolvimento cultural das massas, se reveste de significação excepcional. Atualmente, em qualquer livraria, o homem do povo pode adquirir tais publicações por preço reduzidíssimo.

Essa a forma de se conseguir maior comunhão entre governo e povo e vice-versa, se cada um dos serviços de documentação dos vários organismos governamentais procurassem agir dentro desse plano, o povo estaria melhor informado das atividades da administração do país.

Não adianta a não ser em raras exceções, a produção de alto custo material. As publicações luxuosas, caras, tornam-se proibitivas para o povo; e são distribuídas, gratuitamente, a um reduzido circulo, que na maioria das vezes não lhe dispensa atenção equivalente. O que é útil e necessário é fazer como o Simeão: permitir que o povo tenha acesso ao material. Esse rapaz está fazendo realmente uma obra de mérito.

Comunga do mesmo pensamento o crítico Kelly (1955a), no *Jornal carioca A Noite*, datado de 06 de setembro de 1955, ao se referir a Simeão Leal como um editor, em vez de um burocrata:

Há, no Rio de Janeiro um homem singular. Não direi apenas por sua cabeça, estranha e personalismo. Mas pelos efeitos dessas cabeças: a curiosidade intelectual e a boa vontade. De fato, as circunstâncias colocaram Simeão Leal na direção de um serviço burocrático, O Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Se ele tomasse a sua tarefa ao pé da letra (burocrática) estaria a coligir relatórios de repartições e a manipular noticias, que despejaria pelos jornais do Brasil. Sem perda de esses e de outros deveres, explodiu, nele, a margem do cargo e aproveitando-se dos recursos oficiais, uma vocação incontida de editor. Não o editor dos lucros, imaginando uma carreira de sucesso de livraria; porém o editor intelectual, o que experimenta o indivizível prazer em contemplar, na letra de fôrma, um belo original, ou um texto “debutante” de um jovem, ou um assunto particularizado (desses que nunca têm divulgação).

O trabalho nunca fora desenvolvido sozinho. Simeão reconhece o papel desempenhado por sua equipe, a ponto de devotar-lhe total confiança. Em alguns casos, respondiam, em sua ausência, pelos serviços, numa amistosa parceria, as senhoras Rinaura de Alencar Polari Pessoa, na função de Secretária do Gabinete, e D. Maria Lourdes Costa e Silva de Abreu, a quem competia a severa vigilância administrativa do setor (LEITE, 2007), entre outros servidores, a quem ele preferia chamar de colaboradores. Tal era a visibilidade dos que compunham seu escritório que eles também eram mencionados nos jornais, a exemplo do jornal *FLAM*, datado de 06 a 13 de dezembro de 1953: “outra coisa que deve ser mencionado: o espírito de equipe”, acrescenta Alípio Goulart, em *Obra ao Mérito*, em relação à maneira como lidava Simeão com seus colaboradores:

No gabinete de Simeão há servente e secretária; porém, cada um integrado na sua função. Ninguém está ali para impedir a entrada ou dificultar, de qualquer modo, a aproximação de quem procura o diretor. Simeão não marca audiências, não diz que não esta e nem manda vir amanhã... recebe a todos de braços abertos e tem o prazer de oferecer oportunidade aos novos, da mesma forma como oferece aos consagrados. Por essa razão. O seu gabinete é um Oasis, onde as majestosas palmeiras da inteligência e da cultura deixam os seus frutos sazoados.

A atuação como editor e a postura assumida diante da progressiva produção editorial geraram em José Simeão Leal uma espécie de sociabilidade para com os intelectuais e literatos nacionais, como se pode comprovar por meio de diversas cartas que ele recebeu, dentre as quais, cito:

*Simeão amigo,
Vai o trabalho sobre o cincoentenário
do mestre Gilberto para v. incluir
ainda neste numero próximo de 'Cultura'.
Envio-lhe também uma nota
de Luiz Delgado que saiu aqui [referindo-se a
cidade do Recife/PE] no "Jornal do Comercio",
para a bibliografia da sua
esplendida revista. [...]
E não me diga que a colaboração
não chegou a tempo...*

Aderbal Jurema (Recife, Sem data)

Caro Simeão Leal:

- O Mário Chamie, de quem lhe falei, aí vai para tratar da publicação do livro de poemas que ultimamente escreveu e que, pelo seu caráter de obra de vanguarda, talvez possa ser incluído numa das séries que v. — espírito aberto à experiência — com tanto acerto instituiu, no Serviço Cultural sob sua direção.

Mas o Mário não é só poeta original, dotado de alta consciência do ofício, senão também, um ensaísta, um tradutor admirável, uma inteligência ótimamente informado em questões literárias. Poderá sob esse aspecto, ser muito útil a v., no desempenho honesto de qualquer incumbência que ele for confiada.

Peço-lhe, caro Simeão leal, que o receba com a sua habitual gentileza.

Afetuosos abraços do seu amigo e adr.

Cassiano Ricardo (São Paulo, 12 de outubro de 1960).

Essa carta registra, na intimidade, as experiências editoriais, assim como os procedimentos adotados por Simeão Leal no processo de seleção, edição e circulação dessa mesma produção. O fato de, na época, não existir o registro *International Standard Book Number* (ISBN), vinculado à ISO 2108, de 1972, adotado no Brasil apenas a partir de 1978, impossibilitava um levantamento exato de edições e tiragens por títulos, considerando que esse registro consiste num sistema de padronização internacional responsável por identificar o título e a quantidade de exemplares por edição, os livros, segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os.

Essa sistemática de controle permite identificar a obra e sua edição, podendo, inclusive, controlar o número de tiragem por edição. Todavia, sua inexistência dificulta a determinação do número exato de exemplares editados. No caso de Simeão Leal, pode-se dizer que centenas de obras foram por ele editadas. Essa assertiva é pautada nos depoimentos de Santa Cruz (1962), Drummond, Rubem Braga, entre outros, que atestam sua quantitativa e qualitativa produção editorial, além do registro de todos os títulos que ele editou, sem discriminar o número de exemplares por título. Para fins deste estudo, consegui levantar os títulos editados no período de 1947-1965, cuja listagem em forma de catálogo, encontra-se no volume 2 desta tese. É importante lembrar que, apesar do esforço, algum título ou série pode ter me escapado, pelas razões já explicitadas. Assim, com base nas informações levantadas, observe-se o gráfico que representa a produção editorial por título.

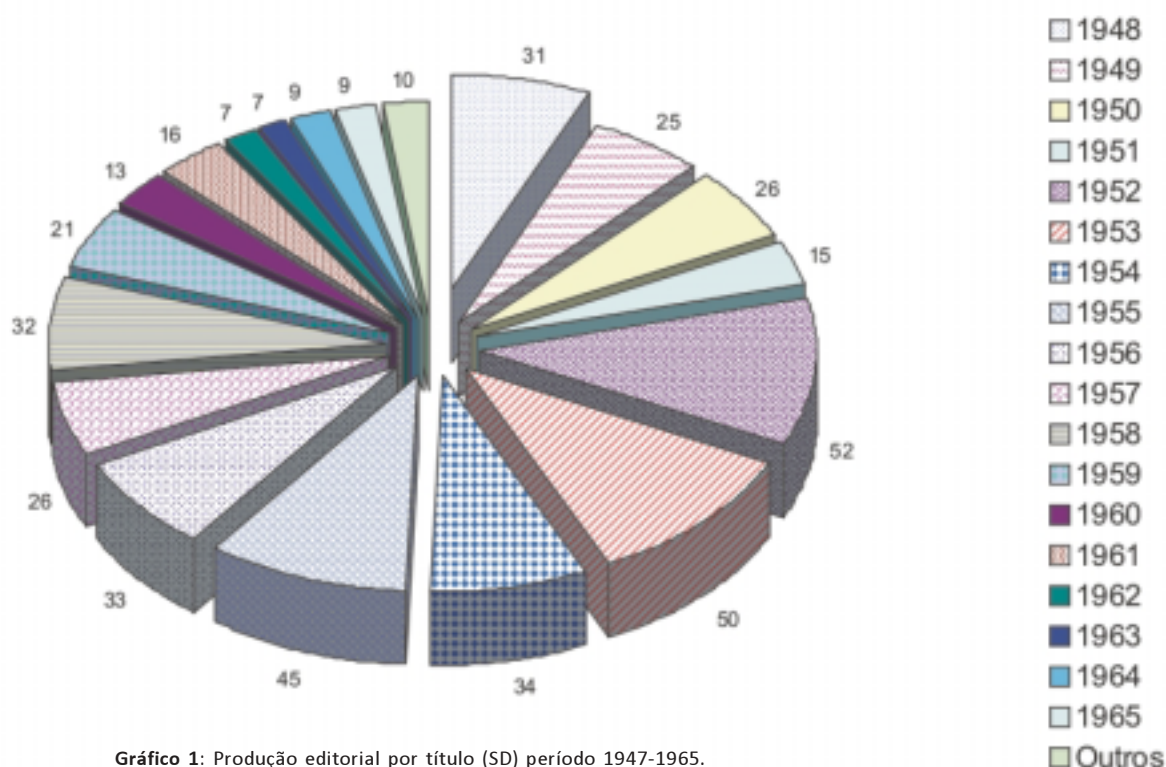


Gráfico 1: Produção editorial por título (SD) período 1947-1965.

Fonte: Dados da pesquisa

O trabalho que ele desempenhou à frente do processo editorial reflete tanto um novo tipo de escrita, quanto a emergência de novas formas da dinâmica editorial, para valorizar um novo modo de produção literária, cujo processo de leitura se estabelecia desde o aspecto físico rigidamente moderno até o conteúdo das obras.

Acertado seu lado funcional, Simeão Leal dedicou-se pessoalmente aos aspectos administrativos e gráficos da produção editorial, que se configurou, primeiramente, com a nova edição dos “*Anais*”, publicação administrativa em que eram publicados os documentos da gestão ministerial. Nesse sentido, ele inova, substituindo-o pela *Revista Arquivos*, cujo teor se mostra mesmo na etimologia da palavra, local de guarda e preservação de documentos, podendo-se compreender, segundo os fundamentos da arquivística, como um conjunto de documentos produzidos pela administração ministerial, iniciado em janeiro de 1948.

Simeão Leal vai definir sua política editorial baseada no mercado e, sobretudo, no público a que se destinava a obra. Assim, ele foi estabelecendo Séries, Coleções e tipologias específicas que contemplassem coerentemente as temáticas tratadas. São elas: Artistas

Brasileiros, em que evidencia a produção artística sob a perspectiva do desenho, da fotografia e da escultura; *Aspectos*, uma publicação que aborda temas de caráter geral voltado para as áreas de Literatura e Crítica Literária, Ensino, Biobibliografias, Estudos da língua, Cultura, Jornalismo, Educação, História e Direito; *Avulsos*, composta por obras de temáticas diversas ou edições avulsas de títulos já editados em séries específicas, como a obra *50 poemas escolhidos pelo autor*, de Carlos Drummond de Andrade, editado pela coleção Cadernos de Cultura, em 1956, e sua segunda edição, pela Série Avulsos, em 1958; *Boletim da Anm*, publicação da Academia Nacional de Medicina, com o objetivo de publicar trabalhos de seus membros e decisões de sua Diretoria; *Catálogos de Exposições*, objetivando registrar e promover a visibilidade de obras artísticas e culturais, cujas criações tivessem participado de exposições ou não; *Comedia*; *Correio da Unesco*; *Cultura*; *Discursos*; *Documenta*; *Documentos*; *Imagens do Brasil*; Letras e Artes; Medicina; Outros; Periódicos: Quadrante; Ral, publicação da Federação das Academias de Letras Brasil.; Revista Branca¹⁰⁰ (RB); Revista da Faculdade Nacional de Filosofia (FNF); Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Separatas e Suplementos de todos os periódicos supramencionados; Coleção *Teatro*; Coleção *Vida Brasileira*, *Cadernos de Cultura*, temática do capítulo quarto e *Os Novos*.

Em relação à coleção *Os Novos*, ideia que, apesar de não ter partido do próprio Simeão Leal, como narra Schneider (1954), foi excelente para dar uma oportunidade aos novos autores que não têm editor! Ela surgiu durante o Programa “Clube da Crítica”, apresentado semanalmente na Rádio Ministério da Educação, quando estavam reunidos novos escritores do Distrito Federal. Dalton Xavier, Diretor da Editora “A Noite”, comprometeu-se em editar periodicamente livros selecionados por uma Comissão avaliadora dos novos escritores. Ao tomar conhecimento da iniciativa, Simeão Leal apoiou, de imediato a campanha, comprometendo-se a publicar um livro de autor novo por mês, numa série semelhante aos “Cadernos de Cultura”. Assim, autores novos de livros inéditos de poesias, contos, ensaios e romances poderiam, desde então, enviar seus originais para os trabalhos de seleção, que continham as seguintes regras: cada original deveria ser apresentado em três vias, datilografadas em espaço duplo, com o nome do autor e o respectivo endereço, enviado ao Setor de Documentação do Ministério da Educação. Os originais deveriam conter até 40 páginas.

¹⁰⁰ Revista Literária publicada no Rio de Janeiro, no período 1950-1954, a esse respeito consultar ANTELO, R. *As revistas literárias brasileiras*. Disponível em: <[http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim de pesquisa2](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim%20de%20pesquisa2)>. Acesso em: 30 de agosto de 2008.

Assim, dando início a essa sua nova coleção, Simeão Leal editou as primeiras publicações, que programou, em número de nove, a saber: “A Décima Praga”, de Jones Rocha; “Três Histórias na Praia”, de Waldomiro Autran Dourado; “O Parque de Diversões”, de Beatriz Rocha; “Igaritês”, de Luís Claudio de Castro (contos); “Raimundo Correia, Estudante”, de Waldir Ribeiro do Val (ensaio); “Diário de Segismundo”, de Carlos David (diário); “Prisma”, de Fred Pinheiro; “Catedral dos Vácuos”, de Berredo de Menezes (poesia), e “A Sobra do Mar”, de Gasparino da Mata (novela). (A CIGARRA, 1959).

O lançamento dos primeiros editados ocorreu num dos últimos dias de dezembro de 1955, na Livraria São José¹⁰¹, no Rio, numa movimentada tarde literária, que contou com a presença do ministro Abgar de Castro Araújo Renault. Foi entre festejos e aplausos que figuraram os novos editados, e novos mesmo no meio literário, com seus contos, poesias e ensaios. Essa iniciativa foi, sem dúvida alguma, uma vitória literária, considerando a luta dos que se aventuram no mundo das letras. Os editores não costumam arriscar-se com escritores iniciantes, uma oportunidade com que Simeão Leal contribuiu para ingressar os jovens. Essa iniciativa ampliou ainda mais a sua responsabilidade no campo editorial brasileiro, fazendo com que a gráfica de outrora, transformada em Editora Pública, oportunizasse a todos. Desse modo atingiu os fins que tanto almejou, pois editar obras de mérito não é outra coisa senão desempenhar um papel cultural. Para além dessas iniciativas, Simeão também ousou em edições bilíngues e trilíngues, a exemplo das obras de Herman Lima J. Carlos e Alvarus e seus bonecos, ambas traduzidas para o inglês e o francês, a despeito das obras de *Oswaldo Goeldi (1895 a 1961)*, de Aníbal Monteiro Machado, e *Bruno Giorgi*, de Dante Milano.

Aceitar desafios era coisa comum ao Editor, que via no caminho público a possibilidade de divulgar e fazer circular a produção literária, tanto que firma parceria com outros órgãos do próprio governo, a exemplo do INL. Mas, sem perder de vista o caminho que traçara e em que acreditara. Como reflexo dessa forma de pensar, ele buscou, com o apoio do Ministro da Educação, Ernesto Simões da Silva Freitas Filho, o Prof. Edgard Teixeira Leite, a União Nacional dos Estudantes para, juntos, descobrirem os talentos que a própria academia, algumas vezes, faz silenciar. Com esse intuito, empreende um concurso

¹⁰¹ Livraria fundada em 1926. Foi, nos anos 50, ponto de encontro de literatos e editores como Gilberto Freyre, Jorge Amado, Simeão Leal, Manuel Bandeira, Rubem Braga, entre outros. Atualmente, a Livraria tornou-se um Sebo localizado na Rua Tiradentes – Centro do Rio de Janeiro.

literário para estudantes, destinado a premiá-los e, anualmente, editar um livro de ensaios, um de poesias e outro de ficção. O concurso denominou-se prêmio UNE, cuja comissão seria composta por três membros: um de indicação do ministro, outro indicado pelo próprio Simeão, e o terceiro de indicação da UNE. Segundo o jornal *Correio da Manhã*, datado de 24 de julho de 1951, a notícia foi lançada, no mesmo ano, durante o Congresso da UNE, que ocorria no Rio de Janeiro, gerando grandes expectativas entre os estudantes.

Simeão Leal desenhou sua trajetória de editor numa visão ousada e inventiva. Contudo, seu mérito foi dar voz ao silenciado e enfrentar o desafio da modernidade editorial, dos poucos recursos e, sobretudo, das publicações que “nascem e morrem, fundem num só título ou bifurcam-se” (TARGINO; GARCIA, 2008, p. 10). Por outro lado, viveu seu papel de se perpetuar em criações editoriais que subsistem ao tempo como reveladores de seu próprio *ethos*, sua autobiografia, ou, como nos ensina Lejeune (2008), conservar a vida em local fresco... Assim, ele tomou suas máquinas, suas regras editoriais e estabeleceu a própria filosofia. Escolheu títulos, cenas, capítulos, selecionou e eliminou, em sua vivência editorial, o próprio caminho, a própria narrativa. Foi assim, observando os percursos do processo editorial, que essa trajetória foi perseguida, intercalada pelas vozes de suas testemunhas. Essa foi a maneira de captar aspectos do cotidiano editorial de Simeão, cujo testemunho vem ratificado pelos fragmentos das cartas de Alceu Amoroso Lima e Dorotty Ridder:

*Simeão,
Por acaso ainda há deste volume
e no M.E.S [Karl Brandt geografia Cultural do Brasil].
Seria possível
v. arranjar um para mim?*

Abraços do

Alceu [Amoroso Lima]. Rio, 15.10.1973.

Prezado Simeon,

*Eu e meu marido ficamos encantados de acuscos
recepção dos livros que você nos mandou, com gene-
rosidade e gentileza magnífica! Mas, que obras cheias,
que tesouros para nos sempre conservar
em qualquer lugar estejamos! Entre as capas
terá sempre as miras de informação e recordação*

*do tudo para que nos apaixonamos no Brasil.
É um grande presente para Diplomatas
nômades receber e quando chegar a nossa
hora e deixar o Brasil vai de verdade nos consolar!
Mil vezes obrigada pelo seu pensamento
e pela maneira de nos profundamente encantar.
Estou com saudades suas e da sua esposa. Vamos
breve matá-las.*

Dorothy Ridder maio, 15

Simeão era um incentivador cultural, reunia escritores de nomes expressivos, como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Muniz Sodré, Murilo Mendes, Rachel de Queiroz, entre tantos outros, numa convivência cordial e fraterna. Esse papel, segundo Coutinho (1997, informação verbal)¹⁰², foi exercido muito bem por ele, razão por que foi considerado, no meio intelectual, como uma espécie de “*eminance gree*” da cultura brasileira. Ele foi um homem que teve um papel decisivo nos bastidores. Nunca se deixou perceber nos palcos, nem se focar na luz. Foi figurativamente a eminência parda, no sentido de que estava sempre à sombra, incentivando, articulando, criando coisas, inventando, convocando, chamando os artistas e intelectuais à fala e dando-lhes oportunidades que eles não teriam tido tão facilmente, se Simeão não tivesse ocupado seu papel de promotor de cultura.

À sombra, Simeão não estava em si, mas no outro, no trabalho do outro. Nesse sentido, ressaltava Coutinho (1997): “*E essa gente [referindo-se aos intelectuais paraibanos dos anos 40, 50 em diante, a exemplo de José Lins do Rego, Santa Rosa, sem fazer referência aos políticos como: Samuel Duarte, Ivan Bichara, Ernany Sátiro, José Joffily, todas essas figuras de reconhecida intelectualidade], teve uma importância decisiva, mas curiosamente o ‘piau’ era feito em torno de Simeão, que articulava, comandava nos bastidores como uma eminência parda*”.

Nas palavras de Coutinho (1997), José Simeão Leal foi uma figura central no campo da cultura da Paraíba, mesmo quando esteve ausente fisicamente, a qual foi revelada na publicação dos autores paraibanos, nas cartas de Tomás Santa Rosa, Aderbal Jurema, Ademar Vidal e as intensas pesquisas sobre a cultura popular paraibana, além de suas permanentes interferências no campo da arte, através de sua influência intelectual.

¹⁰² Exposição oral durante a programação do III FENARTE - João Pessoa/PB, na Galeria Archidy Picado, realização da Fundação Mário Pedrosa, 1997.

Em 1965, o escritor Juarez da Gama Batista relembra a Simeão Leal, em carta datada de 29 de outubro, sobre Cavalcanti Proença, que viria à Paraíba, realizar trabalho sobre a obra literária de José Américo de Almeida, em especial, *A Bagaceira*, e, oportunamente, sobre os cantadores do Nordeste, ideia, segundo o escritor, do próprio Simeão Leal, motivo que ele faz questão de destacar: “*Você lembrou, no ano passado [1962] a necessidade de um estudo, sério e completo, sobre a obra do José Américo. Pois bem, vai ser feito. A Paraíba fica a lhe dever mais êste favor*”.

Os tempos vividos no SD não renderam a Simeão apenas aplausos e reconhecimento. Com todo cargo e função pública, também vieram as críticas e as ofensas, dentre as quais, a de que usava indevidamente as verbas do SD em benefício próprio, como noticiava o Jornal carioca *O Mundo*, de 14 de abril de 1954, instigando o Ministro a proceder a uma averiguação nas contas do Setor, em que o jornalista acusava Simeão de forjador de cheques, embora, na mesma matéria, reconheça, segundo suas palavras: “é verdade que o Simeão realizou alguma coisa”. O fato é que nada foi provado contra ele. Em outros momentos, tornou-se objeto humorístico, como noticiavam os Jornais *A Noite*, datado de 08 de março de 1956, com matéria do jornalista Renato Jobim e de Antônio Gabriel Nássara, no Jornal *Diário de Notícias*, ambos, caricaturalmente, representaram Simeão que, a lume, trouxe fazeres e viveres de um servidor público no SD.



Ilustração 5: Caricatura de Moura
Fonte: Correio da Manhã

Simeão Leal - Pra que cabelo?
Aqui tem é massa cinzenta...



Ilustração 6: Charge de Nassara [1950?]
Fonte: Diário de Notícias

Em depoimento, durante o III Festival Nacional de Arte, realizado em João Pessoa em 1997, o jornalista e escritor paraibano Luiz Gonzaga Rodrigues rememora a influência de José Simeão em seu processo de aprendizagem prática no campo da editoração. Lembra o jornalista:

Vou fazer um depoimento muito breve que quero apenas considerar como um caso dentro da história de Simeão Leal [...]. Alguns intelectuais ouviram falar de Simeão Leal, mas a Paraíba não sabia, como não sabe quem era Simeão Leal [...]. Trabalhando eu no jornal, nos anos de 1950, com um grande mestre que era Juarez Batista, estava montando um livrinho, trabalhando tipograficamente, levantando chapa, como a gente chamava, chega aquela figura dominadora e pergunta: o que é isso aí? Quem ensinou isso? Nós trabalhávamos pelas mãos de tipógrafos, não havia programação visual, não havia chefe de editora, havia uma tipografia dos anos 50, com noção de domínio técnico da arte tipográfica, e eu, era uma espécie de repórter e revisor tipográfico, trabalhava no livro de Juarez Batista, quando chega Simeão Leal, dá uma bocado de espôrro, esculhamba tudo, diz que está tudo errado, pergunta o que era “fonte wolt” e eu fiquei, realmente enraivecido, encabulado, e foi o primeiro contato que tive com esse cidadão. Depois, e quero colocar isso como um caso. Vou à Universidade Federal sondar e fiz ver ao Reitor [Mário Moacyr Porto] que, com a experiência que tinha na Paraíba, precisava de um estágio, de uma experiência diferente fora daqui. Então me lembrei de Simeão Leal. Me mandaram para o Rio de Janeiro e comecei a ter uma espécie de alumbramento pela figura de Simeão Leal que, além de ser uma figura gozada, espirituosa, irreverente, tirava certas com as coisas que eu gostava e reunia aquilo tudo que nós na província, nas cidade distante temos vontade de ver. Essa imagem mítica, de escritor, de Drummond de Andrade, Afrânio Coutinho, que vemos como figuras de outros mundos. De repente caio na Divisão de Documentação do Ministério da Educação [...]. Essa figura se fez amigo meu, me mandou para uma das figuras mais impressionantes de toda a minha vida, que foi Aluísio Magalhães, e foi no estúdio dele que obtive as noções para toda a minha vida, alguns princípios, alguns conceitos [editoriais]. Simeão Leal uma figura que tinha a seus pés todo um mundo na área de cultura, editava os cadernos de cultura, não de brasileiros, mas de artistas, escritores.

A opinião de Gonzaga Rodrigues em relação à figura de Simeão revela um personagem paradoxal, marcado pela arrogância, pela altivez, independência e solidariedade. Embora nunca estivesse só, pois vivia sempre rodeado em seu gabinete, Simeão atendia a pedidos e fazia de seu espaço a casa da Paraíba, recebendo todos os conterrâneos, amparando-os de alguma forma.

Esse mesmo gabinete, em que recebia os seus conterrâneos, esteve durante seus quase 19 anos, frequentado por intelectuais, artistas e literatos, como Maria da Saudade Cortesão, Murilo Mendes, Álvaro Lins, José Lins do Rêgo, Mauro Mota, João Condé, Orris Soares, Adonias Filho, Ciro dos Anjos, Stefan Baciú, Gilberto Freyre, Cassiano Ricardo, Peregrino Júnior, Anísio Teixeira, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, João Neves Fontoura, Josué Montello, Herman Lima, Dante Costa, Lígia Fagundes Teles, Geir Campos, Nelson Coelho, Fagundes Menezes, Bruno Giorgi, Di Cavalcanti, Cícero Dias, Herbert Read e outras expressões da cultura brasileira, transformando seu espaço no lugar de circulação das múltiplas vozes que compunham a diversidade literária e cultural do país.

3.2 O Rebelde das Cores...

A vida de Simeão era rodeada por intelectuais reconhecidos, nacional e internacionalmente, mas foi a companhia de seu amigo de uma vida inteira, Tomás Santa Rosa Junior, que o despertou para o campo artístico, quando, ainda jovens, se conheceram na Parahyba. Assim, ficou Simeão publicamente conhecido como o homem das letras e das artes. De início, pelo trabalho desenvolvido como Diretor do Serviço de Documentação. Porém, seu fascínio pessoal pelo campo da pintura e da interpretação antecede os idos de 1929, quando, residente no Rio de Janeiro, inicia seus primeiros contatos com a obra de pintores modernistas como Tarsila do Amaral, a quem vai apresentar, através de artigos e textos, a seu amigo que vivia em sua terra natal, Tomás Santa Rosa. Além da obra de Tarsila, vai conhecendo Di Cavalcanti, com quem cultivará, mais tarde, uma amizade pessoal.

Assim, envolvido pela efervescência cultural carioca dos anos que sucederam a Semana de Arte Moderna, Simeão passa a frequentar exposições e circular por entre os artistas e escultores. Porém, poucos sabiam que ele garatujava em papéis, e aos que sabiam, ele expressava: “faço aquilo que um menino riscador de papel faz”. Foi com essa concepção que pretendia que seus rabiscos servissem como apelo lúdico aos fazeres de seu cotidiano. Apesar dessa concepção, Simeão estudava, teoricamente, o campo das artes, por isso sempre se envolvia em conversas e palestras sobre a temática, ora enviando sugestões aos amigos, ora verbalizando seu pensamento. Em sua busca pelo conhecimento teórico, recorre às

obras de Herbert Read, crítico de reconhecida competência entre as décadas de 30 e 50, que trazia como contribuição o movimento da educação pela arte. Esse posicionamento e compreensão de Simeão sobre arte deixam transparecer uma aproximação entre ele e as obras de Read: *O significado da arte* (1931), *A forma na poesia moderna* (1932) e *Educação pela arte* (1943).

Apropriando-se das teorias de Read, Simeão coloca que, nenhum gênero da atividade humana é tão constante como as artes plásticas, e nada que não sobrevive ao passado tem valor, como chave da história da civilização. Ele ressalta que uma das formas de lembrarmos o passado é através de uma escultura, uma pintura ou de um monumento arquitetônico, pois as palavras se perdem, principalmente se, num futuro remoto, não mais nos utilizarmos da memórias dos homens. Vê-se que Simeão vai delineando uma concepção artística a partir do que é tangível, porém, nem sempre, acessível a todos os públicos e em todas as épocas. Nesse sentido, ele deixa entrever sua concepção pessoal sobre a arte, esta como um bem de acesso público, possibilidade que só se concretizará, se considerarmos duas questões: a primeira delas é a minimização da falta de compreensão sobre arte. Isso só será possível através do esclarecimento do público pela observação e explicação das obras-primas, de todas as épocas, a fim de que possa conhecer as novas tendências e formas de expressão.

Vê-se que sua proposta se pauta em um programa que deverá inserir-se em um processo de educação de base, ou seja, uma educação pela arte, tese que defende Read, em sua obra *Educação pela arte*, já mencionada. Porém, Simeão [1950] não apenas absorve essa tese como aponta caminhos pelos quais ela poderá ser efetivada, dizendo:

Agora é possível, com estas magníficas reproduções, tão perfeitas que chegam a confundir-se com os originais a sistemática [da] educação artística do público, por meio de pequenos museus, que poderão chegar, às mais remotas cidades do interior, juntamente com o disco e o livro, indiscutivelmente fontes de desenvolvimento intelectual [...] desde a idade escolar irá identificando-se com as obras primas, da arte universal.

Para Simeão, a arte representa um instrumento educador para as massas. Essa formação se dá na escola por meio da “ressignificação artística”, ou seja, um fazer artístico pautado no respeito à diversidade cultural, incluindo-se a brasileira e a própria diversidade das tipologias artísticas. Em face dessa compreensão de arte, Simeão se deixa levar por obras dos Séculos XVIII e XIX. Em alguns de seus manuscritos e anotações datilografadas, constantes de 08 páginas, contendo o roteiro, provavelmente, de uma palestra, registra,

com acuidade, as criações de Wilson Sterr, retratista e paisagista, antigo discípulo de Adolphe-William Bouguereau, pintor francês, que nasceu em La Rochelle (1825-1905), e Alexandre Cabanel, também francês (1823-1889), Samuel Palmer, pintor inglês (1805-1881), notável aquarelista, que se caracterizou pelos tons sombrios e fortes; Jonh Stell Cotman (1782-1842), pintor e aquarelista inglês, que tentou chegar à simplificação e à harmoniosa unidade das paisagens; William Blake (1757-1827), poeta e pintor inglês, místico excêntrico, considerado uma das mais estranhas figuras da arte inglesa, e seus desenhos se revestem de nobreza e são desprovidos de qualquer preocupação terrena; Thomas Gainsborough (1727-1788), retratista e paisagista, cuja obra reflete toda a graça poética e elegância da aristocracia da época. De imaginação delicada e caprichosa, foi na concepção de Simeão, profundamente sensível às formas mais belas da natureza, fugindo às exigências mundanas do artificial monótono; Joseph Mallord. William Turner (1775-1851), de origem inglesa, foi pintor aquarelista e praticante intensivo de cópias; Henry Moore (1898-1986), também inglês, escultor e desenhista. Segundo Simeão [1950], as esculturas de Moore fogem do convencional, vão além das formas simples da biologia e registram o entendimento do artista: *“A pedra é dura concentrada e não deverá ser falsificada para assemelhar-se a carne mole — ela não deve ser desviada além da sua natureza estrutural para enfraquecê-la”*.

O caminho da arte que tomou Simeão foi surpreendente até para ele mesmo, que não se sentia artista, embora nunca tivesse receio de se aproximar desse território. Por isso, em 1948, através da Portaria nº 00534, de 21 de outubro de 1948, tornou-se membro da Comissão Organizadora da exposição retrospectiva da pintura no Brasil, responsável, inclusive, pela escolha de artistas e obras que representassem a história das artes plásticas brasileiras. Em 1950, representa o coordenador do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), por indicação de Francisco Matarazzo Sobrinho, mais conhecido como Ciccilo Matarazzo, cabendo-lhe a responsabilidade de representar o Brasil na XXV Exposição Bienal Internacional de Veneza. Sua influência e participação entre os meandros das artes aproximam, inconscientemente, Simeão Leal das artes plásticas, o qual se passa a apurar seu olhar, já crítico, sobre o produto de artistas e escultores. Essa proximidade recai também em sua atividade de editor. Ele publica, já em 1959, o Catálogo intitulado *A nova pintura francesa e seus mestres, de Manet a nossos dias*.

Por essa forma de ver e falar sobre a arte, coube a Simeão o título de Crítico de Arte. Certa vez, entrevistado por Jane Ryfer em 1950, matéria indicada para a Revista Veja sobre o assunto questiona a repórter: “Qual a função do crítico de Arte nos dias atuais?”

Responde Simeão: “a função do crítico de arte já não tem mais sentido atualmente, pois até bem pouco tempo toda a teorização era posterior à obra de qualquer artista. Hoje há uma teorização anterior...” Ainda interessado no assunto continua Ryfer: “Em que veículo de comunicação atuou como crítico de arte?” Ao que responde Simeão: “Nunca atuei em nenhum veículo de comunicação, participei apenas no sentido histórico. Fui fundador da Associação Brasileira de Críticos de Arte, em 1949, juntamente com Mário Pedrosa, Sergio Milliet, Mário Barata e Antônio Bento. Essa instituição representa, no Brasil, a Associação Internacional de Críticos de Artes (AICA)”. Tal atuação lhe rendeu, em 1990, o título de Presidente de Honra da mesma associação. Essa, porém, não foi a única “invencionice” de Simeão e de seus amigos. Em seu arquivo, encontrei cópia de um documento datilografado, intitulado de Manifesto Emoldurista, proposto por Nair Vinhas e Thiers Martins, com o aval de Flávio de Aquino, Rui Guerra, Luis Santa Cruz, Edelweiss, Helena Barreto Penteado, Ramiro Martins, Simeão Leal e Alexandre Djukitch, com o seguinte teor:

MANIFESTO EMOLDURISTA

O Espaço Emoldurado – a favor da moldura e contra ao quadro

- 1) *Só a Moldura organiza o caos;*
- 2) *Só a Moldura concretiza o infinito;*
- 3) *A Moldura sempre foi metafísica;*
- 4) *A moldura é o espaço e o fim da dialética;*
- 5) *O Emoldurismo valoriza o herói oculto, a única razão do espaço arquitetural: a parede;*
- 6) *O Espaço Emoldurado abre uma janela para a criação;*
- 7) *A Moldura é anterior ao quadro;*
- 8) *O espaço anterior à Moldura;*
- 9) *Só o Emoldurismo poderá nos dar a verdadeira integração das artes, pois só a Moldura leva à síntese das artes plásticas;*
- 10) *Arte é o espaço Emoldurado;*
- 11) *Não há pensamento sem moldura;*
- 12) *Todo pensamento emoldurado é ultrapassado;*
- 13) *O Emoldurismo já está ultrapassado, por isso somos neo-emolduristas;*
- 14) *O emoldurismo é a favor do número e contra todas as dimensões;*
- 15) *O Néo-emoldurismo é contra o _____ e a favor de todas as dimensões.*

(O documento estava com rasgos na palavra representada pelo traço).

Aparentemente contraditório, Simeão deixa transparecer o papel do crítico de arte, cuja essência está em contribuir para a formulação de teorias para o campo artístico. Isso significa dizer que, para ele, não basta apenas tecer comentários sobre a obra, mas detalhá-la em seu interior. Essa é a única maneira de ampliar os horizontes de análise e teorização do campo.

É oportuno e vale aqui ressaltar que sua colaboração com as Bienais Paulistas era uma realidade, tanto que, em 1973, o Presidente da Fundação Bienal de São Paulo, Francisco Matarazzo Sobrinho, registra, em carta datada de 7 de novembro de 1973:

É com imensa satisfação que em nome da Diretoria Executiva da Fundação Bienal de São Paulo, agradecemos a importante colaboração prestada [...]. Por esse motivo desejamos expressar-lhe nossa gratidão, certo de voltarmos a com a sua destaca colaboração no futuro, para que a Bienal de São Paulo prossiga como um laboratório de Artes e Ideias, promovendo e contribuindo para que a arte seja levada a públicos cada vez mais amplos. Com os nossos agradecimentos, apresento-lhes os protestos de meu elevado apreço.



Transitando livre pelos caminhos das artes, já impondo sua voz crítica e argumentativa, Simeão vai se tornando respeitado e conhecido, passando a ser um colecionador de obras de arte no Rio de Janeiro. Costumeiramente as emprestava para exposições tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Ele mantinha sua coleção e a declarava em imposto de renda: Busto de Bruno Giorgi, com o rosto de sua esposa Eloah; obras de Cícero Dias, recebidas como presente de casamento; obras de Maria Leontina (natureza morta), os três primeiros móveis de Calder, obras que o fizeram reconhecido no colecionismo, entre outras.



Fotografia 15: Móviles de Calder

Fonte: AJSL

Estando Simeão reconhecidamente envolvido com o campo artístico, é, mais uma vez, convidado para participar, como Comissário, da *Exposição Visconti*, durante a II Bienal de Arte de São Paulo, em 1953. O trabalho desenvolvido elegeu quarenta e quatro obras selecionadas pelos críticos de arte Athos Bulcão, Sérgio Milliet, Flávio de Aquino e Antônio, reunidos a convite do próprio Simeão, como relata o Jornal carioca *Correio da Manhã*, do dia 06 de novembro de 1953:

O Brasil, na II Bienal de São Paulo terá, como tem sido divulgado, além da Sala Geral, duas Salas Especiais: uma dedicada à Paisagem Brasileira e a outra a Elyseu Visconti. As obras que constituirão esta última foram selecionadas, ontem no Ministério da Educação, por um grupo de críticos de arte reunidos por Simeão Leal, comissário da Bienal para a sua organização. O gesto de Simeão apelando para a crítica foi espontâneo e revela muito bem o raro critério que preside a tôdas as iniciativas que lidera. Poderia ter selecionado sozinho as peças, mas quis distinguir a crítica e imprimir à sala Visconti a dignidade que merece.

Vale registrar, aqui, que Simeão foi o responsável pela indicação do nome de Visconti para compor a homenagem. Segundo ele, o artista era o “*verdadeiro marco da pintura moderna no Brasil*”, justificando não ter sido suficientemente divulgado. Tal opção não significava menosprezo aos demais artistas da época, como: Anita Mafalti, Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Di Cavalcanti e outros pioneiros. Porém, sua diferença está no impressionismo de grande parte de sua obra. Mas, poucos, ou quase ninguém sabia que o crítico que revelara Visconti na Bienal já andava solitário em suas criações desde os idos de 1950, quando, inesperadamente, “Herbert Read, em visita ao seu gabinete, no Serviço de Documentação, admirou-se com um rabisco que Simeão colocava a sua frente sob o vidro da mesa. De arte ele sabia tudo, mas poucos conheciam seu vício solitário do desenho” (AQUINO, 1984).

Dessa maneira, sua arte foi descoberta. Pedindo permissão aos críticos de arte, aventuro dizer que o mestre Simeão projetava movimentos por entre linhas sinuosas e simétricas, desenhos, colagens e pinturas de cores mistas, em tons avermelhados e fortes, empregando materiais diversificados, vanguardistas de uma estética contemporânea.

Essa atividade se intensifica nos anos 60, sobretudo quando de sua estada no Chile como Adido Cultural, onde aprendera, como autodidata, técnicas aperfeiçoadas sobre o olhar atento de suas visitas a museus, exposições e leituras dos livros de artes. Sua primeira mostra ocorreu entre os meses de maio e junho 1981, numa parceria entre o Centro Iniziative

Culturali Pordenone e o Brasil, na Galeria Sagitária, à Av. Concórdia, 7, na cidade de Pordenoni, Itália. A mostra reunia três brasileiros: o escultor Sérgio Camargo, o artista Plástico Simeão Leal e Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão - Tunga. A arte cinética e ilusionista de José Simeão Leal atraiu a atenção da imprensa italiana, como o jornal *La Repubblica*, *El Piccolo* e outros.

No Brasil, sua primeira mostra vai ocorrer três anos após o sucesso obtido e noticiado pelos jornais italianos. À época, alguns jornais brasileiros reproduziram parte das matérias, o que ensejou o meio artístico a solicitar reprise, embora Simeão não fosse um entusiasta da nova ordem que se instaurara, primeiro, por não se considerar artista, e segundo, por achar que era apenas professor de arte e o que fazia era reflexo da preparação de suas aulas. Devido a isso, algumas de suas pinturas e desenhos foram feitos em papel reciclado, reaproveitado de convites de casamentos e cartazes de eventos. Enfim, a utilização da reciclagem permeava sua criatividade que, além dos desenhos e pinturas, também se revelou nas esculturas. Em 04 de dezembro de 1984, Simeão rende-se e realiza, a convite, sua primeira e bem sucedida exposição no Brasil, por ocasião da inauguração do Salão de Arte da Fundação Escola de Serviço Público (FESP), no Rio de Janeiro, situada na Av. Carlos Peixoto 54 – Bairro Botafogo. A apresentação foi escrita pelo crítico de arte Flávio de Aquino (1984): “[...] arte contemplativa, minuciosa, construída a régua e tira-linhas. As colagens iniciais revelam impacto da fantasia solta e mesmo da alucinação”. Para o crítico, sua arte resulta de um misto de matemática e poesia, que “criam túneis para infinito e espaços inquietantes. [...] É incrível a firmeza de sua mão de paraibano temperamental”.

A abertura ocorreu numa receptividade máxima por parte da imprensa, a exemplo do *Jornal do Brasil*, datado de 5 de dezembro de 1984: “Rio vê durante 1 mês desenhos de Simeão Leal”. *A Manchete*, datada de 22 de dezembro, sob o título: A ilusão de Simeão, noticiava:

Homem que tanta influência exerceu sobre a cultura brasileira, diretor do Serviço de Documentação com suas publicações Revista Cultura e Cadernos de Cultura, diretor da Escola de Comunicação da UFRJ, José Simeão Leal finalmente expõe pela primeira vez, seus desenhos e colagens [...]. Simeão Leal revela-se um dos nossos mais estranhos e originais desenhistas cinéticos e ilusionista. Essa atividade, que começou por volta dos anos 50, agora explode em túneis que levam ao infinito, em espaços oscilantes e linhas fugindo para o horizonte. Simeão é único no seu gênero. Um gênero que ele inventou e tão bem executa com firmeza e poesia geometrizada.

Apesar de passar a ideia de que Simeão estava escondendo o jogo, isso não corresponde a sua personalidade, tendo como princípio compartilhar o conhecimento, afinal, passou toda uma vida entre pessoas, a discutir, ensinar e aprender a arte do fazer jornalístico, editorial, literário e artístico. A exemplo do que lhe ensina a artista plástica mineira, Sônia S. Labourian, acerca do processo da técnica encáustica utilizada por ela em sua arte. A técnica consiste na utilização de cera aquecida e derretida, que será aplicada na superfície a ser pintada. Nesse sentido, escreve a artista, em 30 de agosto de 1991:

Caro Simeão Leal,

Para fazer encástica

1) Misture em banho-maria

10 partes de cera de abelha + parafina

2 partes de carnaúba (peso)

2) Grude com cera um pano de algodão sobre Eucatex ou madeira

3) Derreta numa colher Cera + um pouquinho de pigmento (use lamparina de álcool) e aplique com pincel ou espátula

Boa Sorte.

S.

P.S — por favor sempre derreta a cera em banho-maria. Cuidado. Se você se queimar eu vou me sentir culpada!. Abraços e beijos na Eloah!



Fotografia 16: Esculturas de Simeão Leal

Fonte:AJSL

Primeiro com tesoura, recortes e tinta de todos os tipos, de parede, acrílica, entre outras, ele vai delineando um mundo estranho e surrealista em suas colagens.



Fotografia 17: Colagens de Simeão Leal

Fonte: AJSL

Foto: Marcus Ferreira Soares Júnior

Os desenhos em linhas pretas ou coloridas e nas pinturas em preto e branco sugerem duas variantes: a expressionista e a dramática, ou serpentes contorcendo-se apesar de seu caráter puramente abstrato. Outra vertente é a linear construtivista, cinética e ilusionista. As linhas retas riscam o papel com a previsão matemática. Nos pontos de encontros pulsam como quasares na objetiva de um telescópio



Fotografia 18: Telas de Simeão Leal

Fonte: AJSL

Foto: Marcus Ferreira Soares Júnior

Por ocasião do IV centenário da Paraíba, Simeão expõe, no Salão Negro do Senado Federal, no período de 27 a 30 de agosto de 1985, com o apoio do Ministério da Cultura/

FUNARTE/INAP. Na ocasião, ao apresentar a exposição, escreveu o conterrâneo Raul Córdula:

Vive-se no Brasil um estado de auto descoberta. A produção cultural de fora de centro/sul, por muito tempo esquecida, começa a emergir e emerge em dois sentidos: o do reconhecimento nacional, pois finalmente os circuitos de informações das instituições tendem a isso, e o do conhecimento local, da aceitação da província e do município como verdadeiros lugares onde se vive a aventura de fazer este País, e desde que, do mesmo modo, as instituições se curam da miopia que lhes assolava e impedia de ver em nossa produção artística nossa melhor e mais verdadeira fala.

Algumas pessoas têm um papel decisivo neste processo. Aqueles que trabalharam na base da questão, no registro correto e desenvolvido dos fatos e movimentos culturais, na produção da memória, na descoberta de novos valores, na antecipação de importantes acontecimentos artísticos, como Simeão Leal. Diretor do Serviço de Documentação do MEC ele editou e revelou ao Brasil a face de sua arte e do seu pensamento contemporâneo, principalmente das décadas de 40 e 60.

[...]. O que nos enche de agradável surpresa é o fato de Simeão revelar-se agora, em plena maturidade intelectual, artista plástico de linguagem contemporânea; e isto é muito importante porque não se trata de homem idoso fazendo terapia através da arte, com o olhar no passado a reviver lembranças, mas de um artista com o pensamento no futuro, construindo sua arte avalizada por uma grande experiência de vida.

[...]. Não poderia haver homenagem mais significativa ao quarto centenário da Paraíba do que mostrar a obra deste artista que foi contemporâneo de José Américo de Almeida e José Lins do Rego mas que é também contemporâneo de nossa mais nova arte, da vanguarda de nossa visualidade, da visualidade deste Nordeste construtivo e banhado de luz.

Em vida, Simeão realizou três exposições: uma, em conjunto, e as duas últimas, individualmente. A última, realizada no período de 21 de agosto a 12 de setembro de 1992, na avenida Copacabana, 690 - Rio de Janeiro, na Galeria do Instituto Brasil- Estados Unidos. Essa exposição teve uma cobertura magistral dos jornais: *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*. Todos, por unanimidade, referiram-se a ele como sendo um artista de arte madura e de espírito jovem. Assim, em crônica intitulada, *Exuberância do Rebelde das Cores*, o jornalista Márcio Doctors, em 28 de agosto de 1991, no jornal *O Globo* declara:

Simeão é um jovem de 82 anos. Esse lugar comum, que poderia parecer jogo de gentilezas, nele aplica-se com propriedade, diante de sua obra cristalina de colorista exemplar, que pode ser apreciada na galeria de arte Ibeu. São 30 telas que pulsam de maneira exuberante,

obrigando ao olhar deslocar-se aos pulos e permitindo descobertas num trânsito livre da cor.

Simeão entende de cor como poucos e como poucos é senhor de uma liberdade oriunda do descompromisso consequente de quem conhece muito de artes plásticas. Essa maneira solta de quem não deve nada a ninguém dá a seus quadros um frescor e uma jovialidade raros na atual pintura brasileira. Poderíamos defini-lo como lúdico da cor. Brinca com cores quentes, colocando lado a lado vermelhos, laranjas e amarelos. Brinca com o branco, tornando-o ainda mais luminoso a partir de contrastes com azuis, violetas, verdes, vermelhos e rosas. Enfim, desrespeita com maestria as regras do equilíbrio cromático. É aí que está a chave de seu trabalho, é o dinamismo da cor e a não a saturação cromática que imprime velocidade ao olhar. Por isso que seus quadros não se esgotam em uma primeira mirada. Cada novo olhar, cada novo ângulo implica em uma descoberta, uma surpresa. Funcionam como miragens. É nessa alternância que sua obra se aproxima do mistério das artes plásticas – ao revelar, esconde; ao esconder, revela.

Essa exposição é uma lição de pintura. Preso aos valores da modernidade na arte, Simeão conserva fidelidade à cor como elemento fundamental da pintura. Seria importante aos jovens artistas e ao público em geral aprender com ele a força da cor, que muitas vezes impactante da imagem. Parafraseando a máxima picassiana (não procuro, encontro), poderíamos dizer que Simeão Leal não erra, acerta.

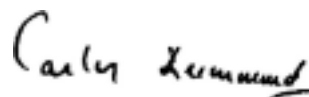
Visitantes dos mais variados se espalhavam pela galeria, observando o cinetismo proposto pelo artista, tanto que alguns foram deixando suas impressões no caderno de assinatura, como as que exemplificamos: *“Haja talento para compreender Simeão (Honorato de Freitas)”*; *“Bravíssimo Simeão, a cor é o lugar onde a nossa mente e o mundo (Cezanne)”*; *“Amei o seu trabalho e fiquei impressionada com a beleza das cores. Um grande abraço. (Paulina)”*. Simeão, em sua trajetória, sempre provocou impressões das mais diversas nas pessoas. Penso que, só assim ele se convenceu do valor do trabalho artístico que estava desempenhando. Portanto, por ocasião do encerramento dessa exposição, doa ao Instituto a pintura de número 17, “Torre Eiffel de Paris”. Essa informação acrescentou um novo dado, o de que ele nomeava suas obras, entretanto, das aqui apresentadas, não foi possível identificar a data nem título, com exceção de algumas poucas das suas, foi possível identificar as décadas de 70 e 80, como período de produção artística.

Penso que, ao longo de seus últimos anos de vida, Simeão Leal levou a sério sua brincadeira de arte, chegando a presentear amigos, como Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Pereira, Chico Pereira e alguns familiares, e deixou mais de trezentas e trinta obras, entre pinturas, desenhos, colagens e esculturas.

Como testemunha, Carlos Drummond de Andrade em carta datada de 1984, assim se expressa:

Meu caro Simeão

Que surpresa boa você me fez! Como foi gostoso receber (sem esperar mais...) o seu quadro e admiro nele a perfeição dessa “trama de tapeçaria”, produto de refinada elaboração intelectual! Fiquei encantado, comovido e grato. Abraça-o afetosamente, com saudade de outros tempos, o seu velho,



A primeira homenagem *post mortem* ocorreu em 1997, por ocasião do III Festival Nacional de Arte, na Galeria de Arte Archidy Picado, no período de 28 de janeiro a 28 de fevereiro do mesmo ano. O evento, que se realizou em resposta à doação do Acervo de José Simeão Leal à Paraíba, em outubro de 1996, através da Secretária Estadual de Educação, teve à frente os professores Iveraldo Lucena e Oswaldo Meira Trigueiro, além do artista plástico, Francisco Pereira Júnior, à época, Subsecretário de Cultura. A movimentação em torno do Acervo de José Simeão Leal chegou ao Palácio da Redenção e, em solenidade, o então Governador de Estado José Targino Maranhão oficializou a proposta de criação do Centro Nacional de Estudos Mário Pedrosa, a ser instalado no antigo Hotel Globo, localizado no Centro Histórico de João Pessoa–Paraíba. A partir da realização do evento, que contou também com mesas redondas e debates, o assunto ficou contido em palavras.

A segunda homenagem foi realizada em 2008, através da Associação de Artistas Plásticos da Paraíba (ASSOCIART/PB), cujas coordenadoras – Nádia Lacerda e Lúcia França – propuseram, em reunião, tomar o nome do artista como o homenageado do V Festival de Artes Visuais da Paraíba, considerando ser esse o ano em que se comemoraria o centenário de José Simeão Leal. O desafio foi aceito e realizou-se uma exposição e palestra. A amostra ocorreu nas dependências do Centro Cultural São Francisco, no período de 08 a 28 de maio de 2008. A terceira amostra, aconteceu na cidade de Areia, sua terra natal, nas dependências do Museu Regional de Areia (MURA), ocasião em que se investiu no trabalho de educação, com a participação das escolas municipais e o reconhecimento do conterrâneo e de sua obra.

Observar a obra, sobretudo, a plástica de José Simeão Leal é procurar uma relação quase mística com o autor e sua criação, uma tentativa de encontrar e/ou descobrir

momentos espaçados de seu interior, certa intimidade entre a mão que os produziu e suas finitudes singulares, tentativa de construção e de reconhecimento de sua autobiografia, que se descortina pela observação de seus objetos (consultar o volume 2 da tese), de seus momentos, de suas trajetórias, que mostram, além de suas qualidades de editor, uma importante figura no mundo das artes, não apenas como espectador, mas como um arregimentador de seu próprio caminho.

3.3 Um homem múltiplo

Como definiu o poeta Geir Campos, “*é o mestre Simeão ainda conhecido como o homem de sete instrumentos, sete fôlegos e setenta vezes sete jeitos de imaginar e realizar coisas*” (CORREIOS DAS ARTES, João Pessoa, PB, 1956). Em sua coleção, o escritor muito bem representou os fazeres de José Simeão Leal e, aqui, ousou evocar, mais uma vez, as questões que, compreensivelmente, Bourdieu (2005) denomina de trajetória, campos e superfície social, cuja simultaneidade de ação não se desvincula do cotidiano. Dessa forma, o homem existe atuando em várias frentes, (AUGÉ, 1994).

Voltarei a falar sobre a saída de Simeão e Eloah Leal da cidade de João Pessoa, com destino à cidade do Rio de Janeiro, em fins de 1946. Para Simeão, contudo, parece interessante observar que a preocupação os acompanhara: deixar para trás Alfredo e Maroquinhas, seus pais, e sua única irmã, Nevy, já casada com Pedro Cordeiro, com sua primogênita Iêda. A menina pareceu entender os tios, passando a corresponder-se com eles, enviando-lhes notícias sobre os avós, a exemplo da carta objetiva e breve, datada de 01 de julho de 1947:

Queridos Titios

Fiquei muito contente quando recibi a cartinha de voçeis.

Tive muita vontade de ir também, pois querida titia desejava tanto lhe ver gosto tanto dos queridos titios.

Tenho muita saudades de voçês, de papai e mamãe.

Tenho tido muito cuidado com vovô.

Muitos beijos e abraços meus e de Lucinha.

Saudades de

Iêda

Queridos Tios
Rio

Fiquei muito contente quando
recebi a cartinha de vocês.
Terei muita vontade de ir também,
pois querida tia despara tanto
e eu gosto tanto dos queridos
tios.

Tenho muitas saudades de vocês, de
papai e mamãe.

Tenho tido muito cuidado com
a dor.

Muitos beijos e abraços meus
e de Lucinha.

Saudades de
Lêda

1-7-44

Fac-símile 12: Carta da sobrinha lêda, filha de Nevy

Fonte: AJSL

Apesar da carta trazer como local do emissário o Rio de Janeiro, Lêda Linhares, em entrevista concedida em fevereiro de 2008, ratificou que a carta foi emitida em João Pessoa para os tios residentes no Rio de Janeiro. Ouso dizer que esse pode ser um típico engano de uma criança que gostaria de ver o Rio como local desejado. As notícias não chegavam apenas pela sobrinha, mas por meio de um conjunto de missivas enviadas por sua mãe, pai e amigos, parte deles fazendo referências à situação familiar de seus parentes e, sobretudo, da situação de saúde do pai, Alfredo Simeão do Santos Leal, que veio a falecer em 1963, e sua mãe, em 1974. O estado de saúde de seus pais era preocupante. O filho, impossibilitado de estar em João Pessoa, solicitava aos primos Ney e Aderbal de Almeida

que verificassem e acompanhar a situação dos pais. Por outro lado, o criterioso cuidado de sua irmã fazia com que ela lhe enviasse os exames de saúde de seus pais, para que ele, na qualidade de médico, pudesse avaliar ou mesmo interrogar, por telefone, os responsáveis.

Não obstante, os conflitos e desafios familiares não interferiam em seus afazeres. Por isso, em pouco tempo, logrou êxito no Cargo de Diretor do Serviço de Documentação e prestígio no Ministério, sendo encarregado por Portarias ministeriais de exercer outras atividades paralelas, a exemplo da Portaria nº 305 e 307, de 09 de julho de 1949, que o designa para presidir a Comissão Organizadora da Exposição de Educação de Base no Seminário Inter-americano de Alfabetização e Educação de adultos. É fato que suas atividades e conhecimento voltavam-se para a área cultural, porém, nesse caso, tratava-se de uma exposição, o que era de domínio do seu campo de atuação.

O exercício de suas atividades, desenvolvidas com afinco, foi condecorado com a medalha de Rui Barbosa, conferida pelo Ministro da Educação e Saúde, Dr. Clemente Mariani Bittencourt, em 05 de novembro de 1949.

Outras designações lhes foram confiadas, entre elas, a de membro da Comissão Organizadora do I Congresso Brasileiro de Prática e História Literária, na qualidade de representante do ministro. O fato é que representar o Ministério em atividades culturais tornou-se rotina no cotidiano do paraibano, razão por que essas atividades já foram sendo incorporadas no seu dia-a-dia como se fossem atribuições da função, embora já se saiba que eram designações. Mas, Simeão não hesitou em aceitá-las, o que põe em destaque a vivacidade desse homem em priorizar o trabalho.

Seu autodidatismo, associado ao conhecimento que adquirira e desenvolvera sobre editoração, fê-lo abraçar o desafio de tornar-se, de 1953 a 1955, professor substituto das Disciplinas: Técnicas de Jornal; Publicidade e Rádio-Jornalismo, no Curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, passando, em 1961, a desempenhar a docência, atividade publicada no Diário Oficial em 13 de dezembro de 1961. Com efeito, passa o editor a acumular também, e em paralelo, as atividades de professor, atividade que já desempenhara em João Pessoa, no ensino médio, e formação colegial, no Instituto de Educação e no Liceu Paraibano. De modo que encarar uma sala de aula para o editor-professor autodidata, era estender as conversas já há muito realizadas em seu Gabinete no Serviço de Documentação.

O habitual recurso utilizado por ele foi imprimir uma orientação moderna e dinâmica, ensinando os alunos a redigirem, comporem e paginarem um bom jornal ou

periódico, seguindo, para tanto, os cânones mais rigorosos da arquitetura da editoração e impressão. Inovando, Simeão chamou ao debate a temática do jornalismo esportivo, convidando como palestrante o jornalista Mário Filho, então diretor do *Jornal Sports*, órgão de maior expressividade no jornalismo especializado. A explanação do convidado teve uma participação em massa, sendo cravado de perguntas. Em referência ao desempenho de Simeão Leal, o jornalista registrava: “Se todos os professores agissem como o professor Simeão Leal, não teríamos muito do que nos queixar. Ele fez, em um mês, o que não tivemos durante um ano”. Iniciou uma série de conferências com elementos conhecidos da nossa imprensa e abordou diversos aspectos do jornalismo. Já tivemos, aqui, Luís Jardim, o pintor Santa Rosa e o jornalista Antônio Calado, com a promessa da participação de outros nomes ligados ao jornalismo nacional e internacional.

Sua atuação como professor foi reconhecida pelo corpo discente que o homenageou, tomando-o como padrinho da turma. A homenagem ficou registrada na expressiva frase que acompanha o registro fotográfico: “ao professor Simeão Leal com a admiração da turma de jornalismo de 1952”.



Fotografia 19: Turma concluinte de Jornalismo/UFRJ, 1952.

Fonte: AJSL

Para Simeão ser tomado como padrinho, era um reconhecimento, principalmente, porque conhecia o sentido de padrinho no campo religioso, tanto no catolicismo quanto nas religiões de origem afro, em que o padrinho é a representação do sagrado, do pai, da mestria. Essa era uma homenagem corriqueira, no cotidiano acadêmico de Simeão. Um dos expressivos momentos ocorreu em 1975, quando deixou o Cargo de Diretor da Escola de Comunicação. Na ocasião de sua homenagem, proferiu seu discurso, dizendo:

Meus caros afilhados,

Sempre me espantam e me confundem as homenagens, pois na realidade não encontro mérito no resultado daquilo que se faz com alegria e amor. Esta, porém, me é particularmente grata e tem significação de um reconhecimento, ainda que generoso para quem acaba de cumprir a sua tarefa, na direção desta escola, e que, se aproximando da aposentadoria [efetivada compulsoriamente em 1979], recebe a mais alta deferência que como alunos podem manifestar. Vocês, meus queridos bacharelados, por coincidência que tem para mim um sentido muito especial, foram participantes dos mais úteis nas transformações que se realizaram nestes quatro anos.

Não sabem, mas eu não me esqueço, e quão profundamente reconhecido estou, que foi neste tumultuado e estimulante convívio, no princípio, amorável e produtivo nos últimos tempos, que mais recebi, do que podia e devia dar, se mais e melhor estivesse preparado, para esta maravilhosa tarefa, que é de compreender e ajudar a juventude na procura e encontro de sua destinação neste difícil e conturbado momento porque estamos passando.

Esta escola cuja origem foi o curso de jornalismo na antiga e secunda faculdade de Filosofia, tornou-se necessária com o tempo, uma readaptação, frente ao grande desenvolvimento da moderna tecnologia. Instalada no velho e inadaptado casarão da Praça da República, onde o silêncio das salas de aula era perturbado pelos gritos dos presos de uma delegacia vizinha, e onde algumas vezes, para divertimento dos estudantes, éramos surpreendido com a passagem precipitada pelos corredores de algum fugitivo em busca de lugares mais amenos. Não se podia dizer que aquilo fosse um laboratório, nem um edificante exemplo para a juventude.

Ao conseguirmos a vinda da Escola para este magnífico Palácio encontraram os estudantes não somente um ambiente mais compatível com suas obrigações discentes, como a oportunidade de manterem um relacionamento com colegas de outras escolas com excelentes resultados. Creio, porém, que parte do entusiasmo que empreguei nesta mudança, não deve ter deixado de influir uma certa ternura ao reencontrar uma casa. Que em tempo remoto, fiz uma parte de meu curso médico.

Mais aspectos marcaram a nossa preocupação durante a passagem na direção desta escola:

- 1) a formação de um corpo docente composto de jovem professor de alto nível cultural e dedicação ao ensino, que juntamente com os estudantes mantém clima de compreensão e trabalho;*
- 2) Reciclagem dos cursos, não com uma vaga e indefinida cultura humanística, mas integração entre as ciências humanas e tecnológicas, para uma melhor adequação aos princípios fundamentais da Escola;*
- 3) A criação de curso de Pós-graduação, preocupação maior hoje da política educacional e de onde certamente sairão os Mestres e Doutores para a consolidação da reforma universitária como matéria urgente e de interesse nacional.*

Não precisa e não desejo falar nas excelências da comunicação, assunto já agora de preocupação universal, particularmente vocês que durante quatro anos ocasião de adquirir seus conhecimentos e refletirem sobre suas imensas possibilidades.

Talvez seja hoje o estudo da comunicação essa palavra mágica da era tecnológica — que assegure

uma multiplicidade tão grande das profissões. Algumas carreiras podem variar, mas sempre no âmbito de suas especializações, a comunicação ao contrário possibilita uma diversificação de atividades condicionadas pelo mesmo espírito de sua formação, nas mais diversas formas, seja no setor privado ou público. Essa preparação formará uma consciência doutrinária e técnica que orientará no melhor do seu comportamento social e profissional.

Fala-se muito do número de comunicadores que surgem todo ano, bem-vindos sejam eles e que tragam uma mensagem de carinho e compreensão para todas as pessoas que passam pela vida indiferentes, amargas e solitárias.

É pois da universidade, e para isto ela tem um compromisso com a sociedade, que devem sair os quadros profissionalizados ou não, porque só ela dá uma completa formação, incluindo, não somente uma preparação cultural e espiritual, como desenvolvendo a sua capacidade de decisão e de crítica. De parabéns esta a nossa Escola com o seu novo e ilustre Diretor meu querido professor Marcial _____.

Isto também foi trabalho de vocês.

Por último quero dizer do meu profundo reconhecimento e o desejo de que tenhas o maior sucesso, e que façam da vida um ato de fé e amor, porque só assim será possível, dar e receber um pouco de alegria e felicidade neste imprevisível e adoidado mundo que os nossos antepassados nos legaram e que é ainda o único que temos.

Com as desculpas do mau orador.

Mas isto foi imprudência de vocês.

Em seu discurso, Simeão reflete sobre a reforma universitária, a preocupação voltada para o mercado de trabalho e a formação humanística pautada em sua concepção interdisciplinar e sensibilidade profissional. Ao mesmo tempo em que executava suas funções como Diretor do Serviço de Documentação, professor substituto da Universidade do Brasil, Simeão também auxiliava o ensino superior na Paraíba, conforme esta notícia veiculada no Jornal *A União*, de 30 de maio de 1953: “O Ensino Superior na Paraíba: O conselho superior do Ensino reconhece a Faculdade de Direito e autoriza o funcionamento da Politécnica de Campina Grande”, esforços envidados pelo interesse do escritor José Simeão Leal.

Atitudes dessa natureza o fazem reconhecido por seus pares, como discorre Salvador Bruno, em carta datada de Porto Alegre (RS), 20 de janeiro de 1956:

Prof Simeão Leal

Prezado amigo. Saúde!

A minha volta ao Rio Grande foi surpresa e precipitada. Em verdade eu não voltei: fui devolvido. O trauma emocional ocasionado pelos espantosos acontecimentos que me empurraram para a querência impediu-me inclusive de agradecer às pessoas que se distinguiram aí no Rio, levando-lhes pelo menos, um abraço de despedida e de gratidão pelo acolhimento recebido.

Aqui tive que enfrentar os percalços da readaptação. Tudo mais difícil do que esperava. Os dias passando e mais de um ano assim transcorreu.

Fazendo um balanço desse tempo, verifico que na nossa cadeira de técnica de Periódico nada progredi. Luto com as dificuldades de sempre: falta de livros, de roteiro, de programas, enfim de

experiência alheia para criar ou seguir um currículo adequado.
No ano letivo de 55, dei prática de jornal nas oficinas e redação, isto a pedido dos alunos do 3º ano que se ressentiam de um aprendizado profissional.
As aulas despertaram interesse e nelas absorvi todo o ano que passou. Cumpri o meu dever, é certo.
Mas, a nossa Cátedra não foi enriquecida por nenhum subsídio novo e nem sequer enquadrada num programa próprio e independente.
Assim, considero malbaratado o meu esforço e perdido o ano letivo, isto do meu interesse pessoal que é o de me aparelhar para um curso verdadeiro de técnica de periódico.
[...]
Isto quer dizer que somente o prezado amigo poderá me valer na presente conjuntura. Faço aqui o meu apelo no sentido de “ceder” um pouquinho do seu tirocínio, fornecendo-me programa, livros (títulos, autor e editor), apostilhas e tudo o mais que considerar útil.
Caro Simeão, se você me falhar, penso, com pesar, pois a nomeação para a Cátedra foi a melhor e o mais digno que aconteceu na minha vida de velho jornalista, pedir exoneração, pois, não quero ludibriar os alunos que só têm se aproveitado do que aprendi no Jornal, nos quinze longos anos de profissão.
Tenho pouco tempo para estudar até a reabertura das aulas. Assim, peço seu interesse urgente no atendimento deste meu apelo.
Com o meu afetuoso abraço ao talentoso professor amigo, meus respeitos à Exm^a esposa, oferecendo a minha tapera gaúcha se, por sorte, algum dia você quiser honrar esta terra com a sua visita.
Do Salvador Bruno

A atividade docente de Simeão também foi beneficiada por outras que exerceu, entre elas, o convite, de pronto aceito, feito pelo Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, para exercer as funções de Coordenador das Atividades Culturais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado, Portaria nº 100, de 28 de fevereiro de 1962, que incluía os seguintes órgãos: Departamento de História e Documentação; Biblioteca Estadual e Bibliotecas Populares; Serviço de Teatro de Diversões; Serviço de Divulgação compreendido pela Rádio Roquette Pinto, Discoteca Pública, Cinema Educativo e Documentário. Sua ousadia lhe atraía mais atribuições, passando no mês de agosto seguinte, a incorporar, à sua responsabilidade, o Instituto de Belas Artes, a Escola Dramática Martins Pena, a Escola de Artes Líricas, a Escola de Dança e o Museu de Teatros.

Voltando a 1962, o então editor-jornalista-professor-produtor cultural foi à Universidade de Brasília, na qualidade de consultor, para assessorar a implantação e a estruturação da Editora Universitária.

A vida de Simeão era pautada em trajetórias. Ele atuava em várias frentes ao mesmo tempo, sendo difícil nomeá-lo em uma habilitação específica. Contudo, no campo da educação, foi inovador, ousado e participou da criação da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI), no momento em que o mercado se abria para o campo industrial.

A essa altura, uma questão permanece interiormente: O que fez, então, esse homem

múltiplo por sua terra, seu estado? Início por afirmar, fundamentada em um conjunto de cartas e recortes de jornais, que ele visitava anualmente a Paraíba, ficando por mais ou menos 30 dias de férias ou mesmo em rápidas passagens, como registra Eloah que, estando no Rio Grande do Sul, escreve a Simeão, em carta datada de 04 de março de 1948: “Logo que chegar à Paraíba me escreva dizendo quando tenciona voltar”. Outros registros testemunham sua passagem por seu estado, inclusive, por sua terra Areia, onde participava de Festivais, ora a convite ora como simples participante. Sem esquecer suas raízes, das quais guardava, como relíquia, a fotografia do velho símbolo areiense, a velha gameleira, hoje inexistente.



Fotografia 20: Recordação de Areia/PB

Fonte: AJSL

Coutinho (2006) salienta, em depoimento, que Simeão atuou também como um forte iniciador da arquitetura moderna na Paraíba, incluindo, aí, a sua iniciativa em contatar Burle Max para projetar o jardim da Praça da Independência, em João Pessoa, depois de um período que atravessou os anos 30, da *Art nouveau* na Paraíba, como registra

[...] o melhor monumento de Art nouveau no Brasil, foi o monumento funerário de Antenor Navarro, no Cemitério Senhor da Boa Sentença, depois de ter passado por essa fase de *Art déco*, entramos na arquitetura moderna e a primeira iniciativa ocorrida aqui na Paraíba, foi por intermédio de Simeão Leal que propôs o projeto da Maternidade Cândida Vargas. Foi a primeira grande iniciativa em termos de arquitetura moderna¹⁰³.

Ora, as ações que Simeão desenvolveu vão evidenciando o entrelaçamento com grandes figuras do seu tempo, no centro das quais aparece, articulando uma série de iniciativas da maior importância não somente para a Paraíba, mas, também, para o Brasil. Ele atraiu Burle Max para o projeto do jardim da Praça da Independência¹⁰⁴ e Bruno

¹⁰³ Em matéria de arquitetura, algumas iniciativas já haviam sido iniciadas no estado, no governo do interventor Gratuliano da Costa Brito, com a construção da Secretaria da Fazenda no aspecto de *Art déco*.

¹⁰⁴ Projeto original nunca realizado, lamentavelmente. Nos anos 30, Burle Marx executou o projeto para a Praça de Casa Forte, no Recife, que é ainda conservada em suas linhas originais.

Giorgi¹⁰⁵, que rendeu à Paraíba o busto de José Lins do Rêgo, ocupando a Praça da cidade de Pilar, cuja réplica se encontra no Museu José Lins do Rêgo, como mostra a reportagem do Jornal *Correio da Paraíba*, de 25 de agosto de 1963, ao entrevistar o escritor Juarez da Gama Batista¹⁰⁶:

[...] Durante as visitas que fiz ao meu querido amigo Simeão Leal, que é sem dúvida, o dono dos assuntos culturais deste país. Conversamos sobre vários temas da nossa terra, e com a sua visão e conhecimento dos problemas culturais paraibanos, logo tomou ele várias providências para ajudar o trabalho pioneiro que vem sendo desenvolvido pela Universidade [da Paraíba] e por cada um de nós pessoalmente. Entre outras, a vinda do pintor Di Cavalcanti à Paraíba para pronunciar duas ou três conferências, além de debates com os interessados em artes plásticas na Paraíba. [...]. Outro convite foi feito pelo Simeão Leal ao Bruno Giorgi, um dos maiores escultores do continente, que aceitou, também, em princípio, vir executar uma obra aqui, trabalhando em atelier livre na presença dos alunos do Curso de Artes Plásticas da Universidade, e deixando para a Paraíba esta obra que por todos os títulos valerá como um marco de alto nível e seriedade da nossa vida cultural. Ainda através do Simeão leal, podemos contar, ainda este ano, com a presença de Euryalo Cannabrava na Paraíba.

Aconselhou a criação do Núcleo de Arte Contemporânea, na Universidade Federal da Paraíba, além de se manter sempre como um consultor para a cidade de Campina, quando se coloca à disposição da Direção do Museu de Arte Assis Chateaubriand. Apoiou seu primo Elpídio de Almeida, quando prefeito de Campina Grande, na orientação de projetos voltados para a área de saúde e de cultura. Essa discussão, por sua vez, daria outro estudo, com o objetivo de focar os fazeres e viveres de José Simeão em terras paraibanas ou sobre os amantes da terra, o que não será possível no momento, devido às limitações que impõem todo e qualquer percurso acadêmico na exploração de uma temática.

¹⁰⁵ Nasceu em 1905, em Mococó, São Paulo, e faleceu em 1993, na cidade do Rio de Janeiro. Os primeiros estudos voltados para a arte de esculpir deram-se em Roma, por volta de 1920. Em 1935, em Paris, recebeu orientação de Maillol e frequentou a Academia de Ranson. Já em 1939, na cidade de São Paulo, montou ateliê com o escultor Joaquim Figueira, fixando-se no Rio de Janeiro em 1942, onde realizou o *Monumento à Juventude* para o edifício da Educação e Saúde. Foi, sem dúvida, um dos mais significativos escultores brasileiros do seu tempo, expondo suas obras juntamente com Brecheret e muitos escultores de seu tempo.

¹⁰⁶ O escritor, à época, ocupava a cadeira de Literatura Brasileira, da Faculdade de Filosofia da Universidade da Paraíba. Na ocasião, o escritor apresentou, no Congresso de Escritores, sua obra intitulada *Gabriela, seu cravo e sua canela*, interpretação crítica da obra de Jorge Amado. Sobre a obra, segundo ventilaram os jornais da Guanabara, pronunciaram-se intelectuais como Cavalcanti Proença, Osvaldino Marques e o próprio Jorge Amado.

Homem múltiplo, compreendido, aqui, na perspectiva de Elias (1994), como inteligente, individual, disponível, excêntrico, empreendedor, democrático, participativo, aberto a inovações, sorridente, leitor voraz, crítico, apreciador de uma boa bebida e uma boa comida, de preferência, rabada com agrião. A respeito de ser democrático, os jornais afirmavam que, em seu Gabinete no Ministério da Educação, conseguiu abolir quase que totalmente a burocracia. Portanto, os visitantes não precisavam de formalidades para chegar ao Gabinete: “podia-se entrar até mesmo sem pedir licença. Ao entrar na sala, encontrariam o Diretor e muitas pessoas [...] e sendo atendidas, simultaneamente, sem nenhum atropelo” (LETRAS FLUMINENSE, 1954). Ainda nesse mesmo sentido, publica o Jornal Diário de Pernambuco, em 20 de março de 1955: “José Simeão Leal, paraibano modesto e bonachão, é hoje em dia uma das figuras mais discutidas e (invejadas) do país das letras, sem ser e nem pretender ser um literato”. Os jornais destacam outras características, evidenciando-as como um homem temperamental e teimoso, tanto que suas façanhas se tornavam motivo de notícias jornalísticas (recorte de jornal sem título e sem data): “o prédio da Rua Miguel Pereira, no Humaitá, que está condenado pela Defesa Civil, abriga um derradeiro e ilustre morador que, ao contrário dos vizinhos, recusa-se a deixar o imóvel. Trata-se do professor Simeão Leal, de 80 anos, ex-diretor da Faculdade de Jornalismo, que fincou pé serenamente em seu apartamento: - Estou muito velho para sair. Se o prédio cair, a esta altura não tem problema”.

Ainda sobre o forte temperamento de Simeão, Muniz Sodré (1997) narra uma fascinante história em defesa de uma biblioteca. Segundo ele, tudo começou quando Simeão atuava na Escola de Comunicação, abrigada no prédio do Hospício da Pedro II, tombado posteriormente. No período, a Escola de Comunicação, ainda nos seus idos, não gozava de prestígios acadêmicos a ponto de possuir seu próprio edifício, ocupando as dependências da supracitada edificação. O Reitor Helio Fraga ordenou a desocupação do prédio, com a retirada imediata da biblioteca, lugar sagrado para Simeão no desempenho acadêmico. Ao tomar conhecimento do episódio, Simeão dirigiu-se à Escola de Comunicação e aguardou a chegada dos guardas e dos caminhões. Sentado no meio da sala da biblioteca, retirou o seu cinto e disse que daria uma surra em quem desmontasse a biblioteca e a estrutura da Escola e, depois, pegaria o Reitor. Em voz alta, impediu o desmonte da Escola de Comunicação e Artes. Todos se retiraram sem levar nada. Nunca mais voltaram, e a biblioteca está lá, no mesmo lugar, até hoje. Os que o conheciam sabiam que ele faria isso mesmo. Só

um paraibano com esse espírito marcou época, marcou presença e foi, antes de mais nada, uma presença.

A narrativa aqui construída se fundamenta nos princípios teóricos da autobiografia (LEJEUNE, 2008) e da escrita de si (FOUCAULT, 1992), fazendo surgir em fatias da vida que compõem a trajetória de José Simeão Leal em seus múltiplos fazeres, por vezes fragmentados, completos, significativos. Como diria Juarez da Gama Batista, no *Jornal O Norte*, em 09 de outubro de 1952, ao falar de Simeão: “sujeito sensível como o diabo, obrigado a esconder, sob a ironia respeitável dos seus longos bigodes mongólicos um coração de menino”.

3.4 Simeão Leal e Eloah: filigranas de um romance

Remexendo no que ainda restou para a leitura e a apreciação do acervo de José Simeão Leal, deparei-me com algumas cartas trocadas entre ele e Eloah, enquanto esteve fora do Brasil, em viagem cultural pela Índia em 1956. As cartas contam uma história de amor, repleta de paixão, cumplicidade e generosidade; uma história que, certamente, engrandece a memória dos seus personagens. De início, pensei em apenas ler, apreciar as cartas, deixando-as quietas no arquivo, por entender que, apesar de decorridos mais de cinquenta anos de sua escritura e de quase treze anos do falecimento de Simeão, em 1996, aquilo me parecia um ato imperdoável de invasão. Entretanto, cada carta que Simeão Leal escrevia me pareceu construída em constante relação com algumas formas de expressão evidenciadas em outras cartas de caráter menos pessoal.

Isso posto, e com a consciência tranquila, segui adiante, a fim de apreender os ecos e os entrecruzamentos enunciativos que o próprio autor articula no ato de escrever (FOUCAULT, 1992). É justamente no conjunto das cartas de Simeão, enviadas para Eloah, e vice-versa, que examino aqui, procurando observar a forma como essas cartas foram produzidas e colecionadas, tentando, assim, perceber a intencionalidade dos missivistas.

Outro aspecto que leva à análise dessas cartas é o fato de Simeão tê-las deixado em seu acervo, sem qualquer restrição, ratificado pelo fato de Eloah mesma entregar o conjunto dos documentos, entre os quais, esse grupo de cartas, doadas em cartório ao Estado da Paraíba.

Ao todo, o conjunto compreende nove cartas trocadas no período de 28 de outubro a 17 de dezembro de 1956. O *corpus* escolhido pelo método intencional (ARÓSTEGUI, 2006) justifica-se pelo fato de esse período envolver os dois missivistas em situações como “doença, separação e perda”, eventos que fazem com que os sujeitos se mostrem mais intimamente, como afirma Barthes (1974a, p. 12), que os escritos se revelam como “algo que se leu, ouviu, experimentou”. E completa que as cartas de amor “é pois [de] um apaixonado que fala e diz”:

Minha querida Veinha,

*Estou te escrevendo de Atenas. Em Roma estive um dia, onde fiz um esplêndido passeio de automóvel. Bem podes imaginar a minha emoção quando cheguei aqui a contemplar as ruínas de Delfos, Acrópole e os Museus. São os mestres da manifestação de um povo, que com seus artistas, escritores e filósofos marcaram um dos pontos mais altos na história da humanidade. Na noite de minha chegada assisti a um espetáculo magnífico: o Partemon, todo iluminado no alto de uma colina que domina toda a cidade. **Foi uma impressão insuperável de serena beleza.***

Roma, desta vez me pareceu completamente diferente. Suas mulheres mais bonitas e elegantes. Os homens mais bem vestidos. Todos os automóveis de último modelo, enfim um ar de conforto e completa recuperação econômica, física e moral. Amanhã seguirei para Istambul.

*Não deixarei de te escrever sempre, porque **nunca tive tanta necessidade de ação como agora. Sua presença não mais poderei dispensar, e esta viagem serviu realmente para me convencer de uma coisa que eu já pensava: que minha vida sem você ela fica vazia e sem objetivo.***

Não estou muito interessado em ir a América desta vez, porque não vou ter nenhum proveito com uma viagem tão rápida como a que tive de fazer, a menos que surja uma razão muito forte.

Tenho estado sempre junto do casal Sauer, eles têm sido para comigo muito atenciosos.

[...] Quando é que você vai ao Rio Grande? Me escreva para Nova Delhi me dando notícias e dizendo como vai o tratamento.

Muitas e muitas saudades de quem agora tem a certeza absoluta de que quer minha Veinha.

Teu para sempre e muitos beijos.

(28/10/1956)

Simeão, em uma narrativa quase cênica, revela-se tocado pelo lugar: “foi uma impressão insuperável de serena beleza”, cujo cenário parece despertar o sentimento mais profundo em relação a Eloah e o momento que ele vivia, marcado pela separação temporária. Tanto que reconhece a falta dela e expressa, em um jogo discursivo, a satisfação e a ausência, elementos constitutivos dessa união: “*nunca tive tanta necessidade de ação como agora. Sua presença não mais poderei dispensar, e esta viagem serviu realmente para me convencer de uma coisa que eu já pensava: que minha vida sem você ela fica vazia e sem objetivo*”. A distância física provoca em Simeão Leal forte paixão, estabelecendo seus escritos em uma estratégia maior de proximidade: “*nunca tive tanta necessidade*”. Esse recurso é utilizado para sensibilizar a amada, ao tempo em que também a convida para participar da viagem, que o faz num recorte detalhado de um olhar etnográfico,

envolvendo minúcia, detalhamento dos espaços e costumes, descrição pormenorizada. Prática que aplicou não só aos lugares como aos sentimentos, debulhando a saudade pela ausência.

Assim, Eloah, marcada pelo olhar sensível do amor, manifesta:

Meu muito querido Veinho,

*Tenho sentido tantas saudades tuas que nem podes imaginar!
É um sentimento misto de tristeza e prazer; tristeza por me ver longe de quem tanto quero e que é tudo para mim; prazer por saber que estás realizando esta maravilhosa viagem que será de grande proveito para o meu querido. Tenho certeza que com tua sensibilidade sentirás como ninguém toda a beleza e magia destes países maravilhosos.*

Escreve-me contando tudo, pelo menos terei a sensação que também estou participando deste espetáculo fabuloso.

Aguardo com ansiedade tuas impressões. Agora vou dar-te notícias do “Serviço”. Rinaura tem telefonado diariamente. Tudo calmo e sem alteração. [...] Chegou da Imprensa [Nacional] o seguinte material para revisão:

A) Coletânea Teatro nº 2

B) Ideias e Figuras de Hermes Lima

C) Urologia e a história de Elísio Conde

D) Verticais de Muniz Bandeira (provas para última revisão do autor)

E) Portinari

F) Notícia de visitação ao Rio Amazonas de Thiago de Mello (provas paginadas para mostrar ao autor).

Foi remetido o original para a Imprensa do trabalho “Pequeno mundo de outrora”.

[...] Felizmente Edy já está aqui comigo. Transferei a passagem de papai para Constellation que sai sábado, e Tude teve a gentileza de ir levá-lo ao Galeão.

Comecei ontem meu tratamento. Espero terminá-lo lá para o dia 15. A única coisa que te peço, meu amor, é que não deixes de me escrever sempre. Tuas cartas virão amenizar um pouco esta separação Para mim tão dolorosa.

Beijo-te com todo carinho a tua

Veinha (01/11/1956)

Na carta, Eloah, apesar do doloroso momento pelo qual passava – distanciamento do amado, retorno do pai para o Rio Grande do Sul e o tratamento médico a que estava sendo submetida, reage aos encantos descritivos do marido: “Escreve-me contando tudo, pelo menos terei a sensação que também estou participando deste espetáculo fabuloso”, encorajando-o a continuar sua viagem e, ao mesmo tempo, levá-la consigo, que o acompanha em pensamento e aos prazeres sentidos.

Eloah registra as veementes angústias de seu coração apaixonado: “Tenho sentido tantas saudades tuas que nem podes imaginar! É um sentimento misto de tristeza e prazer; tristeza por me ver longe de quem tanto quero e que é tudo para mim; prazer por saber que estás realizando esta maravilhosa viagem que será de grande

proveito para o meu querido". Apesar disso, ela o encoraja a continuar, realçando a importância do momento para ele. Nessa forma, ela abre mão de si mesma em nome do prazer do outro e despede-se, numa demonstração de fragilidade pelo estado de distanciamento e, ao mesmo tempo de desejo: *"A única coisa que te peço, meu amor, é que não deixes de me escrever sempre. Tuas cartas virão amenizar um pouco esta separação para mim tão dolorosa"*.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que revela sua íntima dependência desse amor, demonstra também sua capacidade de auxiliar ao profissional, preocupada em manter a qualidade que todos nele reconhecem – a de um exímio editor público, responsável. Nesse misto de sentimentos díspares, ela o deixa a par das atividades do Serviço de Documentação, demonstrando companheirismo e cuidados, apesar da sua fragilidade física.

A distância, aliada à reflexão vivenciada pelo casal, parece atrair uma espécie de sintonia interior, marcada pelo momento da escritura das cartas. Ambos escrevem na mesma data, 01 de novembro, situação análoga que revela a (re) descoberta do amor, o desejo de estar próximo, de dizer ao outro seus sentimentos, tanto que Simeão, ainda sem resposta à primeira carta enviada, remete outra. Persistente, não hesita em dar voz ao coração, à dor de uma possível perda amorosa, física, do corpo que o acalenta/esquenta. E continua seus escritos:

Istambul,

Minha muito querida Veinha,

[...] Nas Mesquitas, ajoelhados, beijam o chão e com os olhos na direção de Meca. A Terra Sagrada se inunda de esperança e compreensão. [...]. Sua história é toda uma série de acontecimentos onde a ambição e a crueldade transformaram os homens em bestas. Os cemitérios com jardins abandonados em torno das centenas de Mesquita dão uma estranha impressão de aceitação e convivência com a morte.

*Em vista dos acontecimentos no Egito a viagem para Beirute e Cairo foi suspensa, por isto em vez de fazer o roteiro previsto seguirei via Karachi para Nova Delhi. **Não há razão para preocupação, pois a nossa direção é oposta a zona do conflito.** Vi uma das mais fabulosas coleções de porcelana chinesa e uma coleção de jóia das mais ricas que se possa imaginar. **Estou absolutamente certo de que nossa vida vai mudar completamente depois dessa viagem. Não imaginas como ela me tem transformado.***

Nunca mais ficarei longe de minha Veinha. Para o resto de nossa vida isto eu afirmei nestes últimos dias e será cumprido.

Muitas saudades e beijos, seu

(01/11/1956)

Santa Rosa Jr

A viagem, embora cultural, transforma-se numa viagem pessoal, de interior, em busca dos sentimentos em relação ao casamento, à vida a dois. Um voltar-se para dentro de si mesmo, refletido na expressão “*me tem transformado*”, palavras que demonstram sentimentos de introspecção, da leitura do *ethos*, como assinala Foucault (1992), explicitando a certeza de uma mudança na relação, numa demonstração de romantismo e pacto pessoal. Essa característica é bastante ressaltada, à medida que ele se distancia geograficamente dela, pois, quanto maior a distância, mais se aproxima do amor que os une, um sentimento que se move na direção do amor eterno, bíblico: “*nunca mais ficarei longe de minha Veinha. Para o resto de nossa vida isto eu afirmo nestes últimos dias e será cumprido*”, até que a morte os separe, mostrando uma crença pelo viés amoroso, levando-o a se mover e acreditar na possibilidade do caminho eterno. O texto, que vai revelando um homem que se coloca diante da iniciativa de autobiografar, é escrito pelo seu próprio agente, marcado pelo discurso do amor em relação a Eloah, como mulher, para uma vida inteira, mulher dos sonhos, dos desejos e dos sentimentos, que deverão perdurar pelo resto de suas vidas, como se pode perceber no enunciado de despedida: *muitas saudades e beijos, seu Simeão. Ato em que se coloca como pertencente a ela.*

Simeão Leal expõe, por meio de um discurso afirmativo; “*de quem agora tem a certeza absoluta de que quer minha Veinha*”, as ações de quem não estava bem engajado nessa relação. A separação física, proporcionada pela viagem, sem a companhia da esposa, trouxe-lhe uma sensação de perda e, ao mesmo tempo, de apego. Assim, ao elaborar a descrição das cidades, ele vai construindo verdades e, nesses discursos, acaba revelando declarações que formalizam a escrita de si. O escrito parece revelar sua preocupação com o bem-estar de Eloah, que sofre, inicialmente, pela indiferença do marido antes da partida, pela separação física dos dois e pelos problemas de saúde que sozinha enfrentara. Em termos de linguagem, Simeão antecipa a preocupação de Eloah e tenta minimizar, com a promessa de um retorno bem sucedido e a concretização de uma dupla felicidade, com a afirmativa: “*Não há razão para preocupação, pois a nossa direção é oposta à zona do conflito*”. Leia-se, a seguir, a manifestação de Eloah, que se harmoniza com os escritos do marido:

Simeão querido,

De Atenas recebi tua cartinha. Ando preocupadíssima com os rumores de uma nova guerra. Tenho passado noites em claro pensando que algo possa te acontecer. As notícias que escuto pelo Repórter Esso e leio no jornais são alarmantes. A opinião geral é que marchamos para uma terceira guerra mundial.

Penso que nossos planos serão todos alterados, aguardo com ansiedade notícias tuas. Meu querido, peço-te por tudo que não me deixes sem notícia. Posso avaliar a emoção que sentistes ao deparar com um cenário fantástico e maravilhoso de ruínas, museus etc., que é Atenas. Que maravilha deve ser o Paternon todo iluminado! Tu carta me fez viver um pouco desta beleza que a Grécia esta impregnada.

Dizem que quando se volta a ver um país pela segunda vez, descobre-se novos encantos. Assim aconteceu contigo ao reveres Roma.

A recuperação da Itália é total.

Fico feliz em dizeres que minha presença te é necessária; e fico muito mais ainda em afirmares que jamais me deixarás outra vez. Dou graças a Deus que assim tenhas compreendido. Sofro tanto com essa separação!

Com os novos acontecimentos, tua problemática ida a América e o meu tratamento que talvez irá até o fim do mez, nada resolvi sobre minha ida ao Sul.

Já iniciei o tratamento e tenho tido reações fortes com as aplicações de Raio X. Estou de repouso quasi absoluto.

Quem ficou muito agradecido com o telefonema que dei, apresentando teu abraço de despedida, foi o Dr. Guimarães Rosa.

Acredito que até o fim de novembro sairá o elevador. Estão todos muito interessados.

Quando voltares daremos inicio a reforma do nosso apartamento.

Tenho telefonado diariamente para o “Serviço” falo com Rinaura ou D. Lúcia.

Saiu o livro do Cassiano Ricardo, e o “Cajueiro”, de Mauro Mota, está quasi paginado. O resto vae correndo bem.

Meu único desejo é que voltes o mais breve possível. Muitas saudades e beijos carinhosos, da tua, sempre tua.

Eloah (05/11/1956)

A escrita da paixão, da qual se apropria Eloah, inicia com evocação do querer querido, ao mesmo tempo em que demonstra carinhosamente sua preocupação com o bem-estar do marido, ao dizer: “Tenho passado noites em claro pensando que algo possa te acontecer”. E, sutilmente, alimenta sua presença no interior do outro, apesar da distância física: “*guardo com ansiedade notícias tuas. Meu querido, peço-te por tudo que não me deixes sem notícia*”. Nesse jogo discursivo, ela vai estabelecendo um elo de saudade, exigência e dependência, em vários sentidos dele em relação a ela e vice-versa, dependência profissional, considerando que ela o mantém informado sobre o Serviço de Documentação, embora esse tipo de notícia lhe pudesse ser fornecido pelos próprios funcionários da casa. Todavia, ao partir dela, as informações corroboram sua preocupação com o lado profissional do marido, ampliando as possibilidades de uma relação bem sucedida, e evidenciam o companheirismo também nos trabalhos profissionais e editoriais que ela acompanha de perto, transformando-se, na ausência do esposo, em secretária particular. A carta de Eloah revela os aspectos do amor e ainda fala do interesse de vários escritores a respeito de Simeão, buscando notícias, entre eles, destacam-se Carlos Drummond de Andrade, Celso Cunha e Guimarães Rosa. Esse

interesse foi revelado, de forma mais explícita, nas dedicatórias que examinei no quinto capítulo deste estudo. Eloah retoma o discurso da intimidade de uma relação construída – “Quando voltares daremos inicio a reforma do nosso apartamento” –demonstrando a importância da participação do outro na estruturação do seu espaço que lhes é privativo. Então, deseja o rápido retorno de Simeão e despede-se, com uma demonstração de saudades exacerbada, daquela que lhe pertence.

Calcutá

Minha muitíssima querida Veinha,

Como não tenho nenhuma nota vou apenas registrar o que foi para mim a visão soberba do Tajmahal. Houve lá algum tempo um magnífico e poderoso marajá que para manter viva a lembrança de sua bem amada quando ela morreu mandou construir um monumento de mármore e pedras preciosas pelos maiores artistas de seu tempo para realização desta obra inigualável vinte mil homens trabalharam dezoito anos. Quando a luz macia da tarde começava a derramar pela paisagem agreste de seus imensos domínios ele ia para a varanda de seu esplêndido palácio agora sem alegria daquela a quem ele tanto amou e punha-se a olhar o Tajmahal até que a noite comesse e a lua surgisse lá no fim da planície desse espetáculo insuperável e sobrenatural encanto.

E quando já velho o único pedido que fez, era que lhe pusesse num lugar de onde pudesse contemplar aquele monumento que tinha sido o testemunho de fidelidade ao seu amor.

Hoje estão lá os dois esquifes lado a lado na nave central unidos na morte como na vida. E o Tajmahal ficou como símbolo para todos aqueles que têm alegria do amor presente ou a tristeza do amor perdido.

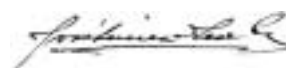
Assim que cheguei a Agra fui logo ver o monumento mais famoso que a força do amor fez erigir em todos os tempos.

Era uma tarde mansa e doce, não tinha mais sol, mas havia bastante luz para que o Tajmahal flutuasse contra as nuvens.

A sua brancura quase irreal mais se distancia num céu que ainda tinha laivos avermelhados se espalhando no horizonte. Senti então uma das mais profundas emoções de minha vida e a saudade que senti de minha querida foi tão intensa que foi como se eu tivesse a inevitável sensação de sua presença física ao meu lado. Nunca tinha experimentado como naquele momento que você além de minha doce amada você era carne da minha carne, sangue do meu sangue.

Um milhão de beijos do seu

(07/11/1956)



No registro romanceado em carta para Eloah, Simeão relata o caso do amor eternizado pelo Marajá, um relacionamento abençoado pela esplêndida beleza do Tajmahal. Intencionalmente ou não, Simeão continua a registrar impressões e emoções, comparando a riqueza simbólica do Marajá com a relação entre eles, cuja força, embora não esteja explícita, é demonstrada pela sequência narrativa dos acontecimentos. O discurso epistolar empregado por Simeão parece proposital, considerando-se a diferença entre ele e o Marajá,

pois ainda havia tempo e possibilidade de recuperar o amor antes abalado e, agora, aproximado pelas reflexões propiciadas pela distância, enquanto ao Marajá restava apenas a contemplação do simbólico. No “*inexprimível amor*” é, pois, um apaixonado que fala, confessando: “*Senti então uma das mais profundas emoções de minha vida e a saudade que senti de minha querida foi tão intensa que foi como se eu tivesse a inevitável sensação de sua presença física ao meu lado. Nunca tinha experimentado como naquele momento que você além de minha doce amada você era carne da minha carne, sangue do meu sangue*”. O discurso se intensifica ainda mais: “*carne da minha carne/sangue do meu sangue*”, de modo que sai do plano material e vai em direção ao plano do espírito, do eu interior, e termina por sufocá-la com “*um milhão de beijos*”.

As cartas minimizam, simbolicamente, a dor da separação, quando ele aproveita a descrição do roteiro de viagem para descrever o roteiro do amor que transita nesse território intimista.

Nas cartas de Simeão para Eloah, pré-existe, também, a função pragmática de atuação de um sobre o outro, de recurso para fazer o outro ver/perceber o mundo como ele vê e o concebe, ou fazer o destinatário assumir suas crenças e seus desejos. Eloah compreendeu bem a mensagem e a colocou como intermediária entre as palavras descritas e a realidade. Parece que, nesse momento, o importante é o compartilhamento das palavras, já que crer dispor da verdade:

Meu muito querido,

Salve 13 de novembro! Feliz aniversário.

Acordo e beijo-te. Outra vez, mais outra e assim em pensamento abraço-te e beijo-te milhões de vezes.

Que exagero veinha!...

Como é triste estar tão longe de ti. As saudades que tenho sentido do meu querido veinho me fazem compreender o quanto te quero e o que significas para mim.

Tuas cartas são motivos de grande alegria. Espero-as com tanta ansiedade, que o carteiro quando as traz, sobe em primeiro lugar ao nosso apartamento, tendo sempre uma palavra carinhosa para comigo, pois, já sabe que vêm do meu bem. Fico feliz, muito feliz em dizeres que não viajarás mais sozinho. Acredito meu veinho e dou graças a Deus por pensares assim.

Fiquei impressionada com tuas impressões sobre Istambul.

Dentro de sua simplicidade deve ser um espetáculo grandioso e ao mesmo tempo comovente, esse povo crente impregnado de sua inabalável fé, beijando o chão das mesquitas.

Achei lindo e poético essa rosa esculpida nos túmulos das virgens.

Deves te sentir feliz por teres tido essa grande e única oportunidade de veres e sentires de perto civilizações de Séculos e Séculos.

Com os novos acontecimentos, talvez tenhas que interromper teu itinerário, o que será um a lástima.

Ficarei com pena se não realizares o que tens vontade, mas não debes facilitar em época de guerra.

*As últimas que ouvi pelo “Repórter Esso” são mais tranquilizadoras.
A distancia que nos separa é tão grande que basta isso para me deixar intranquila. Peço que
tenhas todo cuidado.
Tinha esquecido de te dizer que havia escrito para os teus queridos e bons velhinhos.
[...]
Com este contacto diário que tenho tido com o “Serviços”, acredito que quando voltares irei tomar
o teu lugar, para fazer jus ao ordenado que recebo, não achas?
Edy tenciona ir para o Sul em fins de novembro. Aguardo notícias mais positivas sobre o
prosseguimento de tua viagem para resolver minha ida também. Ela te manda um abraço.
Mais uma vez recebe milhões de beijos e abraços carinhosos da Veinha saudosa que te quer muito.*

Eloah (13/11/1956)

A carta, mais do que a escrita de memórias, é o documento de uma história pessoal e o registro das situações e reflexões do momento, como assinala Andrade (1988). O memorialista, na opinião do autor, teria tempo de selecionar e racionalizar as lembranças de momentos vividos. Esse processo já seria uma maneira de alterar a verdade. Na carta, ao contrário, a distância entre o vivido e o escrito é menor, por isso o missivista imprime à escrita certa multiplicidade de temas, de acordo com as circunstâncias, do momento e também da personalidade de seu interlocutor. Assim, a escrita alimenta e dinamiza a construção do texto, no qual o escrevente articula um pacto de veracidade com o interlocutor. É essa cumplicidade que faz da troca epistolar um jogo de relações, cuja abertura do remetente deixa brechas para o reconhecimento do destinatário, que atua como corresponsável por aquilo que será exposto pelo autor da carta. Nessas circunstâncias, certas afirmações podem ser observadas de uma carta para outra, para o mesmo interlocutor, como se pode conferir no exemplo da carta escrita em Nova Delhi, na qual Simeão intensifica suas intenções ao escrever:

Delhi

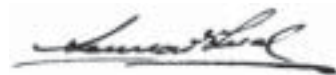
Minha muito querida Veinha,

*Hoje foi um dos dias que tive mais saudades de você.
O seu telegrama foi uma festa para mim, pois não tinha ainda recebido notícias suas. Esta deve
ser a quarta carta que lhe estou mandando. Tenho tido nesta viagem uma das maiores experiências
de minha vida.
Não falo da soma de conhecimentos com que naturalmente vou acumulando à medida que
absorvo temas e gentes diferentes. Queria me referir a nossa vida. A vida que tenho certeza será a
nossa daqui para frente e que não se perturbará por cousas sem importância. Estou absolutamente
certo que a viagem fez com que nosso olhar se abrisse para uma felicidade que de tão evidente só
não nos dávamos conta. [...]. **Sem você ao meu lado as cousas não têm o mesmo encanto***

e hoje já não tenho pudor de comunicar aos estranhos minhas emoções. Esta carta não fala do que tenho visto porque hoje mais do que os outros dias só a imagem da minha adorada Veinha está presente na minha imaginação.

Um milhão de beijos do sempre,

(13/11/1956)



Afetado, provavelmente, pela melancolia de sua data natalícia, longe dos seus, Simeão, especificamente nesta carta, deixa fluir seu lado etnográfico e declara: “*Sem você ao meu lado as cousas não têm o mesmo encanto e hoje já não tenho pudor de comunicar aos estranhos minhas emoções. Esta carta não fala do que tenho visto porque hoje mais do que os outros dias só a imagem da minha adorada Veinha está presente na minha imaginação*”.

Não havia de escapar a Eloah uma palavra sequer, expressa na carta de Simeão, principalmente no momento de fragilidade em que se encontrava, provocado pela separação temporária de seu esposo e pelo estado crítico de sua saúde, o qual, embora repetidas vezes mencionado, não foi revelada a natureza do tratamento nem a causa e o tipo de doenças. Segue, como síntese, aquilo que bem traduz o que se fez presença na memória de Eloah, fortalecendo a relação de dezenove anos:

Meu Veinho muito querido,

[...] Nunca te quis tanto como agora, meu querido. Tens razão em dizeres que não compreendíamos a felicidade que possuíamos. Foi preciso que mais uma vez nos separássemos, para sentirmos a grande ternura que temos um pelo outro.

Não podes calcular a saudade e o meu sofrimento com essa separação... A única consolação que tenho tido são tuas cartas, onde deixas transbordar todo o carinho que tens por mim. [...].

Dentro do meu sofrimento, agradeço a Deus este sacrifício, que veio trazer uma certeza que tanto precisávamos, para dar a nossa vida outra finalidade. Tudo farei para que assim seja.

Em minhas cartas anteriores, mandava sempre um pequeno relatório dos principais acontecimentos do “Serviço”, querendo desse modo manter-te sempre a par do mesmo.

Recebi cartas dos teus bons e queridos velhinhos. Vão bem e enviam abraços para o querido filho. Terminei as aplicações de Raio X e como tenho que me submeter a outros tratamentos resolvi não ir mais ao Sul.

Aqui fico aguardando tuas resoluções.

Beija-te com todo o carinho a veinha que muito te quer e morre de saudades.

Eloah (21/11/1956)

Eloah reafirma para Simeão a possibilidade de um “pacto” de eternização desse amor incalculável: “*não podes calcular a saudade e o meu sofrimento com essa separação... A única consolação que tenho tido são tuas cartas, onde deixas transbordar todo o carinho que tens por mim*”, capaz de ratificar os excessos e conduzi-lo, mais uma vez, ao discurso religioso, ao afirmar: “*agradeço a Deus este sacrifício, que veio trazer uma certeza que tanto precisávamos, para dar a nossa vida outra finalidade. Tudo farei para que assim seja*”, possibilidade de conduzir esse amor à eternidade, é o que conferem as palavras de Simeão na significância do amor, agora, para eles, visto como fonte de vida. Na prática epistolar, Simeão parece representar seu momento interior com as cartas, enviando-as, recebendo-as/ respondendo-as e arquivando-as, uma prática na qual ousa se expor, confidenciando:

Phanon-penh

Minha querida Veinha,

Do meu quarto de hotel ouço uma linda e triste melodia [...].

São dez horas e está chovendo fortemente nesta cidade que é a capital do Reino do Camboja. A despeito de ser uma grande cidade com bairro europeu Completamente separado do dos nativos não Há uma só livraria, a não ser uma comunista em língua nacional.

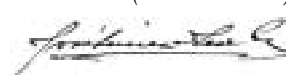
[...] Estive em Siem-Riep nas fabulosas ruínas dos anjos, uma das mais extraordinárias civilizações que desaparecera totalmente, restando apenas testemunhos alguns templos de pedra.

Seguirei depois de amanhã para Cochinchina em Saigon. De Tóquio lhe telegrafarei dizendo o dia que chegarei em Paris para receber minha muito querida Veinha. Cada vez com mais saudades. Não se esqueça de trazer uma novidade com mais de dez centímetros.

Aguardo ansiosa a sua vinda.

Beijos, beijos e mais beijos,

(17/12/1956)



Quando da leitura preliminar do *corpus*, percebi alguns pontos de análise: o primeiro traz a lume a questão do sentimento de perda vivenciado pelos missivistas; o segundo, a questão da solidão e o terceiro, da (re)conquista, que vai sendo alimentada pela insistência, reiterando suas conquistas, que pareciam perdidas, despedaçadas.

É nesse aspecto em que entra o papel do discurso, centrado na crença de que as palavras provêm, representam e revelam intenções e fatos, levando-nos a acreditar que cada um constrói e é construído como matéria discursiva (FOUCAULT, 1992), na subjetividade e na camada mais íntima de cada um, muitas das vezes, imprevisíveis. O que se percebe é que as palavras evidenciam como podem ser utilizadas com engenho e arte para descrever vários sentimentos.



4 JOSÉ SIMEÃO LEAL: o homem dos cadernos

4 JOSÉ SIMEÃO LEAL: o homem dos cadernos

*O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado, se lhe dá prazer.
A vida segue sempre em frente,
o que se há de fazer.
Só peço a você um favor, se puder:
Não me esqueça num canto qualquer.*

(Música: O Caderno - Autoria: Toquinho e Mutinho)

Retorno ao ano de 1952, quando Simeão se encontrava em plena efervescência de seu papel editorial, tornando-se, conseqüentemente, um dos homens mais vistos e discutidos pela mídia, sobretudo com sua nova invenção, *Os Cadernos de Cultura*, foco analítico deste capítulo, cujo *corpus* se fundamenta em um conjunto de documentos que envolvem 140 títulos, editados no período de 1952 a 1965, recortes de jornais, cartas e livros.

No campo cultural brasileiro, os anos 50 marcam uma transição entre o período de guerras e o das inovações comportamentais e tecnológicas, com a implantação da televisão brasileira e a internacionalização das atividades do Museu de Artes de São Paulo (MASP), por iniciativa de Assis Chateaubriand (MOMENTOS DO LIVRO..., 1996), além do incremento no campo editorial privado, com a criação da editora Difel, em 1951, e o lançamento da Revista Anhembi (1951-1962), dirigida por Paulo Duarte. Apesar de ter surgido em dezembro do ano anterior, foi criada em oposição à imprensa sensacionalista da época e classificada, então, como uma revista combativa, colocando seu editor em situação especial, frente à Universidade de São Paulo, onde era professor (HAYASHI, 2004).

O ano de 1952 marca, todavia, o campo editorial público, ano-chave no reconhecimento do trabalho de Simeão Leal à frente do Serviço de Documentação, primeiramente, pelas inovações trazidas ao setor desde 1947, quando de sua posse, e, em segundo, pelas novas criações das quais se destacam os Cadernos de Cultura que, já de início, tomam as páginas dos principais jornais em nível nacional, como *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Diário de Pernambuco*, entre outros. Todo esse *frisson* em torno dos Cadernos vai provocar uma corrida de autores já consagrados, desejando que seus textos sejam publicados no novo formato, que se estabelece pautado numa política editorial voltada, prioritariamente, para a Série Cadernos de Cultura, confundida, de início, com periódico por causa do título “Cadernos”.

Entretanto, tratava-se de uma coleção de livros de bolso, não comum à época. A ideia do editor pareceu inspirar-se nos princípios editoriais da *Biblioteca Blue*, criada no Século XIX, na França.

Segundo depõe Edson Nery da Fonseca, todos os que pretendem estudar a História do livro no Brasil, não podem deixar de verificar sua existência, pois, segundo o autor, essas publicações são merecedoras de registro, tanto pela qualidade gráfica quanto textual, mantida, durante dez anos consecutivos, sem nenhuma interrupção de seus números. Para Fonseca (1996, apud VAL, 2004), foram, ao todo, 133 livros de bolsos, série mais disputada entre os célebres nomes da cultura e das literaturas brasileira e portuguesa. Apesar de Fonseca contabilizar 133 números, o editor, poeta e ensaísta, Waldir Ribeiro do Val (2004), contrapõe-se a esse número, apresentando um total de 140 títulos, o que foi ratificado por esta pesquisa. De assuntos variados, indo da literatura às artes plásticas, passando por folclore, teatro, sociologia e antropologia esses pequenos Cadernos de Cultura dedicaram alguns volumes à poesia brasileira, intitulando *50 Poemas Escolhidos pelo autor*, iniciando esse formato com o poeta Manuel Bandeira, em 1955. Para além da homenagem na Revista, Waldir Ribeiro do Val, inspirado na criação de José Simeão Leal, edita, na atualidade, a coleção com o mesmo título – “50 Poemas Escolhidos pelo autor” – lembrando, em cada exemplar, o nome do inspirador e incentivador editorial da cultura brasileira, justificando sua opção em relação aos Cadernos de Cultura, de extraordinária importância na difusão da cultura brasileira e universal, que bem poderiam ser verbete de qualquer enciclopédia, como por exemplo, da Enciclopédia da Literatura Brasileira, organizada, inicialmente, em 1990, por Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza e que não contempla, em verbete, nem o nome da Série, muito menos, o de seu criador (VAL, 2004). Diante de tal indiferença em relação ao que significou essa coleção e seu papel na circulação da produção literária e cultural de época, e com o mesmo espírito, e, sobretudo de gratidão, Val (2004) optou por homenagear Simeão, ceiando, em 1993, as pequenas antologias de poesia, intitulada “50 poemas escolhidos pelo autor”, através da editora Galo Branco, sob sua direção.

4.1 Os Cadernos de Cultura: estrutura e história

Lançado seu primeiro número em 1952, os Cadernos de Cultura, segundo Simeão Leal, em entrevista datada de 2 de março de 1953, ao jornal *Diário de Pernambuco*, afirmou que sua ideia visou contribuir para criar nos escritores brasileiros, a despeito de partidos políticos, religiões ou

credos, uma mentalidade nova para o ensaio. Nesse sentido, acrescentou que, no Brasil, o ensaio era um gênero pouco desenvolvido, razão por que era difícil encontrar editores que se interessassem por ele, sobretudo, se o processo editorial fosse pensado sob uma perspectiva econômica e de mercado, tornando difícil sua aceitação comercial, assim como a poesia e a história:

[...] foi assim que tive a ideia de editar, pelo serviço de documentação uma serie de pequenos livros tratando de temas artísticos, literário, sociológicos e culturais de atualidade em síntese dos chamados, pelo grande públicos de assuntos – chatos, que enchem tratados são as delicias das sinopses e nunca entram na mente do leitor por maior boa-vontade que ele tenha (LEAL, 1953).

A rigor, os Cadernos teriam sido pensados para a publicação de um gênero específico, o ensaio literário, que se constitui, no conjunto, seu maior número. Entretanto, a demanda e o encontro com outros gêneros textuais imprimiram outros temas como Sociologia, Antropologia, Artes etc.. A política editorial adotada por Simeão não era de publicar obras de condensações e/ou resumos de obras literárias que, na visão do editor, não passam de contrafação, de uma deturpação da obra de arte. Nessa perspectiva, os Cadernos de Cultura foram pensados também com o objetivo de preservar a integridade do texto e da ideia do autor, sem mutilações.

Logo de início, a aceitabilidade do mercado definiu a tiragem dos exemplares por título, uma média de três mil distribuídos pelo país inteiro, podendo também ser adquirido em algumas livrarias ao preço máximo de Cr\$ 5,00 cada. O preço simbólico era a maneira encontrada por Simeão para favorecer uma maior distribuição e circulação dessas obras. Para ele, a procura pelos Cadernos foi tamanha que lhe tomava todo o tempo, o que requereu uma postura editorial frente às novas perspectivas. Por isso, afirmou:

Eles não constituem hoje – afirma Simeão Leal, o que se poderia chamar, anteriormente, de uma aventura; são na verdade, uma realidade concreta. Por isso, doravante, tentarei uma maior sistematização na escolha dos novos cadernos vou dar inclusive mais rigor á seleção, principalmente quanto á matéria, que será restrita o mais possível ao ensaio (LEAL, 1953).

Em carta [1952?] enviada ao Sr. Vernon Elliott Blomfield, Delegado Geral do Consulado Britânico no Brasil, Simeão expressa o desejo de fazer uma parceria entre os dois países, ao mesmo tempo em que reforça as funções culturais dos Cadernos de Cultura:

Prezado Amigo,

Como é do conhecimento de V. Excia., o Serviço de Documentação por nós dirigido, departamento do Ministério da Educação e Saúde, vem realizando um trabalho de expansão e divulgação cultural dos mais expressivos. Além da revista "Cultura", que edita quadrimestralmente, vem publicando os "Cadernos de Cultura", pequenos volumes à semelhança dos editados para esse Conselho, na série "Arts in Britain". Esses "booklets", com ensaios e estudos sobre os mais variados assuntos, vêm merecendo a mais ampla acolhida em todos os círculos brasileiros. Entretanto é pensamento deste Serviço não apenas divulgar nos mencionados "Cadernos" (Cahiers) assuntos brasileiros. Seu escopo é trazer para o leitor brasileiro assuntos de interesse de outras culturas, em um esforço de verdadeiro intercâmbio com os povos e nações amigas.

Assim sendo, tem interesse o Serviço de Documentação, do Ministério da Educação e Saúde do Brasil, de traduzir e publicar em seus "Cadernos", vários trabalhos editados, para esse Conselho Britânico, da série "Arts in Britain", tais como "20th Century Children's Books", de Frank Eyre, "Modern Book Design", de Ruari McLean, "Drama — 1945-1950", de J.C. Trewin, cooperando dessarte para a maior divulgação da cultura inglesa no Brasil e, ao mesmo tempo, ampliando a esfera de seu trabalho, pioneiro no gênero.

Em face do exposto é que nos dirigimos a V. Excia., no sentido de obter autorização para que possamos editar em português alguns daqueles trabalhos e outros futuramente sem quaisquer pagamento de direitos autorais.

Baseia-se a nossa solicitação no fato de serem os "Cadernos de Cultura" editados oficialmente pelo Ministério da Educação, sem quaisquer fins lucrativos e comerciais, pois, embora postos à venda, é esta feita por um preço absolutamente aquém do custo real da obra. Acresce observar ainda, que este Serviço terá as despesas com a tradução de tais obras e a sua confecção.

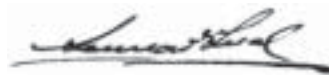
No caso de ser dada autorização para a edição pelo Ministério da Educação de tais "booklets", desejariamos que fosse ela exclusiva e sem o pagamento de direitos em face do esclarecido. No caso de confirmar-se a nossa esperança no atendimento do pedido, tomaríamos a liberdade de solicitar que os clichês ilustrativos desses opúsculos nos fossem cedidos, por empréstimo, pela casa editora, Longmans, Green & Co., para a perfeita edição em português.

Acreditamos que essa publicação em português muito concorrerá para a maior divulgação do livro e da cultura inglesa no Brasil, assim como para o maior intercâmbio cultural anglo-brasileiro, tão bem expresso no Convênio Cultural assinado entre os Governos da Grã-Bretanha e do Brasil, em 1947.

Estamos certos de que V. Excia., como Delegado Geral do Conselho Britânico no Brasil, e como homem de cultura e que encarna as tradições do pensamento inglês entre nós, não poupará esforços para conseguir, em Londres permissão para o que solicitamos, nem tampouco deixará de apoiar esse trabalho em favor do maior conhecimento da cultura entre os dois povos amigos

Antecipando a V. Excia. os nossos protestos do mais alto apreço e consideração, apresentamos os melhores agradecimentos pela acolhida dispensada.

Saudações



Reconhecendo toda a importância dos Cadernos para a divulgação da cultura e da produção literária, Simeão não deixa de se preocupar com a qualidade dessas mesmas publicações. Por isso propôs maior rigor as que chamamos de política editorial, que envolveu, desde os primeiros números, o reconhecimento do Direito do Autor. A esse respeito, Simeão tinha como prática custear os Direitos do Autor, que os recebia em dinheiro, tanto que há momentos em que ele insiste com os Ministros para que aumentem as verbas destinadas ao Ministério a fim de serem utilizadas com exclusividade

para esse tipo de custeio. Essa questão possibilitava também a escolha dos autores que comporiam as edições mensais, entre eles, Clarice Lispector que, em 1952, lança na Série a obra *Alguns Contos*, que inclui: “Mistério em São Cristovão”, “Os Laços de Família”, “Começos de uma Fortuna”, “Amor”, “Uma Galinha” e o “Jantar”.

A questão dos direitos autorais praticada por Simeão, à época, é algo admirável, embora, na documentação consultada, não fiquem explícitos os valores recebidos pelos autores. Todavia, há que se colocar a relevância da questão quando consideramos que, apesar de o Brasil ter promulgado, através do Decreto nº 13.990, de 29 de junho de 1919, o artigo 286 do Tratado de Versalhes, os primeiros indícios legais dessa prática, isso não acontecia com facilidade. Por essa razão, há uma preocupação por parte dos autores nesse sentido, muito bem exemplificado com a charge que envolve Carlos Drummond de Andrade. A esse respeito, poderíamos citar vários exemplos, considerando que essa é uma temática que ainda caminha a passos lentos, apesar dos rumos que tomou o direito autoral, a partir de 1998, com a promulgação da Lei 9.610, de 19 de fevereiro do mesmo ano.

Aqui, cabe ressaltar a atualização de Simeão no campo editorial, considerando que sua prática revela que ele conhecia os tratados elaborados por Antônio Chaves, jurista que escreveu um extenso trabalho de pesquisa, reunindo as normas internas brasileiras mais importantes a respeito dos direitos autorais, até o ano de 1950, data da publicação de sua obra intitulada o *Direito de Autor no Brasil*: resposta a um inquérito da UNESCO, que foi publicada na Separata da *Revista dos Tribunais*, em fevereiro de 1950; em 1952, o mesmo autor ampliou suas reflexões sobre o assunto, propício agora para uma área mais especializada, lançando o livro *Direito Autoral de Radiodifusão*, através da editora Max Limonad, de São Paulo, voltada para o campo do Direito.

Em relação aos Cadernos de Cultura, afirma Simeão Leal:

Eles modificaram a minha vida, absorveram-me quase que completamente; mas me ensinaram muitas coisas... Uma delas, por exemplo, muito importante alias, diz respeito á juventude dos nossos dias, a denominada “geração coca-cola” pois cheguei á importante conclusão que, ao lado dela há uma outra muito forte, ativa e inteligente sem a qual não existiriam os caderninhos; afinal é para esse gente na qual esta o futuro do pais, que eles são feitos (LEAL 1953).

Por outro lado, é perceptível a preocupação de José Simeão em manter o critério inicial que balizou a criação dos cadernos, de modo que incide nesse aspecto a escolha dos autores que terão suas obras editadas na Série, cujo critério básico é o mérito da obra. Todavia, há uma tendência natural em prevalecerem nomes já conhecidos, juntando-se, nesse grupo, escritores e pesquisadores

de nomes consagrados que se misturam a estreantes que formam a geração de 22 a 45. O ponto-chave é que não importa que seja assinado por um grande nome ou por um estreante; a orientação política do autor ou a escola literária a que esteja filiado. Por isso mesmo, os “Cadernos” colecionaram os mais prestigiosos nomes da vida cultural, como exposto a seguir:

AUTORES PRESENTES NOS CADERNOS DE CULTURA: 1952-1965

AUTORES	PERÍODO	QUANTIDADE
ADONIAS FILHO	1954	01
ALMEIDA FISCHER	1953	01
ANDRADE, Carlos Drummond	1952, 1956	02
ANDRADE, Oswald de	1965	01
ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de	1958	01
ANJOS, Cyro dos	1952, 1956	02
AQUINO, Flávio de	1952	01
ATHAYDE, Tristão de	1955	02
AZEVEDO, Thales de	1955	01
BACIU, Stefan	1953	01
BANDEIRA, Antônio Rangel	1959	01
BANDEIRA, Manuel	1954, 1955	02
BANDEIRA, Manuel et al	1959	01
BARBOSA, Francisco de Assis	1954	01
BOTELHO, Pero de	1954	01
BRAGA, Rubem	1953	01
CALMON, Pedro	1960	01
CAMPOS, Paulo Mendes	1952, 1956	03
CÂNDIDO, Antônio	1952	01
CARNEIRO, José Fernando	1954	01
CARPEAUX, Otto Maria	1953	01
CARVALHO, Daniel de	1956	01
CAVALCANTI PROENÇA, M	1958	01
CAVALHEIRO, Edgard	1954, 1955	02

CLARK, Graves Glenwood	1957	01
CORRÊA, Roberto Alvim	1953	01
COSME, Luís	1952, 1953, 1961	03
COSTA PÔRTO, José da	1961	01
COSTA RÊGO, José da	1959	01
COSTA, Dante	1952	01
COSTA, Lúcio	1952	02
COUTINHO, Afrânio	1954	01
DANTE ALIGHIERI	1953	01
DIEGUES JÚNIOR, Manuel	1952, 1955	02
ELLIS, Myriam	1960	01
FARIA, Octavio de	1952	01
FONTOURA, João Neves da	1953	01
FRANÇA, Eurico Nogueira	1953, 1957	02
FREYRE, Gilberto	1952, 1955	02
FURTADO, Celso	1956	01
FUSCO, Rosário	1952	01
GERSON, Brasil	1955	01
GOMES, Eugênio	1952	01
GONÇALVES, Roberto Mendes	1955	01
GUIMARAENS FILHO, Alphonsus	1956	01
HARNBERGER, Théodore	1953	01
HOUAISS, Antônio	1960	01
IVO, Ledo	1952, 1965	02
JANSEN, José	1952	01
JEAN, Yvonne	1955	01
JORDÃO, Vera Pacheco	1955	01
KELLY, Celso	1953	01
KLEIST, Heinrich Von	1952	01
LACERDA, Maurício Caminha de	1957, 1962	02
LEWIN, Willy	1952	01
LIMA, Herman	1952, 1958	03

LINHARES, Temístocles	1964	01
LINS, Álvaro	1952, 1953	02
LISBOA, Henriqueta	1958	01
LISBOA, José Carlos	1952	02
LISPECTOR, Clarice	1952	01
LOPES, J. Leite	1958	01
LOUZADA, Wilson	1953	01
MACHADO, Lourival Gomes	1953	01
MAIA, Jorge	1964	01
MANIFESTO regionalista de 1926	1955	01
MARGARIDO, Alfredo; COSTA, Eurico da	1953	01
MARIZ, Vasco	1964	01
MARQUES, Oswaldino	1952	01
MARTINS, Hércio	1956	01
MARTINS, Luís	1959	01
MEDEIROS LIMA, J.	1961	01
MELO NETO, João Cabral de	1952	01
MENDES, Oscar	1955	01
MENEZES, Djacir	1952	01
MIGUEL PEREIRA, Lúcia	1952	01
MILLIET, Sérgio	1955, 1957	02
MONTEIRO, Adolfo Casais	1956, 1958	02
MONTELLO, Josué	1953	01
MONTENEGRO, Olívio	1954	01
MORAES FILHO, Evaristo de	1953	01
MORAES, Carlos Dante de	1952	01
MORAIS, Carlos Dante de	1960	01
MOTA, Mauro	1961	01
MOURA, Emílio	1961	01
NEMÉSIO, Vitorino	1952	01
NEVES, Sylvio	1953	01
OLINTO, Antônio	1955	01

ORNELLAS, Manoelito de	1956	01
PASSOS, Alexandre	1952	01
PEDROSA, Mário	1952	01
PEREGRINO JÚNIOR	1954	01
PINHO, Péricles Madureira de	1952	01
PLACER, Xavier	1962	01
PORTO, Sérgio	1953	01
RÊGO, José Lins do	1952, 1957	02
REIS, Arthur Cezar Ferreira	1953	01
RIBEIRO FILHO, J. S.	1957	01
RIBEIRO, Joaquim	1956	01
RICARDO, Cassiano	1953, 1956, 1964	03
RIMBAUD, Jean-Nicolas Arthur	1952	01
RIO-BRANCO, Miguel Paranhos de	1953	01
RÓNAI, Paulo	1952, 1954	02
SABINO, Fernando	1952	01
SANTA CRUZ, Luiz	1953	01
SANTA ROSA JÚNIOR, Tomás	1952	02
SCHMIDT, Augusto Frederico	1956	01
SILVA, Agostinho da	1957	01
SIMÕES, João Gaspar	1961	01
SOUSA, Octavio Tarquínio de	1952, 1957	02
SOUZA BARROS	1959	01
TAVARES, Luis Henrique Dias	1964	01
TEIXEIRA, Anísio	1954	01

Mantendo a política editorial que fora aperfeiçoada ao longo da década, os Cadernos de Cultura abrangem ângulos temáticos dos mais diversos, com prevalência para o campo literário, envolvendo: cultura: crítica literária, ficção e poesia; no campo da Arte: teatro, cinema, pintura, escultura, arquitetura; na História e na Sociologia: ensaios históricos, sociológicos, econômicos, conforme mostra o gráfico que segue:

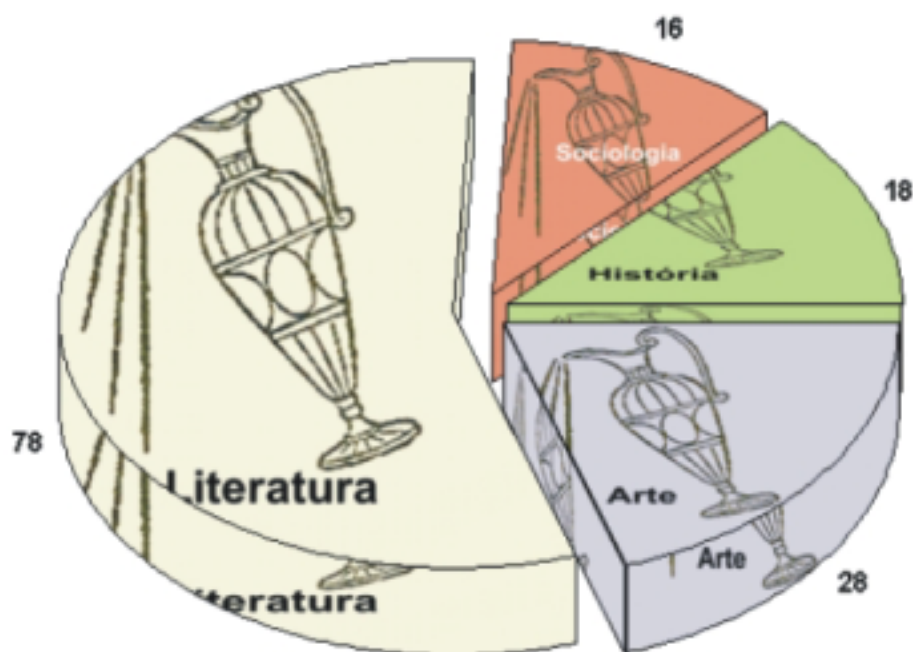


Gráfico 2: Área de conhecimento dos Cadernos de Cultura

Fonte: Dados da pesquisa

Ao longo do caminho, completam os Cadernos de Cultura, em 1956, seu centésimo número, comemorado com a publicação da obra *50 poemas escolhidos pelo autor*, de autoria de Carlos Drummond de Andrade, com 95 páginas contendo os seguintes poemas: Poema de sete faces, Quadrilha, Quero me casar, Romaria, Soneto da perdida esperança, Poema Patético, Segredo, Castidade, Confidência do itabirano, Os mortos de Sobrecasaca, Bolero de Ravel, Os ombros suportam o mundo, Mãos dadas, Lembranças do mundo antigo, Noturno oprimido, Procura da Poesia, Àporo, o poeta, escolhe seu túmulo, Vida menor, Episódio, O elefante, Consolo na Praia, Canto do homem do povo, Charlie Chaplin, Canção amiga, Canto esponjoso, Estâncias, Dissolução, A ingaia ciência, Legado, Memória, Ser, Oficina irritada, Entre o ser e as coisas, Fraga e sombra, Campo de Flores, Estampas de Vila Rica, Perguntas, Encontros, A máquina do mundo, Domicílio, Viagem de Américo Faço, Cemitério errante e Elegia.

Em referência ao padrão editorial gráfico, Os Cadernos de Cultura evocam, na capa, uma análise literária, ao adotar como marca da Série uma ânfora jorrando água, representação de fonte da vida, de sabedoria, de cultura, reminiscência da cultura da Grécia Antiga. Ao jorrar a água, simbolicamente, jorra o conteúdo impresso, guardado na ânfora que, aberta, jorra para fora os conteúdos dos Cadernos.

Há que ressaltar, de pronto, outras questões importantes referentes ao projeto editorial gráfico adotado em toda a Série:

- a) Pequenos cadernos ou “pocket books” medindo 14 x 19,5 cm;
- b) Capa Branca;
- c) Autoria, títulos e editora dentro de um quadrado com moldura colorida, nas cores azul, verde, amarelo, vermelho, marrom, entre outras; e fora da moldura, o registro do Ministério da Educação e Saúde e, a partir de 1954, Ministério da Educação e Cultura;
- d) Ao pé da capa, um vaso grego inclinado sobre quatro palavras que resumiam precisamente a finalidade da Obra: OS CADERNOS DE CULTURA;
- e) Suas páginas nunca excediam a 160;
- f) Folha de rosto contendo o nome do autor, escrito em caixa alta, o título, em caixa alta e em fonte maior que o nome do autor; no centro, a ânfora sobre as palavras OS CADERNOS DE CULTURA e, no pé da página, o nome do Ministério e do Serviço de Documentação numa escala subordinativa;
- g) Todos os exemplares traziam dedicatórias de seus autores, a exemplo da obra de Wilson Lousada, “O caçador e as raposas”, de 1953, dedicada a José Olympio e a Francisco de Assis Barbosa;
- h) O texto inicia de imediato, sem prefácios ou apresentações;
- i) A numeração das páginas ocorre no lado inferior direito;
- j) Impressão do índice, no final do texto, como marca da editoração europeia;
- k) Presença da nota de imprensa (gráfica, seu endereço e a data);
- l) Em todos os Cadernos, a última capa trazia impresso o nome da Série, o Diretor e os números antecedentes e seus respectivos autores;
- m) O tipo de letra dos Cadernos foi inspirado na moderna tipologia da arte gráfica alemã, caracterizando-se pela sobriedade e pela modernidade, distinguindo-se mesmo como um dos mais belos da tipologia contemporânea.

O editor nos induz, quase integralmente, a pensar Os Cadernos de Cultura como um produto inspirado numa concepção moderna, tanto no que se refere ao conteúdo dos artigos quanto em relação ao uso de estratégias modernizantes, do ponto de vista de sua fabricação e significância. Com essas características, Simeão publicou mais de 120 autores em 140 títulos, como mostra o gráfico da produção editorial dos Cadernos por ano.

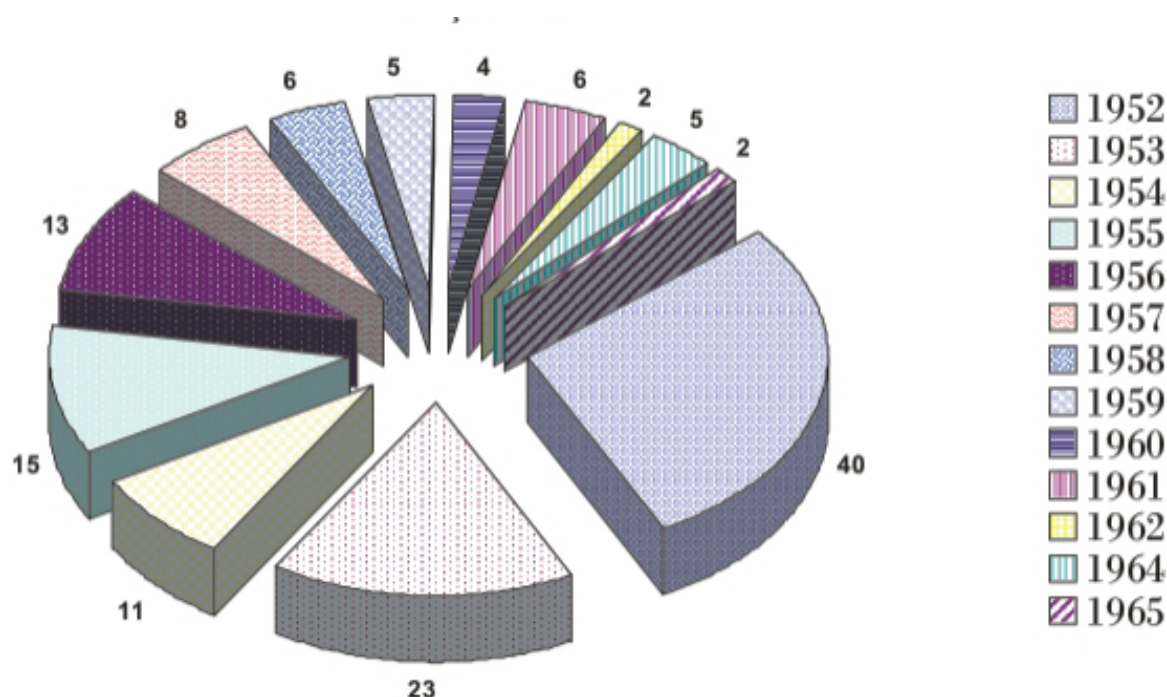


Gráfico 3: Produção editorial dos Cadernos de Cultura

Fonte: Dados da pesquisa

Analisando-se os dados, é possível inferir que alguns aspectos macros da história do Brasil possam ter influenciado na diminuição e no fim da publicação dos Cadernos de Cultura, a saber:

- a) Situação do Brasil no final da década de 1950 e início dos anos 1960, quando que o país apresentava um contexto político em ebulição, com o governo de Juscelino Kubitschek, a construção de Brasília e a consequente transferência, em 1961, da capital federal do Rio de Janeiro para o Planalto Central;
- b) O governo conturbado de Jânio Quadros, que permaneceu na presidência apenas por poucos meses;
- c) O governo de João Goulart que ora se aproximava dos governos socialistas, a exemplo do de Fidel Castro em Cuba, e o golpe militar ocorrido em 1964.

Ouso acrescentar outros dados de ordem profissional, como a criação de outras coleções e séries, a exemplo dos NOVOS, A REVISTA CULTURA e de outras publicações avulsas, associando-se, ainda, o fato de o editor ter acumulado, paralelamente, múltiplas funções, como visto no capítulo anterior, entre elas, a de professor universitário, produtor cultural e, por fim, sua exoneração do cargo para fins de ocupação da função de Adido Cultural, no Chile, em 1965. Apesar de toda essa trajetória, os Cadernos atingiram seus objetivos, com exceção do ano de 1963, em que não fora publicado nenhum título, como demonstra este levantamento realizado:

1. JANSEN, José. *A máscara no culto, no teatro e na tradição*. 1952. 20 p. est.

Contém: Antiguidade e poder mágico das máscaras. Máscaras no teatro. Evolução e emigração da máscara cênica. Classificação das máscaras. Algumas correlações no uso das máscaras. Sobrevivências. Assunto etnográfico-folclórico. Atualidades da máscara no mundo civilizado. Bibliografia.

2. LINS, Álvaro et al. *José Lins do Rêgo*. 1952. 38 p.

Contém: José Lins do Rêgo (dados bibliográficos). Um novo romance dos engenhos (Álvaro Lins). José Lins do Rêgo (Otto Maria Carpeaux). José Lins do Rêgo (Franklin M. Thompson).

3. RÓNAI, Paulo. *Escola de tradutores*. 1952. 50 p.

Contém: Traduzir o intraduzível. Tradução literal e efeitos de estilo. Traduções indiretas. A escola dos tradutores. Confidências de tradutores. O tradutor traduzido. Andanças e experiências de um tradutor técnico.

4. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Viola de bolso*. [poemas]. 1952. 42 p.

Contém: Inventário. Homem tirando a roupa. As rosas do tempo. A dança e a alma. O gato solteiro. Novo apólogo. Arieta de solteirão de junho. Obrigado. Invocação com ternura. Noturno mineiro. Maio no Leblon. Roteiro da Casa Matias. Cidade sem rio. Luar em qualquer cidade. Desperdício. A maneira de Geir Campos. Os romances impossíveis. Assombração. O amor em viagem. Tempo e olfato. Colônia. Meigo tom.

5. COSTA, Lúcio. *Arquitetura brasileira*. 1952. 41 p. Depoimento de um arquiteto carioca.

6. _____. *Considerações sobre arte contemporânea*. 1952. 37 p. il.

7. CAMPOS, Paulo Mendes. *Forma e expressão do soneto*. [Seleção antológica da evolução do soneto brasileiro]. 1952. 53 p.

Contém: Forma e expressão do soneto. Buscando o Cristo crucificado (Gregório de Matos). A uma senhora (Basílio da Gama). Temei, penhas... (Cláudio Manuel da Costa). Soneto (Maciel Monteiro). Soneto (Álvares de Azevedo). Ubi natus sum (Luiz Delfino). A Carolina (Machado de Assis). Na roça (Gonçalves Crespo). O Caminho do morro (Alberto de Oliveira).

A serenata (Augusto de Lima). Banzo (Raimundo Correia). Vida Obscura (Cruz e Souza). Tédio (Olávo Bilac). Velho tema (Vicente de Carvalho). Noite de insônia (Emílio de Menezes). Pubescência (Guimarães Passos). Sonêto (Alphonsus de Guimaraens). O cisne (Júlio Salusse). Sonêto (José Albano). A meu pai morto (Augusto dos Anjos). Sonêto inglês n. 1 (Manuel Bandeira). Sonêto Plagiado (Manuel Bandeira). Saudade (Da Costa e Silva). Delumbramento (Olegário Mariano). Nós (Guilherme de Almeida). Sonêto (Mário de Andrade). Em voz alta (Cassiano Ricardo). Eugenia (Raul de Leoni). Aparição da rosa (Joaquim Cardozo). Sonêto (Jorge de Lima). Sonêto (Dante Milano). 2º motivo da rosa (Cecília Meireles). Isaac ao sacrifício (Murilo Mendes). Fraga e sombra (Carlos Drummond de Andrade). Sombras fraternas (Emílio Moura). Sonêto (Augusto Frederico Schmidt). Sonêto (Mário Quintana). Rosas, rosas, sempre rosas... (Dantas Mota). Sonêto de fidelidade (Vinícius de Moraes). Sonêto da morte (Alphonsus de Guimaraens Filho). Sonêto da epifania (Péricles Eugênio da Silva Ramos). Sonêto (Marcos Konder Reis). Sonêto (Lêdo Ivo). Sonêto do amante (Afonso Felix de Souza). A árvore (Geir Campos).

8. MENEZES, Djacir. *A formação profissional do advogado*. 1952. 35 p.

Contém: O ensino jurídico e o meio social. (I meri legisti sono puri asini). As ciências sociais e o curso jurídico. Os processos jurídicos e a vida. Os “profissionais” e o desenvolvimento econômico. Economia e direito público nas faculdades de direito. Não cancelar matérias teóricas, mas melhorá-las.



9. KLEIST, Heinrich Von (1777 – 1811). *Teatro de marionetes*. Tradução e nota de Paulo Mendes Campos. 1952. 13 p.

10. CÂNDIDO, Antônio. *Monte Cristo; ou, Da Vingança*. 1952. 18p.

11. COSME, Luís. *Música e tempo*. 1952. 44 p.

Contém: Henri Purcell e Benjamin Britten. Bach Shoenberg e o impulso criador. A tradição musical francesa. Chopin, o revolucionário. Matéria sonora de Stravinski. Jazz e música

erudita. Música atonal. Música e cinema. Folcmúsica. Música e pintura. Convicções estéticas. Música e o tempo.

12. MELO NETO, João Cabral de. *Joan Miró*. [Ensaio]. 1952. 48 p. est. color.



13. FARIA, Octavio de. *Significação do Far-West*. 1952. 48 p.

Contém : Pequena explicação. O cenário e o futuro do cinema. Apêndice. Comentário de 1952. Significação do far-west.

14. SANTA ROSA JÚNIOR, Tomás . *Roteiro de arte*. 1952. 47 p.

Contém: Variações: Arte e realidade. Arte e verdade. Arte e poesia. Técnica. Crítica. A obra de arte. Pintura. Escola. Final. Conversa sobre arte moderna. Função dos museus. Sobre a arte da ilustração. Sobre a arte do livro. Imagens do Quixote.

15. _____. *Teatro, realidade mágica*. 1953. 58 p. est.

Contém: Para um teatro teatral. Contribuição da cenografia ao teatro moderno. Notas sobre a evolução do teatro. Realidade mágica do teatro.

16. LISBOA, José Carlos. *O teatro de Cervantes*. [Ensaio]. 1952. 36 p.

17. _____. *Isabel, a do bom gosto*. [Ensaio]. 1953. 39 p.

18. FREYRE, Gilberto. *José de Alencar*. [Ensaio]. 1952. 32 p.

19. LISPECTOR, Clarice. *Alguns contos*. 1952. 52 p.

Contém: Mistério em São Cristóvão. Os laços de família. Começos de uma fortuna. Amor. Uma galinha . O jantar.



20. PEDROSA, Mário. *Panorama da pintura moderna*. [Ensaio]. 1952. 49 p.

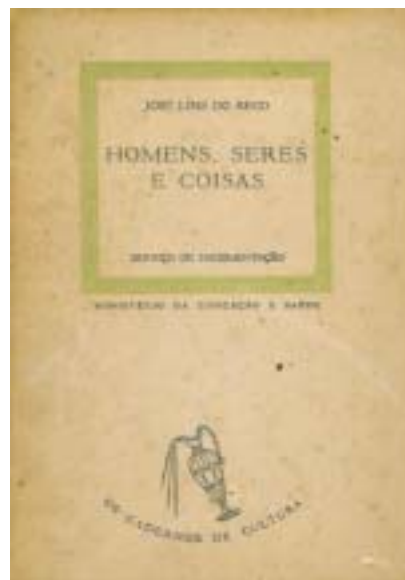
Contém: Dissolução do naturalismo. Descoberta das culturas primitivas e arcaicas. A vaga expressionista. As exigências de nova ordem cromática. O novo espaço. A revolução do cubismo. Orfismo e futurismo. O surrealismo e o abstracionismo. As últimas experiências. Epílogo.

21. FUSCO, Rosário. *Introdução à experiência estética*. [Ensaio]. 1952. 51 p.

Contém: Nota preliminar. Estética e estética. Sensação e percepção. Esforço e criação. Criação e criador. Criação e contemplação. Nota final. Apêndice. Problemas.

22. MORAES, Carlos Dante de. *Realidade e ficção*. [Ensaio]. 1952. 100 p.

Contém: Graça Aranha e o lado trágico da vida. Raul Pompéia e amor próprio. A poesia de Augusto Meyer e a infância. O poeta e romancista de Porto Alegre. Jackson de Figueiredo. Introspectivo e romancista. Raul de Leoni, poeta vespéral.



23. COSTA, Dante. *O sensualismo alimentar em Portugal e no Brasil*. [Ensaio]. 1952. 41 p. est. Contém: Prefácio. Introdução. Ciência moderna, ciência humana. Razões de um confronto. Portugal e o Brasil: duas atitudes diversas em face do alimento. A unidade sentimental luso-brasileira. Importância atual da alimentação. O divórcio alimentar entre portugueses e brasileiros. Fialho d'Almeida e o prazer da mesa. Eça de Queiroz e a alimentação. O depoimento de Ramalho Ortigão. Desnutrição em Portugal. A indiferença anímica do brasileiro pela alimentação.

24. IVO, Lêdo. *Lição de Mário de Andrade*. [Ensaio]. 1952. 22 p.

25. GOMES, Eugênio. *O romancista e o ventríloquo*. 1952. 95 p.

Contém: Tom Jones. Jane Austen. O romancista e o ventríloquo. Duas biografias de Dickens. A gramática pueril de Dickens. Dois romancistas. O corredor sinuoso. Notas sobre Henry

James. O realismo fantástico em Clemence Dane. Aspectos e coisas do romance. Um retrato de D. H. Lawrence. Entre Calypso e os lestrigões. Thomas Wolfe. Sobre Faulkner.

26. RÊGO, José Lins do. *Homens, seres e coisas*. [Ensaio]. 1952. 77 p.

Contém: Augusto dos Anjos e o Engenho Pau D'Arco. Uma mulher de São Paulo. Diversos.

27. SOUSA, Octavio Tarquinio de. *De várias províncias*. 51 p. SEM DATA

Contém: Um mineiro. Um paraibano. Um baiano. Outro baiano. Um pernambucano. Um paulista. Outro paulista.

28. MIGUEL PEREIRA, Lúcia. *Cinquenta anos de literatura*. [Crítica]. 1952. 38 p.

29. PASSOS, Alexandre. *A imprensa no período colonial*. 1952. 72 p.

Contém: Observação preliminar. Os primeiros passos da imprensa. Tentativas para a implantação da imprensa no Brasil. O primeiro jornal do Brasil. o segundo jornal do Brasil. Os jornais do Brasil-Colônia. Da censura à primeira lei de imprensa. Hipólito da Costa. Os primeiros jornais da província. Conclusões. Bibliografia.

30. DIEGUES JÚNIOR, Manuel. *Etnias e culturas no Brasil*. 1952. 79 p.

Contém: Os primeiros contatos humanos. O ambiente das relações étnicas e de cultura. Alguns alienígenas no período colonial. O que os indígenas nos legaram. A herança fundamental. A contribuição do negro africano. A mestiçagem e seus resultados. As correntes imigratórias no século dezenove. Italianos, alemães e japoneses. Paisagem humana e cultural contemporânea. Bibliografia.

31. ANJOS, Cyro dos. *Explorações no tempo*. 1952. 67 p.

32. MARQUES, Oswaldino. *O poliedro e a rosa*. [Ensaio]. 1952. 67 p.

Contém: Matrizes estruturais do verso moderno. Allegro e Il Penseroso. Kublai Khan e o problema poético. Rimbaud, a sexta potência. Semântica e semiótica. Traços diferenciais da poesia moderna.

33. SABINO, Fernando (trad.). *Lugares comuns*. [Ensaio e tradução do Dictionnaire des idées reçues, de Gustave Flaubert]. 1952. 102 p.



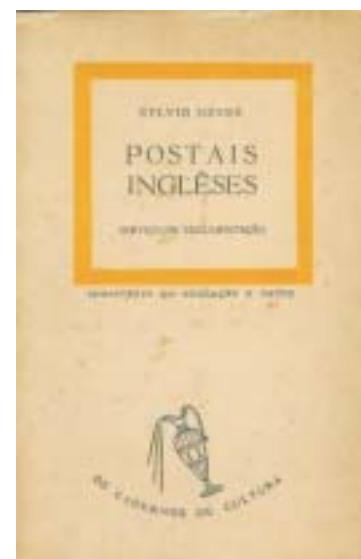
34. PINHO, Péricles Madureira de. *Notas à margem do problema agrário*. 1952. 88 p.

Contém: Trabalho do indígena. A colonização portuguesa e a agricultura. O trabalho do negro. Primeiros núcleos de trabalho. Os grêmios de ofícios. O vaqueiro e o trabalho livre. A mineração e o tropeiro. O café e a imigração. Precursores da organização social. A associação na cidade e no campo. Em torno do projeto Nestor Duarte. Conflitos coletivos de trabalho no Pôrto da Bahia.

35. NEMÉSIO, Vitorino. *Portugal e o Brasil na história*. 1952. 34 p.

36. LEWIN, Willy. *Ensaio de circunstância*. 1952. 79 p.

Contém: O problema espiritual da beleza e da fealdade. Sobre Evelyn Vaugh. Em busca do jogo dramático. Entre Gide e Charles Du Bos. A volta de Hemingway. The Cocktail Party. De um narcisismo romântico. Pretextos para meditação estética. História de Manley (F. S. Fitzgerald) Halliday. Sinclair Lewis na Itália. Saint Germain des Près. Angústias de book-reviewer. La belle époque. Memórias de ballet. Victor Hugo. As partes vergonhosas do poema. W. H. Auden.



37. LIMA, Herman. *Variações sobre o conto*. [Ensaio]. 1952. 111 p.

38. _____. *Roteiro da Bahia*. [Crônicas]. 1953. 92 p. est.
Contém: Expansões de um certo namoro enternecido. Comidas baianas. Balanço de um itinerário incrível. Valença dos meus amores. Velhos sobrados adormecidos. Lembrança daquela noite amiga. São João baiano. Sábado do Bomfim. Da arte do epigrama. Presciliano. Índice.

39. AQUINO, Flávio de. *Três fases do movimento moderno*. [Ensaio]. 1952. 53 p. est.

Contém: Três fases do movimento moderno. Arte, abstração formal. O mundo poético de Oswald Goeldi. Arte de Lasar Segall.

40. RIMBAUD, Jean-Nicolas Arthur (1854-1891). *Uma estação no inferno*. [Tradução e notas Xavier Placer]. 1952. 45 p.

Do original francês: Une saison em enfer.

Contém: Notas do tradutor. Mau sangue. Noite de inferno. Delírios. Virgem louca. O esposo infernal. Alquimia do verbo. O impossível. O relâmpago. Manhã. Adeus.

41. NEVES, Sylvio. *Postais ingleses*. [Crônicas]. 1953. 72 p. est.

Contém: Poetas apoca-lípticos. O marechal e o soneto. Literatura e exílio. Dodgson, Carrol, Alice & Cia. Lembranças de Emily. Um aspecto de Stevenson. Osbert Sitwell e sua autobiografia. Casaco de muitas cores. Stalky & Cia. Lord David Cecil.

42. FONTOURA, João Neves da. *Poeira das palavras*. 1953. 72 p.

Contém: Hora Pirandelliana. Nascido dessas puras origens. Gaúchos a pé. Esse é o vaqueano. O dever dos republicanos. A obra brasileira. Véspera de Natal. A ponte da azenha. Este rancho é do Brasil. O sentido da fecundidade. A imaginação e o poder verbal. Bíblia e o orientalismo. Dinamismo verbal. Crepúsculo do coração. A arte e a democracia. A velha Porto Alegre. A descendência espiritual de Colombo. A debilidade constitucional da violência. O pan-americanismo. Raça e liberdade. A glória de Dom Ramiro. Dois momentos portugueses. Itinerário do idioma. Roosevelt. O milagre da Inglaterra. Insuficiência e desespero. A era do socialismo. Missão das elites. Vocação cultural da Colômbia. Geografia colombiana. As letras e as armas. O português e o castelhano. As políticas e os regimes. O direito constitucional e o internacional. A quinta-coluna. Homens do Rio Grande do Sul. A imigração. Dom Quixote. A eternidade da eloquência. Portugal e Espanha. Cárcano embaixador. Academia e a política.

43. MONTELLO, Josué. *Fontes tradicionais de Antônio Nobre*. [Ensaio]. 1955. 56 p.

Contém: As origens líricas. A influência de Garret. Viagens na minha terra. Regresso ao romanceiro. Sebastianismo de Nobre. Antônio Nobre. Antônio Nobre e D. Sebastião. A herança do romanceiro. Nobre e Virgílio.

44. LINS, Álvaro. *No mundo do romance policial*. 1953. 26 p.

Contém: um problema do romance. O romance policial I, II.

45. BACIU, Stefan. *Servindo à poesia*. [Ensaio]. 1953. 77 p.

Contém: Manuel Bandeira e Georges Sion. Poeta atômico. Um grande poeta alemão: Georg Trakl. João sem terra. O túmulo de Rainer Maria Rilke. Tudor Arghezi. O poeta desconhecido. Servindo à poesia. Tuercele el cuello al cisne. Um dos mais originais poetas da América. Jorge Carrera Andrade, uma grande figura da poesia no Panamá. Alguns poetas de Nicarágua.

46. SANTA CRUZ, Luiz. *Poética menor*. [Ensaio]. 1953. 82 p.

47. RIO-BRANCO, Miguel Paranhos de. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750*. 1953. 60 p.

Contém: Antecedentes. Alexandre de Gusmão. O Tratado de Madrid. Alexandre de Gusmão e o Tratado de 1750. Fronteiras do sul até a solução final. Notas. Bibliografia.

48. PORTO, Sérgio. *Pequena história do jazz*. 1953. 177 p. est.

Contém: Introdução. Origens do jazz. Do spiritual ao blue. Boogie-woogie. Ragtime. New Orleans. As primeiras orquestras. Chicago. Influência da música européia. O estilo swing. O verdadeiro significado do swing. Be Bop. A renascença. Os grandes nomes do jazz. Discografia.

49. LOUZADA, Wilson. *O caçador e as raposas*. [Ensaio]. 1953. 90 p. 1fl.

Contém: Prosper Merimé. Um inimigo de Brillat-Savarin. Dreyser e o naturalismo. O estrategista de Bros. Visão parcial de Joyce. Alencar e o romance de aventuras.

50. MARGARIDO, Alfredo; COSTA, Eurico da (comp.). *Doze jovens poetas portugueses*. [Ensaio e antologia com notas biográficas]. 1953. 55 p.

Contém: Doze jovens poetas portugueses: introdução. Alberto de Lacerda. Alexandre Pinheiro Torres. Alfredo Margarido. Antônio Maria Lisboa. Carlos Eurico da Costa. Carlos Wallenstein. Egito Gonçalves. Eugênio de Andrade. Fernando Guedes. Henrique Riske Pereira. Mário Cesiriny de Vasconcelos. Mário Henrique Leiria, com respectivos poemas.

51. CARPEAUX, Otto Maria. *Respostas e perguntas*. [Ensaio]. 1953. 112 p.

Contém: Uma fonte da filosofia de Machado de Assis. Resposta à pergunta. História de espantar. Contos de Tchekov. Destino do romance policial. O processo de Sócrates. Problemas dramáticos. Os médicos de Molière. Trovador americano. O utopista Anatole. No enterro de Maeterlinck. Maugham versus Maquiavel. Falsificações. Experiências e valores. A torre. Índice.

Os Cadernos de Cultura passaram a ser numerados depois deste volume.

52. REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Portugueses e brasileiros na Guiana Francesa*. 1953. 31 p.

53. HARNBERGER, Théodore. *Os Estados Unidos através de sua literatura*. Tradução Berenice Xavier. 1953. 87 p. fot.

Do original inglês: Understanding the United States through fiction.

Contém: As grandes cidades. As pequenas cidades. As fazendas. A Nova Inglaterra. O sul. O meio-oeste. O far-west. O negro. A guerra. Deus e o indivíduo.

54. FRANÇA, Eurico Nogueira. *A música no Brasil*. 1953. 69 p.

Contém: Aspectos sociais da formação musical. Traços gerais da evolução do ensino. Traços gerais da história da composição musical. Tendência nativista. Compositores populares. Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth. O folclore. Os compositores atuais. Villa-Lobos. Camargo Guarnieri. Francisco Mignone. Lorenzo Fernandez. Radamés Gnattali. Frutuoso Viana. Brasília Itiberê. Luís Cosme. Cláudio Santoro e Guerra Peixe. Bibliografia.

55. DANTE ALIGHIERI. *Três cantos do inferno*. [Tradução, introdução e notas de Dante Milano]. 1953. 36 p. Do original italiano: La Divina Commèdia. Texto Bilíngue.

Contém: Introdução. Canto V, Canto XXV e XXXIII do Inferno. A partir desse volume, ao invés de Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação, lê-se no rodapé da página de rosto: Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação.

56. MORAES FILHO, Evaristo de. *Francisco Sanches na Renascença portuguesa*. 1953. 121 p.

Contém: A vocação dos estudos filosóficos em Portugal. Humanismo e Renascimento. O século XVI. Francisco Sanches. Vida e Obras. Sua nacionalidade. Exposição de sua doutrina

principal. *Quod nihil scitur*. Suas relações com Bacon, Descartes, Hume, Kant e Bergson. Conclusão. Significação da obra de Sanches. Bibliografia.

57. MACHADO, Lourival Gomes. *Teorias do barroco*. 1953. 65 p. est.

58. ALMEIDA FISCHER. *A ilha e outros contos*. 1953. 45 p.

59. RICARDO, Cassiano. A poesia na técnica do romance. 1953. 52 p. [Trabalho lido no “Curso de Romance”, da Academia Brasileira de Letras].

60. CORRÊA, Roberto Alvim. *Hebe ou Da educação*. [Fragmentos de diário]. 1953. 40 p. Contém: Nota. Textos traduzidos.

61. COSME, Luís. *Horizontes da música*. 1953. 43 p.

Contém: Allegro com brio. Tempo moderato, quase adágio. Poco vivace (scherzo). Allegro enérgico e passionato (finale). Bibliografia.

62. KELLY, Celso. *Três gênios rebeldes*. 1953. 49 p.

Bibliografia e notas no fim das páginas.

Contém: Goya. O Aleijadinho. Van Gogh.

63. BRAGA, Rubem. *Três “primitivos”*. 1953. 19 p. 9 est. 1 color .

Contém: Nota. O velho Cardoso. Heitor dos Prazeres. O pintor Silva. Reproduções.

64. BANDEIRA, Manuel. *De poetas e de poesia*. 1954. 124 p.

Contém: Mário de Andrade e a questão da língua. O centenário de Stéphane Mallarmé. O centenário de Antero de Quental. Antero de Quental. Um poema de Castro Alves. Saudação a Nicolás Guillén. Raul de Leoni. Prefácio às Poesias Completas de Ascenso Ferreira. Poesia e verso.

65. ADONIAS FILHO. *Jornal de um escritor*. 1954. 48 p.

Contém: Apontamentos críticos, relacionados com livros e escritores estrangeiros.

66. CARNEIRO, José Fernando. *Apresentação de Jorge de Lima*. [Seleção antológica, precedida de uma análise crítica de J. F]. 1954. 94 p.

Contém: Boneca de pano. Pai João. Essa Negra Fulô. Inverno. Madorna de Iaiá. Joaquina Maluca. Poema de duas mãozinhas. Meus olhos. Cantigas. Poemas de Natal. Poema do cristão. A ave. O nome da musa. A morte da louca. Duas meninas de tranças pretas. Excertos do *Livro dos Sonetos e de Invenção de Orfeu*.

67. BARBOSA, Francisco de Assis. *Testamento de Mário de Andrade e outras reportagens*. 1954. 92 p.

Contém: Nota. Mário de Andrade. Otávio Tarquínio de Sousa. Nair de Tefé. Paulo Hasslocher. Magdalena Tagliaferro. São João Marcos antes do dilúvio. Sumário.

68. TEIXEIRA, Anísio. *A universidade e a liberdade humana*. 1954. 76 p.

69. PEREGRINO JÚNIOR. *O movimento modernista*. 1954. 44 p.

Contém: Itinerário. Intenções e consequências do movimento modernista.

70. COUTINHO, Afrânio. *Por uma crítica estética*. 1954. 48 p.

Contém: Prefácio. O conceito aristotélico da literatura e da crítica. A poética: conceito e evolução. Bibliografia.

71. BOTELHO, Pero de. *Três fragmentos: estética, ética, política*. 1954. 39 p.

Contém: O cinema como obra de arte. Aristóteles e a ontologia da realidade humana. *Individuum est ineffabile* ou apologia do mundo europeu.

72. MONTENEGRO, Olívio. *Ensaio*. 1954. 109 p.

Contém: Função social da arte. Eça de Queiroz novelista. A vocação de Joyce. Problemas do romance em Dostoiévski. O homem e o artista em Dostoiévski. A humanidade de Dostoiévski. Os romances de Dostoiévski. Ainda os romances de Dostoiévski.

73. RÓNAI, Paulo (comp.). *Roteiro do conto húngaro*. [Seleção, tradução e notas do autor. Revisão Aurélio Buarque de Holanda Ferreira]. 1954. 131 p.

74. CAVALHEIRO, Edgard. *Evolução do conto brasileiro*. 1954. 47 p.

75. GONÇALVES, Roberto Mendes. *O barão Hubner na côrte de São Cristovão*. [Ensaio e tradução de trechos do “Diário de Hubner”. Prefácio Gilberto Freyre]. 1955. 34 p.

Contém: Sarau do Conde d’Eu no palácio Isabel. Partida para São Paulo em companhia de Gorceix. Festa do Outeiro da Glória. Nova entrevista com o imperador.

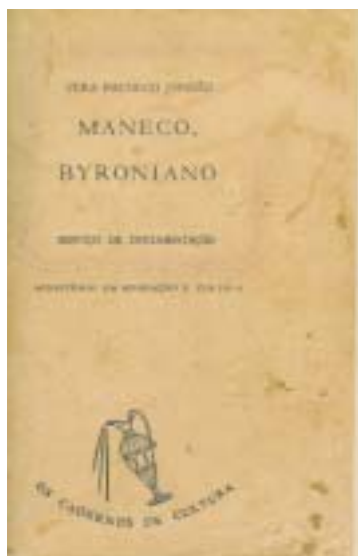
76. CAVALHEIRO, Edgard. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. 1955. 71 p.

77. BANDEIRA, Manuel. *50 poemas escolhidos pelo autor*. 1955. 86 p.

Contém: Os sapos. A sereia de Lenau. A dama branca. Balada de Santa Mara Egipcíaca. Os sinos. Noite morta. Berimbau. O cacto. Pneumotórax. Poética. Evocação do Recife. Lenda brasileira. Andorinha. Profundamente. Noturno da Parada Amorim. Noturno da Rua da Lapa. Irene no céu. Namorados. Vou-me embora p’ra Pasárgada. O último poema. Estrela da manhã. Marinheiro triste. Boca de forno. Momento num café. Rondó dos cavalinhos. A estrela e o anjo. O martelo. Maça. Água-forte. A morte absoluta. Canção da Parada de Lucas. Canção do vento e da minha vida. Última canção do beco. Belo belo. Piscina. Eu vi uma rosa. Excusa. No vosso e em meu coração. Tema e voltas. O lutador. Outro Belo belo. O rio. Unidade. Arte de amar. Boi morto. Satélite. Os nomes. Noturno do Morro do Encanto. Lua nova. Consoada. Manuel Bandeira.

78. MILLIET, Sérgio. *Três conferências*. 1955. 41 p.

Contém: Essências e objetivo da poesia. O poema em prosa. Da pintura moderna.



79. FREYRE, Gilberto. *Reinterpretando José de Alencar*. 1955. 39 p.

80. MANIFESTO regionalista de 1926. 1955. 54 p.

81. OLINTO, Antônio. *O “jornal” de André Gide*. [Ensaio]. 1955. 70 p. 1fl.

Contém: A solidão do diário. A disponibilidade. Pessoas e fatos. Leituras. *Et nunc Manet in Te*.

82. DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. *Estudos de relações de cultura no Brasil*. 1955. 67 p.

83. GERSON, Brasil. *Pequena história dos fanáticos do Contestado*. 1955. 59 p.

84. JORDÃO, Vera Pacheco. *Maneco, o byroniano*. 1955. 144 p.

Contém: Maneco, o byroniano. Whitehead e a gestal. Katherine Anne Porter. A propósito de Portinari. Dois heróis de Albert Camus: Sísifo e Diego. Franz Kafka, I e II. Raízes da literatura nos Estados Unidos e no Brasil. II. Fase de transição. III. O espírito romântico. IV. O transcendentalismo. V. O fim do século. A tragédia shakesperiana e a poética de Aristóteles. Bibliografia.

85. MENDES, Oscar. *Nabuco, Mauriac e Baudelaire*. 1955. 96 p.

Contém: Joaquim Nabuco. O assunto Nabuco. O homem. O político. O diplomata. O orador. O poeta e o prosador. A obra. O católico. O brasileiro. O pernambucano. A lição de Nabuco. Notas. Bibliografia. François Mauriac. Baudelaire.

86. JEAN, Yvonne. *Marionetes populares*. 1955. 110 p. est.

Contém: O porão dos bonecos. Verdadeiras marionetes populares. Idade das marionetes populares da Bélgica. Os personagens. Os andrajosos. Titeriteiros. O repertório. Cenários e figurinos. Humor e ternura das marionetes. O mistério da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

87. AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo no Brasil: um campo para pesquisa social*. 1955. 70 p.

Contém: Bibliografia e notas ao pé das páginas.

88. ATHAYDE, Tristão de (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima). *Pela América do Norte*. 1955. 115 p. v. 1.

Contém: Advertência. Véspera de viagem. Qualidades e defeitos. Igrejas cheias e vazias. Igrejas em New York. Igrejas vazias. Velocidade. Monismo ou pluralismo na Ação católica? Crianças e adultos. Entre Hamlet e São Francisco. Stevenson ou Eisenhower. Machado de Assis em inglês. Miranda, cidadão do mundo. 1952 ou 1956? O herói e o burguês. Caminhos da terra e do céu. Perspectivas de retrocesso. Eclipse de Roosevelt. *That's it*.

89. _____. 1955. 109 p. v. 2.

Contém: Quem será o imbecil? Era nova. A volta de Stevenson. Witch hunting. México à vista. No México. Tenochtitlan. Patzquaro. A arte mexicana. A religião mexicana. Montreal. Ottawa. Santa Maria das Duas Montanhas. Pax Romana. Congresso da Pax Romana. Olhemos para o Canadá. No terraço de Quebec, balcão da América. Trinidad. Dois mundos. Revendo a Bahia.

90. RIBEIRO, Joaquim. *Folclore baiano*. 1956. 59 p. Il. des.

Contém: Epígrafe. Presença da Bahia no cancioneiro popular. A baiana. Os balangandãs. O baiano. A cozinha baiana. A Bahia e a linguagem popular. Mobilidade social centrífuga. Nota final. Índice.

91. MARTINS, Hécio. *Pedro Salinas* (ensaio sobre sua poesia amorosa). 1956. 111 p.

Contém: Introdução. Abreviaturas usadas. Introdução. Amor e poesia. Poesia e estilo. Conclusão. P. S.

92. CAMPOS, Paulo Mendes (comp.). *Páginas de humor e humorismo*. Ilustração Carlos Thiré. 1956. 83 p. v. 1.

Contém: Reis vagabundos (Manuel Bandeira). Aula de Inglês (Rubem Braga). O capitão Vitorino (José Lins do Rêgo). A Invenção da laranja (Fernando Sabino). Bárbara (Murilo Rubião). Hora quieta (Valdomiro Silveira). O colibri (Leo Vaz). Parabosco & Ferrabosco Ltda. (Cyro dos Anjos). Afonso tinha razão (Gustavo Corção). Apólogo brasileiro, sem véu de alegoria (Antônio de Alcântara Machado). Primeiros infortúnios (Manuel Antônio de Almeida).

93. _____. 1956. 92 p. Il. des.

Contém: Conversa de velho com criança (Carlos Drummond de Andrade). Didática da beleza (Vão Gôgo). Seleção do Sapato florido (Mário Quintana). Um baile na S. D. F. Caprichos da estopa (Orestes Barbosa). Cenas da vida brasileira (Marques Rebelo). As noites na cabana (Osório Borba). Os grudes (Martim Francisco). A barretina (Machado de Assis). O peru de Natal (Mário de Andrade).

94. FURTADO, Celso. *Uma economia dependente*. 1956. 72 p.

Contém: A unidade exportadora escravocrata. A instabilidade do novo sistema econômico. Ruptura do sistema e transferência estrutural.

95. MONTEIRO, Adolfo Casais. *Uma tese e algumas notas sobre a arte moderna*. 1956. 66 p.
Contém: Problemas da crítica. Arte ou natureza. Aprender a ver. O poder de choque da arte moderna. A lição de Atibaia. De como a arte moderna não se explica. Um explicador da arte moderna. A pintura e o seu lugar. Fernando Lemos.
96. ANJOS, Cyro dos. *A criação literária*. [Ensaio]. 1956. 109 p.
97. RICARDO, Cassiano. *Pequeno ensaio de bandeirologia*. 1956. 78 p.
Notas e citações: p. 71 – 78.
98. SCHMIDT, Augusto Frederico. *50 poemas escolhidos pelo autor*. 1956. 90 p.
Contém: *Ars poética*. Lembrou-se de outras noites de repente. A poesia. Poeta fui. Chegaram as estrelas. Princesa amarela. Diante do mar. Gênesis. Amor. As desaparecidas. Por que chorar. Destino da beleza. Silêncio depressa. Apocalipse. Luciana. A dançarina. Escravo em Babilônia espero a morte. A chuva nos cabelos. O' tendas de Israel mergulhadas na noite. São os assassinos delicados. O bêbado na estrada. A árvore. Poema. Lamentação sobre Josefina. A tristeza da tarde. Encontro de Josefina. Lembrança da esquecida. Cantar. Marinha. Grande, fria, feliz. A lua do lima. A volta do filho pródigo. Exercício nº 2. A um poeta jovem. Não deixes. Retrato. Poema do pescador. Os príncipes. Soneto. Poema. Momento. Morte da índia. Tristeza desconhecida. Descanso. O grande momento. Aparição da amada. História da borboleta branca. Grande azul, claros céus. Canto da louca.
99. CARVALHO, Daniel de. *A formação histórica das Minas Gerais*. 1956. 60 p.
100. ANDRADE, Carlos Drummond de. *50 poemas escolhidos pelo autor*. 1956. 98 p.
Obra poética: p. 95.
Contém: Poema de sete faces. Quadrilha. Quero me casar. Romaria. Soneto da perda esperança. Poema patético. Segredo. Castidade. Confidência do itabirano. Os mortos de sobrecaçaca. Bolero de Ravel. Os ombros suportam o mundo. Mãos dadas. Lembrança do mundo antigo. Noturno oprimido. Procura da poesia. Áporo. O poeta escolhe seu túmulo. Vida menor. Episódio. O elefante. Consolo na praia. Canto do homem do povo. Charlie Chaplin. Canção amiga. Canto esponjoso. Estâncias. Dissolução. A ingaia ciência. Legado.

Memória. Ser. Oficina irritada. Entre o ser e as coisas. Fraga e sombra. Campo de flores. Estampas de Vila Rica. Perguntas. Encontro. A máquina do mundo. Domicílio. Viagem de Américo Facó. Cemitério errante. Elegia.

101. GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. *Sonetos com dedicatória*. 1956. 54 p.

102. ORNELLAS, Manoelito de. *A gênese do gaúcho brasileiro*. 1956. [54 p.].

103. SILVA, Agostinho da. *Reflexão à margem da literatura portuguesa*. 1957. [102 p.].

104. RÊGO, José Lins do. *Presença do Nordeste na literatura*. [Ensaio]. 1957. [46 p.].

105. LACERDA, Maurício Caminha de. *Homens na paisagem*. 1957. 74 p.

Contém: Um título e uma explicação. Um inglês sem bigodes e sem cachimbo. O espírito de Anchieta está de volta. Esse diabo, o Ernesto. Artes de Gilberto Amado. Italianos sem Itália. Em lugar da paleta. A pauta de música. Um cinquentão tipicamente britânico. O átomo e um homem truncado. Um homem dentro da paisagem.

106. RIBEIRO FILHO, J. S. *Ensaaios diversos*. 1957. 137 p.

Contém: Biografia do tabaco. Batuta incaica. Origens do pan-americanismo. A rebelião praieira. O vale do Rio São Francisco. Onde a terra acaba. A arte de falar pelos dedos. Arte marajoara. Sambaquis. Pseudônimos. Calógeras.

107. MILLIET, Sérgio. *Considerações inatuais*. 1957. 30 p.

108. FRANÇA, Eurico Nogueira. *Do lado da música*. 1957. 121 p.

Contém: Pasárgada. Projeto de um capítulo de memórias. Recordações musicais de João Alberto. Definição estética. Espírito e matéria. Sergei Prokofieff. A formação do gosto musical. O Cristovão Colombo de Claudel. Convencionalismo e liberdade de julgamento. O ballet brasileiro. A renovação do repertório lírico brasileiro. Samuel Barber no Brasil. Dois pólos da criação musical. Rítmica e poesia. Harmonia das esferas. O bicentenário de Mozart. Liszt e Beethoven. Alimentação e gênio musical. As influências de Liszt sobre Wagner.

Memórias do Dr. Richard. Fronteiras. Moderado elogio dos discos. Técnica e espírito. A expressão musical. Somos um povo musical? Berlioz. A vocação artística.

109. SOUSA, Octavio Tarquínio de. *Introdução à história dos fundadores do Império do Brasil*. 1957. [44 p.].

110. CLARK, Graves Glenwood. *Os Estados Unidos através do conto*. Tradução Thomás Ribeiro Colaço. 1957. 159 p. mapa.

Contém: Geografia mitológica. Nathaniel Hawthorne, historiador da consciência puritana. Em Nova Amsterdam com Washington Irving. Bagdad – sobre o metropolitano, a Nova York de O. Henry. O holandês de Pensilvânia e a Pequena Alemanha. Ohio. Casa Grande Senzala. Terra crioula ao longo do Golfo. A Califórnia e os de 49.

111. MONTEIRO, Adolfo Casais. *Manuel Bandeira*. [Ensaio]. 1958. [78 p.].

Contém: Manuel Bandeira. Algumas considerações talvez desataviadas em torno de Manuel Bandeira. Cinquenta poemas de Manuel Bandeira. Meandros duma poesia. Bandeira e Drummond.

112. LOPES, J. Leite. *Einstein e outros ensaios*. 1958. [100 p.].

Contém: Aspectos da obra de Einstein. As partículas elementares e a estrutura da matéria. Universidade e pesquisa. Os nossos problemas. A Física Nuclear no Brasil. Necessidade da energia atômica para o Brasil.

113. ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. *Artistas coloniais*. 1958. 89 p.

Contém: Introdução. O decano de nossos arquitetos. Frei Francisco dos Santos. Gabriel Ribeiro. Manuel Francisco de Araújo. Luís da Fonseca Rosa. Os entalhadores da Igreja da Penitência do Rio de Janeiro. Francisco Xavier de Brito. Domingos da Costa Filgueiras. José de Oliveira Rosa.

114. CAVALCANTI PROENÇA, M. *Trilhas no grande sertão*. 1958. 101 p.

Contém: Introdução. O plano subjetivo. Dom Riobaldo do Urucuia, Cavaleiro dos Campos Gerais. O plano místico. Aspectos formais.

115. LISBOA, Henriqueta. *Madrinha lua*. [Poesia]. 1958. 57 p. Il.

Contém: Romance do Aleijadinho. História de Chico Rei. Drama de Bárbara Heliodora. Lenda das Pedras Verdes. Viagem de Dom Silvério. Os profetas. Louvação de Daniel. Vida, paixão e morte de Tiradentes. Poesia de Ouro Preto.

116. LIMA, Herman. *Imagens do Ceará*. 1958. [162 p.].

Contém: Ceará. Voar. Visita à casa paterna. Os cajueiros do Meireles. Caminhos da infância. Fortaleza. Jangadeiros. Vaqueiros. Rendeiras. Feiras do Norte. R. Cela. A longa viagem de volta. O que é que o Ceará tem. Papai.

117. SOUZA BARROS. *Cêrcas sertanejas* (Traços ecológicos do sertão pernambucano). 1959. 93 p. Il.

Contém: Prefácio de Joaquim Cardozo. Introdução. Tipos e denominações de cercas. Construção e elementos componentes das cercas. Madeiras e plantas usadas na construção das cercas. Nomes e utilização dos terrenos cercados. Custo e duração das cercas. Passadores, porteiras e cancelas. Anedotário sobre cercas. Fotografias. Índice com explicação de termos locais.

118. BANDEIRA, Antônio Rangel. *Caixa de música*. 1959. 91 p.

Contém: Introdução. Caixa de música. O nascimento da música. Justificação da ópera. Tchaicowsky, um tema doloroso. Música, disco e alta fidelidade. Wagner, regente ortodoxo. Cláudio Santoro, compositor racionalista. A letra do hino nacional. Regresso em música. O estranho caso de Rouget de Lisle. O dilema estético de Brailowsky. Pedro Malazarte, uma obra frustrada. As loucuras de Richard Strauss. Debussy antidebussiano. A benção, Padre Vivaldi. A composição pianística no Brasil.

119. MARTINS, Luís. *Uma coisa e outra*. 1959. 55 p.

Contém: Críticos ou decifradores de charadas. O processo Coelho Neto. Medeiros de Albuquerque, homem de muitas faces. Evocação de Jorge de Lima. O mundo tenebroso de Balzac.

120. BANDEIRA, Manuel et al. *3 conferências sobre cultura hispano-americana*. 1959. [106 p.].

Contém: Nota explicativa. Em louvor das letras hispano-americanas (Manuel Bandeira). Três poetas de América (Augusto Tamoyo Vargas). Expressão feminina da poesia na América (Cecília Meirelles).

121. COSTA RÊGO, José da. *O pastoreiro na formação do Nordeste*. 1959. 66 p.

122. MORAIS, Carlos Dante de. *Três fases da poesia*. 1960. [156 p.].

Contém: Romancismo: Álvares de Azevedo e o romancismo. O adolescente e o romantismo. As cartas do estudante. Os sonhos de amor. A dúvida e a descrença. A morte. Simbolismo: Variações sobre um poeta negro. Cruz e Souza e a raça negra. Cruz e Souza e a mulher. Cruz e Souza e o simbolismo. Cruz e Souza, poeta místico. Modernismo: Itinerário de Jorge de Lima. Tempo e eternidades. A túnica inconsútil. Anunciação e encontro de Mira-Celi. Livro de sonetos. Invenção de Orfeu.

123. CALMON, Pedro. *Introdução à história do Brasil*. 1960. 66 p. il.

Contém: História e verdade. O nosso mundo. Retrato de terra e povo. Síntese. Este livro. Índice.

124. ELLIS, Myriam. *Contribuição ao estudo do abastecimento das áreas mineradoras do Brasil no século XVIII*. 1961. 68 p.

Contém: Notas. Fontes documentais. Bibliografia.

125. HOUAISS, Antônio. *Seis poetas e um problema*. 1960. [176 p.].

Contém: Nota prévia. Sobre Silva Alvarenga. Sobre Gonçalves Dias e o texto dos seus poemas. Sobre Augusto dos Anjos. Sobre uma fase de Carlos Drummond de Andrade. Sobre Joaquim Cardoso. Sobre João Cabral de Melo Neto. Sobre poesia concreta. Notas.

126. MOURA, Emílio. *50 poemas escolhidos pelo autor*. 1961. [98 p.].

Contém: Ode ao primeiro poeta. Por que? Cântico dos cânticos. Toada dos que não podem amar. Aqui termina o caminho. Meu coração. Despedida. Súplica. A nau. Cantar do libertino. Três caminhos. Cantiga do solitário. Como a noite descasse. Toada. Elegia. É preciso. Calmaria. Presença. Poema I. Poema II. Noiva. Aspiração. Fuga dos mitos. Marinha. Momento I. Permanência da poesia. O reino impossível. Desaparição do mito. Canção I. Lamento em voz baixa. Poemeto de Natal. Canção II. Naufrágio. Soneto a Carlos Drummond de Andrade. Soneto. *To be or not to be*. Soneto. Poema III. Talvez. Parábola. Noturno. O morto vivo. Poema IV. Presença. Palavras a Isaías. Viagem. Os mortos do sobrado. Solilóquio de avô. Momento II. Vôo cego.

127. COSTA PÔRTO, José da. *Duarte Coelho*. 1961. [106 p.].

Contém: Editais. Bibliografia. Notas.

128. MEDEIROS LIMA, J. *Pancetti*. [Ensaio]. 1960. [100 p.].

129. COSME, Luís. *Música de câmara*. 1961. [146 p.].

Contém: Nota inicial. Bach. Bartók. Beethoven. Berg. Bliss. Bloch. Borodin. Brahms. Britten. Clausson. Shostakovitch. Cosme. Dellapiccola. Debussy. Dvórák. Fernandez. Fine. Françaix. Gnatalli. Harris. Haydn. Hill. Hindemith. Martinu. Mozart. Nepomuceno. Piston. Prokofiev. Purcell. Rameau. Ravel. Schubert. Schumann. Sibelius. Stravinsky. Tchaikowsky. Tippett. Villa-Lobos. Vivaldi. Walton. (Apêndice).

130. SIMÕES, João Gaspar. *Quatro estudos*. [Ensaio]. 1961. [152 p.].

Contém: Júlio Diniz. Balzac e a arte do romance. Somerset Maugham, dramaturgo. Jorge de Lima e a sua “*Cosmogonia*” ou “*Invenção de Orfeu*”.

131. MOTA, Mauro. *Imagens do Nordeste, São João no roteiro do Cariri*. [Crônicas]. 1961. [66 p.].

Contém: São João do Nordeste. No roteiro do Cariri. Cidades de gasolina. Flora artificial de Folha Seca. O outro lado da paisagem. O mundo de Epifânio. No reino do patriarca. O mundo fanático. O jumento. A cruz da estrada. A água. O lago azul. O ouro em pluma. Professor de cavalos. Domingo na camioneta. Madrugada em Itabaiana.

132. LACERDA, Maurício Caminha de. *Homens na paisagem*. II [Ensaio]. 1962. [116 p.].

Contém: A hard question. Para Aldous Huxley. Homens precisam uma lição de paz. O homem da boina preta. Lição aos moços. Memórias dentro de um pijama. Como vai a família? – Vai indo muito mal. Um neto e duas ambições. Embaixatriz faz poesia. Liália volta para URSS sem papagaio na gaiola. Dona Flávia dá receita para fazer enciclopédia. Esperança vai morar numa piscina. Cadeira 41. Bonecas nascem de lágrimas.

133. PLACER, Xavier. *O poema em prosa*. Prefácio Afrânio Coutinho. 1962. [90 p.].

Contém: A lágrima (Vitoriano Palhares). Vitalização (Cruz e Souza). A noute. Esperança

(Raul Pompéia). Manhã (Adelino Magalhães). Noturno da rua da Lapa (Manuel Bandeira). Botequim (Teodomiro Tostes). Quintana's bar (Carlos Drummond de Andrade). O grande desastre aéreo de ontem (Jorge de Lima). A graça. Natal (Murilo Mendes). Estampa (Augusto Meyer). A ponte de ferro. Caminho da escola (Andrade Muricy. Eu também criei um mundo (Álvaro Moreyra). Viagem à sombra (Vinícius de Moraes). Iniciativas (Anibal M. Machado). O ovo (Mário Quintana). Cavalo-Morto (Lêdo Ivo). Mar. Palavras. Adolescente (Xavier Placer). Willy espia o banho de Judith (Deolindo Tavares) Porém as viagens, as viagens (Paulo Hecker Filho). Na imensa caverna (Reynaldo Bairão). Poema das aproximações (Paulo Mendes Campos). Canto I (José Francisco Coelho). Insônia. Terra das coisas caídas (Maria Isabel). O pêndulo (José Paulo Moreira da Fonseca). Borda irrespirável (Oswaldino Marques) Encontro (E. Carrera Guerra). A cidade (Homero Homem. Meu pai (Jorge Cooper). Botas-de-sete-léguas. No jardim da loucura (Paulo Corrêa Lopes). Um homem em Santa Teresa (Paulo Armando). O quartel (Ferreira Gullar. Biobibliografia.

134. LINHARES, Temístocles. *Jornal da Europa*. 1964. [115 p.].

Contém: Las palmas e o mito do homem natural. Hora mística da viagem. Culturas que morrem? Milão de ontem e de hoje. Os mitos das palavras. Acusações contra o italiano. O sonho aquático de Veneza. Entre as colinas de Florença. Conversa com Ungaretti. Ver Nápoles... e ver o seu filósofo. Como se dorme bem na Suíça. O ar puro da Suíça. O americanismo e o poliglôtismo. O futuro da cultura. Vitória contra o comunismo? Invocação panteística. Picasso e os reacionários da arte. Momentos de inveja na Bélgica. Vacas, moinhos, bicicletas, Rui Barbosa e Padre Vieira. Uma Holanda esquecida. O perigo alemão. Medo da guerra. Velhos e crianças de S. Sebastian. Um congresso que, sem dizer nada, quis dizer alguma coisa. Visão de Toledo. O calor e a beleza.

135. MARIZ, Vasco. *Vida musical*. 1965. 106 p. 2 série.

Contém: Problemas da música brasileira. César Guerra Peixe. Der Fall Santoro. Edino Krieger. A criação de um instituto de musicologia no Brasil. Música de Natal na terra do ouro. Dicionário de insultos. A promissora lição do festival de Ouro Preto. Recordações musicais do Chile. Presença de Virgil Thomson.

136. MAIA, Jorge. *Confúcio e matéria plástica*. 1964. 231 p.

Contém: Confúcio e matéria plástica. A maravilhosa aventura da pimenta do reino. Entre a Ásia e a América. O mercado e o bazar. Política e metempsicose (I). O começo do fim. A idade média no século XX. Da obrigação de escolher. O novo império do dragão. A estrada de Benares não passa por Pequim. Política e metempsicose (II). O espírito de Bandung. A paisagem que ficou no tempo. O caminho do paraíso.

137. RICARDO, Cassiano. *22 e a poesia de hoje*. [Ensaio]. 1964. [104 p.].

Contém: Pequena antologia, para melhor compreensão do texto.

138. TAVARES, Luis Henrique Dias. *As ideias dos revolucionários de 1798*. 1964. 68 p.

Contém: As ideias políticas, sociais e econômicas. Algumas fontes teóricas. A divulgação das ideias. Quais os revolucionários de 1798? Bibliografia. Notas ao fim das páginas.

139. ANDRADE, Oswald de. *A marcha das utopias*. 1965. 112 p.

Contém: Variações sobre o matriarcado. Ainda o matriarcado. O achado de Vespúcio. Posição de Sartre. Descoberta da África.

140. IVO, Ledo. 50 poemas escolhidos pelo autor.

4.2 Os Cadernos de Cultura: o olhar da crítica jornalística

A crítica jornalística expressa elogios aos Cadernos de Cultura, apesar de o *Jornal A TRIBUNA* (1953) anunciar que ele e seus confrades são “pródigos em críticas e censuras e avaros nos elogios e aplausos. [...] sempre de olhos abertos para os defeitos e deficiências dos nossos serviços públicos e desatentos àquelas que funcionam a pleno rendimento e, talvez por isso mesmo, não as preocupam com a publicidade”. Porém, o mesmo jornalista que acima se expressa negativamente ressalta que José Simeão Leal e os seus Cadernos de Cultura fazem “um notável serviço cultural”. Numa época em que se falava na necessidade de propagar o “hábito da leitura” entre a população brasileira, não se poderia deixar de por em destaque a contribuição que, nesse sentido, realizou Simeão Leal, como diretor do Serviço de Documentação. E Os Cadernos que, num primeiro olhar,

dariam a impressão de publicação pouco sólida, feita para divulgação primária. Porém não foi isso que ocorreu sob a responsabilidade desse paraibano.

A crítica imposta a *Os Cadernos de Cultura* origina-se nos mais expressivos periódicos de época. Na Paraíba, com o jornal *A União*; em Pernambuco, com o *Diário de Pernambuco*, e boa parte da região Sudeste, a exemplo dos Estados de Minas Gerais, com o *Jornal o Diário*, do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, tendo como destaque os seguintes periódicos: *A Gazeta de São Paulo*, *Correio Paulistano*, *Revista Branca*, *Gazeta de Notícias*, *O Cruzeiro*, *Rio Magazine*, *FLAM*, *Cigarra*, *A Noite*, *A Tribuna*, *Correio da Manhã*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal Letras Fluminenses*, *Presença* e o *Boletim da Biblioteca do Exército*.

A importância de *Os Cadernos de Cultura*, sob a ótica do fazer jornalístico, é vista por uma dimensão abrangente, no que diz respeito à qualidade do produto editorial, principalmente por apresentar uma linha editorial fluida. Já no início de *Os Cadernos*, os periódicos lhes deram ampla cobertura jornalística. Assim, tem-se, em setembro de 1952, pela *Gazeta de Notícias*, a divulgação de *Os Cadernos de Cultura* como “simplesmente uma das melhores e mais expressivas realizações culturais jamais lançadas a efeito no Brasil”. No mesmo ano, a revista *O Cruzeiro* afirma ser uma das mais disputadas publicações e uma das mais sérias no sentido cultural que se faz atualmente no Brasil, “um trabalho árduo, de execução demorada, que exige um alto senso artístico e, mais que tudo, um amor desusado às causas do espírito, amor e dedicação que acabam felizmente em frutos do mais fino sabor”.

A expressiva aceitação dos *Cadernos* se deve à direção de Simeão Leal, que transformou um serviço burocrático em um verdadeiro centro irradiador e também aglutinador de cultura. À mercê de sua inteligência e abnegação, foi possível editar uma obra oficial de divulgação da Cultura, com êxito absoluto e, sobretudo, com o incondicional apoio da maioria dos homens da cultura, tais como: escritores, artistas em geral, e de poder do país, do presidente ao ministro, de deputados a senadores, entre outros. Esse paraibano intensificou no país a mentalidade do ensaio expositivo e crítico e, ao mesmo tempo, popularizou a divulgação do que estaria condenado a desaparecer, por falta de editores, como nos esclarece o jornal *Gazeta de Notícias*, tendo como fonte o próprio Simeão, em 1952.

Além de criar uma “mentalidade ensaística”, Simeão tinha também outro objetivo: “possibilitar a publicação de estudos que, por natureza mesma, não teriam guarida em nossas revistas”. Em entrevista, Simeão ressalta: a “penetração da Cultura nos meios especializados era mínima: necessitávamos, por isto, de uma publicação que, mantendo a índole da Revista, se apresentasse com características de mais fácil aceitação: daí ter sido pensada, nos lançamentos de *Os Cadernos*, modo especial, sua apresentação gráfica, mais movimentada, e o aspecto não essencialmente técnico dos ensaios publicados” (REVISTA BRANCA, 1952)

Para a *Gazeta de São Paulo*, em 1952, Os Cadernos tratavam de uma campanha pela difusão da leitura no Brasil, publicando trabalhos de pequenas dimensões, a maioria dos quais não chegaria a dar matéria suficiente para um livro. Quer dizer, obras que não encontrariam editores, por serem de baixo valor comercial, embora encerrando indiscutível valor cultural.

Para o jornal *A Presença*, em 1952, “constituem *Os Cadernos de Cultura* uma das mais oportunas e felizes contribuições para a divulgação cultural, em base não só de bom gosto. Como ainda – e principalmente - de aceitação para o público de todas as preferências”. Salienta, ainda, o jornal que as páginas de Cultura têm recolhido material de importância indiscutível; elevaram o nível de nossas publicações oficiais, no campo cultural. O criador de Os Cadernos de Cultura conseguiu transformar a “pequena” produção em um veículo de aproximação entre os escritores e professores e o público mais amplo. Editou nomes de maior evidência nas artes, nas ciências, na ficção, na poesia, na filosofia, no teatro, entre eles: Gilberto Freyre, Djacir Menezes, Lúcio Costa, Rubem Braga, Eugênio Gomes, Jose Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade e muitos outros.

Em 1953, a imprensa paulista, através do *Correio Paulistano*, reconhece serem Os Cadernos de Cultura um dos “mais interessantes esforços editoriais dos últimos anos”.

Em 1954, *A União*, jornal paraibano, apresenta Os Cadernos, como “uma instituição”, pois, “como compreender, depois de mais de setenta números dos “Cadernos”, atividade intelectual que não conte com um veículo de divulgação – divulgação, honesta, digna, que não se pode tomar por simples vulgarização - que atinja a todas as inclinações artísticas?”

O jornal *A Noite*, em 1955, questiona por que a denominação dos Cadernos de Cultura: “de fato, “cadernos” quase livros “de cultura”, rigorosamente de cultura, pela seleção dos valores e pela seriedade dos textos. E, assim, da ficção à crítica, da filosofia às ciências, das artes às técnicas, variadíssimos assuntos ganham a possibilidade da divulgação ampla. Fragas à generosa compreensão do chefe do serviço de Documentação do Ministério. Dos mais novos aos mestres consagrados, dezenas de autores estão incluídos em Os “Cadernos”. Vendo-os em conjunto, apesar da ausência de unidade temática, a coleção poderia ser considerada o começo, ou a base, de uma enciclopédia, sem a monotonia dos tomos inacessíveis... Todavia, Os “Cadernos” nos levam, cada dia, a um assunto, contribuindo poderosamente para um contato geral com todos os quadrantes da cultura”.

Em 1956, os *Cadernos de Cultura* lançam seu centésimo número, e os jornais continuam a aplaudir a realização e a determinação de Simeão Leal. Os números dos cadernos, segundo o jornal *Tribuna da Imprensa* (1956), “são hoje raridades bibliográficas”, e foi o trabalho editorial de Simeão Leal que possibilitou a publicação de teor cultural, como “edições de prestígio”. Acusa, no mesmo ano, o *Rio Magazine* como um “empreendimento de alto sentido cultural”.

Vale ressaltar que, no Brasil, eram poucas as coleções que chegavam à edição número cem, mantendo a maior versatilidade possível sem que perdesse as características básicas que foram em princípio traçadas. Esse fato foi notícia e, assim, antecipava, em 1955, o jornal *A Noite*: “o P.E.N. Clube do Brasil, como instituição que congrega os escritores do País, realizará uma festa pública, para celebrar a primeira centena – fato auspicioso para a classe dos escritores e para a cultura nacional”.

4.3 Distribuição e circulação dos Cadernos de Cultura

Empreender esse caminho pressupõe tempo e espaço, se considerarmos que o saber está no território da cultura e, como tal, expressa o sentir, o fazer e o pensar das pessoas, materializados e lidos nos textos por elas elaborados. Esses textos são definidos em atendimento a uma linha editorial específica, que estabelece tanto a filosofia editorial quanto seus princípios físicos, de modo que cada publicação (edição, volume, separata) ganha vida própria, concede a cada obra publicada uma peculiaridade individual, embora enxertada em seu embrião a semente da genética editorial imposta, ora pelo mercado, ora pelo servir a quem.

A multiplicidade de fontes de saberes presentes no mercado editorial diverge nos diferentes espaços/tempos, revelando, de um lado, a singularidade de cada edição/texto e, de outro, a vinculação da história pessoal, da história profissional e dos contextos sociais e culturais, em que o significado será dado por cada um a partir de seus interesses, valores, crenças, saberes. Isso exige a incorporação dos diferentes fios que tecem a malha do processo editorial, envolvendo desde a escolha do texto até a sua distribuição, enquanto objeto palpável e a circulação desse mesmo objeto, recheado de saberes, com destinação dirigida.

Como tentativa de instrumentalizar o presente capítulo, entende-se o conceito de circulação distintamente do conceito de distribuição que, apesar de mencionado, não será discorrido no escopo deste trabalho, considerando a inacessibilidade, pelo menos neste momento, dos dados quantitativos de distribuição de *Os Cadernos de Cultura*, possibilitando abrir novos e variados caminhos metodológicos, já que se trata de evidências pouco usuais no universo dos estudos sobre circulação.

A ideia de circulação está impregnada do sentido de movimento, de dinamismo em direção ao que se pretende divulgar, empreender, compreender e atribuir sentido, considerando os saberes

diversificados, representados através da multiplicidade de seus agentes produtores, escritores e os leitores. Pressupõe, também, um relacionamento circular feito de influências recíprocas que estabelece uma inter-relação e uma intertextualidade entre autores, e como consequência, entre os diversos saberes produzidos e explicitados.

A esses agentes denominei de autores, sob a perspectiva de Foucault, que ao defende que o autor, enquanto sujeito nominável, serve para caracterizar um “certo modo de ser do discurso”, indica de outro modo que este não é um “discurso cotidiano, indiferente, um discurso flutuante, passageiro, consumível”, mas se trata de um “discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto” (FOUCAULT, 1992, p.45). A concepção do autor nos permite entender que os discursos são providos da função autor, característica que fundamenta o “modo de existência, de circulação e funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade”.

4.3.1 As formas de circulação de Os Cadernos de Cultura

A circulação, como elemento que respalda a qualidade de Os Cadernos de Cultura, descortina uma possibilidade de demarcação de leituras e leitores específicos, dentro de suas devidas qualificações, com base nas solicitações de remessas de seus leitores, materializadas nas correspondências de Simeão, recebidas entre 1952 e 1965, relativas à produção editorial da publicação em pauta.

Das cartas identificadas no Fundo Arquivístico, foram selecionadas apenas trinta, por representarem, significativamente, as nuances do processo de circulação. A relação do solicitante, local de origem, data de emissão e a essência (resumo) da solicitação nos permitem compreender o movimento e a dinâmica da circulação e identificar alguns traços dessa dinâmica, iniciando-se pela relação do Editor José Simeão Leal com personalidades do mundo literário e cultural e destas com outras. Forma-se, então, uma teia de ligações para os quais são solicitadas as publicações mesmo que as pessoas a quem se tem intenção de doar Os Cadernos nem sempre sejam nomeadas.

Ao identificar as solicitações realizadas por A. Carneiro, Mário Guimarães (Chefe da Divisão Cultural), Leão, Demócrito de Castro e Silva Lourival, Floriano Jayme, Carlos Dante de Moraes, Alceu Amoroso e Lima, entre outros, compreende-se a distribuição de Os Cadernos, entretanto, para os sujeitos e suas atividades profissionais, tais como: Carlos Dante de Moraes (crítico literário);

Edgar de Cerqueira Falcão (médico e historiador); Roger Bastide (sociólogo), pressupondo que o nível de intelectualidade, as práticas de leitura e a produção de textos que advirão não identificam onde o ciclo começa e onde termina, nem sequer sua extensão.

Por outro lado, há que considerar também algumas situações: mesmo que a solicitação tenha sido realizada em território nacional a atuação do solicitante vai além da fronteira, implicando a ampliação da circulação. A teia extrapola o território nacional. Arnaldo Rigueira, cônsul Geral em Kobe, no Japão, e Jaime Sloar Chermon, chefe da Divisão de Cultura em Roma, solicitam a remessa periódica de *Os Cadernos*, com vistas a difundir assuntos brasileiros no Japão e em Roma, denotando que a publicação inspira credibilidade e representa, sobretudo, a realidade cultural e literária brasileira. Esse entendimento é ratificado por Renato Almeida, ao sugerir que se presenteie com alguns exemplares de *Os Cadernos Cultura* o professor argentino Eduardo Roberto Arnosi quando em visita ao Brasil.

As considerações sobre a circulação de *Os Cadernos de Cultura* em território nacional são também indicativas de uma circulação internacional com acréscimo de que seu o raio de penetração transita do Uruguai aos Estados Unidos e de Santiago do Chile a Nova Delhi, revelando atuação e apropriação dessa publicação pelo sistema político vigente na época, para divulgar a cultura brasileira.

Apesar das grandes tiragens, total de 216.000 exemplares, e logo os primeiros títulos terem sido editados, o jornal *O Estado de São Paulo*, em 13 de maio de 1956, noticia que, “No ambiente de modorra” que dominava o setor da cultura dependente dos poderes federais, constituía-se animadora exceção a incansável atividade editorial de Jose Simeão Leal. Para se ter uma idéia, o entra e sai governo, o entra e sai ministro não alteram a vida profissional de Simeão, que se manteve no cargo, apesar de todas as mudanças, dificuldades e carência de verba. *Os Cadernos de Cultura*, “esses excelentes livrinhos, muito bem impressos, vendidos a poucos cruzeiros”, continuavam a aparecer com regularidade, afirma a nota do jornal. Por mais modestos e breves que fossem, constituem, em um conjunto, uma das mais representativas coleções de estudos, ensaios, monografias etc., publicadas no Brasil. Basta atentar para a lista dos autores que, sem distinção de escolas, cor, política ou tendências, foram reunidos por Simeão Leal nessa série, razão por que são ratificados por autores já conhecidos no mercado, como: Mário Pedrosa, João Cabral de Melo Neto, Lúcio Costa, Carlos Drummond de Andrade, Otávio Tarquínio de Souza, Antônio Cândido, Lourival Gomes Machado, Edgar Cavalheiro, Rubem Braga, Álvaro Lins e muitos outros.

Apesar dos elogios, o jornal lamenta que “tão valiosa iniciativa” seja prejudicada pelas dificuldades de distribuição, principalmente em São Paulo, considerando as raras livrarias daquela

Capital, de Campinas, Santos e Ribeirão Preto, em que tais obras poderiam e deveriam ser encontradas. Contudo o mais grave constitui o desconhecimento dos caixeiros de tais estabelecimentos, uma vez que parecem ignorar completamente a existência da coleção. Com indignação, a reportagem apela para que os “leitores façam a experiência, percorram as livrarias e peçam os mais recentes volumes da coletânea, principalmente os que encerram trabalhos de Vera Pacheco Jordão (“Maneco, o Byroniano”), Oscar Mendes (“Nabuco, Mauriac e Baudelaire”), Joaquim Ribeiro (“Folclore Baiano”) ou de Tristão de Ataíde (“Pela América do Norte”)”.

O que revela tal fato? Possivelmente, o desinteresse das livrarias em relação às obras que, pelo seu preço popular, não proporcionariam margem de lucro; entraves burocráticos; problemas de transporte, seja como for, não justificam a ausência de *Os Cadernos* em São Paulo, mesmo porque São Paulo sempre foi considerado um forte centro de leitura no país, principalmente no que diz respeito ao que Alberto Torres chamava de a realidade pungentemente quotidiana” da vida da Nação.

O certo é que as cartas vão revelar aspectos positivos desse processo de circulação quer seja em território nacional ou internacional, como afirma Carneiro Leão, em carta a Simeão Leal (sem data), reiterando o recebimento da Coleção de *Os Cadernos de Cultura*: “Prova provada não só de um bom gosto, mas seu interesse pela difusão das boas ideias e dos bons trabalhos. Na sessão da Academia [Brasileira de Letras] de anteontem, oferecendo à biblioteca da casa os trabalhos de José Carlos Lisboa, tive a oportunidade de referir-me à riqueza das edições sob a sua proficiente direção”.

A Carta de Castro Gomes e Silva, de caráter mais pessoal, mostra que *Os Cadernos* já haviam atingido intelectuais fora do eixo Rio/São Paulo, chegando até Recife, tanto que o missivista recorre a Simeão, quase que implorando o envio dos próximos números, sob alegação de que não pode privá-lo das boas leituras. Em relação a segunda carta, também datada de 1952, embora não tenha sido encontrada no Arquivo uma correspondência em resposta à solicitação do representante, há indícios de que tenha havido uma negociação entre ambos, por constar na carta de Floriano a expressão “enviado”. Isso significa que *Os Cadernos de Cultura* circularam no mercado paraense, pelo menos na capital, já no início de seu lançamento.

*Caro amigo Dr. Simeão Leal,
Cumprimentos.*

[...] Os cadernos de Cultura estão magníficos, pelo que o parabênizo. [...] já com o meu novo endereço não me prive da leitura dos próximos volumes publicados ou daqueles que saíram depois da remessa dos enviados.

*De Castro Gomes e Silva
Recife [1955?]*

Belém do Pará, 22 de março de 1952.

Meu estimado amigo Simeão Leal:

[...] Através do suplemento do Rio, sei que os seus Cadernos de Cultura já estão sendo lançados. Deste modo, desejo saber quais os que estão sendo distribuídos a venda a fim de providenciar pedido para Belém, e respectivos preços. [...] Ficando expostos nas livrarias [...] naturalmente que teremos maior público para comprá-lo.

Floriano Jayme, representações literárias e culturais.

Uma estratégia pensada por Simeão, em relação à circulação de *Os Cadernos*, foi enviá-los para todas as repartições públicas que, de alguma maneira, demonstraram interesse pelo conteúdo das publicações, como escreveu Mário Guimarães, Chefe da Divisão Cultural do próprio Ministério de Educação e Saúde. Da mesma forma, o Diretor Substituto do Departamento Nacional de Imigração, em carta datada de 26 de setembro de 1952: *solicito a V.S. ., a finesa de ordenar o fornecimento, ao portador, de uma coleção completa das publicações, editadas por êsse Serviço os Cadernos de Cultura [...].* Doravante o pedido se repete, agora diretamente do Gabinete do Ministro, em 17 de setembro de 1952, não apenas *Os Cadernos* já publicados como os que no futuro o sejam.

Da cidade de Fortaleza, em 13 de outubro de 1952, chega o pedido, sob esta alegação: *Gostaria imenso que V. me enviasse alguns Cadernos de Cultura, pois por aqui são difíceis as boas cousas. O ideal seria que V. mandasse os que já saíram. Seria pedir muito? O que lhe afianço é que eles cairão em boas mãos.* (assinatura ilegível).

Ainda no mesmo sentido, origina-se de Washington, Estados Unidos, uma carta datada de 15 de janeiro de 1953 que, além de solicitar outros números de *Os Cadernos de Cultura*, pede permissão para reeditar o número 10 da Série, o ensaio de Antônio Cândido de Mello e Souza, intitulado “*Monte Cristo ou da Vingança*”, sob a seguinte justificativa: “*que nos parece de grande interesse para o público de toda a América*”. Ainda no mesmo ano, chega o pedido do Sr. Jayme Sloan Chermont, de várias coleções de *Os Cadernos de Cultura*, a fim de que sejam distribuídos em Roma e na França. Chegam também pedidos da África e dos Estados Unidos.

Do Chile, em 19 de abril de 1953, originou-se o pedido do Sr. Tulo Hostílio Montenegro, Adido Cultural no Chile, sob a alegação da boa qualidade de *Os Cadernos*. O pedido fora atendido em 04 de maio de 1959, por determinação manuscrita do próprio Simeão, com a indicação dos servidores “Ana Maria e Hélio”, que poderiam agilizar a remessa.

Os pedidos iam surgindo de todos os lugares e de todas as espécies – ora coleção completa ora números específicos, solicitações escritas em português, inglês, espanhol, provenientes de parte da Europa e da América do Sul. No Brasil, os estados da Paraíba, de Pernambuco, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Distrito Federal e Pará.

Ao analisar apenas 30 correspondências, intencionalmente selecionadas, realizei uma viagem ao passado, por intermédio das correspondências recebidas de José Simeão Leal, no que diz respeito aos aspectos da circulação. Atentando para a compreensão de Bordini (2004, p. 211), em relação à criação literária, “enquanto processo e resultado, na materialidade dos documentos e objetos colecionados em um acervo literário”, este estudo aponta, por meio das cartas estudadas, enquanto fontes primárias com conteúdos discursivos, a identificação de rastros que se coadunam com a ideia de circulação, entendida sob a ótica do movimento, da penetração, independente dos limites territoriais, valendo, por seu turno, a qualidade do texto produzido e do rigor empreendido no processo editorial e gráfico pelo Editor, como Chefe do Setor de Documentação do Ministério da Educação e Saúde.

O aspecto modernizante de *Os Cadernos* também aventa a possibilidade como objeto de regalo, souvenir, como mostra o fragmento discursivo de Renato Almeida, roteirista carioca, ao sugerir que sua coleção fosse presenteada ao Professor argentino, Eduardo Roberto Arnosi, por ocasião de sua visita ao Ministério da Educação e Saúde.

Da mesma ideia, partilha Mário Guimarães, em carta datada de 11 de junho de 1952, ao se referir a *Os Cadernos*: “*essas edições vão ser da maior utilidade para esta divisão do Ministério da Educação e Saúde no trabalho da difusão cultural do Brasil onde quer que a língua portuguesa seja entendida*”.

Por fim, o recorte documental examinado mostra os bastidores de uma produção literária, o esmero pelas publicações e o desejo de tornar aparente a difusão de edições pensadas e escritas por brasileiros que souberam se expressar.

[illegible]



5 SANTUÁRIO DE GENTE: a biblioteca pessoal de José Simeão Leal

5 SANTUÁRIO DE GENTE: a biblioteca pessoal de José Simeão Leal

Os que lêem, os que nos contam o que lêem, os que ruidosamente viram as páginas de seus livros, os que detêm o poder sobre a tinta vermelha e preta e sobre as imagens, são eles que nos conduzem, que nos guiam, que nos mostram o caminho.

(Códice Asteca de 1524, apud MANGUEL, 2006, p. 9)

José Simeão Leal iniciou, desde cedo, sua relação com os livros e a leitura, influência herdada de sua mãe, Maroquinhas, sua grande incentivadora no mundo das letras, com forte interferência nos primeiros anos de alfabetização do primogênito, além da convivência próxima com o escritor José Américo de Almeida, seu tio e padrinho, e de outros intelectuais com os quais conviveu na infância, na adolescência e, sobretudo, quando homem feito, no campo profissional. Essa relação de proximidade foi influenciando-o a ponto de priorizar a aquisição de livros, devotando certa paixão ambiciosa, que transformou sua condição de leitor perspicaz e astuto, tornando-se um frequentador assíduo de sebos e livrarias, desde sua chegada à cidade do Rio de Janeiro, ainda em 1929.

Apesar dos poucos livros que sempre o acompanharam desde a época de estudante, foi no Rio de Janeiro, já como Diretor do Serviço de Documentação, em seu apartamento no Bairro do Humaitá, que ele realizou um sonho antigo; o de instalar sua biblioteca pessoal. Ali ele dedicou um espaço exclusivo à coleção, que crescia compulsivamente, à medida que aumentava também seu fascínio pelos sebos e livrarias, principalmente a Livraria São José¹, que figurava com predileção. Visitar esses ambientes tornou-se uma prática comum, tanto no país quanto em suas viagens ao exterior e entrou neles sem encontrar algo de seu interesse. A tarefa tomava impulso, e sua biblioteca, corpo. Outra maneira de adquirir livros se dava em suas viagens internacionais, sempre ocupando posições estratégicas no governo, viajando com licenças diplomáticas, dando-lhe, assim, a oportunidade de comprar obras

¹⁰⁷ Essa livraria, fundada em 1926, era frequentada pelos grandes intelectuais que circulavam no Rio de Janeiro, como Gilberto Freyre e Jorge Amado, assíduos da casa, tendo atuado no campo editorial de diversas obras de autores nacionais, notadamente nos anos 50.

que ainda não haviam sido editadas no Brasil, principalmente pelo fato de poder trazer na bagagem um volume de obras sem depender, necessariamente, de licença para isso.

Outra maneira encontrada por Simeão, para ampliar suas coleções, foi através dos amigos, como revelam algumas correspondências passivas mantidas em seu arquivo pessoal, como a enviada por seu primo Américo, filho do seu tio e padrinho, o escritor José Américo de Almeida, em 1939, ainda no início da carreira profissional de José Simeão Leal:

Rio, 17 de novembro de 1939.

Rio, 17 de Novembro de 1939.

José:

Conforme lhe tinha prometido, envio junto a esta, a coleção de selos comemorativos da Feira Mundial de Nova York.

Não precisas agradecer-me, pois (o que disse na carta de José Cunha foi brincadeira) não fiz mais do que a minha obrigação.

Estou aguardando a chegada do irmão de José João, que tem a minha coleção de selos. Logo que ~~ele~~ ele chegar providenciarei a remessa da mesma.

Mamãe esteve com a sua sogra, que está de passagem para a Paraíba.

Aquí em casa todos vão bem Graças a Deus.

Quando precisares de alguma coisa, é só pedir.

Ex João Barreto lhe manda lembranças, ele agora é meu professor de Português.

Lembranças a todos e aceita um abraço de

Américo

P. S. Segue também uma coleção para Ney.

Fac-símile 13 - Carta do primo Américo

Fonte: AJSJL

José:

Conforme tinha lhe prometido, envio junto a esta, a coleção de selos comemorativos da Feira Mundial de Nova York.

Não precisas agradecer-me, pois (o que disse na carta de José Cunha foi brincadeira) não fiz mais do que minha obrigação.

Estou aguardando a chegada do irmão de José João, que tem a minha coleção de selos. Logo que ele chegar providenciarei a remessa da mesma.

Mamãe esteve com sua sogra, que está de passagem para a Paraíba.

Aquí em casa todos vão bem graças a Deus.

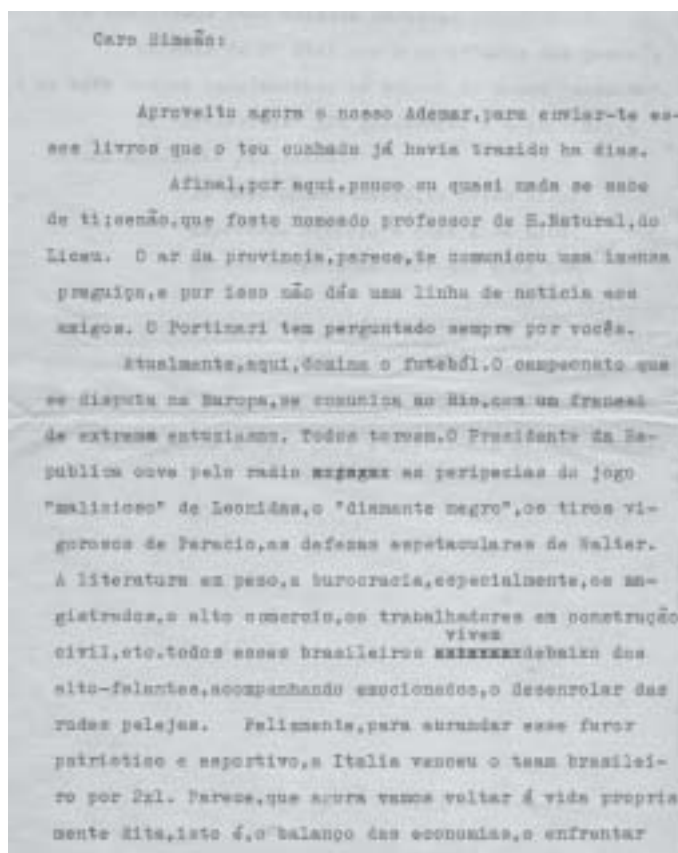
Quando precisares de alguma coisa é só pedir.

João Barreto lhe manda lembranças, ele agora é meu professor de Português.

Lembranças a todos e aceita um abraço de

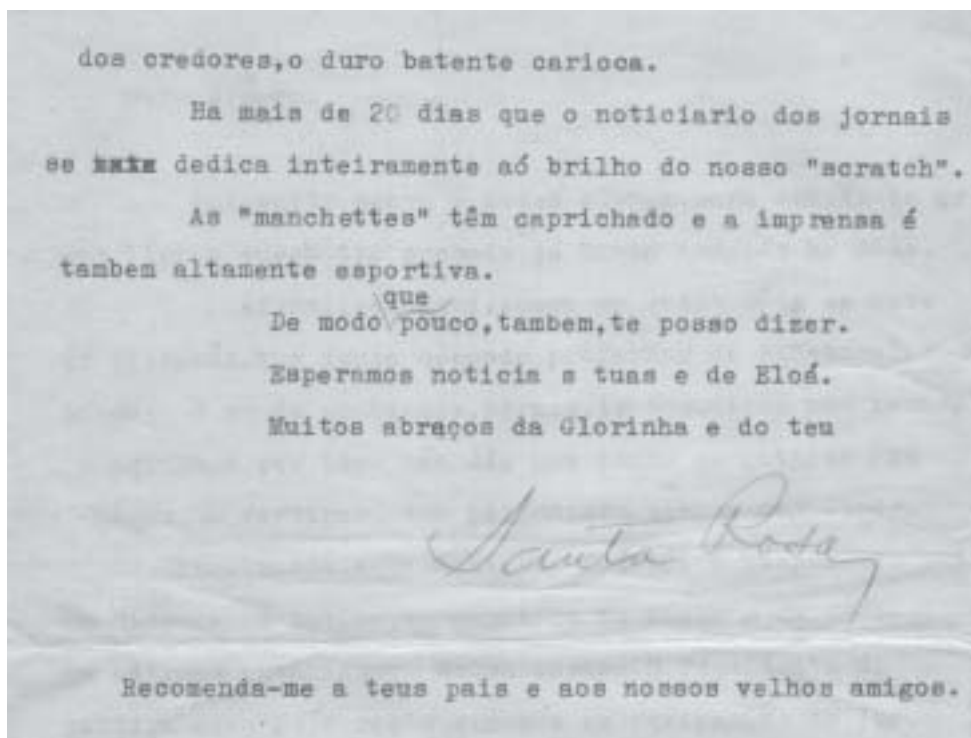
P.S. Segue também uma coleção para Ney.

Na carta, o primo refere-se a uma coleção de selos, o que demonstra o interesse de José Simeão Leal pelo colecionismo. Em outra carta, sem data¹⁰⁸, recebida de Tomaz Santa Rosa Júnior, a atitude se repete, agora envolvendo o escritor, também paraibano, Ademar Vidal, como portador de algumas obras para Simeão.



Fac-símile 14 - Carta de Tomás Santa Rosa
Fonte: AJSJL

¹⁰⁸ A carta data, provavelmente, de 1938, quando José Simeão Leal estava em João Pessoa/PB, ministrando a cadeira de História Natural, no Liceu Paraibano, em João Pessoa.

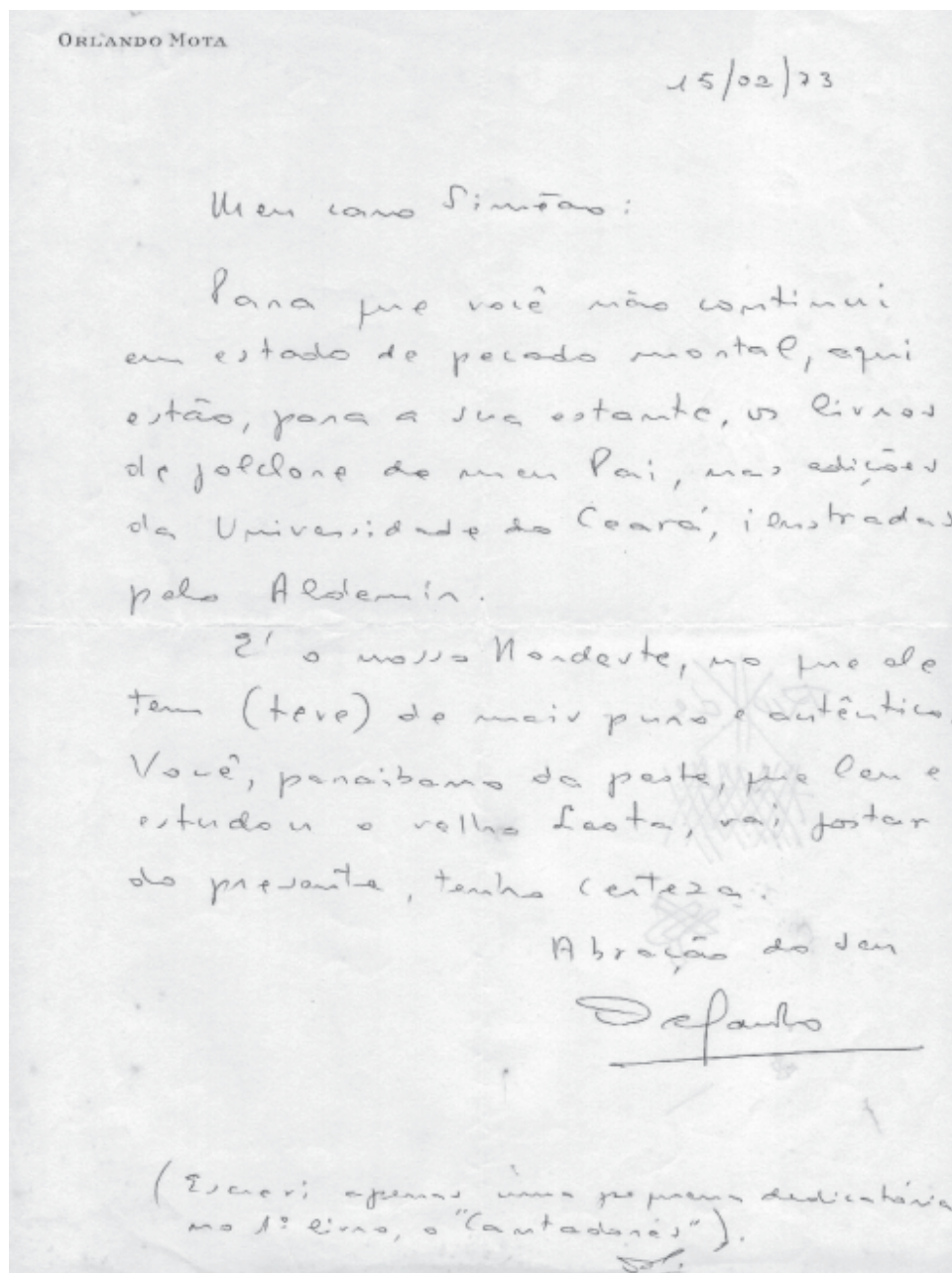


Fac-símile 14a - Continuação da Carta de Tomás Santa Rosa

Fonte: AJSL

Essa prática continua através das doações de Orlando Mota, que lhe repassa parte dos livros herdados de seu pai¹⁰⁹, sobre folclore, e editados pela Universidade do Ceará, com ilustrações de Aldemir Martins, como descreve a carta datada de 15 de fevereiro de 1973, o que evidencia o interesse reconhecidamente contínuo de José Simeão Leal pelas questões referentes ao folclore e às expressões populares, e de Roger Bastide, em carta datada de 29 de agosto de 1945:

¹⁰⁹ Leonardo Mota nasceu no dia 10 de maio de 1891 e morreu em 2 de janeiro de 1948, na cidade de Fortaleza/CE, vítima de ataque cardíaco. Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, sendo-lhe dado o título de “Embaixador do Sertão”.



Fac-símile 15 - Carta de Orlando Mota

Fonte: AISL

17 de fevereiro de 1973

Meu caro Simeão:

Para você não continuar em estado de pecado mortal, aqui estão, para a sua estante, os livros de folclore de meu pai, nas edições da Universidade do Ceará, ilustrado pelo Aldemir.

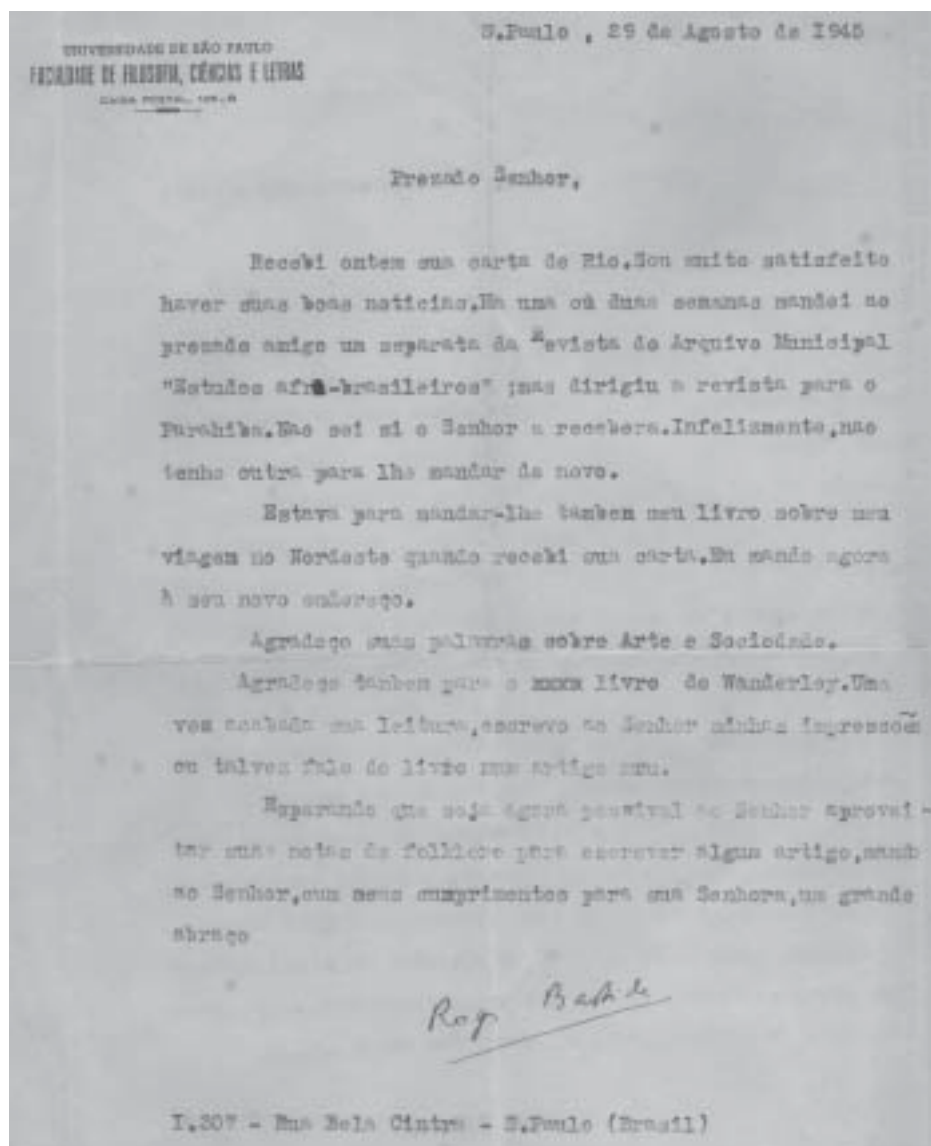
É o nosso Nordeste, no ele tem (teve) de mais puro e autêntico.

Você, paraibano da peste, que leu e estudou o velho Mota, vai gostar do presente, tenho certeza.

Abraços do seu Orlando [Mota]

(Escrevi apenas uma pequena dedicatória no 1º livro, "os cantadores")

São Paulo, 29 de agosto de 1945.



Fac-símile 16 - Carta de Roger Bastide

Fonte: AISL

Prezado Senhor,

Recebi ontem sua carta do Rio. Sou muito satisfeito haver suas notícias. Há uma ou duas semanas mandei ao prezado amigo um separata da Revista do Arquivo Municipal "Estudos Afro-brasileiros"; mas dirigiu a revista para a Parahiba. Não sei si o senhor a recebera. Infelizmente, não tenho outra para lhe mandar de novo.

Estava para mandar-lhe também meu livro sobre meu viagem no Nordeste quando recebi sua carta. Eu mando agora à seu novo endereço.

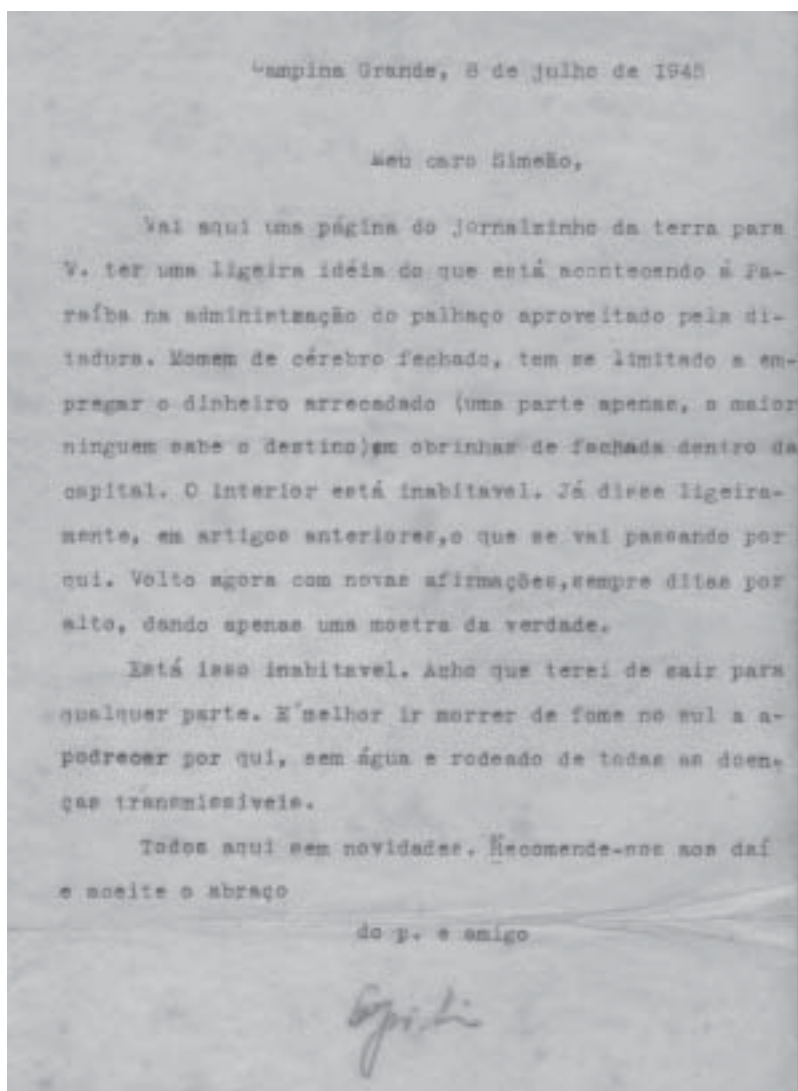
Agradeço suas palavras sobre arte e sociedade.

Agradeço também para o livro de Wanderley. Uma vez acabada sua leitura, escrevo ao senhor minhas impressões ou talvez falo do livro num artigo meu.

Esperando que seja agora possível al senhor aproveitar suas notas de folclore para escrever algum artigo, mando ao senhor, com meus cumprimentos para sua senhora, um grande abraço

Roger Bastide

Sua biblioteca e seu interesse também escapavam do livro em seu formato tradicional, buscando conhecimento através de jornais, como sinaliza a carta recebida de Elpídio de Almeida, em 1945:



Fac-símile 17 - Carta de Elpídio de Almeida

Fonte: AJSJL

Campina Grande, 8 de julho de 1945

Meu caro Simeão,

Vai aqui uma página do jornalzinho da terra para V. ter uma ligeira ideia do que está acontecendo à Paraíba na administração do palhaço aproveitado pela ditadura. Homem de cérebro fechado, tem se limitado a entregar o dinheiro arrecadado (uma parte apenas, a maior ninguém sabe o destino) em obrinhas de fachada dentro da capital. O interior está inabitável. Já disse ligeiramente, em artigos anteriores o que se vai passando por aqui. Volto agora com novas afirmações, sempre ditas por alto, dando apenas uma mostra da verdade.

Está isso inabitável. Acho que terei de sair para qualquer parte. É melhor ir morrer de fome no sul a apodrecer por aqui, sem água e rodeado de todas as doenças transmissíveis.

Tudo aqui sem novidades. Recomende-nos aos daí e aceite o abraço do p. e amigo

Elpídio.



Fotografia 21 - José Simeão lendo

Fonte: AJSL

Leitor ávido do *Jornal do Brasil*, José Simeão Leal também complementava suas buscas na leitura de revistas, como se pode constatar no registro imagético. Todavia, algo difere da leitura de livros, pois, sendo o periódico uma obra composta por capítulos distintos, sem necessidade de uma leitura contínua, ele se utilizava de ritos, a exemplo da poltrona amarela para leituras longas e uma cadeira de balanço em palhinha, sem muito conforto, para leituras mais rápidas.

Iêda Linhares, em entrevista em fevereiro de 2008, lembra que, na biblioteca de seu tio Simeão, era proibida qualquer intervenção sem que ele estivesse por perto, até mesmo a limpeza diária. Organizava e dava-lhe uma ordem, uma classificação própria. Para ele, a biblioteca era uma espécie de “santuário pessoal”, lugar de gente, representado pelas múltiplas vozes dos autores e seus personagens. Lugar intocado por qualquer um. Essa



Fotografia 22 - José Simeão em seu gabinete

Fonte: AJSL

restrição era feita para todos os que o visitavam, fossem próximos ou não. Essa regra não deveria ser quebrada, sob pena de uma repreensão pública, no afã impetuoso de seu temperamento. Ele sabia e conhecia todos os exemplares, tirava-os e os repunha no mesmo lugar, incansavelmente, embora não tivesse um catálogo ou outro instrumento que o ajudasse a inventariar seu tesouro. Apesar da boa qualidade, seus livros não se assemelhavam a coleções de bibliófilos, nem se enquadravam em nenhum critério de raridade bibliológica ou bibliográfica. Critérios que se referem aos aspectos físicos da obra, envolvendo encadernação, ilustração etc; os aspectos bibliográficos dizem respeito ao conteúdo em si,

como por exemplo, a primeira edição com alterações manuscritas feitas pelo próprio autor ou, ainda, uma obra cujo conteúdo não se encontra mais em circulação. Esses critérios são determinados pela área da Bibliologia e da Bibliografia, integrantes da ciência biblioteconômica.



Fotografia 23 - José Simeão em sua mesa de trabalho

Fonte: AJSL

A biblioteca se caracterizava, também, como gabinete de trabalho, onde José Simeão Leal passava horas recolhido e solitário. Em face dessa relação, acomodou, no mesmo espaço, um sofá-cama, onde costumava se deitar e ler, dormindo, muitas vezes, entre seus amigos prediletos, os livros. Em casa, a biblioteca era seu lugar preferido, seu espaço privado e privativo. Seu refúgio, lugar de pesquisa, de trabalho, de comunicação com o outro e de conhecimento, silêncio e contemplação, pois próximo à sua mesa de trabalho, ficava o busto de Eloah, feito por Bruno Giorgi.



Fotografia 24 - José Simeão em seu gabinete de leitura

Fonte: AJSL

Esse ambiente foi determinante na vida de José Simeão, daí o destaque para essa biblioteca. Como afirma Darnton (1995), é importante precisar o lugar onde o leitor lê, pois esse mesmo espaço pode projetar indícios de suas formas e práticas de vida. A biblioteca de Simeão revela seu gosto pela arte e pela literatura, assim como sua apreciação pelo Design. Cheio de rito, sentava-se em uma poltrona de tecido, na cor amarela, um pouco reclinada, desenhada especialmente para ele pelo artista

português Ferrero. Como complemento do momento recluso e solitário da leitura, ele tinha ao lado da poltrona, um candelabro alto, de haste inclinada, com um cone, dentro do qual havia uma lâmpada, cujo foco de luz era dirigido apenas para o livro que lia. Em sua astúcia de leitor, mandou fazer a instalação do candelabro no chão, para facilitar a ligação sem se desvencilhar da obra, pois,

num simples movimento com o pé, ele ligava e desligava a lâmpada. Ao lado, mantinha uma mesa redonda para abrigar as obras ainda por terminar de ler ou ainda livros novos, recortes e outros textos. Todos os que se encontravam fora da estante era porque estavam em uso ou à espera para serem lidos.

José Simeão Leal priorizou a formação de sua biblioteca, que crescia velozmente. Nela ficava recluso, olhando atentamente seus volumes. Apesar de dotar sua biblioteca de sacralidade, ele fazia questão de ali receber os amigos que ele elegia como “seus”, principalmente, os moços que, na sua visão, poderiam mudar a forma de pensar a cultura, pensar o Brasil, pois “ele acreditava nos moços, principalmente nos moços”, como registrou Rachel de Queiroz, em crônica intitulada José Simeão Leal, publicada no jornal Estado de São Paulo, em 02 de julho 1996.

A biblioteca de José Simeão Leal imprime seu gosto pessoal por um tipo específico de literatura, seus autores e seu olhar múltiplo sobre a cultura brasileira, em especial, a cultura popular, com a presença de obras de Kantor, Théo Brandão e Câmara Cascudo, além de sua predileção pelo campo literário e artístico. Nessa variedade de interesses, há uma considerável quantidade de obras escritas em outros idiomas, predominantemente em língua francesa, idioma que dominava com fluência, seguido do espanhol, inglês, italiano, alemão e latim.

Segundo depoimentos de Iêda Linhares e de Francisco Pereira Júnior, José Simeão Leal tinha um senso crítico em relação à produção bibliográfica, “nada estava ali ao acaso”, afirma Iêda Linhares. Tais declarações revelam que ele selecionava cuidadosamente cada livro, havia um interesse pré-estabelecido, o que nos permite evidenciar traços de sua predileção temática por autores, obras, enfim, um testemunho explícito de sua prática leitora. É evidente que o fato de ter uma biblioteca privada não o particulariza, muito pelo contrário, coloca-o em sintonia com os intelectuais da época, pois, de acordo com Abreu (1996, p. 137), “de maneira geral, na virada do século [referindo-se ao Século XX], as letras representavam importantes bens simbólicos”.

Essa compreensão ainda parece permanecer, pois é comum atrelar a intelectualidade de alguém à sua biblioteca. Delgado (1998, p. 85), em sua obra, *Cartografia Sentimental de sebos e livros*, indaga sobre as razões que levam um indivíduo a constituir sua própria biblioteca. A esse respeito, ela afirma:

As razões pelas quais algumas pessoas constituem, ao longo de suas vidas, uma biblioteca particular são de ordem arbitrária e variada, indo desde o amor pelos livros de determinado gênero ou assunto até o interesse mercadológico pelo livro como fonte de investimento.

No caso da biblioteca privada de José Simeão Leal, ao que parece, seu acúmulo se deu por “juntar o saber crítico elaborado através do tempo e o comentário das grandes obras; o interesse pela produção contemporânea, a recusa dos interditos, das exclusões” (REVEL, 2000, p. 222). Por outro lado, essa concepção traduz uma visão otimista e criteriosa sobre José Simeão Leal, fundada numa representação do saber editado e acumulado também em seu próprio espaço histórico, não se deixando obnubilar nem por princípios de raridade, muito menos, por determinações abusivas do mercado editorial da época. Simeão estabeleceu seu próprio processo seletivo, demarcando uma predileção pessoal pela escrita de seu próprio *ethos*.

A vida profissional de editor, divulgador da cultura nacional e leitor ávido foi, sem dúvida alguma, um indicativo determinante na escolha e na preservação das obras contidas em sua biblioteca que, entre idas e vindas, totalizam no inventário feito por ocasião deste estudo 2.704 volumes, 228 (duzentos e vinte e oito) Catálogos e 27 (vinte e sete) títulos de periódicos, distribuídos por área de conhecimento, conforme quadro 1:

CLASSE	ASSUNTO	QUANTIDADE	%
0	Generalidades. Ciências e conhecimento, Organização. Informação etc.	42	1,55
1	Filosofia. Psicologia. Psicanálise.	92	3,40
2	Religião. Teologia.	44	1,63
3	Ciências Sociais(Sociologia, Antropologia, Folclore). Direito. Administração. Turismo etc.	525	19,42
5	Matemática e Ciências Naturais(Biologia. Zoologia. Botânica).	36	1,33
6	Ciência aplicadas. Medicina. Nutrição Tecnologia.		
7	Arte(Pintura. Arquitetura. Artesanato. Tapeçaria. Crítica. Teoria). Recreação. Diversões. Esportes.	27	1,00
8	Língua. Linguística. Literatura.	682	25,22
	Geografia. Biografia. História. Diário de Viagem. Memória. Discursos. Palestras.	852	31,51
9	Arquivo. Arqueologia.	404	14,94
TOTAL		2.704	100,00

Quadro 1: Classificação dos livros por área de conhecimento, biblioteca de José Simeão Leal

Fonte: Dados da pesquisa

Numa análise mais minuciosa do acervo, observei a predominância de títulos voltados para o campo literário. Em relação à literatura brasileira, incluem-se romances, contos, poesias, crônicas e outras obras voltadas para a crítica literária. Entre os escritores literários brasileiros, destacam-se nomes como: Alphonsus de Guimarães, Álvaro Lins, Augusto Meyer, Carlos Drummond

de Andrade, Cassiano Ricardo, Zé da Luz, Alceu Amoroso Lima, Cyro dos Anjos, Fernando Sabino, Geir Campos, Gilberto Amado, Herman Lima, João Guimarães Rosa, Jorge de Lima, José Lins do Rêgo, Manuel Bandeira, Josué Montello, Thiago de Mello, Ledo Ivo, Murilo Mendes, Sergio Milliet, Thiers Martins Moreira e Vinícius de Moraes.

No campo da escrita histórico-sociológica, encontramos Antônio Carneiro Leão, Aderbal Jurema, Bernardino José de Souza, Darcy Ribeiro, Edson Nery da Fonseca, Gilberto Freyre, Gondim Fonseca, Hélio Jaguaribe, Hélio Viana, Jacques Raymundo, Josué de Castro, Luiz Santa Cruz, Manuel Diegues Júnior, Serafim Leite, Yvonildo Souza, além dos críticos, como: Brito Broca, Otto Maria Carpeaux, entre outros.

No campo das expressões populares, registram-se: Alceu Maynard Araújo, Altamar de A. Pimentel, Arthur Ramos, Donald Pierson, Edson Carneiro, F. Coutinho Filho, Nunes Pereira, Oneyda Alvarenga, Osvaldo Orico, Théo Brandão e muitos outros.

Considerando, ainda, o quadro 1, destaca-se, em sua coleção, uma predominância de títulos no campo das artes e da literatura.

Em relação à personalidade leitora de José Simeão Leal, assegura Francisco Pereira Júnior, em entrevista, segurou que José Simeão Leal sempre estava com um livro à mão, tinha leitura humanística, vasta, e sua biblioteca era pautada no humanismo, na história, na geo-história e em romances.

Sua biblioteca era composta pelos grandes clássicos da literatura, entre eles, a europeia e a brasileira. Ele apresentava uma vocação para apreciar a literatura estrangeira, sobretudo, romances policiais, como os de Agatha Christie. Todavia, parte dessa literatura foi doada pela viúva Eloah Drummond, que retirou mais de 500 (quinhentos) títulos de obras literárias, antes de encaminhar à biblioteca, por doação, ao Estado da Paraíba, em atendimento ao pedido do marido, antes de sua morte, em 1996. Pereira Júnior, em entrevista à pesquisadora, em dezembro de 2006, ressaltou:

[...] ele tinha um grande interesse por literatura policial, tinha livros de Agatha Christie, Sherlock Holmes, e outros como Edgar Allan Poe, eram seus prediletos, como passa tempo. [...] Quando ele morreu Eloah achou que esse tipo de livros não tinha importância para o acervo, e deu para o Zelador do Prédio que residiam em Copacabana. Foram aproximadamente 200 ou mais exemplares, não se sabe ao certo. A certeza é que foram retirados do acervo.

Por razões já apontadas neste estudo, os periódicos presentes na biblioteca privada de José Simeão Leal têm predomínio no campo das artes e da literatura, envolvendo uma produção tanto em nível nacional quanto internacional, a saber:

Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, iniciada em 1937. esse periódico, na época, era editado em língua portuguesa, através do Ministério da Educação e Saúde, uma espécie de antologia, com encadernação em brochura, ilustração em preto e branco, privilegiando desenhos e fotografias. Inclui notas de rodapé e sessão de notícias e compreende as áreas de Arte, Crítica da Arte, História da Arte, História brasileira, Estudos literários, Religião e Cultura brasileira;

Revista de Cultura Vozes, periódico vinculado à Editora Vozes, aborda as áreas de Ciências Sociais subdivididas em: política, sociologia, poder, violência, ideologia, história política etc;

Revista do Brasil; Revista Imposto Fiscal; Legislação Nordestina;

Arquivos Brasileiros de Nutrição, editada no período de 1944 a 1968;

Revista Mexicana de Sociologia, fundada em 1939, é o mais antigo periódico de Ciências Sociais no México e na América Latina. Foi publicado por intermédio do Instituto Investigações Sociais da Universidade Autônoma do México, notável contribuição sociológica e de observações hispânicas.

Connaissance des Arts, editada pela Société Française de Promotion Artistique broché Bristol illustré de Paris. Esse periódico está voltado para o campo das artes, desde a arte antiga à moderna, em suas mais variadas expressões: pintura, arquitetura, design industrial, exposições etc;

Réalités Nouvelles, de origem francesa, a revista discorre sobre o abstracionismo na arte; foi criada em Paris em 1939, por Sonia Delaunay e outros. Sua publicação foi interrompida em 1941 e, sua circulação, restabelecido apenas em 1946;

Revue Esthétique, de origem francesa, discute questões referentes à estética na arte;

Paris Theatre, Art d'Aujourd'hui, periódico mensal criado em 1951, na França, voltado exclusivamente para a arte contemporânea;

Sele Arte, periódico italiano, editado pelo Studio Italiano di Storia dell'Arte, período 1952-1966; publicação voltada para a arte moderna, especificamente, escultura, pintura, Arte Decorativa, gráfica e industrial;

Lemaravigle Dell'Arte; Revista Hispánica Moderna (RHM), editada, desde 1934, como *Boletín del Instituto de las Españas*, na Columbia University, a *Revista* foi consagrada como publicação de investigação acadêmica na língua espanhola. De natureza semestral, a *RHM* empenha-se em divulgar questões hispânicas e luso-brasileiras nos estudos literários e culturais. Estruturalmente possui as sessões de ensaios e resenhas bibliográficas em Espanhol, Inglês, Português ou em toda a gama de hispânicos e luso-brasileiros da produção cultural na Europa, na América Latina, nos Estados Unidos e em todos os períodos históricos, desde a Idade Média até o presente;

Revue Esthétique, cobre conteúdos voltados para as áreas de cinema e arte;

Revista Médica Panamericana;

Southern Review, publicação norte-americana voltada para a área literária em ficção, poesia, crítica, com ênfase na literatura contemporânea;

Revista de Occidente, criada em 1923, por José Ortega y Gasset e dirigida por José Ortega Spottorno, voltada para os temas: Literatura, Antropologia, Arte, Arquitetura, Filosofia e, em especial, ensaios sobre a América espanhola, no campo da literatura e da língua, Antropologia, Filosofia, Economia, Arte, Artesanato e Arquitetura;

Lisboa-por, editada pelo Ministério do Equipamento, do Planejamento e da Administração do Território com a Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo, arrola temas como: Cultura e Atividades, Cultura regional, Música, Cinema, Dança, Teatro, Artes plásticas, Artes visuais, Literatura, Encontros culturais, Festivais, Festas municipais e o Carnaval;

Humboldt, periódico científico norte-americano da State University Library;

ArtNews, fundada em 1902, é um grande relatório sobre arte, personalidades, tendências e eventos que moldam o mundo internacional da arte e, nos últimos anos, tem ampliado o seu conteúdo para incluir perfis de notáveis colecionadores, museus e diretores acadêmicos; itinerários de viagem repletas de arte, valores, observando-se o mercado da arte e o mundo do *design*;

Kunst Ins Volk, revista alemã sobre arte moderna;

Ariel Du, revista alemã;

Planet, periódico semestral; *Casa Vogue*, revista voltada para área de arquitetura, desenho, arte, decoração e design de interiores;

Art Magazine, editada em Milão, através da editora Giancarlo Politi desde 1985;

Astile Indústria, periódico da área de desenho industrial;

L'Deil, e os semanários;

O Correio e o *Jornal Antarial*.

Essa variedade de títulos pode refletir integralmente o leitor que era José Simeão Leal. Assim, “não é absurdo supor que, de modo semelhante, a identidade de uma sociedade ou de uma nação possa ser espelhada por uma biblioteca, por uma reunião de títulos que, em termos práticos ou simbólicos, faça as vezes de definição coletiva”, como ratifica Manguel (2006, p. 241), uma vez que o acervo interage de maneira incessante com as principais atividades de seu colecionador, tanto no que diz respeito ao seu plano individual quanto no social, sobretudo, quando se considera a trajetória vivida por José Simeão Leal, que desempenhou papéis públicos, os quais, atrelados a seu arcabouço de leituras, abriram-lhes as portas como editor e produtor cultural.

O acervo inventariado indica como José Simeão Leal se configura numa zona de interseção entre o eu, individual, social e intelectual. A significação geral de sua personalidade leitora deriva do caminho que percorreu, optando por uma vida voltada para o campo cultural, numa encruzilhada permanente entre o poder intelectual e o poder político. Esse modo de se inscrever, através de sua

biblioteca privada, contribuiu para demarcar sua própria identidade. No entanto, uma biblioteca dessa natureza e amplitude não apresentava apenas problemas de armazenagem; era preciso torná-la utilizável, garantindo sua existência e serventia. Já adoentado, José Simeão Leal, apesar do amor de uma vida inteira dedicada à sua biblioteca, optou deixá-la como legado aos seus herdeiros intelectuais, doando-a ao estado da Paraíba. Essa doação exigiu a transferência total do acervo, inviabilizando a preservação de sua forma original, hoje recuperada apenas em fotografias. O desejo foi cumprido, e a biblioteca doada ao estado, separada dos demais documentos e encaminhada para compor o acervo da Biblioteca Pública da Paraíba, hoje reintegrada, voltando a compor o acervo pessoal José Simeão Leal.

De modo que, examinar essa biblioteca, mesmo afastada de seu espaço original, pode permitir recuperar ou construir uma história ou ainda uma teoria da reação do leitor, mesmo que se leve em consideração os limites de um conjunto incompleto de indicações ou vestígios que marcam os leitores implícitos e efetivos do passado. Nesse sentido, o estudo das bibliotecas particulares “tem de ligar o quê com o quem da leitura”, conforme Darnton (1995, p.152). Assim, para compreender José Simeão Leal e sua relação com os livros é também necessário conhecer esses mesmos livros e marcas, aqui tomadas como as dedicatórias manuscritas, inscritas em parte desse acervo.

5.1 Dedicatórias como ato autobiográfico

De acordo com Lejeune (2008), a autobiografia é um modo de escrever e também um modo de ler. Ancorada nessa concepção, julgo que os conteúdos das dedicatórias manuscritas contidas nos livros que pertencem à biblioteca privada de José Simeão Leal, são afirmações de substancialidade de quem escreve e para quem se envia, ou melhor, para quem também as lê. Zinsser (1998), refere que o ato autobiográfico é benéfico porque é homólogo ao exercício da subjetividade moderna, por assim dizer, conferida pela própria existência. Os conteúdos que constituem as dedicatórias podem reacender no indivíduo um processo de reavivamento do *ethos*, pois elas contam história de vida, registros de sociabilidade, reiteram significados e marcam passagens. Nesse sentido, cada dedicatória foi construída numa forma de autoexpressão, da mesma maneira que testemunham as cartas, os diários e outros escritos que se acumulam nas instituições-memórias.

A prática das dedicatórias e a prática epistolar têm suas normas e seus protocolos já consolidados desde os primórdios “agostinianos do dar e receber” (CHARTIER, 1998a). As

dedicatórias, assim como as notas marginárias, podem ser consideradas paratextos, abrindo-se uma possibilidade de (re)leitura e (re)escrita da historiografia literária.

As dedicatórias contidas nos livros que pertencem à biblioteca de José Simeão Leal somam trezentos e oito livros, sendo 182 de literatura, a maioria de autores brasileiros no gênero poesia e romance; 46 referentes à arte e à cultura popular; 41 da área sociológica e 39 sobre temáticas historiográficas que envolvem os mais distintos autores brasileiros, como Théo Brandão, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Homero Homem, Gilberto Freyre, Brito Broca, alguns já editados por Simeão. Outros foram criando laços de afetividade, independente das relações profissionais. De modo que cada dedicatória foi vista como um conjunto de enunciação, na perspectiva foucaultiana, capaz de desvelar tramas que, retomadas como escrita do eu, constroem sua autobiografia, considerando que, na maior parte, foi possível perceber aspectos da intimidade, relativizados pela distância que impõe o interlocutor, sobretudo na ocupação de funções públicas. Tais leituras me possibilitaram reunir fragmentos que demarcam o território da autobiografia e das dedicatórias com ato dessa leitura e escrita do real, traduzido pelo ato de arquivar e colecionar todos os livros, mantendo-os como objetos testemunhais.

Desse modo, tomei alguns elementos considerados importantes para análise. O primeiro diz respeito ao autor da dedicatória, que é o próprio autor da obra, ou se a dedicatória foi utilizada como manifesto de um regalo; o segundo ponto se refere ao momento em que essa dedicatória foi produzida e com que frequência elas se repetem, considerando, nesse caso, quem dedica e a quem é dedicada. As palavras e os gestos afetuosos também foram significativos nessa análise, além dos vocativos utilizados e das saudações, como se pode ver nos itens subsequentes.

5.1.1 Materialidade do livro: espaço para as dedicatórias

Quero que minha vida tenha dedicatórias óbvias. Afinal o que poderia ser mais lógico do que dedicar um livro? (Roberta Ávila, 2007)

Objetivamente, este item compreende as dedicatórias como parte integrante da materialidade do livro. Em especial, as manuscritas, contidas em algumas obras pertencentes à biblioteca privada e privativa de José Simeão Leal. Parte dessas dedicatórias se encontra nos livros

e exemplares que recebeu durante dezoito anos, sete meses e sete dias, atuando no Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde (SD), onde sua atuação provocou uma transformação no campo editorial brasileiro de caráter público, principalmente a partir do lançamento da Revista Cultura e de *Os Cadernos de Cultura*. Para além de editor, foi um colecionador de dados sobre as manifestações culturais populares, artista plástico e escultor.

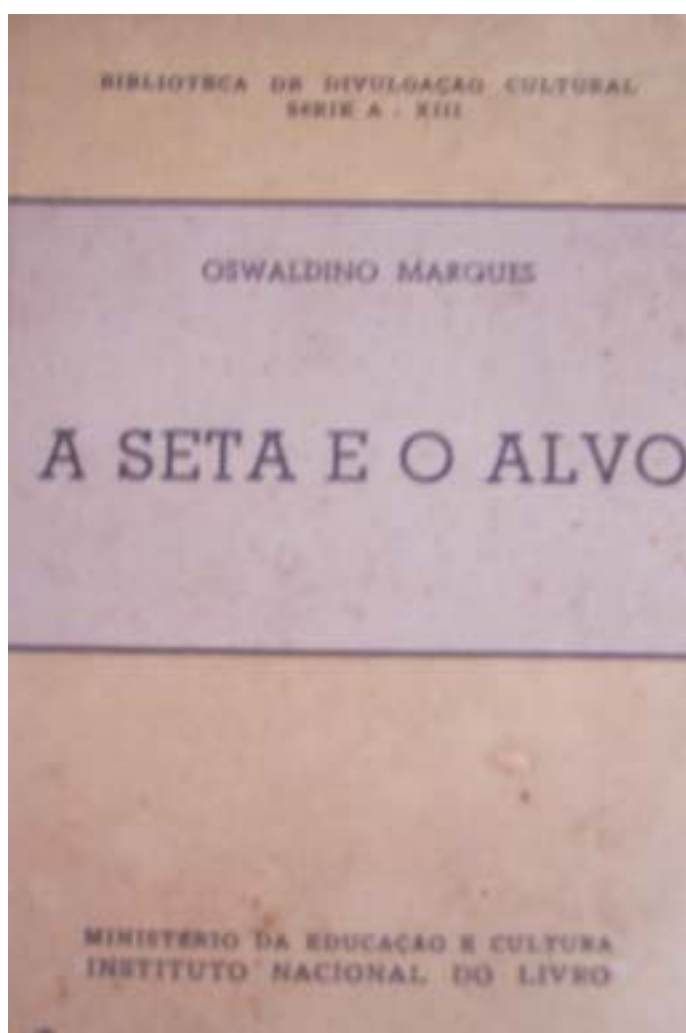
Com sua proposta editorial, José Simeão, transitou por entre os intelectuais, no Brasil, favorecendo a participação em momentos de autógrafos, assim como a ampliação de vínculos afetivos com boa parte desses intelectuais, como já mencionado. Frequentou livrarias, exposições e tornou-se curador de algumas delas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Proferiu palestras sobre a cultura brasileira, no Brasil e na Europa.

Nos encontros com escritores, procurou sempre valorizar a “prata da casa”, como gostava de dizer. Se alguma razão o impedisse de ir ao encontro dos escritores ou de prestigiá-los, Simeão sempre era lembrado através das dedicatórias manuscritas por aqueles que o respeitavam e admiravam seu trabalho. Esse testemunho se presentifica nos trezentos e oito livros autografados e a ele dedicados. Como não seria possível examinar todas as dedicatórias, escolhi um repertório de escritores brasileiros, prioritariamente, os literários.

Seria redundante discutir aqui a importância do trabalho desenvolvido por Simeão no campo editorial. Reconheço e ressalto o seu papel pioneiro e precursor de uma tomada de consciência nacional, de editor e artesão, conforme discutido no capítulo sobre *Os Cadernos de Cultura*. José Simeão acreditava que as letras eram uma profissão, não um passatempo do espírito, por isso dava as chaves para a publicação e a divulgação de tantas obras, hoje consagradas na literatura brasileira. Os milhares de dedicatórias por ele recebidas dão boa mostra do que fez no campo editorial, senhor do seu ofício e das suas atitudes. Há, em seu acervo, um passado literário riquíssimo, que se vai descortinando à medida que apresento as dedicatórias presentes nos livros.

O livro, como elemento da cultura material, em toda a sua diversidade tipológica, seu suporte e suas formas, registra marcas deixadas pelo homem, seja ele escritor, editor, ilustrador, miniaturista, copista, tradutor, adaptador ou leitor. Esses são vestígios que, de alguma forma, tornam-se palpáveis, concretos, pois, de acordo com Chartier (1999), os livros só existem quando se tornam realidades físicas, inscritas, materializadas. Nesse entendimento, afirma Rodrigues (2000, p. 12): “todo o documento, seja qual for o seu tipo, revela a intencionalidade de quem o produziu, por outro lado, de quem o preservou”. Para Chartier (1999, p. 8), os livros sempre instauraram uma ordem; “fosse a ordem de sua decifração, a ordem no interior da qual ele deve ser compreendido ou, ainda, a ordem desejada pela autoridade que o encomendou ou permitiu a sua publicação”.

No que se refere à materialidade do livro, posso dizer que Simeão deixou sua marca não apenas como editor, mas também, como leitor e crítico literário. Por certo, na sua função de editor, publicou as mais diferentes rubricas, sendo elas de sua preferência ou não. Certa vez, ao ser interrogado sobre o valor literário das obras que publicava, ele respondeu que seu papel não é “*censurar ninguém, cada um faz de sua obra o que quer, ainda bem que não há um patrimônio para as obras literárias*”. Na prática desse ofício de editor, Simeão parece ter aprendido que escrever bem não é escrever apenas romance. Por isso, em seu trabalho havia, sim, lugar para outros gêneros e para os mais diversos escritores, e ele sentia prazer em acompanhá-los nessa trajetória, que resultava sempre em autores realizados com a publicação da sua obra, e Simeão considerado como parte essencial desse ato que culmina num produto histórico do tempo em que autor e editor viveram: *Ao meu velho amigo, José Simeão Leal em homenagem ao grande incentivador da cultura brasileira, com um abraço do seu Oswaldino Marques. Rio 25/10/58.*



*Ao meu velho amigo,
José Simeão Leal,
em homenagem ao grande
incentivador da cultura bra-
sileira, com um abraço do
seu
Oswaldino Marques
(Rio, 25/10/58)*

Ilustração 7 - Capa do livro de Oswaldino autografado

Fonte: AJSJL

Ao Sr. Simeão Leal,
 com os cumprimentos
 muito cordiais de
 Cecília Meireles
 Janeiro. 1950.

A edição impressa de uma obra introduz uma imagem do escritor. Geralmente, na parte superior, figura-se o nome do autor; centralizado na página, o nome da obra; também no frontispício, a cena de dedicatória dá lugar a uma imagem do autor, revelando aí o grau de amizade entre emissário e receptor, ou apenas o cumprimento de uma formalidade. O livro de Cecília Meireles, intitulado *Rui*, é um exemplo dessa prática formal.

Repetindo as palavras de Vicent-Buffault (1996), diria que a amizade é, por sua força dialógica, laboratório da obra. Cerqueira Falcão experimenta esse momento de transparência subjetiva e, de maneira singular, expõe a Simeão seu livro, também com dedicatória feita na capa, prática comum na época. A essa atenção, corresponde a estima guardada, da amizade preservada. Tais práticas levam em conta fundamentos distintos da amizade: a inquietude, o prazer e o interesse, elementos que encontram resolução imediata na sociabilidade, como a dedicatória no livro de Paulo Dantas:

O livro impresso, como objeto acabado editorialmente, incita contrastes em sua produção e em suas condições históricas de usos específicos, com as quais se podem dialogar, principalmente, quando observados os aspectos de sua materialidade. Essa materialidade estabelece para o leitor um conjunto de regras e de ordenamento. Como diz Chartier (2000, p. 27), o “objeto impresso impunha sua forma, estrutura e

Paulo Dantas
 O Livro de Daniel
 Para o Sr. Simeão
 SIMEÃO, leal cultural,
 PARHAIANO, que tinha um
 boi do sertão encantado
 dentro de casa, por
 mim desentocado para
 maiores alegrias da nossa
 amizade — estes alvoraça
 sertanejos do sergipano,
 com afeto e admiração
 Paulo Dantas
 Rio, 21/Dez/62

espaços ao leitor” e não supunha nenhuma participação material, física dele. Se, por alguma razão, o leitor sentir o desejo de fazê-lo, deverá, pois, registrar sua relação de maneira clandestina, ocupando com “seu manuscrito as margens ou páginas em branco”. Como pontua Chartier (2000), é necessário se dispensar um olhar especial, mesmo sem alardes, às peculiaridades que as dedicatórias podem revelar.



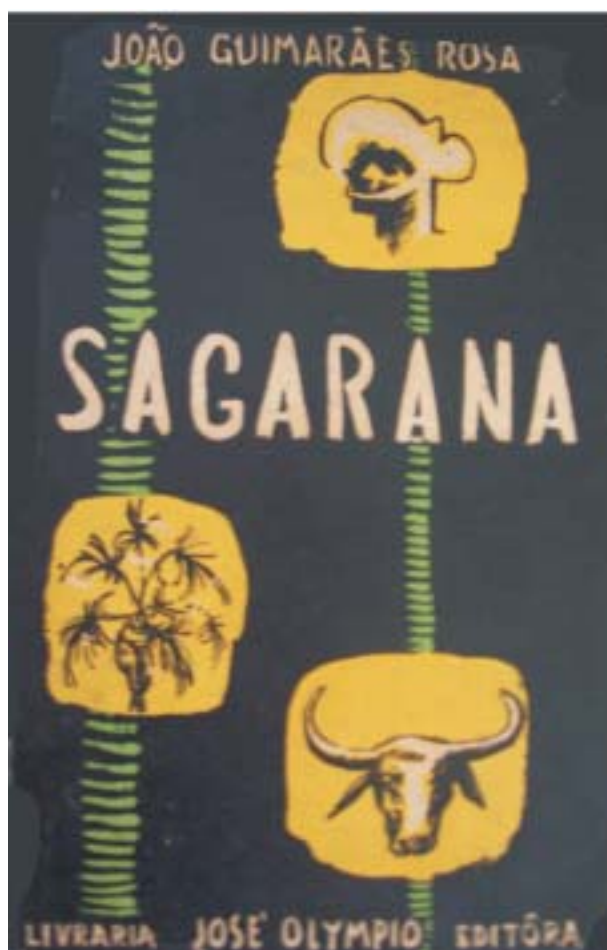
Ilustração 8 - Livro de Francisco Assis Barbosa

Fonte: AJSL

Nesse sentido, as dedicatórias surgem com um ar de “clandestinidade”, pois não nascem com o texto primeiro ou original, mas se vinculam a ele, tornando visível sua existência, introjetando-se de maneira tal que passam a fazer parte de uma materialidade já concreta.

As dedicatórias constituem um gênero misto, em que regras se acompanham de um ideal restrito ou ampliado da amizade. Esse caráter se acentua quando se observa o lugar que o receptor

ocupa no ato da mensagem, no interior ou na capa do livro. Nesse espaço, o autor proclama, sem rodeios, sua amizade, em que o caráter geral da mensagem é matizado, muitas vezes, pela admiração intelectual, fornecida pelo viés da dedicatória, assim como fez Guimarães Rosa:



A SIMEÃO LEAL,
(admirando-o bem)
com toda a estima
e o grato apreço
da
SAGARANA *Guimarães Rosa*
Rio, 27. I. 56

Ilustração 9 - Capa da Obra de G.R.

Fonte: AJSL



o Simão (eal
quase personagem (a idade...) pôde
movimento montesiano
com o abraço de
EW
✓
60

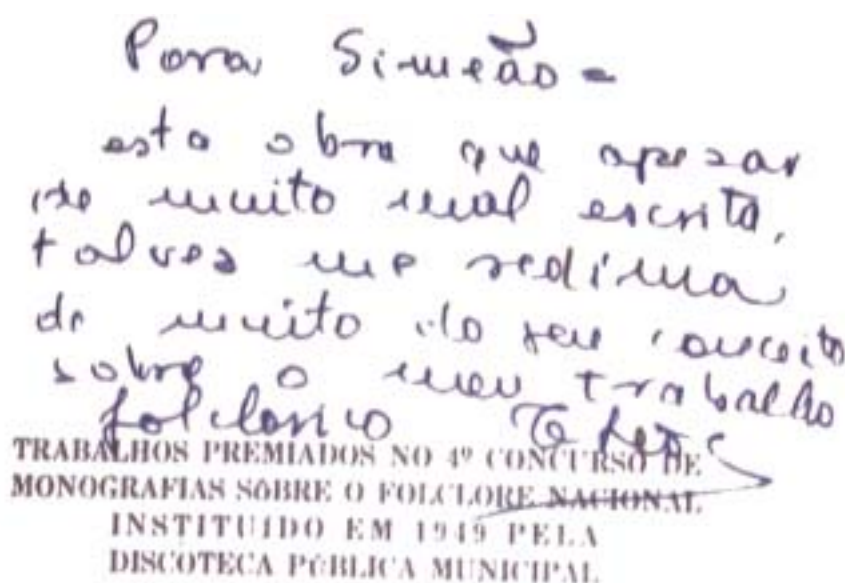
Ilustração 10 - Capa do livro A Insurreição Praieira

Fonte: AISL

O livro “é um presente e a cláusula do segredo da pessoa a quem é dedicado tende igualmente a conferir um toque de intimidade a um texto que dela se afasta”. Segredo transparente para o círculo de relacionamentos, “ele se torna então autocelebração de uma amizade” (VICENT-BUFFAULT, 1996, p. 68). As dedicatórias pressupõem uma relação de amizade, intimidade e abertura para com o outro. Significa um ato de proximidade e confiança, como exemplificado na dedicatória do livro *Trovas Populares de Alagoas*, de autoria de Théo Brandão:

É Simão,
Pode xingar a copra,
o contendo - toda a
“obrichia” eu fimo. Você
tem direito a autonda-
de de sobre. Contudo,
isto aqui é tão seu im-
portância que eu prefiro
q. você se aguarde p.
Trovas Populares de Alagoas
xingar o “Reisado Alagoas
no” a sair dentro em
breve.
Soube do IV xingado?
Escreva uma linha
pelo meus ao velho
meuq e quase imado
Oleio
maio - Fev 52=

O gesto da dedicatória evoca sutilmente a participação do outro na leitura do texto dedicado, como ratifica Théo Brandão, ao remeter para Simeão a obra “*O Reisado Alagoano*”, anteriormente mencionado. Trata de por em cena sua própria pessoa no ato de escrever a dedicatória e de mediar sobre a amizade: “*Para Simeão esta obra que apesar de muito mal escrita, talvez me redima de muito do seu conceito sobre o meu trabalho folclórico*”.



Para Simeão -
esta obra que apesar
de muito mal escrita,
talvez me redima
de muito do seu conceito
sobre o meu trabalho
folclórico

TRABALHOS PREMIADOS NO 4º CONCURSO DE
MONOGRAFIAS SOBRE O FOLCLORE NACIONAL.
INSTITUIDO EM 1949 PELA
DISCOTECA PÚBLICA MUNICIPAL

Essa materialidade possibilita o manejar de formas e objetos, estruturas que vão delineando, estrategicamente, as práticas sociais de leitura e escrita, a exemplo daquelas praticadas nas Abadias medievais, com os livros amarrados às estantes, ou sucumbidos em porões das grandes catedrais, ou, ainda, o encontro do leitor com livros nos mais variados espaços de leitura, como as bibliotecas, os museus, os arquivos, as praças, enfim, muitas possibilidades vistas sob uma perspectiva histórica passada ou contemporânea. Uma época é, necessariamente, filha da que a antecede, embora não seja a mesma. A modernidade finca raízes na Idade Média, que legou a ela o processo manufatural na confecção de livros e, a partir deste, as formas modernas de tratamento, fabricação e circulação do impresso.

De modo muito significativo, a materialidade dos textos é marcada por um processo eclético, singular, totalmente distinto de outros mecanismos culturais, bem como por sua mobilidade, pois, se o encaramos dessa forma, podemos inferir que as estruturas físicas dos livros impressos foram e estão sempre vinculadas a um tempo de criação, de lapidação, de estética física da matéria. Isso significa que, historicamente, os livros seguiram padrões editorialmente definidos, influenciados

por processos sociais, instituídos num tempo e espaço. Rodrigues (2000, p. 14), compactuando desse raciocínio, assevera que é preciso

[...] inseri-lo num contexto histórico específico, não apenas como objeto, mas também como veículo que nesse mesmo contexto interfere. Seu conteúdo pode evocar o passado, contribuir para a compreensão do presente e até prever o futuro. Seu formato perpetua traços característicos de sua época, nacionalidade.

Esse imbricamento temporal, histórico e social tornou-se determinante, provocando, para além do texto, uma complexidade material no campo editorial, e o livro passa a ser dotado de características mercadológicas, influenciado de perspectivas estéticas, objeto pensado sob o ponto de vista também do consumo.

Assim, questões como ilustrações, tipo de fonte, gramatura do papel, *design* da página, frontispício, layout, entre outras peculiaridades, tomaram a forma de produto, revelador de um determinado momento e tendência histórica, materializando, o livro como um instrumento da cultura, como acontece com as artes que estampam as capas das obras, como se pode observar nas ilustrações de capas constante neste capítulo.

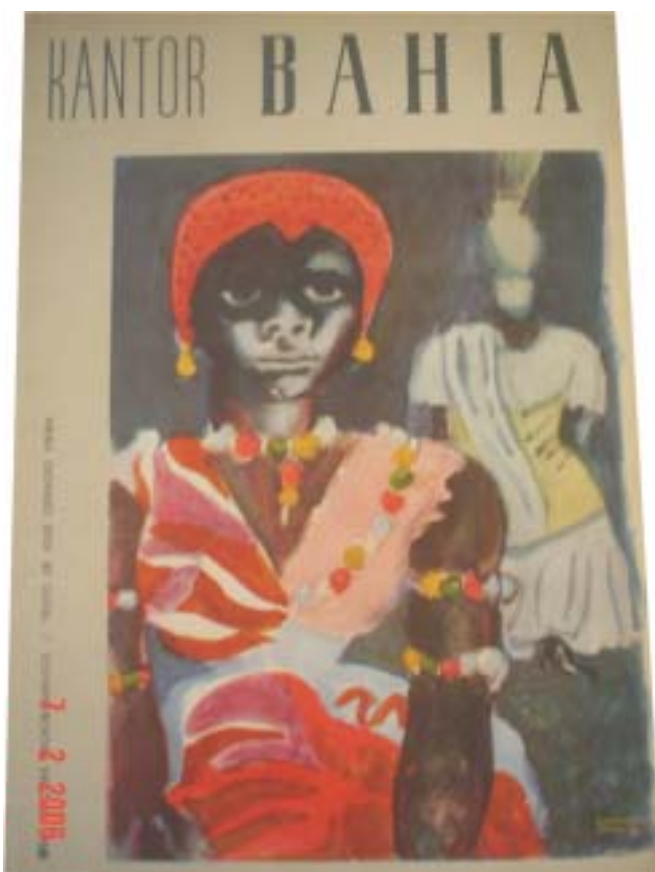


Ilustração 11 - Projeto editorial da obra Bahia

Fonte: AJSL

Os livros permaneceram marcados, com algumas características da obra manuscrita, embora elas tenham sido, gradativamente, substituídas por outras, como por a substituição do pergaminho pelo papel, dos tipos e formas de encadernação, da aplicação das ilustrações e, assim, sucessivamente. Essas mudanças vão dotando o livro de um caráter material de interesse social e histórico. Era a arte ou a ciência preocupada em estudar e/ou entender os aspectos materiais dos livros, contrapondo-se, pois, à bibliografia, cuja preocupação se volta para o conteúdo. Essa característica seria, então, na concepção de Rouveyre (2003), uma preocupação mais diretamente voltada para os acessórios do livro, enquanto, para Chartier (1999, p. 8), os “dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a leitura do escrito quando ele se torna um livro”.

Os livros vão se acomodando a um novo jeito de ser, influenciados, também, por uma tipologia de materiais que a tecnologia fabril e a indústria do impresso vão impor. Essa imposição delimitou territórios no campo do material, da base física, que é afetada na medida em que lhes sobrepõem novos materiais, verdadeiros corpos estranhos, como as tintas das anotações, as dedicatórias, marcas entre outras que, acrescidas às páginas impressas e editorialmente concluídas, fundem-se no suporte, tornando-se também matéria, conjunto complexo de análise.

Considero que toda mensagem, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Ela conta com as relações ativas da compreensão de quem as envia e de quem as recebe e as antecipa. Cada mensagem constitui, pois, uma parte inseparável da literatura ou da vida política do emissor e é produzida para uma leitura no contexto da realidade literária do momento, isto é, no contexto do processo ideológico do qual ela é parte integrante.

As marcas, muitas vezes, subvertem regras gramaticais, como mostram as dedicatórias, impostas pelas circunstâncias ou pelas condições de produção. Manuscritas, as dedicatórias são marcas à sombra do real, circuitos alheios aos olhares historiográficos, da história do livro, história da leitura e da literatura, das biografias, enfim, entram nos livros, das formas mais subjetivas e objetivas possíveis, algumas vezes, por casualidade, outras, por pura busca ordinária, efêmera, ocasional, circunstancial; outras, a convite, mas todas, igualmente, entram, rompem e tornam-se parte dos livros e, simultaneamente, integram sua materialidade, separável apenas quando, tática ou estrategicamente, eliminam suas partes, seu registro, seu discurso.

Essa imposição delimitou territórios no campo do material, da base física, que é afetada na medida em que lhes sobrepõem novos materiais, verdadeiros corpos estranhos, como as tintas das anotações, as dedicatórias, marcas entre outras que, acrescidas às páginas impressas e editorialmente concluídas, fundem-se no suporte, tornando-se também matéria, conjunto complexo de análise.

Do ponto de vista discursivo, Carvalho (2004, p. 2) defende que as dedicatórias, assim como os textos laudatórios, têm a finalidade de conquistar o interesse e a benevolência do leitor, exibindo por antecipação a causa final do discurso que segue, por meio de fórmulas de modéstia. Para isso, “articulam o antigo preceito da *capitatio benevolentiae*, ou conquista da simpatia, atenção e docilidade do público” leitor. Nesse sentido, verifico, em alguns casos, a utilização de uma obra dedicada a alguém, que é repassada a outrem como gesto de carinho, como aconteceu com a obra de Guimarães Rosa, dedicada a Simeão Leal, repassada à D. Maroquinhas por Cavalcanti Proença, como um gesto de conquista e docilidade.

A SIMEÃO LEAL,
(admirando-o bem)
com toda a estima
e o grato apreço
do
SAGARANA *Guimarães Rosa*
Rio, 27-8-56
Para D. Maroquinhas,
este que lhe oferece o meu
carinho como ao filho.
M. Cavalcanti Proença
Rio de Janeiro - 19-1962

Nessa mesma perspectiva, elas podem ser vistas ainda como gestos de consagração de oferta (do produto livro) ao homenageado, de reconhecimento como registra Paulo Ronái, na obra *Escola de Tradutores*, e Oswaldino Marques, com a obra *Cravo bem Temperado*.

ao querido amigo
J. Simeão Leal,
principal responsável
por este livro (e
por tantas outras)
com um forte abraço
e a sincera gratidão
do irresponsável
Paulo Ronái
com respeitosa homenagem
para D. Elói.

A
Simeão Leal,
com a expressão do meu elevado
apreço pela extraordinária obra
cultural que está reunindo à
frente do Serviço de Documentação
do M.E.S., homenagem de
Oswaldino Marques
(Rio - agosto - 1952)

Segundo Chartier (2003, p. 57), as dedicatórias são também “epígrafes preliminares de uma obra, endereçada àquele a quem é dedicado” ou, ainda, “oferecimento de um livro a alguém, com o objetivo de honrá-lo, enaltecê-lo”, diferentemente, do Século XV, quando prevaleciam as dedicatórias em formato de imagens grafadas nos frontispícios, em que o autor aparecia, quase sempre, em posição de opressão e de submissão em relação aos príncipes, dependentes de seus favores ou mecenatos. Já no Século XVI, as dedicatórias se revestem de sentidos específicos, principalmente quando utilizadas, na prática, para as obras científicas. Assim, as práticas de dedicatórias, historicamente, sempre foram revestidas de sentidos, a iniciar por Tomás de Aquino, que a literatura registra como o inventor da dedicatória. Sua atitude privilegiou seus irmãos e companheiros, tornando visíveis os que com ele trabalhavam no convento dominicano de Saint-Jacques, em Paris, conforme registra seu livro “*De ente et essentia*”, escrito, provavelmente, entre 1252 e 1256.

Para Chartier (1998), a prática da dedicatória pode revelar-se como um estar presente, pois se trata de uma pluralidade retórica, de destinação. Materialmente, as dedicatórias passam a pertencer aos elementos pré-textuais da obra, ou, como expõe o autor, imbricam-se geneticamente no suporte, uma espécie de enxerto para o qual não se espera rejeição, torna-se parte integrante, “*paratexto*¹¹⁰”, prática que se confirma como o dar e receber, “a mão do autor transmite o livro à mão que o recebe” É algo que persiste desde que haja lançamentos, autógrafos ou não. Manuscritas ou impressas em papel, as dedicatórias delimitam territórios, marcam pessoas, acervos, relíquias, raridades.

A justaposição desses elementos, aparentemente díspares, constitui a cena das dedicatórias, ou seja, a base que solidifica o ato do dar e receber, do entrar, permanecer e agradecer. Um gesto risca palavras sobre uma matéria, quase sempre, no mesmo lugar, na folha de rosto da obra: *Para o Simeão, que conhece a saudade, que fez este livro, com a muita amizade do Márcio [Tavares d’Amaral] Rio, agosto de 1983.*

O outro a recebe, ato testemunhado, às vezes, por dezenas de pessoas, grupos ou até mesmo, pela solidão, como se um copista trabalhasse silenciosamente nos *scriptoria*. Por outro lado, a cena transforma o ato num corpo a ser decifrado, lido, uma vez que o homenageado sempre lê diante do ofertante ou, pelo menos, finge que lê, gerando um ato de causa e efeito, dando a ver,

¹¹⁰ Terminologia adotada por Roger Chartier (1998) e Anne Cayuela, na obra, *Le paratexte au siècle d’or. Prose romanesque, livres e lecteurs em Espagne au XVII e siècle*. Genève: Librairie Droz, 1996, p. 8.

desse modo, a presença escrita enquanto forma que traduz sentimentos implícitos, materializa formas e jogos de sentidos. E tudo começa no instante em que o leitor busca o autor, independentemente do lugar, requisitando sua marca pela dedicatória: *Para Simeão Leal - instigador das edições desta natureza - êstes fragmentos do recorrente Joyciano. Com o abraço amigo do Haroldo de Campos. São Paulo 6.5.63.*

Algumas dedicatórias são emitidas livremente, o autor é que se privilegia de fazê-lo, marcando um lugar no objeto livro, enquanto “fiscalidade material”, ou mesmo alguém que, querendo utilizar-se da extensão desse privilégio, adquire a obra, não para si, mas para quem deseja dá-la de presente, a exemplo da atitude de Paulo Pereira, que presenteia José Simeão Leal com a obra de Antônio José da Silva, intitulada *Guerras do Alecrim: Ao querido amigo José Simeão Leal, divulgador da cultura brasileira, este livro que representa parte das nossas pesquisas sobre o passado nacional. Paulo Pereira, 30.08.87.*

Se o que se tem em mente é o livro impresso, marcado, de alguma maneira, pelas dedicatórias, não como algo distinto do todo, mas como algo também físico que se incorpora, tornando-se integrante na função intrínseca de registrar, aconselha Sússekind (2004, p. 455): “por vezes a anulação ou a alteração de propriedades convencionais da página é que servem de elementos fundamentais à composição”. Daí as escritas epigrafadas nas páginas de rostos, nem sempre compreensíveis, outras legíveis em letras maiúsculas, letras minúsculas e palavras que, ao primeiro olhar, são transgressoras da “tolerância oficial”, como a Carta em que um de seus missivistas o chama de Cão Tentador. Nesse caso, a dedicatória se utiliza de uma escrita íntima, ao estender a questão do carinho filial, como coloca Virgílio: *Para Heloia e o Simeão, com o carinho filial de Virgílio Rio, 12 de outubro de 78.*

5.1.2 As dedicatórias enquanto marcas

O livro em sua materialidade detém conteúdos decifráveis, o que a ele se integra, também. É o que se pode observar na análise no campo das dedicatórias, que são enxertadas no livro por meio da tinta utilizada na escrita. Algumas vezes, dependendo da composição química, rompem as fibras do papel. Uma vez absorvidas, tornam-se integrantes da página que lhes serve de suporte e lhes dá a ler. Com frequência, essas alterações nas estruturas formais do livro funcionam como um ajustamento da materialidade, um desenho que lhe é acrescido depois do processo fabril editorial.

Alterações dessa natureza são reveladas nos livros autografados ou dedicados a José Simeão Leal, num quantitativo de trezentos e oito, a maioria no campo literário, histórico-sociológico e cultural. Assim, verificam-se demarcações temporais, históricas, sociais e geográficas e, com raríssima exceção, um escritor estrangeiro, como por exemplo, Francisco Curt Lange, alemão radicado em Montevidéu, Uruguai que estudou e escreveu sobre a música barroca mineira. Exemplificando, as dedicatórias podem demarcar, no campo das bibliotecas privadas pessoais, um período ou tempo histórico, uma relação de sociabilidade, de presentificação. Isso é possível observando-se datas e assinaturas, pois é comum as dedicatórias virem datadas e, em muitos casos, acompanhadas da localidade geográfica. É o que acontece nos livros dedicados a José Simeão Leal.

Do total de volumes examinados, apenas em 42 (quarenta e dois) deles, não foi possível visualizar, com nitidez, o último algarismo do ano, excluído, portanto, dessa primeira análise. Noutro exemplo, é possível identificar a ocorrência de datas e lugares, como em *Vida e morte de Louis Moreau*, da autoria de Francisco Curt Lange, em que o autor coloca: “Para o caro Simeão Leal este pequeno trabalho duma história da musica brasileira ainda não escrita e a consciência de publicá-la em português na sua direção, respondendo às proclamações da mística música brasileira”, Mendonza, 1956.

Outra questão, ainda marcada pela data registrada na dedicatória, é a continuidade de relacionamento, principalmente quando consideramos o significado do discurso. É o que acontece nas dedicatórias de Carlos Drummond de Andrade, nos livros: *Fazendeiros do Ar: poesia até agora* (1954); *Poemas* (1956); *Fala amendoeira* (1957); *Lições de Coisas* (1962) e *Caminhos de João Brandão* (1970), como: “A Simeão Leal esta viola que não é propriamente de bolso, com um abraço amigo do Drummond, Rio 1952”; “Ao caro Simeão com um abraço, Drummond, 1956(?)”; “A Simeão com um abraço amigo do cronista, Drummond, 1957”; “Ao caro Simeão com um abraço amigo do Drummond, 1962”; “A Simeão Leal que a gente não vê, mas a quem quero o mesmo bem de sempre, um abraço amigo do Drummond, Rio 1970”; respectivamente; e Cassiano Ricardo, com obras em cujas dedicatórias não consta a localidade, como em *A face perdida: 1948-1949* (1952); *João Torto e a Fábula* (1956), “A Simeão Leal com alto apreço literário e pessoal, ofereço Cassiano, 1952”; “Ao Simeão Leal com apreço e amizade do Cassiano, 1956”.

A observância às datas se dá com maiores especificidades quando a obra foi acrescida ao acervo ou, ainda, o período em que foi recebida. Numa análise mais extensiva, pode-se ver, inclusive, o momento historicamente dado, uma continuidade temporal de relações marcadas por permanências, além da explicitação da data exata da inclusão da obra no acervo e, conseqüentemente, na vida do receptor.

No tocante à importância do registro das datas, pode-se perceber, ainda, o momento histórico vivido pelo recebedor, no caso em pauta, por José Simeão Leal. Das obras dedicadas a ele, 51,7% foram dedicadas nos anos 50, o que pode ser um indicativo para considerar uma fase áurea, o ápice de sua atuação como editor no Serviço de Documentação, de sua convivência na roda dos intelectuais, levando-o a frequentar momentos de autógrafos entre muitas alusões que poderiam ser inferidas, ratificadas pelos demais percentuais observados nas décadas subsequentes. Na década de 30, com o percentual de 1,33%; na década de 60, com 18,55%; década de 70, com 10,6%; década de 80, com 10,3%, e na década de 90, com o percentual de 1,10%. A década de 30 foi o período em que ele ainda não atuava em nível nacional, limitava-se à área oposta ao campo cultural, servindo como médico/chefe de polícia no estado da Paraíba. Ademais, os anos contemplados foram apenas 1931 e 1932.

Enquanto isso, a década de 90 reflete o período do seu afastamento social, cultural e profissional, já aposentado e com limitações físicas, impostas por problemas de saúde que o abateram. Essa incursão reforça o fato da importância de se analisarem as datas, parte integrante de quase todas as dedicatórias. Do ponto de vista material, ainda, se a data estiver agregada a uma análise minuciosa da página, do tipo de tinta utilizado, da encadernação, do tipo de cola, poderá servir para estabelecer datas prováveis de produção da obra, podendo indicar, inclusive, métodos de produção e tecnologias utilizadas.

Outra leitura possível, no campo da investigação das dedicatórias, diz respeito ao nível de relacionamento entre quem oferece e quem recebe o livro. O nível pode ser compreendido sob o ponto de vista da profundidade do relacionamento, marcada, algumas vezes, pelo uso de expressões comuns, cotidianas, ditas a quem mantém um relacionamento de muita proximidade ou, ainda, pela sequência temporal, marcando a presença de um vínculo histórico, social e/ou profissional. Nesse sentido, explicitam-se as marcas de proximidade entre Simeão e Sergio Milliet, nos seguintes escritos, nos volumes 6, 7 e 8 da obra *Diário Crítico: “Ao Simeão Leal com um grande abraço do Sergio. 1950”*. Três anos depois, em 1953, Milliet trata Simeão, deferindo-o como um amigo de longas datas. Para isso, utiliza-se do adjetivo velho: “*Para o velho com a amizade de Sergio, 1953*”; e no volume 8, abraça o mesmo velho: “*Para o velho Simeão Leal com um abraço do Sergio*”. Caso semelhante fica evidente na dedicatória do gramático Celso Cunha, na qual se evidencia um acréscimo sobremaneira significativo da relação entre os dois, a qual, além de temporal, envolve uma relação familiar, incluindo o nome de Eloáh, esposa de Simeão, na dedicatória da obra *Política e cultura do idioma: “Ao Simeão com a velha e invariável amizade”* e na obra *Língua portuguesa e realidade brasileira*,

em que acrescenta: *"Para Simeão e Eloah do velho amigo Celso"*. Nessa mesma direção, está o escrito de Herman Lima, ao dedicar ao casal a obra *Roteiros da Bahia*: *"Para os caros amigos Eloah e Simeão com o afeto de sempre, do velho companheiro, Herman"*, e de Otto Maria Carpeaux, na obra *Livros na Mesa*, editado em 1961, ao assinalar: *"Ao querido Simeão e Eloah toda a admiração e amizade do velho amigo, Otto"*. Murilo Mendes, em 1962, na obra *Antologia Poética*, registra: *"Aos meus queridos Simeão e Eloah, fraternalmente, Murilo"*. E em 1972, em *Poliedro*, reforça a durável amizade construída, por meio de um sentimento de gratidão: *"Aos meus queridos Simeão e Eloah afetuosamente grato, Murilo"*.

Em face do caminho percorrido neste estudo, identifico possibilidades que permitem apontar as dedicatórias como um campo amplo de interpretação do livro para além de sua materialidade, quais sejam: dos autores com os quais o leitor recebedor mantém relações de proximidade, de afetividade ou de distanciamento; do doador, pela cumplicidade com o recebedor, que pode ser homenageado com obras cujos temas lhes são de interesse; das obras que, doadas a outrem, são repassadas por ele a terceiros, tendo em vista o tema, o interesse e o conhecimento de quem transfere a obra sobre quem a recebe.

Há, ainda, um estado de pertencimento a acervos formados por descartes, ou seja, os sebos, de obras eliminadas de acervos privados pessoais pelo desuso ou desinteresse, sem a extirpação da dedicatória. Esse ato pode representar o apagamento da memória individual pelo descarte material do objeto, transferindo ao conhecimento de outrem relacionamentos passados. Por tudo isso, as dedicatórias assinalam um ponto de análise para constituir a escrita de si, compondo, assim, a autobiografia do personagem a partir do seu acervo pessoal. Além de representar uma de suas realizações mais plenas do ponto de vista da atuação de editor e divulgador da cultura no Brasil, é também o testemunho de uma sensibilidade literária cada vez mais empenhada, criando uma ponte entre o escritor, o editor e o leitor.

Além de traçar um perfil de sociabilidade e afetividade, tanto por parte do recebedor das obras a ele dedicadas quanto as adquiridas para lhe dedicarem, ou ainda, analisar o nível de relacionamento existente entre o escritor e o homenageado, nas dedicatórias impressas, por ocasião da produção de livros, pode inspirar estudos futuros, visto que a análise não se esgota, mas deixa a certeza de que os livros impressos vivem ou estão à sombra das dedicatórias, pois elas se transformam num espelho onde se reflete o poder da relação editorial e de sociabilidade entre quem oferta e quem recebe. (CHARTIER, 2000).

6 ENCERRANDO A NARRATIVA, ANTES DE DEIXAR O ARQUIVO

*“Que fiz eu de lembrar? E de esquecer?
De lembranças e de esquecimentos
pus no tear a trama de uns momentos
em que me vejo sem me querer ver...”
(CAMPOS, 2002, p. 131)*

Chegou o momento de despedir-me do arquivo privado pessoal de José Simeão Leal, guardar suas pastas e caixas, fechar suas gavetas e deixar, mesmo que temporariamente, a documentação que me acompanhou durante os três últimos anos de pesquisa e escritura deste texto. Olho para cada papel, cada fotografia, e percebo quantas perguntas ainda poderiam ser feitas, e ainda não fui capaz de ler. Saio com muito mais indagações do que entrei, porém com a certeza de que preciso retomá-lo em breve, provocar novos diálogos, dessa vez, sem pressa, sem os direcionamentos formais a que se submete todo pesquisador ou iniciante.

Construir este texto pareceu-me uma eternidade, pois, a cada mergulho por entre os papéis velhos e embolorados que constituem o arquivo de José Simeão, era uma descoberta sem fim. Algumas vezes, senti vontade de parar no meio do caminho, porém conhecer e divulgar a história de Simeão Leal foi algo mais forte, pois as construções, sejam elas quais forem, são eivadas de altos e baixos, de perdas e conquistas, de renúncias e amadurecimento e de novas descobertas. Tomo por empréstimo um fragmento do discurso que Simeão fez para seus alunos em 1975, por ocasião da colação de grau, para expressar esse período da minha vida: “*Não sabem, mas eu não esqueço, e quão profundamente reconhecido[a] estou, que foi neste tumultuado e estimulante convívio, no princípio amigável e produtivo nos tempos, que mais recebi, do que podia e devia dar, se mais e melhor estivesse preparado[a], para esta maravilhosa tarefa[...]*”. É necessário levar adiante esta pesquisa, principalmente, porque Simeão Leal arquivou, anos a fio, seus documentos, favorecendo a mim e a outros para que entrássemos em sua intimidade e o conhecêssemos, mesmo sem ter convivido com ele.

Uma certeza me tranquiliza: Simeão, mesmo não tendo uma formação acadêmica, na área cultural, deixou-se levar, fincando suas raízes no que lhe era aprazível. Deixou crescer uma árvore frondosa, cuja sombra envolveu minha curiosidade, razão por que eu não poderia

desistir, pois, ao fazê-lo, estaria me furtando de trazer a lume sua vida e obra, silenciada na história, que agora se traduz com a apresentação deste estudo, transformado em tese.

O Arquivo privado pessoal de José Simeão Leal possibilitou que eu extraísse, da diversidade de objetos o que Foucault (1992) chama de escrita de si, ou seja, fontes autobiográficas por ele acumuladas, e que, como tais, intencionalmente revelam sua trajetória no meio editorial, artístico, político, literário e cultural.

Com seus percursos marcados por seus muitos deslocamentos, um homem ocupa vários espaços e atividades, capazes de favorecerem a construção da sua própria trajetória, a de homem múltiplo: médico de formação, professor de ensino médio, funcionário com cargo de chefia no DASP e, em seguida, estagiário do mesmo órgão, um homem não se deixou abater pelas adversidades, pelas trocas constantes de função, que solidificaram a sua formação profissional, seus fazeres e viveres diversificados. Entretanto, o grande mérito do trabalho desenvolvido por Simeão Leal foi sua atuação como produtor cultural, enquanto esteve no Serviço de Documentação, entre 1947 e 1965, o que me ajudou a refletir sobre alguns elementos da ambiência intelectual da época. Assim, pude adentrar em aspectos da produção e da divulgação de conhecimentos no contexto brasileiro, a partir do registro de materiais que compõem o acervo de Simeão Leal: (Matéria Jornalística) recortes de jornais, dedicatórias, cartões, cartas, cadernos de cultura, correspondência de inúmeros literatos interessados em publicar seus escritos, enfim, diversas fontes documentais que revelam os relacionamentos em torno de uma personalidade-chave para divulgação e disseminação da produção literária e artística.

A vocação do editor/produtor cultural parece tê-lo impulsionado a se portar publicamente de uma maneira bastante singular. Como não se notabilizou por uma ampla produção no campo literário, pois não escreveu obras propriamente ditas, Simeão se serviu, entre outros meios, de *Os Cadernos de Cultura* como forma de divulgação de conhecimentos. Além dessa produção, ele apresentava tudo aquilo que via como valorização da cultura: aspectos das manifestações culturais populares, palestras/discursos/encontros com alunos de cursos de graduação, entre outros.

Embora caracterizado pela ausência de uma obra, o percurso de Simeão Leal tem muito a dizer da efervescência intelectual de sua época. Foi nessa direção que me perguntei sobre os motivos que o teriam levado a se envolver com produção cultural, editando livros de tantos literatos no Brasil, a se sentir mais à vontade nessa via ao invés da de escritor. Se

optasse por preencher essa lacuna com elementos ligados apenas à vocação literária de Simeão, deixaria de lado todo o envolvimento intelectual que agiu sobre ele. Se todo o seu acervo somente me fosse útil para que percebesse que Simeão não escreveu obras, abandonaria uma gama de deduções que esse material pode fornecer. Se o conjunto de materiais que compõem o acervo oferece, em abundância, trabalhos realizados intensamente, consequentemente, Simeão deixou muito a dizer. E se não se dedicou a uma produção pública pessoal, talvez pelo fato de ser muito exigente consigo mesmo ou de almejar um trabalho quase próximo da perfeição, não importa muito, importa é que foi campo fértil para tantos intelectuais no Brasil. Assim, livre de qualquer julgamento, Simeão pode e deve ser tratado como o grande editor público do país.

À medida que passei a ver a produção de José Simeão Leal, me orientei na direção de seu legado. Seria possível, de fato, tomá-lo como grande articulador e disseminador da cultura brasileira. É correto afirmar que Simeão construiu e edificou sua autoimagem de intelectual e ocupou o lugar que lhe coube na *República das Letras*.

Visto a partir do envolvimento sociocultural, o desempenho de Simeão pode nos remeter a uma série de elementos, que se encontram além das particularidades de sua atuação como editor. Encontram-se no espaço de sociabilidade, representado pela correspondência com intelectuais, pela possibilidade de fazer com que circulassem, no país, o conhecimento sobre *Os Cadernos de Cultura*, jornais, boletins, entre outros, criados e alimentados por ele, que era também uma fonte permanente para outros canais de divulgação. Portanto, seus fazeres foram expostos publicamente, nos jornais e revistas que circulavam na época, e se ocupavam quase que diariamente em disseminar seus feitos, suas editorias, a exemplo dos anos 50, cujo nome permeava os periódicos diários.

Pelo fato de perceber que Simeão se excedia em conhecimentos e se colocava à frente de seu tempo, posso apontá-lo como um grande expoente da cultura brasileira. O contato com a tradição historiográfica, por meio do acervo de Simeão Leal, fez-me recolocar em cena essa figura, silenciada no meio cultural, no artístico e no literário, considerando a total inexistência e omissão de trabalhos que ventilem seu nome e lhe atribuam um lugar na história.

A revisão teórica, dentro das tendências atuais da crítica biográfica, deu sustentação à escritura deste texto, ao tempo em que eu lia as cartas, as dedicatórias, os cadernos de cultura, enfim, tudo aquilo que pudesse trazer à lume os fazeres e viveres de Simeão. Nessa trajetória, convoquei o próprio Simeão para se pronunciar sobre si mesmo, conforme ele constrói um eu autobiográfico, na sua correspondência ativa; nas suas participações em

festas de formatura, nos discursos a convite; nas viagens em missão diplomática, nos livros de sua biblioteca, nas particularidades das dedicatórias, nas fotografias, enfim, em cada documento, em cada testemunho arquivado, pormenorizando lugares pelos quais passava, com descrições interessantíssimas, como se em cada pedaço daquele universo, em cada descrição que fazia, fosse possível transmutar-se. Assim, fui contrapondo a esse conjunto de documentos “autorreferencial”, como pontua Lejeune (2008), a interpretação do biógrafo, aberta à crítica do leitor interessado em conhecer a personagem em foco.

Através desse viés, aproximei-me do acervo de José Simeão Leal. Fui da aceitação à condenação, para atingir o entendimento de seus fazeres e viveres, fortalecida pelo trabalho crítico de pesquisar e divulgar esse homem - nordestino-paraibano -, que construiu um legado intelectual e que não ocupa, ainda, com destaque, um lugar no cenário cultural do Brasil, foi prazeroso. Entendo que a sua trajetória não se relaciona somente às questões que inaugurou como editor público no Brasil, mas juntou política e cultura e forneceu “chão social”, como diria Mário de Andrade, às ideias literárias durante alguns anos. Simeão é, portanto, o elo da geração de intelectuais de 1940 a 1965. Em certa medida, ele inaugura a série dos grandes escritores no Brasil, como Clarisse Lispector, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Thiago de Mello Neto, Murilo Mendes, Virgínius da Gama e Melo, Aderbal Jurema, Juarez Batista, dentre tantos outros.

Simeão Leal percebeu o que havia de qualidade na produção literária brasileira, e colocou a sua responsabilidade intelectual na divulgação dessa produção. Não foram poucas, sabe-se agora, as atividades desenvolvidas por ele, sempre movido por um ideal – relacionado ao empenho em publicar textos de escritores renomados, mas, prioritariamente, difundir, disseminar a produção de autores menos conhecidos, com talento reconhecido, para que desabrochassem no campo das letras e das artes. O começo, como pensava Simeão, seria usar a oportunidade que oferecia, mesmo se arriscando a errar, mas, ainda assim, considerando o meio para atingir o fim desejado. Só dessa maneira, como sombras em meio ao esplendor da nossa literatura, vivem outros personagens que são o poeta popular, o repentista, o escritor anedótico, o músico, a “feição do povo”, como Simeão costumava dizer.

Assim como há lugar, no polo da produção, para se divulgarem de escritores, também há lugar para o editor/produtor cultural, principalmente para o editor público, como por exemplo, Simeão, que abriu espaço para a publicação e a divulgação do fazer literário no Brasil, nas primeiras décadas do Século XX. Os fazeres e viveres de Simeão não devem ficar exilados em seu acervo. A mim, só me coube a tarefa gratíssima de recompor e

interpretar, por meio das hostes intelectuais, a vida e a obra da personagem em foco. O deleite teve como condição a consciência e o conhecimento do acervo do qual a obra é produto, da contribuição da história. É na história, como diria Bourdieu, que reside o princípio da liberdade em relação à história.

Tendo, pois, evocado a vida e a obra de Simeão Leal (a relação com seus pares, com os familiares, com seus amigos, que também têm um papel preponderante em sua caminhada), resta dizer que a relação que se objetiva em sua trajetória descreve as posições ocupadas por ele em estados sucessivos do campo cultural, literário e artístico. Assim, está comprovada a tese de que Simeão desenvolveu um trabalho decisivo para a história e a cultura brasileiras e, com nesse ato, imprimiu sua autoimagem de intelectual, impondo uma angulação de temáticas que, mesmo no campo da estética, poderá ser percebida.



Handwritten signature

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

a) Obras Citadas

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégia de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

AIRES, Jose Luciano de Queiroz. *Inventando tradições, construindo memória: a Revolução de 1930 na Paraíba*. 2006. 150f. (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

ALMEIDA, Horácio de. *Brejo de Areia: memórias de um município*. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 1980.

ANDRADE, Mário de. *A lição do amigo: cartas de Mário a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ANTELO, R. As revistas literárias brasileiras. Disponível em: <[http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim de pesquisa2](http://www.cce.ufsc.br/~nelic/Boletim%20de%20pesquisa2)>. Acesso em: 30 de agosto de 2008.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. *A palavra e o silêncio: biblioteca pública e estado autoritário no Brasil*. João Pessoa: UFPB, 2002.

ARNAUD, Antonio Carneiro. Ruy Carneiro: Paraíba, nomes do século. *A UNIÃO*, João Pessoa, 2000 (Serie Histórica, n. 35).

ARÓSTEGUI, Júlio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. São Paulo: Edusc, 2006.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 11, 1998.

AUGÉ, Marc. *Le sens des autres*. Paris: Fayard, 1994.

BARRÁN, Alícia Casas de. Comentário. In: DOCUMENTOS PRIVADOS de interesse público: o acesso em questão. São Paulo: IFHC, 2005. p. 173.

BARROS, Eudes. *Repercussão na Paraíba da Revolução Praieira*. UFPB: João Pessoa, 1973.

BARTHES, Roland, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Trad. Isabel Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1974a.

BASSANTE, Cássio Emmanuel. *Santa Rosa em cena*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1982.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos sulinos: a fonte documental e o conhecimento literário. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 129-140.

_____. A materialidade do sentido e o estatuto da obra literária em O senhor embaixador, de Érico Veríssimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 199-276.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre, *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.

_____. A ilusão biográfica. In: _____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2005b. p. 74 -82.

BRAGA, Rubem. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1958.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. p.43-57.

CAMPOS, Geir. Soneto. In: BRAGANÇA, Aníbal; SANTOS, Maira Lizete dos. (Orgs.) *A profissão do poeta: 13 pequenos ensaios e depoimentos em homenagem a Geir Campos & Carta aos livreiros do Brasil: Poemas e outros textos inéditos de Geir Campos*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

CARNEIRO, Joaquim Osterne. *Os Carneiros do Sertão da Paraíba e de outras terras: aspectos históricos, políticos, genealógicos*. João Pessoa: Mercado, 2004.

CARNEIRO, Ruy. *Depoimento prestado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1977. Disponível em: < <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>>. Acesso em fevereiro 2008.

CARONE, Edgard. *Brasil: anos de crise 1930-1945*. São Paulo: Ática, 1991. 336p.

_____. *Revoluções do Brasil contemporâneo: 1922 a 1938*. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, [1990?].

CARPEAUX, Otto Maria. Prefácio. In: FONSECA, PLACER, Xavier; Edson Nery; PINTO, José Alcides (Orgs.) *Catálogo das publicações do Serviço de Documentação (1947-1965)*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde, 1965.

CASTELO BRANCO, Uyguaciara Veloso. *A construção do mito do meu filho doutor*. João Pessoa: UFPB, 2005.

CARVALHO, Maria do Socorro Fernandes de. Discursos preambulares são exórdios de obras poéticas. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE O LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Universidade Federal Fluminense, 2004, 10 p.

CERTEAU, Michel de. *Ler: uma operação de caça*. In: _____. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis: vozes, 1994.

_____. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CÉSAR, Tarcísio Meira. *Crônica*. Jornal de Brasília, Brasília, p. 10. 86

CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP, 1998a.

_____. *Introdução*. In: _____. CAVALLLO, Guglielmo. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998b.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1999.

_____. *Cultura, escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Abaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. O príncipe, biblioteca e a dedicatória. In: O PODER das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

_____. *História cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002a.

_____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002b.

_____. Mecenato e dedicatória. In: CHARTIER, Roger. *Formas e sentido cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

_____. Figuras literárias e experiências sociais: a literatura da malandragem na Biblioteca Azul. In: CHARTIER, Roger. *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura*. (século XI-XVIII). São Paulo: UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger; HÈRBRARD, Jean. Entre public et privé: la correspondence, une écriture ordinaire. In : CHARTIER, Roger (Org.) *La correspondence: les usages de La correspondence au XIX siècle*. Paris : Fayard, 1991. p. 451-58.

CÓRDULA, Raul. *Apresentação*: folder da exposição. Brasília: FUNART/INAP, 1985.

CORREIO DA MANHÃ, 13 nov.1958.

CORREIO DA MANHÃ, 24 jul. 1951.

CROSS, Rob; PRUSAK, Laurence; PARKER, Andrew. Where work happens: the care feeding of informal networks in organizations, 2002. Disponível em: <http://www-3.boulder.ibm.com/services/learning/solutions/ideas/whitepaper/iko_wwh>. Acesso em 30 de junho de 2007.

CUNHA, Luiz Antonio. *A Universidade Temporã: o ensino superior da colônia à Era Vargas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.) *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: CEL/FAEL/UFMG, 1995. p.53-62.

D'ARAÚJO, Maria Celina. O fio da meada no diário e Vargas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. *Estudos Históricos*, v. 9, n. 17. 1996. p. 189.

DAMIÃO, Carla Milani. *Sobre o declínio da “sinceridade”*: filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DARNTON, Robert. *O beijo de lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

DAUPHIN, Cécile. *Pour une histoire de la correspondance familiale*. Paris: Romantisme, 1995.

- _____. POUBLAN, Doniële. Maneira de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (org.). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UFP, 2002. p. 75-87.

DAVIES, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

DEL PRIORE, Mary. *A família no Brasil colonial*. São Paulo: Moderna, 1999.

DELGADO, Márcia Cristina. *Cartografia sentimental de sebos e livros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DICIONÁRIO de terminologia Arquivística, São Paulo: Associação dos Arquivistas do estado de São Paulo, 1996. p. 41.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Fazer com alegria. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, 3 nov. 1965. p. 4

DRUMMOND DE ANDRADE. Museu Fantasia?. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972.

DUARTE, Patrício Araújo. *Revista Cultura: modernidade gráfica e informacional*. 2001. 213f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.

ELIAS, Nobert. *A Sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FALCONI, Guilherme. *Soldados da Paraíba: documentando a história*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1934.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: historiografia e história*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FÁVERO, Maria de Lourdes de A. *Universidade do Brasil: das origens à construção*. Rio de Janeiro: UFRJ: INEP, 2000.

FIUZA, A. et al. *Uma história de Areia*. João Pessoa: Universitária, 1998.

_____. et al. Rebelião praieira: um estudo de caso em Areia/Pb. *Revista de História Regional*, [s.l.], a. 7, n. 2, jun. 2002. p. 33-49. Disponível em: <<http://www.uepg.br/rhr/v.7n2/2%20Fiuza%200k.pdf>

FOUCAULT, Michel. Escrita de si. In: _____. *O que é um autor*. 2. ed. [S.l.]: Passagens, 1992.

_____. *A arqueologia do saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FRAIZ, Priscila. *A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema*. *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 58-87, 1998.

GOMES, Ângela de Castro (Coord.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. In: _____. (Coord.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 51-76

GOTLIB, Nádia Batella. *Clarice Fotobiografia*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2008.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. *Morte e vida das oligarquias: Paraíba (1889-1945)*. João Pessoa: UFPB, 1994.

GUSDORF, Georges. *La découverte de soi*. Paris: Presses Universitaires de France, 1948.

GUSDORF, Georges. De l'autobiographie initiatique au gene littéraire. *Revue d'Histoire Littéraire de la France*, n. 6, p. 957-994, nov./dez., 1975

HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp/T. A. Queiroz, 1985.

_____. *O livro no Brasil*. 2. ed. Rev. Amp. São Paulo: Edusp, 2005.

HAYASHI, Marli Guimarães. Paulo Duarte e a defesa da universidade. *Saeculum: Revista de História*, João Pessoa, n. 11. ago/dez., 2004. 176-185.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KOFES, Suely. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

LE GOFF, Documentó monumnto. In: _____. *História e memória*. 4. ed. São Paulo: UNICAMP, 1994.

_____. *São Luís*. Biografia. Rio de Janeiro. São Paulo, 1999.

LEITE, José Roberto Teixeira. *Di Cavalcanti e outros perfis*. São Paulo: Edifício, 2007.

LEJEUNE, Phillippe. *O pacto autobiográfico: de Rosseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEWIN, Linda. *Política e parentela na Paraíba: um estudo de caso da oligarquia de base familiar*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LISPECTOR, Clarice. Literatura de Vanguarda no Brasil. In: MONTERO, Tereza; Manzo, Lícia. (Orgs.). *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 97.

MACHADO, Maximiano Lopes. *Quadro da revolta praieira na província da Parahyba*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1983.

MAIA, Sabiniano. *Itabaiana: sua história, suas memórias (1500 - 1975)*. 2. ed. João Pessoa: SEC/PB, 1977.

MANGUEL, Alberto. *A biblioteca à noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro. *Gente opulenta e de boa linhagem: família, política e relações de poder na Paraíba: 1817-1824*. 2005. 284p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

MARIZ, Celso. *Areia e a rebelião de 1848: conferência*. João Pessoa: Departamento de Publicidade, 1946.

MARIZ, Celso. *Cidades e homens*. João Pessoa: A União, 1945.

MARSON, Izabel Andrade. *Movimento praieiro: imprensa, ideologia e poder político*. São Paulo: Moderna, 1980.

MARTELETO, Regina Maria; TOMAÉL, Maria Inês. A metodologia de análise de redes sociais (ARS). In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). *Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação*. São Paulo: Polis, 2005.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais a brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 440p.

MINDLIN, Henrique E. *Modern architecture in Brazil*. Rio de Janeiro: Colibris, 1956. p. 197.

MIRANDA, Wander Mello. Arquivos e memória cultural. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 35-42.

MOMENTOS do Livro no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

MONTEIRO, Hamilton M. *Brasil Império*. São Paulo: Ática, 1986.

MOREIRA, Maria Alice. Na rede do tempo: história da literatura e fontes primárias – a contribuição de Joaquim Norberto. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 119–198.

ORLANDI, Eni. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PEREIRA, Joacil de Brito. *Simeão Leal: uma vocação política*. João Pessoa: O Norte, 1974.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PINTO, Irineu Ferreira. *Datas e notas para a história da Paraíba*. João Pessoa: UFPB, 1977. 2v.

POLLACK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989, p. 4.

QUEIROZ, Rachel. Simeão Leal. *Estado de São Paulo*. Crônica 2, fl. D-20, 06 jul/1996.

QUINTAS, Amaro. *O sentido social da revolução praieira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

RELATÓRIO DE PRESIDENTE DE PROVÍNCIA. <Disponível em: <http://www.crl.edu/content/brazil/pari.htm>>.

REMÉDIOS, Maria Luíza. O empreendimento autobiográfico Josué Guimarães e Érico Veríssimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 277-342.

REVEL, Jacques. Entre dois mundos: a biblioteca de Gabriel Naudé. In: *O PODER DAS BIBLIOTECAS: a memória dos livros no Ocidente*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

RODRIGUES, Jeorgina Gentil. *A criação da Fundação Oswaldo Cruz e a formação de acervos bibliográficos raros*. 2000. 124f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2000.

ROHAN, Henrique Beaurepaire. *Chorografia da Parahyba* do Norte. [Paraíba: S.n], [1860?]. (manuscritos)

ROSSEAU, J.; COUTURE, C. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

ROUVEYRE, Edouard. *Dos livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

SANTA CRUZ, Luís. *Um padrão de cultura: o Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura*. Rio de Janeiro: associação Brasileira do Congresso pela Liberdade, 1962. 14p.

SANTIAGO, Silviano. Com quantos paus se faz uma canoa. In: SOUZA, Eneida; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 15-24.

SANTOS, Idellete R. M. Fonseca dos (Org.). *Dicionário literário da Paraíba*. João Pessoa: A União, 1994.

SCHAPONICK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: república da belle époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. v. 3. p. 423-512.

SCHNEIDER, Otto. Livros: notícias literárias, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 10 jul. 1954.

SILVA, Luceni Caetano. *Gazzi de Sá compondo o prelúdio da educação musical da Paraíba: uma história musical da Paraíba nas décadas de 30 a 50*. 2006. 289f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: Remond, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

SIRINELLI, J. F. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 259-280.

SOARES, Lucila. *Rua do ouvidor 110: uma história da livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: José Olympio/FBN, 2006.

SOUZA, Eneida; MIRANDA, Wander Mello (Org.). *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

TARGINO, Maria das Graças; GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. O editor e a revista científica: entre o “feijão e o sonho”. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (Orgs.) *Mais sobre revistas científicas: em foco a gestão*. São Paulo: SENAC, 2008.

TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação crítica dos principais manifestos vanguardistas*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

TRIGUEIRO, Oswaldo. *A Paraíba na primeira república*. 2. ed. João Pessoa: A União, 1982.

VAL, Waldir Ribeiro do. Os cadernos de cultura de José Simeão Leal: homenagem. Poesia para todos. Rio de Janeiro, a. 9, n. 6, set., p.69-72, 2004.

VENANCIO, Gisele Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. 340f. Tese (Doutorado em História Social). – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. 2003. p. 17.

VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luis (Org.) *A Biblioteca de Machado de Assis*. São Paulo: Topbooks : Academia Brasileira de Letras, 2001.

VICENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpolo. *História para o ensino médio: história geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2001.

VILAS BOAS, Sergio. *Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens*. São Paulo: Summus, 2002.

ZILBERMAN, Regina. Minha teoria das edições humanas: memórias póstumas de Brás Cubas e a poética de Machado de Assis. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 17-118.

ZINSSER, William. *Inventing the truth: the art and craft of memoir*. 5. ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1998.

ZOPPI-FONTANA, Mônica G. Arquivo jurídico e exterioridade: a construção do corpus discursivo e sua descrição/interpretação. In: GUIMARÃES, Eduardo; PAULA, Mirin Rose Brum (Orgs.). *Sentido e memória*. Campinas: Pontes, 2005.

b) Obras Consultadas

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 155-202.

ALBUQUERQUE, Aurélio. *Areia, seu passado e seu presente*. [s.l.: s.n., 20?].

AMARAL, Aracy. A sabedoria do compromisso com o lugar. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 9, n. 23, p. 19 – 32, jan./abr. 1995.

AMOSSY, Ruth. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARBOSA, Francisco de Assis. Um Dom Quixote das letras. In: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos: O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1974b.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1968.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.) *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo, RS: UPE, 2002.

BOBBIO, Norberto. *Diário de um século*: autobiografia. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005c.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: BOURDIEU, Pierre; BRESSON, François, CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 231-253.

BRAVO, Gian Mario. Insurreição. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de política. 5. ed. Brasília: UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.

BUFREM, Leilah Santiago. *Editoras universitária no Brasil*: uma crítica para a reformulação da prática. São Paulo: EDUSP/UFPR, 2001.

BURKE, Peter (Org.) *A escrita da história*: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo DEOPS: 1924-1954*. São Paulo: Ateliê/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2003.

CARVALHO, Maria da Conceição. *Cordialmente, Eduardo Frereiro*: fragmentos (auto)biográficos. 2008. 362f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CITTADINO, Monique. *Aspectos da política paraibana na primeira república: 1892-1912*. João Pessoa: [20?]. (mimeo).

CITTADINO, Monique. Poder local e ditadura militar: o governo João Agripino – Paraíba (1965-1971). São Paulo: Edusc, 2006. 423p.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

CORRÊA, Carlos Humberto P. História oral: considerações sobre suas razões e objetivos. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.) *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

CUNHA, Maria Teresa (org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. 240 p.

DARNTON, Robert. Um inspetor de polícia organiza seus arquivos: a anatomia da república das letras. In: O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DE DECCA, Edgar. *1930 o silêncio dos vencidos*: memória, história e revolução. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. 209p.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ELIAS, Nobert. *Mozart*: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FAILLACE, Vera Lúcia Miranda (Org.) *Arquivo Arthur Ramos*: inventário analítico. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

GALDÊNCIO, Francisco de Sales. *Joaquim da Silva*: um empresário ilustrado do Império. São Paulo: Edusc, 2007.

GONTIJO, Rebeca. Paulo Amigo: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Angela de (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 163-193.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Entre periódicos e manuscritos. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 103-116.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. A Paraíba republicana: 1889-1945. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. *Estrutura de poder na Paraíba*. João Pessoa: UFPB, 1999. p. 53-95.

GUSDORF, Georges. *Condition and limits of autobiography*. In: James Olney (Org.). *Autobiography: essays theoretical and critical*. Nova Jersey, Princeton University Press, 1980.

HEYMANN, Luciana Quillet. Os fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, n.36, 2005, p. 1-18. Disponível em: http://www.cpdoc.fgv.br/revista/asp/dsp_edicao.asp?cd_edi=54 Acesso em: 21/07/2007.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. 2 ed. São Paulo: Ateliê, 2001.

LIMA, A. L. G. S. de e PINTO, M. M. S. Fontes para a história dos 50 anos do Ministério da Saúde. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, v. 10, n. 3, p. 1037-51, set./dez. 2003.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963 3v.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: Edusp, 2002.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 2003.

PALMEIRA, Balila. *José Leal: historiador e jornalista*. João Pessoa: IHGP, [20?].

REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. In: _____ (Org.) *Jogos de escalas: a experiência na microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1997. 3v.

RODRIGUES, Inês Caminha Lopes. *A gangorra do poder: Paraíba – 1889/1930*. João Pessoa: Editora Universitária, 1989.

SANTANA, Martha Maria Falcão de Carvalho e Moraes. *Poder e intervenção estatal: Paraíba – 1930 – 1940*. João Pessoa: UFPB, 2000.

SCHMIDT, Benício Viero, OLIVEIRA, Renato de, ARAGON, Virgilio Alvarez (Orgs.). *Entre escombros e alternativas: ensino superior na América Latina*. Brasília: UNB, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al. As concepções de pátria no Brasil Império. In: ENCONTRO ESTADUAL DE PROFESSORES DE HISTÓRIA, 9., João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Sal da Terra, 2000. p. 41- 47.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Poder e política na Paraíba: Colônia e Império. In: _____ et al. *Estrutura de poder de na Paraíba*. João Pessoa: UFPB, 1999. p. 19-51.

SÜSSEKIND, Flora. Não-livros. In: DIAS, Tânia (Org.). *A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2004. p. 442-488.

TOMÁEL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago., 2005.

WERNECK, Vera Rudge. A cultura e suas fontes. Ensaio: políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 25, p. 401-414, out/dez.

c) Recortes de periódicos sobre José Simeão Leal

ABANDONADO o curso de jornalismo da F. N. E. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 16 abr., 1953.

ADIADO o jantar: será no dia 3 de janeiro. *O Norte*, João Pessoa, [S.l.], 30 dez., 1954.

AGRADECIMENTOS. *Revista do Clube Militar*, n. 122, set. /nov., 1952.

ALBUQUERQUE, Aurélio. Alegres e sadios: flagrantos. [S.n., S.l., 1960?]

ALMOÇO REGIONAL ao escritor Semeão Leal, em Tambaú: oferecidos pelos jornalistas e escritores paraibanos. *O Estado*, [S.l.], 28 dez. 1954.

ALUNOS de Jornalismo visitam o Mundo. *Jornal o Mundo*, [Rio de Janeiro?], 1 out., 1954.

ANDRADE de Lopes. Homens, Épocas e Sistemas, *A União*, João Pessoa 16 fev., 1951.

ANDRADE Oswald de. Telefonema de pintura, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 out., 1953.

ANIVERSÁRIOS. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 nov., 1958.

AQUINO, Flávio. A ilusão de Simeão. *Manchete*, Rio de Janeiro, 22 nov., 1984.

AQUINO, Flávio. Simeão Leal: movimento perpétuo. *Manchete*, Rio de Janeiro, [1991?], p. 88.

ARTES plásticas: Simeão Leal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 6 set., 1991.

ARTISTAS modernos da Argentina. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 ago., 1953.

AUGUSTO, José. Na hora H. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 14 nov., 1958.

AUXÍLIO à cultura. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 1963. Panorama Literário.

AUXÍLIO à cultura. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 24 ago., 1952.

AYALA, Walmir. Simeão Leal e outros. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 20 agos., 1991. p. 32

BATISTA, Juarez da Gama. O Norte, João Pessoa, 09 out., 1952.

BATISTA, Juarez da Gama. Correio da Paraíba, João Pessoa, 25 agos., 1963.

BERNARDES M., M. Na hora h. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 18 jun., [50?].

OS BRASILEIROS brigariam para ocupar Paris. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 mar., 1963.

OS CADERNOS de cultura. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 mai., 1956.

CADERNOS de Cultura. *Tudo* [S.l.], 15 jul., 1956.

CALLADO, Antonio. Como virar país? *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 jul., 1953.

UMA CAMPANHA pela cultura: a atividade editorial do diretor do Serviço de Divulgação do Ministério da Educação. *A Gazeta de São Paulo*, 21 dez., 1952.

CARVALHO de Esaú. O Ensino de comunicação (II), *Correio Braziliense* 10 de jan. 1969.

CORREIO Paulistano, [São Paulo?], 1953.

CAVALCANTE, Valdemar. Prêmio Machado de Assis para o JC. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 14 jun. 1964.

A CIGARRA, [S.l.], 1959.

O CINQUENTENÁRIO de Simeão Leal. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 nov., 1958.

COELHO, Luís Lopes. Princípios de Simeão. [S.n, S.l, 1954?].

COISAS QUE funcionam bem... *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 jul., 1954.

COMEMORAÇÕES ao cinquentenário do escritor José Lins do Rêgo. *A União*, João Pessoa, 10 fev., 1952.

CONDÉ, José. Escritores e livros. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 mai., 1959.

CONDÉ, José. José Simeão Leal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 11 fev., 1963.

CONCURSO Literário para Estudante. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 16 jul., 1954.

CONCURSO para universitários, *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 30 jul., 1954.

CONCURSO literário o Cruzeiro. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 18 jul., 1959.

CORREIO DAS Artes, João Pessoa, 1956.

CULTURA. *A Notícia*, [S.l.], 6 mar., 1954.

CULTURA em cadernos. *Letras Fluminenses*, n.11 nov./dez., 1954.

O CURSO de jornalismo, — um filho ingrato. *Folha F. N. F.* [S.l.], 1957.

DAMATA, Gasparino. A história dos cadernos de cultura. *Diário de Pernambuco*, Recife, 20 mar., 1955.

DESIGNADO para alta missão de cultura o escritor Simeão Leal. *A União*, João Pessoa, 14 jun., [50?].

UM DEPARTAMENTO do Ministério da Educação. *Diário de Pernambuco*, Recife, 1 agos., 1954.

UM Dia no mundo: conferência da UNESCO. [S.n., S.l.], 1952.

O DIÁRIO. Belo Horizonte, [1956?].

DOCTORS, Márcio. Exuberância do Rebelde das cores. *O Globo*, 28 agos., 1991.

DUARTE, Waldemar. Simeão: o mecenas. *A União*, João Pessoa, 26 ago., 1961.

DUARTE, Waldemar. Simeão e o Congresso de crítica. *A União*, João Pessoa, [60?].

ELANE, Eloise; FARIAS, Wellington. Simeão. *Gente*, n. 123, 06 a 12 dez., 1996.

EM CARTAZ: Simeão Leal. *Veja*, a. 1, n. 2, Rio de Janeiro, set. 1991.

EM PREPARO a edição de Machado de Assis. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 ago., 1959.

O ENSINO superior na Paraíba. *A União*, João Pessoa, 30 mai., 1953.

ESCRITOR Simeão Leal [S.l.: S.n.], [1954?].

O ESCRITOR paraibano José Simeão Leal... *O Norte*, João Pessoa, [60?]

ESTUDANTES de jornalismo praticam técnicas de períodos nas redações. *Correio Radical*, 25 abril, 1956.

ERNESTO, Luiz. Flashes de ouro preto: 1954, *Tribuna da Imprensa*, [S.l.], 9 nov., 1954.

EXPOSIÇÕES: Simeão Leal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 set., 1991.

EXPOSIÇÕES: Simeão Leal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 agos., 1991.

FLAM, Rio de Janeiro, 1953.

FORMAM os críticos ao lado dos artistas. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 15 abr., 1954.

FREIRE, Bernardina. José Simeão Leal: o rebelde das cores. *Boletim FAVI*, n. 2, 5 edição, João Pessoa, 2008.

FREYRE, Gilberto. Publicações oficiais, essas desconhecidas. [S.n., S.l, 50?].

FROST, Robert. Gazetilha literária: comissão Machado de Assis, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1 fev., 1963.

O FUNCIONAMENTO da Escola Politécnica. [*A União*, João Pessoa, 60?].

O GABINETE de Simeão Leal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, [50?].

UMA GRANDE obra cultural. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 7 set., 1952.

GAZETA de Notícias, Rio de Janeiro, 1952.

GAZETA de São Paulo, São Paulo, 1952.

GOULART José Alípio. Obra de Mérito. *O Jornal*, Rio de Janeiro 04 out., 1953.

GRAZIA, Enzo de. Mostra d' arte: scultore di Camargo allá Sagittaria. Il Pícolo. [Pordenone, Itália?], 24 mai., 1981.

GRUPO DE intelectuais foi conhecer a Academia Militar das Agulhas Negras. *Informativo da biblioteca do Exército*. [S.l., 1958?].

HOMENAGEM, amanhã a José Simeão Leal. *O Norte*, João Pessoa, 29 dez., 1954.

HOMENAGEM ao escritor José Simeão Leal. *A União*, João Pessoa, 1 jan., 1955.

A HOMENAGEM de ontem ao escritor José Simeão Leal. *A União*, João Pessoa, 4 jan., 1955.

A HOMENAGEM dos intelectuais paraibanos a Simião Leal. *O Estado*, [S.l.], 4 jan., 1955.

AS HOMENAGENS da Paraíba a José Lins do Rego. *A União*, João Pessoa, 19 abr., 1952.

HOMENAGEADO, ontem com um jantar o escritor José Simeão Leal. *O Norte*, João Pessoa, 4 jan., 1955.

HOMENAGEADO o escritor Semeão Leal. *Jornal do Comércio*, Recife/PE, 5 jan., 1955.

O HOMEM do dia. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1952.

O HOMEM de gravata borboleta. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 4 fev., 1956.

UMA INICIATIVA inédita. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24 jul., 1951.

IDÉIAS e pareceres do Simeão. *Correio da Manhã*, [S.l.], 16 ago. 1952.

AO INICIAR. *Cadernos Mira Coeli*. [S.l., 50?].

INTELECTUAIS e jornalistas homenagearão o escritor Simeão Leal. *A União*, João Pessoa, 31 dez., 1954.

INTELECTUAIS com artistas canadenses. [S.n, S.l, 1960?].

INSTITUIDA a Comissão de Representação Cultural. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 05 nov., 1953.

JEAN Yvonne. Entrevistas – Relâmpagos no “Vernissage” da Bienal, [S.l.: S.n.], [1953?]

JORNALISTA Brasileiro convidado para dar um curso numa universidade americana. *A União*, João Pessoa, 21 jun., 1952.

JORNALISMO esportivo na Faculdade de Filosofia. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 24 abr., 1953.

JONES, Theomar. A solidão na sensibilidade de Simeão Leal, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 25 out., 1964.

JONES, Theomar. Menos sofrerá o homem de convivência intelectual? *Jornal do Comércio*, 30 mai., 1965.

JOSÉ Simeão Leal. *Presença*, [S.l.], out., 1952.

JOSÉ Simeão Leal é um caso raro na administração pública. *Flan*, Rio de Janeiro, 6 a 13 dez., 1953.

JOSÉ Simeão Leal. *Rio Magazine*, [Rio de Janeiro, 1954?].

JOSÉ Simeão Leal. [Sombra, Rio de Janeiro, 1954?].

UMA JUSTA escolha. [S.l.: S.n.]. [1954?.]

KELLY Celso. Simeão Leal, um editor em vez de um burocrata. *A Noite*, Rio de Janeiro, 6 set., 1955a.

KELLY Celso. Caderno de Cultura. *A Noite*, Rio de Janeiro, 5 set., 1955b.

LABOR cultural brasileira em la Comuna. *El Mercurio*, [S.l.], 9. jan., 1967.

LETRAS Fluminenses, Rio de Janeiro, 1954.

LETTRES brésiliennes. *Journal Français*. Paris, n. 29, [50?].

LETTRES brésiliennes. *Journal Français*. Paris, n. 34, [50?].

LETTRES brésiliennes. *Journal Français*. Paris, n. 39, [50?].

LIVRO de atas. Lyceu. Parahyba, 1920-1928.

LOUVOR ao Trabalho do Sr. Simeão Leal. *Jornal do Commercio*, [S.l.], 21 nov., 1958.

LUIS jardim no curso de Jornalismo. *Tribuna Imprensa*, [S.l., 1954?].

MARIA, Antônio. A noite é grande: ping-pong com um grande João. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 11 fev., 1954.

MAIS, Pedro Luiz. O vermelhinho sua gente e seu patrono. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 set., 1953.

MAURO, José. Intelectuais receberão o prêmio Paula Brito. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 16 jan., 1959.

MAURÍCIO, Jayme. SIMEÃO Aos 50, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, [1958?].

MAURÍCIO, Jayme. No Museu da Arte moderna: gente moça renovando a paisagem artística. [S.n., S.l., 60?].

O MÉDICO que deixou tudo e vive apenas para as artes. *Jornal da Caixa*, [S.l.], Ago., 1980.

MERCADO de artes: pinturas de poesia matemática. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 25 agos., 1991.

MINISTÉRIO da Educação e Cultura. *Diário Oficial* (seção I) p. 1, [s.l.], jun., 1957.

MONTELLO, Josué. Areia do tempo: os cadernos de Simeão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 ago., 1955.

MOSTRA do MAM renova linguagem artística. *Ultima Hora*, Rio de Janeiro, 27 dez., 1979.

MOURA. Caricatura de José Simeão Leal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, [50?].

O MOVIMENTO de artes plásticas no Brasil, *A Noite*, 15 set., 1952.

NO MUNDO dos Livros. José Simeão Leal, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 15 dez., 1956.

A NOITE, [S.l.], 1955.

O NOME do dia: José Simeão Leal. *Gazeta de Notícias*, [S.l.], 6 set., 1952.

O NORTE. João Pessoa, 1952

UM NOTÁVEL serviço cultural. *A Tribuna*, Rio de Janeiro, 1 de out., 1953.

OS NOVOS de Simeão Leal. [S.n.: S.l.: 1952?].

NUMA recente exposição... *Rio Magazine*, Rio de Janeiro, [60?].

O OBJETIVO... *O Diário, Belo Horizonte*, 7 set., 1952

OLIVEIRA, Franklin. Sete anos de pastor. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 14 agos., 1954.

ORGANIZADA A “Sala Visconti” da II Bienal. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro 06 nov., 1953.

OUTRA coleção. *Última Hora*, [S.l.], 22 mar., 1957.

OPERACIONE Brasile al Centro de iniziative di Pordenone: perché la scelta struttural per lê mostre allá sagittaria. [S.n., Pordenonde, Itália?] mag., 1981.

UMA PALESTRA com José Simeão Leal. *Jornal de Letras*, [S.n.], mai., 1952.

PANORAMA Literário: partiu para Paris, José Simeão Leal. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 17 jun., 1961.

PERSONALIDADES do mês: arte e literatura, Augusto Meyer, Manuel Bandeira, Cyro dos Anjos e José Simeão Leal. *Sombra*, Rio de Janeiro, 1953.

PERISCÓPIO. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 8 mar., 1955.

O PESSIMISMO de Graciliano Ramos. [S.n, S.l, 1952?].

A PINTURA livre e anárquica de Simeão Leal. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 agos., 1991.

PORTA DE livraria: os novos vão “furando”, *Flan*, [S.l.], 11 jul., 1954.

PLANOS para 55. *Correio da Manhã*, [S.l.], 11 jan., 1955.

A POSIÇÃO de Simeão Leal. *Revista Branca*: editorial, Rio de Janeiro, [1954?]

PRÁTICA de jornalismo. [S.n.: S.l.], jun., 1956.

PRESENÇA, [S.l.], 1952.

PRESTIGIA o governo o movimento modernista. *Diário Popular*, [S.l.], 25 mar., 1952.

PROFESSOR da Universidade do Brasil, o escritor Simeão Leal, [S.n.: S.l., 1954?].

QUANDO Lancei “Cultura”... *Revista Branca*, Rio de Janeiro, jul., 1952.

QUEIROZ, Geraldo. Coluna de Theatro: João Bethencourt no lugar de Simeão Leal, *O Globo*, Rio de Janeiro, 8 mar., 1963.

RIO DE Janeiro. *Les Nouvelles Littéraires*, [S.l.], 29 out., 1953.

RIO vê durante um mês desenhos de Simeão Leal. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 dez., 1984.

REGRESSOU ao Rio o escritor Simeão Leal. *A União*, João Pessoa, 6 jan., 1955.

RENOVAÇÃO no domínio das artes. *Última Hora*, São Paulo, 30 ago., 1952.

RENOVAÇÃO da paisagem intelectual e cultural... *A União*, João Pessoa, 7 dez., 1954.

UMA REVISTA de Cultura. *A União*, [João Pessoa?], 5 out., 1951.

REUNIU-SE o Conselho Deliberativo do Museu de Arte Moderna do Rio. *Correio da Manhã*, 16 mai., 1957.

REVISTA Branca, [Rio de Janeiro?], 1952.

REVISTA dos Tribunais. [S.l.], fev., 1950.

REVISTA O Cruzeiro, [S.l.], 1952.

RODRIGUES, Cláudia. De camarote. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 abr., 1952.

RODRIGUES, Cida. Música folclórica. *A União*, João Pessoa, 30 nov., 1996.

RODRIGUES, Gonzaga. Nem só de Volks vive o homem. *O Norte*, João Pessoa, [60?].

RODRIGUES, Gonzaga. Simeão de surpresa. *O Norte*, João Pessoa, [60?].

SANTOS FILHO, Pompílio. Homens de negócios fazem o curso superior de guerra. *Revista PN*, Rio de Janeiro, 22 dez., 1958.

SCHNEIDER, Otto. Livros: notas. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28 mai., 1952.

O SENHOR Simeão Leal... *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 13 jun., 1950.

SIMEÃO, o fabuloso. *O Norte*, [João Pessoa?], 9 out., 1952.

SIMEÃO Leal: os cadernos de cultura. *O Cruzeiro*, [S.l.], 25 out., 1952.

SIMEÃO Leal: 50 anos. [S.n: S.l.], n. 18, a. 18, 1958

SIMEÃO Leal e o curso de jornalismo: iniciada uma série de extensão, para todos os alunos. *Jornal do Mundo*, [S.n], 28 out., 1954.

SIMEÃO Leal: homem múltiplo. *Tribuna da Imprensa*, [S.l.], 17 mar., 1956.

SIMEÃO Leal sai das ondas. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 10 mar., 1956.

SIMEÃO, os novos e outros editados. *A Cigarra*, [S.l.], jun., 1956.

SIMEÃO Leal: 50 anos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 9 nov., 1958. p.2

SIMEÃO Leal, 50 anos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 nov., 1958. p. 3

SIMPÁTICA Homenagem a Simeão Leal, *Correio da Manhã*, 14 out., 1958.

SOARES, Rachel. Ecos Sociais: uma tarde, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. [S.n., S.l., 60?].

SOUZA, Fernando Tude. Um livro de Lucila Figueiredo. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 6 out., [50?].

TEIXEIRA, Novais. Parisiense fala do Brasil e dos brasileiros. *Manchete*, Rio de Janeiro, 10 abr., 1954.

A TRIBUNA, [S.l.], 1953.

TRIBUNA da Imprensa, [S.l.], 1956.

O 31º ANIVERSARIO: do diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação, *O Globo*, Rio de Janeiro 08 ago., 1956.

A UNIÃO. João Pessoa, 1953.

A UNIÃO. João Pessoa, 1954.

VERNISSAGEM. [S.n, S.l., 60?].

“VENTO Nordeste” sopra sucesso... *Última hora*, Rio de Janeiro, 12 abr., 1957.

O VELHO Simeão Leal. [S.n.], Rio de Janeiro, 16 nov., 1954.

VIAJOU ontem, Simeão Leal retornou ao Rio. *O Norte*, João Pessoa, 6 jan., 1955.

VISITA A “UNIÃO” do escritor José Simeão Leal. *A União*, João Pessoa, 31 dez., 1954.

VOCÊ votaria numa mulher para presidente? *Manchete*, Rio de Janeiro, agos., 1957.

VOZES da cidade. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 9 jun., 1952.

WANDERLEY, Allyrio Meira. Abre-te, Sesámo!. *A União*, João Pessoa, 14 set., 1940.

ZANINI, Walter. Novos empreendimentos do Serviço de Documentação. *O Tempo*: suplemento literário, São Paulo, 25 jul., 1954.

O Zé Simeão... *Correio da Paraíba*, [João Pessoa], 25 dez., 1961.

d) Instituições Pesquisadas

João Pessoa/PB

Arquivo Afonso Pereira

Arquivo Histórico do Estado da Paraíba

Biblioteca Privada Pessoal Professor Hildeberto Barbosa Filho

Biblioteca Privada Pessoal José Otacvio de Arruda Mello

Biblioteca Privada Pessoal Maria Ignez Novaes Ayala

Fundação Casa de José Américo

Instituto Histórico e Geográfico Paraibano

Rio de Janeiro/RJ

Arquivo Histórico Nacional

Fundação Casa de Rui Barbosa

Biblioteca Nacional

Cemitério São João Batista

São Paulo/SP

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Cronologia Biográfica

1908 – 13 de novembro, Areia/PB.

1996 – 06 de julho, Rio de Janeiro/RJ.

1908 – 13 de novembro. Nasce na cidade de Areia, filho de Alfredo Simeão dos Santos Leal e Maria de Almeida Leal

1909 – 07 janeiro, batizado na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Areia/PB, pelo Pároco Odilon Bemvindo.

1919 – A família Santos Leal muda-se para a Parahyba, passando a residir na rua Capitão José Pessoa, 98 – Jaguaribe.

1925 – Ingressou no Colégio Lyceu Paraibano, onde cursou o preparatório, obtendo grau sete.

1926 – Ingressou na Faculdade de Medicina do Recife/PB .

1927 – Transfere o Curso de Medicina para o Rio de Janeiro/RJ, passando a residir em pensão no Bairro do Catete.

1930 - 16/10/1930 a 28/10/1930, colocado com reservista do Batalhão Acadêmico

1932 - 10/08/1932 a 27/10/1932, torna-se 2º Tenente Auxiliar - Médico do 1º Batalhão Provisório, anexo ao Regimento Policial Militar pelo Estado da Paraíba.

1933 – Torna-se estudante interno no Hospital Escola de São Francisco de Assis da Universidade do Rio de Janeiro entre 02/01/1933 e 19/11/1934.

1934 – Torna-se médico adjunto do Hospital Escola de São Francisco de Assis da Universidade do Brasil entre 20/11/ 1934 e 31/12/1937.

1936 – Diploma-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

1937 – Registra-se como médico no Sindicato Médico Brasileiro em 04 de outubro.

1938 – 10 de Janeiro. Casa-se com Eloah Drummond, natural da cidade de Pelotas/RS. No mesmo ano, retorna à cidade de João Pessoa/PB, e emprega-se como Médico-adjunto assistente da sessão de cirurgia e ginecologia do Hospital Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia de João Pessoa; Chefe da clínica de urológica e venerológica do Hospital da Força Policial do estado da Paraíba e é nomeado, em 25 de fevereiro do mesmo ano, professor interino de História Natural da Escola Secundária do Instituto de Educação. Elege-se sócio efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba em 08 de março de 1938.

1939 – Preside as Bancas examinadoras da Disciplina de História Natural do Lyceu Paraibano. Em 17 de maio 05 do mesmo ano, é nomeado professor interino de Higiene do Complementar do Lyceu Paraibano.

1940 – 27 de março. Foi posto à disposição da Delegacia Regional de Recenseamento. De 01 de abril a 03 de janeiro de 1941, assume as funções de Secretário da Delegacia Regional da Paraíba.

1941 – 02 de janeiro. Designado Diretor Geral do Departamento do Serviço Público e nomeado em comissão para o cargo de Diretor da Divisão de Organização e Orçamento do Departamento do Serviço Público. Em 07 de agosto do mesmo ano, tornou-se membro da comissão executiva dos concursos organizados pela Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do D.A.S.P. para os cargos de Auxiliar de Datilógrafo do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Em 15 de dezembro de 1941, foi Designado Diretor temporário da Divisão de Pessoal, Seleção e Aperfeiçoamento do Estado da Paraíba.

1942 – 06 de março. Exonerado do cargo de Diretor da Organização e Orçamento e nomeado Diretor da Divisão de Pessoal, Seleção e Aperfeiçoamento do Departamento de Serviço

Público da Paraíba. Torna-se membro da Comissão da Proposta Orçamentária para o Estado da Paraíba e da Junta de alimentação estadual do Serviço de Alimentação e Previdência Social como representante do Estado. Membro da comissão executiva para concurso de 2ª entrância do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários.

1943 – 10 de julho. Exonerado da Divisão de Pessoal, Seleção e Aperfeiçoamento e nomeado para Diretor da Divisão de Organização e Aperfeiçoamento do Departamento de Serviço Público. Membro da comissão executiva para realização dos concursos de escriturário, datilógrafo, contador e almoxarife.

1944 – 27 de dezembro. Designado para realizar estágio no D.A.S.P. Membro da comissão executiva para realização dos concursos de escriturário, datilógrafo, coletor, almoxarife e escrivão da Coletoria.

1946 – Dezembro. Retorna ao Rio de Janeiro.

1947 – 15 de janeiro a 22 setembro de 1965. Assume o cargo de Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde ficando à frente do Serviço por 18 anos, 7 meses e 7 dias.

1948 – junho. Membro da comissão de estudo do Seminário de Inter-Americano de Alfabetização e Educação de Adultos. Membro da comissão organizadora da exposição Retrospectiva da Pintura no Brasil. Em 29 de julho do mesmo ano, registra-se como jornalista profissional no Departamento de identificação Profissional do Ministério do Trabalho e se efetiva no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Guanabara e do Estado do Rio de Janeiro (matrícula 2868). A partir de 01 de julho do mesmo ano, torna-se Redator da Revista Política e Letras

1949 – Em julho. Torna-se Presidente da comissão organizadora da “Exposição de Educação de Base” do Seminário Inter-Americano de Alfabetização e Educação de Adultos. Designado comissário coordenador do Museu de Arte Moderna de São Paulo para representar o Brasil na XXV Bienal Internacional de Veneza. Designado membro de comissão organizadora de I Congresso Brasileiro de Prática e História Literária, representando Ministro da Educação; Designado membro do conselho Deliberativo e da Comissão de Seleção e Aquisição de Obras de Arte e Planejamento de Exposições do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Designado organizador e diretor da Revista “Cultura” e das Coleções “Cadernos de Cultura”, “Letras e Artes”, “Teatro” etc. Designado membro da Comissão Folclórica do 1º Congresso Brasileiro de Folclore.

1950 - Comissário coordenador do Museu de Arte Moderna de São Paulo para representar o Brasil na XXV Exposição Bienal Internacional de Veneza;

Viagem à França a convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês;

1951 – 14 de junho. Delegado do Brasil na VI Conferência Geral da UNESCO em Paris; Membro da comissão folclórica do 1º Congresso Brasileiro de Folclore (março de 1951); Professor credenciado pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, para representá-la junto a entidades culturais na Europa; Sócio da Associação Brasileira de Imprensa (matrícula 3.868); Redator do Jornal Folha do Dia.

1953 – 04 a 09 de novembro. Membro da comissão de representação cultural do Ministério da Educação e Cultura. 08 a 14 de novembro do mesmo ano, membro da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia do Museu Nacional, da Divisão de Antropologia. Membro da Comissão constituída para regulamentar os prêmios nacionais de literatura, ciência e arte. Membro do Setor de cultura e Assistência Técnica de Educação e Cultura. Viagem aos Estados Unidos a convite do Departamento de Estado para visitar aquele país; Professor substituto da disciplina de Técnicas de Jornal do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; Designado pelo Ministro da Educação e Cultura para a Comissão Especial de Regime de Museus; Designado membro da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia do Museu Nacional. Comissário da “Exposição Visconti” da II Bienal de arte de São Paulo;

1954 - Delegado ao Congresso de História Comemorativo do Tri-Centenário da Restauração Pernambucana no Recife; Professor substituto (segunda vez) da disciplina de Técnicas de Jornal do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; Professor substituto, por duas vezes, da disciplina de Técnicas de Jornal e da disciplina de Publicidade do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; Designado pelo Ministro da Educação e Cultura para a presidência do Concurso dos Contos de Natal da Divisão de Educação Extra-Escolar; Viaja à França a convite do governo francês, para intercâmbio cultural; Viaja a convite do Governo Americano para intercâmbio nos Estados Unidos sob os auspícios do Serviço de Intercâmbio Cultural Internacional;

1955 - Professor substituto (terceira vez) da disciplina de Técnicas de Jornal do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; Professor substituto da disciplina de Rádio-Jornalismo do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil;

1956 – 05 de novembro a 05 de dezembro. Designado pelo Presidente da República para representar o MEC como delegado suplente na Conferência Geral da UNESCO em Nova Delhi, Índia. Assessor do 1º Seminário Sulamericano para o Ensino Universitário das Ciências Sociais; Membro da Comissão de Ciências Sociais do IBECC; Membro da Comissão de Bibliografia do IBECC; Membro da Comissão executiva do 1º Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro; Membro da comissão julgadora do prêmio “Rádio Jornal do Brasil”.

1957 - Designado pelo Ministro para realizar estudos especializados do interesse do ministério nos estados de Pernambuco e Paraíba; Membro da Comissão Organizadora da 1ª Exposição Internacional do Livro Infantil no Rio de Janeiro; Designado para representar o MEC na comissão de elaboração de plano nacional de proteção e defesa de nosso populário conjuntamente com a Comissão Nacional de Folclore; Membro consultivo do Centro Brasileiro de Estudos Históricos; Torna-se membro da Societé D’Histoire du Théâtre, Paris;

1958 - Diretor executivo da Comissão Nacional de Folclore (CNFL); Convocado pelo Estado Maior das Forças Armadas para realizar o Curso Superior de Guerra e Diplomado em 18 de dezembro do mesmo ano; Indicado pelo Ministério da Educação e Cultura para integrar a Comissão Organizadora dos Festejos Comemorativos da Semana da Asa.

1960 - Designado pelo Presidente da República como delegado na XI Conferência Geral da UNESCO em Paris (entre 20 de novembro de 1960 e 14 de janeiro de 1961); Membro da Comissão de representação brasileira para a Bienal do México (setembro de 1960);

1961 - Designado para constituir conselho técnico do Museu Nacional de Belas Artes; Efetivou-se como professor universitário da Universidade do Brasil; Designado para comissão que estabelecerá as bases de programa de atividades visando a dar maior estímulo à Cultura; Designado para representar o MEC em grupo de trabalho para elaborar agenda para negociações com Iugoslávia quando da visita de Marechal Tito. Efetiva-se como Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte.

1962 – 22 de março. Nomeado pelo Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, coordenador das atividades culturais da Secretaria do Estado da Guanabara de Educação e Cultura dos seguintes órgãos: Departamento de História e Documentação; Biblioteca Estadual e Bibliotecas Populares; Serviço de Teatro de Diversões; Serviço de Divulgação compreendido pela Rádio Roquette Pinto, Discoteca Pública, Cinema Educativo e Documentário; Coordenador das atividades culturais da Secretaria do Estado e Educação e Cultura dos seguintes órgãos: Instituto de Belas Artes; Escola Dramática Martins Pena; Escola de Artes Líricas; Escola de Dança; Museu de Teatros; Convidado pela UNB para

exercer a função de consultor de planejamento, estruturação e funcionamento da Editora da Universidade de Brasília;

1963 – 04 de março. Morre seu pai Alfredo Simeão Leal. Participou no período de 21 a 27 do mesmo ano do V Congresso Brasileiro do Ensino Técnico Comercial em Poços de Caldas/MG;

1964 - Membro do Conselho Deliberativo do Museu Nacional de Belas Artes; Representante do Brasil na Reunião do Instituto Internacional de Planejamento da Educação em Paris.

1965 - 23 de setembro. Exonerado do cargo de Diretor do Serviço de Documentação; Designado para a função de Adido Cultural no Chile, por decreto oficial.

1968 - Frequentador do Curso de História do Teatro na Escola de Teatro de Comédia do Estado da Guanabara (TECO), matrícula 987;

1969 – 15 de agosto. Requisitado pela Faculdade de Letras da UFRJ; Sócio efetivo do Teatro de Comédia do Estado da Guanabara (TECO), matrícula 1906.

1970 – 30 de setembro. Designado Coordenador Geral do Seminário Mário de Andrade; Posto à disposição da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ; Designado em 18 de novembro do mesmo ano para o Conselho Editorial da Revista “Confronto”, da UFRJ.

1971 - Escolhido para Diretor da Escola de Comunicação da UFRJ, permanecendo no cargo de 09/02/1971 a 09/02/1975; Participou como relator do 1º Congresso Nacional de Comunicação, de 10 a 16/09/1971;

1972 - Membro do Comitê Executivo da Federação Internacional de Planejamento Familiar (BEMFAM), Hemisfério Ocidental, em Nova York; Participou do 9º Seminário Brasileiro de Planejamento Familiar, ocorrido em Belém (Pará), no período de 26 a 30/11/1972; Membro do júri da IV Mostra Nacional de Filme Científico, promovido pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Instituto Nacional de Cinema, em junho do mesmo ano; Nomeado professor da Faculdade de Comunicação da UFRJ, em 04 de agosto do mesmo ano; Membro do Seminário de jornalismo em São José da Costa Rica;

1973 - Membro do júri da V Mostra Nacional de Filme Científico, promovido pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Instituto Nacional de Cinema, em julho do mesmo ano.

1974 – Em dezembro morre sua mãe, Maroquinhas; Membro do concurso de símbolos da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) em Brasília; Presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte, eleito em 04/02/1974; Membro da comissão julgadora do melhor selo de 1973, na Associação Filatélica da presidência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos; Membro do Simpósio sobre a Organização e programação da Televisão, promovido pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha em Guarujá, em 07 de março do mesmo ano.

1975 - Membro do Conselho Diretor da Fundação Centro Brasileiro TV Educativa;

1976 - Eleito presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA); Reeleito para o Conselho Deliberativo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro;

1979 – Em 11 de abril, aposenta-se da Escola de Comunicação; Diretor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Participa do Simpósio Deveres e Limites da Televisão como Meio Educacional, realizado de 15 a 18/05/1979.

1981 - Membro da Comissão Julgadora do XXII Encontro de Pintura e Desenho, realizado pela Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos da Cidade do Rio de Janeiro, em colaboração com a XXII Região Administrativa, em fevereiro do mesmo ano;

1982 - Participante do Projeto Bibliografia Crítica e Anotada de João Cabral de Melo Neto.

1949 – 05 de novembro. Recebe a medalha “Rui Barbosa”, conferida pelo Ministro da Educação e Saúde.

1954 – 26 de agosto. Recebe medalha “Anchieta”, em comemoração a chegada do Padre Anchieta à Bahia, conferida pela Secretaria Geral de Educação e Cultura.

1954 – 17 julho. Recebe medalha “Maria Quitéria”, conferida pelo Ministro da Guerra.

1957 – 12 de dezembro. Recebe título de Cavaleiro da Ordem do Mérito da República Italiana.

1958 – 29 de agosto. Recebe medalha “Silvio Romero” comemorativa do 10º Aniversário da Comissão Nacional de Folclore. No mesmo ano, é condecorado com a Medalha comemorativa do Sesquicentenário do Jardim Botânico;

1960 – diplomado pela ADESG em reconhecimento aos relevantes serviços prestados.

1961 – 30 de janeiro. Recebe medalha “Machado de Assis”, conferida pelo Ministro da Educação e Cultura.

1973 – 09 agosto Recebe Medalha Comemorativa do Jubileu de Ouro da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1975 – 02 de março recebe Medalha “Roquette Pinto”, conferida pelo governo do Estado da Guanabara.

1986 – 22 de maio. Recebe o título de comendador da Ordem do Rio Branco, conferido pelo Presidente da República.

1991 – 21 de dezembro, recebe prêmio “Personalidade do Ano de 1991”, conferido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte; Coordenador do projeto da Enciclopédia Britânica no Brasil;

Fontes:

- Documentação do Acervo José Simeão Leal;
- Portarias;
- Curriculum vitae;
- Diários Oficiais;
- Carteiras profissionais, de identificação, passaportes e outros documentos pessoais;
- Folhas de resumo de cargos e funções exercidas no Serviço Público;
- Folha de resumo de tempo de serviço;
- Diplomas e certificados;





NASCIMENTO/

MORTE

VIDA
PESSOAL E
FAMILIAR***Cronologia Biográfica*****1908** – 13 de novembro, Areia/PB.**1996** – 06 de julho, Rio de Janeiro/RJ.**1908** – 13 de novembro. Nasce na cidade de Areia, filho de Alfredo Simeão dos Santos Leal e Maria de Almeida Leal**1909** – 07 janeiro, batizado na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Areia/PB, pelo Pároco Odilon Bemvindo.**1919** – A família Santos Leal muda-se para a Parahyba, passando a residir na rua Capitão José Pessoa, 98 – Jaguaribe.**1925** – Ingressou no Colégio Lyceu Paraibano, onde cursou o preparatório, obtendo grau sete.**1926** – Ingressou na Faculdade de Medicina do Recife/PB .**1927** – Transfere o Curso de Medicina para o Rio de Janeiro/RJ, passando a residir em pensão no Bairro do Catete.**1930** - 16/10/1930 a 28/10/1930, colocado com reservista do Batalhão Acadêmico**1932** - 10/08/1932 a 27/10/1932, torna-se 2º Tenente Auxiliar - Médico do 1º Batalhão Provisório, anexo ao Regimento Policial Militar pelo Estado da Paraíba.

VIDA
PESSOAL E
FAMILIAR

1933 – Torna-se estudante interno no Hospital Escola de São Francisco de Assis da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, entre 02/01/1933 e 19/11/1934.

1934 – Torna-se médico adjunto do Hospital Escola de São Francisco de Assis da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, entre 20/11/1934 e 31/12/1937.

1936 – Diploma-se em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.

1937 – Registra-se como médico no Sindicato Médico Brasileiro em 04 de outubro.

1938 – 10 de Janeiro. Casa-se com Eloah Drummond, natural da cidade de Pelotas/RS. No mesmo ano, retorna à cidade de João Pessoa/PB, e emprega-se como Médico-adjunto assistente da sessão de cirurgia e ginecologia do Hospital Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia de João Pessoa; Chefe da clínica de urológica e venerológica do Hospital da Força Policial do estado da Paraíba e é nomeado, em 25 de fevereiro do mesmo ano, professor interino de História Natural da Escola Secundária do Instituto de Educação. Elege-se sócio efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba em 08 de março de 1938.

1939 – Preside as Bancas examinadoras da Disciplina de História Natural do Lyceu Paraibano. Em 17 de maio 05 do mesmo ano, é nomeado professor interino de Higiene do Complementar do Lyceu Paraibano.

1940 – 27 de março. Foi posto à disposição da Delegacia Regional de Recenseamento. Em 01 de abril a 03 de Janeiro de 1941, assume as funções de Secretário da Delegacia Regional da Paraíba.

ATIVIDADES
PROFISSIONAIS

1941 – 02 de janeiro. Designado Diretor Geral do Departamento do Serviço Público e nomeado em comissão para o cargo de Diretor da Divisão de Organização e Orçamento do Departamento do Serviço Público. Em 07 de agosto do mesmo ano, tornou-se membro da comissão executiva dos concursos organizados pela Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento do D.A.S.P. para os cargos de Auxiliar de Datilógrafo do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Em 15 de dezembro de 1941, foi Designado Diretor temporário da Divisão de Pessoal, Seleção e Aperfeiçoamento do Estado da Paraíba.

1942 – 06 de março. Exonerado do cargo de Diretor da Organização e Orçamento e nomeado Diretor da Divisão de Pessoal, Seleção e Aperfeiçoamento do Departamento de Serviço Público da Paraíba. Torna-se membro da Comissão da Proposta Orçamentária para o Estado da Paraíba e da Junta de alimentação estadual do Serviço de Alimentação e Previdência Social como representante do Estado. Membro da comissão executiva para concurso de 2ª entrância do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários.

1943 – 10 de julho. Exonerado da Divisão de Pessoal, Seleção e Aperfeiçoamento e nomeado para Diretor da Divisão de Organização e Aperfeiçoamento do Departamento de Serviço Público. Membro da comissão executiva para realização dos concursos de escriturário, datilógrafo, contador e almoxarife.

1944 – 27 de dezembro. Designado para realizar estágio no D.A.S.P. Membro da comissão executiva para realização dos concursos de escriturário, datilógrafo, coletor, almoxarife e escrivão da Coletoria.

1946 – Dezembro. Retorna ao Rio de Janeiro.

1947 – 15 de janeiro a 22 setembro de 1965. Assume o cargo de Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde ficando à frente do Serviço por 18 anos, 7 meses e 7 dias.

**ATIVIDADES
PROFISSIONAIS**

1948 – junho. Membro da comissão de estudo do Seminário de Inter-Americano de Alfabetização e Educação de Adultos. Membro da comissão organizadora da exposição Retrospectiva da Pintura no Brasil. Em 29 de julho do mesmo ano, registra-se como jornalista profissional no Departamento de identificação Profissional do Ministério do Trabalho e se efetiva no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado da Guanabara e do Estado do Rio de Janeiro (matrícula 2868). A partir de 01 de julho do mesmo ano, torna-se Redator da Revista Política e Letras

1949 – Em julho. Torna-se Presidente da comissão organizadora da “Exposição de Educação de Base” do Seminário Inter-Americano de Alfabetização e Educação de Adultos. Designado comissário coordenador do Museu de Arte Moderna de São Paulo para representar o Brasil na XXV Bienal Internacional de Veneza. Designado membro de comissão organizadora de I Congresso Brasileiro de Prática e História Literária, representando Ministro da Educação; Designado membro do conselho Deliberativo e da Comissão de Seleção e Aquisição de Obras de Arte e Planejamento de Exposições do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Designado organizador e diretor da Revista “Cultura” e das Coleções “Cadernos de Cultura”, “Letras e Artes”, “Teatro” etc. Designado membro da Comissão Folclórica do 1º Congresso Brasileiro de Folclore.

1950 - Comissário coordenador do Museu de Arte Moderna de São Paulo para representar o Brasil na XXV Exposição Bienal Internacional de Veneza;

Viagem à França a convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros francês;

1951 – 14 de junho. Delegado do Brasil na VI Conferência Geral da UNESCO em Paris; Membro da comissão folclórica do 1º Congresso Brasileiro de Folclore (março de 1951); Professor credenciado pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, para

**ATIVIDADES
PROFISSIONAIS**

representá-la junto a entidades culturais na Europa; Sócio da Associação Brasileira de Imprensa (matrícula 3.868); Redator do Jornal Folha do Dia.

1953 – 04 a 09 de novembro. Membro da comissão de representação cultural do Ministério da Educação e Cultura. 08 a 14 de novembro do mesmo ano: membro da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia do Museu Nacional, da Divisão de Antropologia. Membro da Comissão constituída para regulamentar os prêmios nacionais de literatura, ciência e arte. Membro do Setor de cultura e Assistência Técnica de Educação e Cultura. Viagem aos Estados Unidos a convite do Departamento de Estado para visitar aquele país; Professor substituto da disciplina de Técnicas de Jornal do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; Designado pelo Ministro da Educação e Cultura para a Comissão Especial de Regime de Museus; Designado membro da 1ª Reunião Brasileira de Antropologia do Museu Nacional. Comissário da “Exposição Visconde” da II Bienal de arte de São Paulo;

1954 - Delegado ao Congresso de História Comemorativo do Tri-Centenário da Restauração Pernambucana no Recife; Professor substituto (segunda vez) da disciplina de Técnicas de Jornal do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; Professor substituto da disciplina de Publicidade do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; Designado pelo Ministro da Educação e Cultura para a presidência do Concurso dos Contos de Natal da Divisão de Educação Extra-Escolar; Viaja à França a convite do governo francês, para intercâmbio cultural; Viaja a convite do Governo Americano para intercâmbio nos Estados Unidos sob os auspícios do Serviço de Intercâmbio Cultural Internacional;

**ATIVIDADES
PROFISSIONAIS**

1955 - Professor substituto (terceira vez) da disciplina de Técnicas de Jornal do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; Professor substituto da disciplina de Rádio-Jornalismo do curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil;

1956 – 05 de novembro a 05 de dezembro. Designado pelo Presidente da República para representar o MEC como delegado suplente na Conferência Geral da UNESCO em Nova Delhi, Índia. Assessor do 1º Seminário Sulamericano para o Ensino Universitário das Ciências Sociais; Membro da Comissão de Ciências Sociais do IBECC; Membro da Comissão de Bibliografia do IBECC; Membro da Comissão executiva do 1º Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro; Membro da comissão julgadora do prêmio “Rádio Jornal do Brasil”.

1957 - Designado pelo Ministro para realizar estudos especializados do interesse do ministério nos estados de Pernambuco e Paraíba; Membro da Comissão Organizadora da 1ª Exposição Internacional do Livro Infantil no Rio de Janeiro; Designado para representar o MEC na comissão de elaboração de plano nacional de proteção e defesa de nosso populário conjuntamente com a Comissão Nacional de Folclore; Membro consultivo do Centro Brasileiro de Estudos Históricos; Torna-se membro da Société D'Histoire du Théâtre, Paris;

1958 - Diretor executivo da Comissão Nacional de Folclore (CNFL); Convocado pelo Estado Maior das Forças Armadas para realizar o Curso Superior de Guerra e Diplomado em 18 de dezembro do mesmo ano; Indicado pelo Ministério da Educação e Cultura para integrar a Comissão Organizadora dos Festejos Comemorativos da Semana da Asa.

1960 - Designado pelo Presidente da República como delegado na XI Conferência Geral da UNESCO em Paris (entre 20 de novembro de 1960

**ATIVIDADES
PROFISSIONAIS**

e 14 de janeiro de 1961); Membro da Comissão de representação brasileira para a Bienal do México (setembro de 1960);

1961 - Designado para constituir conselho técnico do Museu Nacional de Belas Artes; Efetivou-se como professor universitário da Universidade do Brasil; Designado para comissão que estabelecerá as bases de programa de atividades visando a dar maior estímulo à Cultura; Designado para representar o MEC em grupo de trabalho para elaborar agenda para negociações com Iugoslávia quando da visita de Marechal Tito. Efetivou-se como Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte.

1962 – 22 de março. Nomeado pelo Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda, coordenador das atividades culturais da Secretaria do Estado da Guanabara de Educação e Cultura dos seguintes órgãos: Departamento de História e Documentação; Biblioteca Estadual e Bibliotecas Populares; Serviço de Teatro de Diversões; Serviço de Divulgação compreendido pela Rádio Roquette Pinto, Discoteca Pública, Cinema Educativo e Documentário; Coordenador das atividades culturais da Secretaria do Estado de Educação e Cultura dos seguintes órgãos: Instituto de Belas Artes; Escola Dramática Martins Pena; Escola de Artes Líricas; Escola de Dança; Museu de Teatros; Convidado pela UNB para exercer a função de consultor para problemas de planejamento da sua editora; Consultor para planejamento da estruturação e funcionamento da Editora Universidade de Brasília;

1963 – 04 de março. Morre seu pai Alfredo Simeão Leal. Participou no período de 21 a 27 do mesmo ano do V Congresso Brasileiro do Ensino Técnico Comercial em Poços de Caldas/MG;

1964 - Membro do Conselho Deliberativo do Museu Nacional de Belas Artes; Representante do Brasil na Reunião do Instituto Internacional de Planejamento da Educação em Paris.

**ATIVIDADES
PROFISSIONAIS**

1965 - 23 de setembro. Exonerado do cargo de Diretor do Serviço de Documentação; Designado para a função de Adido Cultural no Chile, por decreto oficial.

1968 - Freqüentador do Curso de História do Teatro na Escola de Teatro de Comédia do Estado da Guanabara (TECO), matrícula 987;

1969 – 15 de agosto. Requisitado pela Faculdade de Letras da UFRJ; Sócio efetivo do Teatro de Comédia do Estado da Guanabara (TECO), matrícula 1906.

1970 – 30 de setembro. Designado Coordenador Geral do Seminário Mário de Andrade; Posto à disposição da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro/RJ; Designado em 18 de novembro do mesmo ano para o Conselho Editorial da Revista “Confronto” da UFRJ.

1971 - Escolhido para Diretor da Escola de Comunicação da UFRJ, permanecendo no cargo de 09/02/1971 a 09/02/1975; Participou como relator do 1º Congresso Nacional de Comunicação, de 10 a 16/09/1971;

1972 - Membro do Comitê Executivo da Federação Internacional de Planejamento Familiar (BEMFAM), Hemisfério Ocidental, em Nova York; Participou do 9º Seminário Brasileiro de Planejamento Familiar, ocorrido em Belém (Pará), no período de 26 a 30/11/1972; Membro do júri da IV Mostra Nacional de Filme Científico, promovido pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Instituto Nacional de Cinema, em junho do mesmo ano; Nomeado professor da Faculdade de Comunicação da UFRJ, em 04 de agosto do mesmo ano; Membro do Seminário de jornalismo em São José da Costa Rica;

**ATIVIDADES
PROFISSIONAIS**

1973 - Membro do júri da V Mostra Nacional de Filme Científico, promovido pela Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado da Guanabara, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Instituto Nacional de Cinema, em julho do mesmo ano.

1974 – Em dezembro morre sua mãe, Maroquinhas; Membro do concurso de símbolos da Aliança Renovadora Nacional (ARENA) em Brasília; Presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte, eleito em 04/02/1974; Membro da comissão julgadora do melhor selo de 1973, na Associação Filatélica da presidência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos; Membro do Simpósio sobre a Organização e programação da Televisão, promovido pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha em Guarujá, em 07 de março do mesmo ano.

1975 - Membro do Conselho Diretor da Fundação Centro Brasileiro TV Educativa;

1976 - Eleito presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA); Reeito para o Conselho Deliberativo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro;

1979 – Em 11 de abril, aposenta-se da Escola de Comunicação; Diretor do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Participa do Simpósio Deveres e Limites da Televisão como Meio Educacional, realizado de 15 a 18/05/1979.

1981 - Membro da Comissão Julgadora do XXII Encontro de Pintura e Desenho, realizado pela Secretaria Municipal de Obras e Serviços Públicos da Cidade do Rio de Janeiro, em colaboração com a XXII Região Administrativa, em fevereiro do mesmo ano;

1982 - Participante do Projeto Bibliografia Crítica e Anotada de João Cabral de Melo Neto.

1949 – 05 de novembro. Recebe a medalha “Rui Barbosa”, conferida pelo Ministro da Educação e Saúde.

1954 – 26 de agosto. Recebe medalha “Anchieta”, em comemoração a chegada do Padre Anchieta à Bahia, conferida pela Secretaria Geral de Educação e Cultura.

1954 – 17 julho. Recebe medalha “Maria Quitéria”, conferida pelo Ministro da Guerra.

1957 – 12 de dezembro. Recebe título de Cavaleiro da Ordem do Mérito da República Italiana.

1958 – 29 de agosto. Recebe medalha “Silvio Romero” comemorativa do 10º Aniversário da Comissão Nacional de Folclore. No mesmo ano, é condecorado com a Medalha comemorativa do Sesquicentenário do Jardim Botânico;

1960 – diplomado pela ADESG em reconhecimento aos relevantes serviços prestados.

1961 – 30 de janeiro. Recebe medalha “Machado de Assis”, conferida pelo Ministro da Educação e Cultura.

1973 – 09 agosto Recebe Medalha Comemorativa do Jubileu de Ouro da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1975 – 02 de março recebe Medalha “Roquette Pinto”, conferida pelo governo do Estado da Guanabara.

1986 – 22 de maio. Recebe o título de comendador da Ordem do Rio Branco, conferido pelo Presidente da República.

1991 – 21 de dezembro, Recebe prêmio “Personalidade do Ano de 1991”, conferido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte; Coordenador do projeto da Enciclopédia Britânica no Brasil;

Fonte:

Documentação do Acervo José Simeão Leal:

- Portarias;
- Curriculum vitae;
- Diários Oficiais;
- Carteiras profissionais, de identificação, passaportes e outros documentos pessoais;
- Folhas de resumo de cargos e funções exercidas no Serviço Público;
- Folha de resumo de tempo de serviço;
- Diplomas e certificados;



CONDECORAÇÕES



MON VENE MINISTRARI, SED MINISTRARE
LEMBRANÇA DA
INAUGURAÇÃO DO NOVO
EDIFÍCIO SEGE
DA
CASA ECONÔMICA FEDERAL
DE PERNAMBUCO
- RECIFE -
1954



TRICENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA
CONGRESSO
COMEMORATIVO
DE HISTÓRIA
27 DE JULHO
A 3 DE AGOSTO
1954
RECIFE



AOS SOLDADOS DO
GENERAL
WALDOMIRO LIMA
PREPARADORES DA BRASILEIRA
PARA TODOS
A HOMENAGEM DO PENSAMENTO
RENOVADOR
1932



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
TEATRO
NACIONAL
DE
COMÉDIA
RIO DE JANEIRO
INAUGURAÇÃO DA SALA
MACHADO DE ASSIS



OUTUBRO 1959
EXPOSIÇÃO
RETROSPECTIVA
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE DESENHO
SALÃO ASSIRIO
P.D.F.



1º OF MARÇO DE 1960
1960

1974
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CONDECORAÇÕES



BIBLIOTECA NACIONAL
RIO DE JANEIRO

EXPOSIÇÃO CAMONIANA
Realizada pelo IEB - Instituto de Estudos
Camões de Lisboa

JUNHO 1957



SESCUICENTENARIO DO JARDIM BOTÂNICO • RIO DE JANEIRO •
1 3 6 6 1 1 8 8



50 ANOS
A SERVIÇO DA
PÁTRIA PELA
EDUCAÇÃO



PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL • 1961 - 1967 •



DOCUMENTOS PESSOAIS



DOCUMENTOS PESSOAIS



OBJETOS PESSOAIS



Família Santos Leal - Paraíba 1927



Fotografia 1: Alfredo e Maroquinhas
Fonte: AJSI.



Fotografia 2: Simeão e
seu pai Alfredo
Fonte: AJSI.



Fotografia 3: Simeão e sua mãe Maroquinhas
Fonte: AJSI.



Fotografia 4: Simeão e
sua irmã Nevy
Fonte: AJSI.

Simeão em vários tempos



Fotografia 5: Simeão 1928
Autoria: Eletro Foto - Recife-PE
Fonte: AJSL

Fotografia 7: Simeão em 1929 - Rio de Janeiro
Autoria: Gastão - RJ
Fonte: AJSL



Fotografia 8: Família Santos Leal
 João Pessoa 1931
Fonte: AJSL



Fotografia 6: Simeão em 1929 - Rio de Janeiro
Fonte: AJSL



Simeão em vários tempos



Fotografia 9: 1932
Fonte: AJSI.



Fotografia 10: Formatura
agosto, 1934
Fonte: AJSI.



Fotografia 11: Formatura
agosto, 1934
Fonte: AJSI.

Simeão e Eloah: testemunho de uma relação



Fotografia 12: Simeão e Eloah - Rio de Janeiro
Fonte: AJSL.



Fotografia 13: Simeão e Eloah na sala de estar do casal - RJ
Fonte: AJSL.



Fotografia 14: Eloah na sala de estar do casal - Rio de Janeiro
Fonte: AJSL.



Fotografia 15: Simeão e Eloah desembarcando no Rio de Janeiro
Fonte: AJSL.



Fotografia 16: Simeão, Eloah e Ignês B. C. D'Araújo Escola de Comunicação e Arte - Rio de Janeiro - 1974
Fonte: AJSL.

Simeão no SD



Fotografia 17: Simeão em seu gabinete no SD.
Fonte: AJSL.



Fotografia 18: Simeão analisando provas editoriais.
Autoria: Hélio Passos - Revista O Cruzeiro
Fonte: AJSL.



Fotografia 19: Simeão observando uma de suas publicações.
Autoria: Jorge de Castro - Política e Letras
Fonte: AJSL.



Fotografia 20: Simeão observando projeto gráfico.
Fonte: AJSL.

Entre literatos



Fotografia 21: Simeão entre literatos
Fonte: AJSL.



Fotografia 22: Simeão Leal, Agostinho Olavo e Dinah Silveira de Queiroz
Autoria: E Campanella Neto - A Noite - RJ
Fonte: AJSL.



Fotografia 23: Manuel Bandeira, Simeão, Jorge Amado - RJ
Fonte: AJSL.



Fotografia 24: Milton da Costa, Pedrosa, Elton, Simeão, Mac Berkowitz, Santa Rosa
Autoria: Revista Arte
Fonte: AJSL.

Em viagens



Fotografia 25: Roberto Assunção, Simeão, Santa Rosa e Paulo Mendonça - Nova Delhi, 1956
 Autoria: Punjab Photo Service
 Fonte: AJSL



Fotografia 26: Visita à exposição - Nova Delhi, 1956
 Autoria: Punjab Photo Service
 Fonte: AJSL



Fotografia 27: Universal International Studios, 1957 - USA, Gloria Talbott, Robert Assunção, John Smith e Simeão Leal
 Autoria: Universal Pictures Company
 Fonte: AJSL



Fotografia 28: Warner Bros, 1957 - USA, Doris Day e esposo com Simeão Leal
 Autoria: Pat Clark
 Fonte: AJSL



Fotografia 29: Marilo Mendes e esposa com Simeão, em Trinitá Del Monti, 1961
 Fonte: AJSL



Fotografia 30: Simão aos 86 anos
Fonte: AJSI.



Amor y Luz

Anexo A

DECRETO Nº 73.752 DE 17 DE DEZEMBRO DE 2002

Cria o Acervo SIMEÃO LEAL, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, no uso das atribuições que confere o artigo 85, inciso IV, da Constituição Estadual

Considerando a riqueza cultural do acervo pessoal de José Simeão Leal, constituído de livros, documentos pessoais, documentos fotográficos, obras artísticas de sua autoria e objetos pessoais; imprescindíveis à preservação da memória da Cultura Nacional, Regional e Local;

Considerando a necessidade de cumprir sua vontade em doar as peças paraibano este acervo destinado à pesquisa e consulta;

Considerando que a documentação já está produzindo produtos científicos, fruto de monografias, dissertações e teses, além de catálogos e pesquisas permanentes, o que representa para a sociedade e compreensão de sua situação e o seu papel na construção do processo histórico-cultural da pele;

Considerando, por último, a importância das relações culturais e políticas evidenciadas pela documentação em determinado período da nossa história, seu impacto na arte e cultura do tempo passado e presente e a possibilidade de novas descobertas.

DECRETA:

Art. 1º - Fica criado o Acervo Simeão Leal, com as seguintes características:

- I. Fundo Arquivístico José Simeão Leal, cujo documentação ficará sob a tutela do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NUPIH), viabilizando os estudos acadêmicos e científicos em andamento;
- II. Acervo Bibliográfico, sob a tutela da Biblioteca Pública Estadual, situada na Avenida General Osório, em João Pessoa, ressaltando-se o princípio de proveniência documental, através da criação de um acervo de coleções especiais José Simeão Leal;
- III. Acervo Artístico, constituído das obras de Artes, sob a tutela do Museu Paraibano Chelastriand, pertencente à Universidade Estadual da Paraíba, na cidade de Campina Grande.

§ 1º. Não será permitido nenhum tipo de negociação de venda e/ou troca que causem perdas de qualquer uma das peças documentais.

§ 2º. As instituições que custodiarão os documentos terão a liberdade de expor, pesquisar, divulgar, desde que respeitado as prerrogativas legais.

Art. 2º - A tutela permanecerá até o momento da criação do CENTRO DE PESQUISAS JOSÉ SIMEÃO LEAL.

Parágrafo Único: A remoção da documentação para o Centro de que trata este artigo, considerará as peculiaridades da instituição de destino, cumprindo e assumindo acordos por ela realizados, com as cauteles legais.

Art. 3º - Fica criada a Comissão de Avaliação e Acompanhamento do Estado de Conservação e Segurança da documentação, integrada por representantes de entidades culturais e científicas, incluindo um membro da família de Simeão Leal, que, desde já ficam designados: FRANCISCO PEREIRA DA SILVA JÚNIOR, artista plástico e prof. Universitário, VEDIA CORDEIRO LINHARES MOURA, membro de família, BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE, especialista em Organização de Arquivos e pesquisadora de História dos Livros e das Bibliotecas.

§ 1º. A Comissão terá o mandato de quatro anos, podendo ser renovado se necessário.

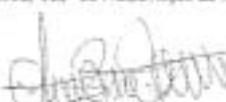
Art. 4º - A Comissão terá como responsabilidade acompanhar a produção cultural e científica de produtos oriundos de pesquisa do acervo, manter intercâmbios com outros Estados e instituições, enquanto colaboradores e/ou divulgadores do acervo José Simeão Leal e analisar o desempenho e uso dessa documentação por parte das instituições.

Parágrafo Único. A Comissão ficará vinculada à Secretaria de Educação e Cultura do Estado, através da Fundação Casa de José Américo.

Art. 5º - A participação dos membros da Comissão nos trabalhos de administração do acervo não será remunerada, sendo considerada como de relevantes serviços prestados à cultura paraibana.

Art. 6º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

em João
Pessoa, 17 de dezembro de 2002; 113ª da Proclamação da República.


ROBERTO PAULINO
Governador

Anexo B

Atos do Poder Executivo

DECRETO Nº 25.155, DE 06 DE JULHO DE 2004

Homologa a Deliberação nº 026/2004, do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais - CONPEC, Órgão de Orientação Superior do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP, declaratória de Tombamento do Acervo do Escritor Simeão Leal e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAÍBA, no uso das suas atribuições que lhe confere o art. 86, inciso IV, da Constituição do Estado; atendendo ao disposto no art. 40, do Decreto nº 7.819, de 24 de outubro de 1978, e,

Considerando que o Conselho Deliberativo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - CONPEC, ao apreciar a proposta de Tombamento do Acervo do Escritor Simeão Leal, o qual se encontra-se listado no anexo I a este Decreto;

Considerando, ainda, que o referido acervo é de grande importância para a preservação da memória paraibana, pelo seu conteúdo e dimensão,

D E C R E T A:

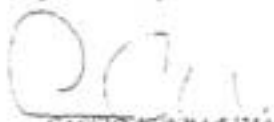
Art. 1º - Fica homologada a Deliberação nº 026/2004 do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais - CONPEC, de 28 de maio de 2004, na 1.020ª Sessão Ordinária do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais - CONPEC, declaratória de Tombamento do Acervo do Escritor Simeão Leal.

Art. 2º - Para efeito do Tombamento a que se refere o artigo anterior, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP tomará as providências cabíveis, em cumprimento à legislação vigente.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA, em João Pessoa,
06 de julho de 2004: 116ª da Proclamação da República.


CASSIO CUNHA LIMA
Governador

Anexo C

EXCELENTÍSSIMO DEIX. JOSÉ TÁRGINO MARANHÃO
M. D. GOVERNADOR DO ESTADO DA PARAIBA
PALÁCIO DA REDENÇÃO
JOÃO PESSOA - PARAIBA

Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1996

Exmo Senhor Governador

Venho através desta missiva agradecer a Vossa Excelência pela iniciativa da criação de uma biblioteca dedicada à memória do meu falecido esposo, José Simeão Leal, a ser instalada no antigo Hotel Globo, em João Pessoa.

Por esta razão, estou doando os livros de nossa propriedade para constituir o acervo básico da referida biblioteca, na certeza de que a Paraíba saberá honrar e perpetuar o nome deste paraibano que tanto fez pela Cultura Brasileira.

Aproveito a oportunidade para agradecer, também, a presença do artista plástico e professor Francisco Pereira, enviado por sua excelência ao Rio de Janeiro, especialmente para tratar das questões referentes à transferência do acervo.

Para o meu conhecimento, solicito a gentileza que me seja enviada comprovação do recebimento do material, descrito nominalmente.

Coloco-me aqui no Rio de Janeiro a inteira disposição, que esteja a meu alcance, para qualquer outro assunto de interesse desta iniciativa.

Atenciosamente

Elcin Drummond Leal
ELCINI DRUMMOND LEAL

RLA AIRIS SALTANHA, Nº 66 / 1202
COPACABANA
RIO DE JANEIRO
TEL. (021) 521.9010

14 044,110 de Notas - tabelas J.C. Galileo (Pia)
R. M. S. Copacabana, 815 s/l Tel: 255-2846 (RJ)
Recebe-se que igualância a firma de ELCINI DRUMMOND LEAL, a qual confere
com o valor arquivado em Cartório.
Cont. por R\$ 8,15
Fim de R\$ 1,55
Proc. 30400001, 155
Total R\$ 1,70

AUTORIZADOS

POLICIA MILITAR DO ESTADO DA PARAIBA
Substituto
14 044,110 de Notas

Facsimile da carta de doação da biblioteca ao Estado da Paraíba

Anexo D

MUSEU FANTASIA?

Velha fantasia deste colunista — e digo fantasia porque continua dormindo no porão da irrealidade — é a criação de um museu de literatura. Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república... de literatura não temos [...]. Mas falta o órgão especializado, o museu vivo que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. É incalculável o que se perdeu, o que se perde por falta de tal órgão. Será que a ficção, a poesia e o ensaio de nossos escritores não merecem possuí-lo? O museu de letras, que recolhesse espécimes mais significativas, prestaria um bom serviço.

Poucas pessoas souberam (ou perceberam) que alguma coisa de novo aconteceu numa mansão da Rua São Clemente, ao findar o ano, em honra e benefício das letras. Sem alarde, inaugurou-se na casa de Rui Barbosa o arquivo-museu de literatura, possível semente de outros. A ideia nasceu nas conversas de sábado que alguns escritores amigos de Plínio Doyle costumam ter em sua biblioteca de Ipanema. Américo Lacombe, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, logo lhe apreendeu o interesse e decidiu torná-la realidade. [...]

Maximiniano de Carvalho, diretor do Centro (de Pesquisa), apaixonou-se pelo assunto, e em poucos meses, com a superintendência de Irapoã Cavalcanti de Lira, diretor da Casa, montou o pequeno arquivo-museu que, tudo indica, amanhã será grande e prestará bom serviço. Treze pessoas de boa vontade fizeram doações, muitas delas valiosas. [...]

Colecionador ou não colecionador, que tenha em casa um retrato, uma carta, um poema, um documento de escritor brasileiro digno de nome de escritor, e pode com ele enulentar (sic) o arquivo-museu menino, dirigido pelo espírito público de Plínio Doyle na Casa de Rui Barbosa: faça um beau geste, mande isso para São Clemente, 134, e terá oferecido a si mesmo o prêmio de uma satisfação generosa.